

#1 DO TOP DE VENDAS NO REINO UNIDO

COMO BELLA MATAR MACKIE A TUA FAMÍLIA

“Divertido, mordaz,
macabro e retorcido.”

JOJO MOYES





Table of Contents

[Bella Mackie](#)

[Como matar a tua família](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Agradecimentos](#)

Bella Mackie

Como Matar A Tua Família

Porto Editora

Como matar a tua família

Bella Mackie

Publicado por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária - Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

How to kill your family

Copyright © Bella Mackie 2021

Bella Mackie reivindica os direitos morais.

Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira

Design da capa original: Caroline Young © HarperCollinsPublishers Ltd
2021

Adaptação da capa e ilustração: André Cardoso

1.^a edição em papel: julho de 2022

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67248-3

Prólogo

A prisão de Limehouse é, como devem imaginar, horrível. Só que talvez não consigam imaginar como é, na verdade. Não há consolas de jogos nem televisões de ecrã plano, como certamente já ouviram dizer nos jornais. Não há propriamente uma onda de amizade comunitária nem nenhuma irmandade tribal — normalmente, a atmosfera é frenética, horrivelmente estridente, e parece que há uma luta a eclodir a qualquer momento. Desde o primeiro momento que tento não levantar ondas. Permaneço na minha cela o mais possível, entre refeições que poderão, com boa vontade, ser descritas como comestíveis, e tento evitar a minha colega de quarto, como ela gosta, exasperantemente, de ser tratada.

Kelly é uma mulher que gosta de estar «na palheta». No meu primeiro dia aqui, há uns longínquos 14 meses, sentou-se no meu beliche, cravou-me aquelas unhas horrivelmente compridas no joelho e disse-me que sabia o que eu tinha feito, e que achava fantástico. Esse elogio foi uma agradável surpresa, dado que, quando cheguei a este sítio decadente, esperava ser objeto de ataques violentos. Ah, a inocência de quem não conhece as prisões a não ser através de uma qualquer série dramática de baixo orçamento na televisão... Depois desta primeira apresentação, Kelly decidiu que eu era a sua nova melhor amiga e, pior ainda, uma espécie de troféu. Ao pequeno-almoço, vem ter comigo numa azáfama, a cochichar, de braço dado, como se estivéssemos a meio de uma conversa confidencial. Já a ouvi falar com outras prisioneiras, a sussurrar suficientemente alto para se fazer ouvir, a insinuar que lhe confessei todos os pormenores do meu crime. Kelly quer influência e respeito por parte das outras raparigas, e se há alguém que lho pode proporcionar, é a assassina de Morton. É *tremendamente* cansativo.

Eu sei que Kelly diz saber tudo sobre o meu crime, mas talvez isso diminua, de algum modo, as minhas ações. Para mim, a palavra «crime» parece gasta, deselegante e banal. Os assaltantes cometem crimes. Quando vamos a 50 km/h numa via em que é proibido circular a mais de 30 km/h para tomarmos um *caffè latte* tépido antes de começar mais um dia fastidioso de trabalho, estamos a cometer um crime. Eu fiz algo muito mais ambicioso.

Concebi e levei a cabo um plano complexo e cuidadoso, cujas origens remontam a muito antes das desagradáveis circunstâncias que envolveram o meu nascimento. Como tenho tão pouco para fazer nesta jaula feia e pouco inspiradora (uma terapeuta mal-avisada sugeriu que eu frequentasse um curso de declamação; fiquei satisfeita por ver que a minha simples expressão bastou para garantir que ela nunca mais me voltaria a fazer uma oferta daquelas), decidi contar a minha história. Isto não é tarefa fácil, pois não tenho o portátil de última geração a que estava habituada. Quando o meu advogado me mostrou uma luz trémula ao fundo deste túnel, senti que devia marcar o tempo que aqui passei e escrever algo daquilo que fiz. Uma ida à cantina permitiu-me adquirir um bloco de notas fino e uma caneta já gasta — a troco de 5 libras do meu orçamento semanal de 15,50 libras. Esqueçam os artigos de revista que sugerem alegremente que economizemos dinheiro a poupar no café; se realmente quiserem aprender a poupar eficazmente, passem algum tempo em Limehouse. A escrita pode ser inútil, mas tenho de fazer alguma coisa para amenizar o tédio estupidificante deste sítio, e tenho esperança de que Kelly e o seu infundável grupo de «senhoras», como ela insiste em lhes chamar, parem de me perguntar se quero ver um *reality show* na televisão com elas na sala de gravação sempre que estou empenhada numa tarefa qualquer. «Desculpa, Kelly», costumo dizer, «Estou a escrever apontamentos importantes para o meu recurso, falamos depois». Estou certa de que a mais vaga sugestão de eu poder vir a contar-lhe um qualquer pormenor sumarento da minha história a fará levar o dedo ao nariz como uma personagem ridícula de um romance de Dick Francis e deixar-me continuar o que estou a fazer.

Claro que a minha história não é para Kelly. Duvido que ela tivesse a capacidade de compreender o que é que me motivou a fazer o que fiz. A minha história é isso mesmo — minha apesar de saber que os leitores a devorariam se algum dia a publicasse — não que alguma vez pudesse fazê-lo. Mas é bom saber que a leriam atentamente, mesmo assim. Seria um *bestseller*, e as multidões acorreriam às livrarias, esperando saber um pouco mais acerca da jovem trágica e atraente que fora capaz de cometer um ato tão terrível. Há uns meses que os tabloides têm vindo a publicar artigos sobre mim; o público parece não se cansar dos psicólogos de meia-tigela que se dispõem a fazer-me diagnósticos à distância, ou dos ocasionais espíritos do contra que defendem as minhas ações com grande escândalo no Twitter. O

público em geral está tão fascinado que até está disposto a ver um documentário sobre mim no Canal 5, feito às três pancadas, com um astrólogo barrigudo a explicar que o meu signo prenunciava o meu caso. Enganou-se no meu signo, por sinal.

Por isso, sei que as pessoas beberiam as minhas palavras. Mesmo sem qualquer tentativa da minha parte para dar uma explicação mais exata, o meu caso já se tomou famoso. E isto, ironicamente, sem que ninguém saiba dos meus verdadeiros crimes. O sistema judicial deste país é uma anedota, e não há nada que o ilustre melhor do que esta simples frase: eu matei várias pessoas (algumas de modo brutal, outras calmamente) e, no entanto, estou a definir na cadeia por um crime que *não* cometi.

Os crimes que orchestrei, caso fossem conhecidos, garantiriam que eu fosse recordada durante décadas, talvez mesmo séculos — se a espécie humana conseguir sobreviver até lá. Fred West, Ted Bundy, Lizzie Borden e eu, Grace Bernard. Na verdade, isto não me agrada muito. Não sou propriamente uma amadora ou uma imbecil. Sou uma daquelas pessoas que, se me vissem na rua, vos deixaria a olhar para mim com admiração. Talvez seja por isso que Kelly se agarra a mim, em vez de me espancar violentamente, como eu estava à espera. Mesmo aqui, conservo uma certa elegância e uma frieza que as pessoas mais fracas do que eu desejam desesperadamente transpor. Apesar dos meus crimes, dizem-me que recebi um montão de cartas, com declarações de amor, de admiração, a perguntar onde é que comprei o vestido que usei no dia do julgamento (na Roksanda, se estiverem interessadas. Infelizmente, aquela mulher horrorosa do primeiro-ministro usou algo muito parecido um mês depois). Muitas vezes, cartas de ódio. Outras vezes, coisas tresloucadas, em que os remetentes pensam que eu lhes estive a enviar mensagens pelo ar. As pessoas parecem mesmo querer conhecer-me, impressionar-me, imitar-me, se não nas minhas ações, pelo menos nas minhas opções de indumentária. Nada disto interessa, visto que nunca chego a ler nada. O meu advogado amontoa tudo e leva a correspondência dali para fora. Na verdade, não tenho qualquer interesse em saber o que represento para esses desconhecidos que se mostram tristes a ponto de porem no papel e me endereçarem tais coisas.

Talvez esteja a ser demasiado simpática para com o público em geral, atribuindo-lhe um conjunto de emoções mais complexo do que merece.

Talvez a razão para um interesse tão frenético e persistente no meu caso resulte antes do princípio de Ockham — a teoria de que a explicação mais simples é normalmente a explicação correta. O que, a confirmar-se, significaria que o meu nome viverá muito depois da minha morte pela razão mais prosaica de todas — por a ideia de um triângulo amoroso ser tão dramática e dissoluta. Mas quando penso sobre o que *realmente* fiz, fico um pouco triste por ninguém ter conhecimento da complexa operação que levei a cabo. Conseguir escapar impune é incomparavelmente melhor, claro está, mas talvez um dia, muito tempo depois de eu partir, alguém abra um velho cofre e encontre esta confissão. O público ficaria boquiaberto. Afinal, quase ninguém no mundo poderá compreender como é que alguém, com a tenra idade de 28 anos, pode ter assassinado calmamente seis membros da própria família, para depois prosseguir alegremente a sua vida, sem se arrepender de nada.

Capítulo 1

Saio do avião e deparo-me com aquela esplêndida lufada de vento quente que invariavelmente arranca uma exclamação aos britânicos que aterram numa qualquer região quente e se lembram de como o resto do mundo desfruta de um clima que não se limita a oscilar entre o cinzento e o frio. Sou especialista a movimentar-me rapidamente nos aeroportos, o que hoje não se verifica, uma vez que estou empenhada em evitar o homem ao lado de quem tive a pouca sorte de vir sentada durante voo. Amir apresentou-se mal eu acabara de pôr o cinto de segurança. Este fulano, que aparentava andar na casa dos 30 anos, trazia uma camisa ridiculamente esticada sobre os seus quase-cômicos peitorais e, a combinar, umas calças de fato de treino lustrosas. A pior parte da indumentária, a cereja no topo daquela grande confusão, era o par de chinelos que trazia em vez de sapatos. Chinelos de piscina *Gucci*, com meias a condizer. Credo! Ainda pensei em pedir à hospedeira para me sentar noutra sítio, mas ela não aparecia em lado nenhum e eu já estava entalada entre o super-herói janota e a janela quando o avião começou a rolar para a pista.

Amir estava a caminho de Puerto Banús, tal como eu, embora eu jamais lhe tivesse dito tal coisa. Tinha 38 anos, trabalhava em qualquer coisa relacionada com discotecas, e não se cansava de dizer que gostava de «curtir à grande». Eu fechei os olhos enquanto ele continuava a divagar fastidiosamente sobre o estilo de vida de Marbella, falando-me do desafio que representava mandar vir os seus carros preferidos por barco para a época de verão. Apesar da minha linguagem corporal, o meu companheiro de voo não desgrudava, obrigando-me, finalmente, a responder. Ia visitar a minha melhor amiga, disse-lhe eu. Não, não estava em Puerto Banús, mas mais para o interior, e era pouco provável que nos aventurássemos até à cidade para experimentar os encantos da discoteca Glitter.

— Precisam de um carro? — perguntou-me o brutamontes — Eu posso arranjar-vos uma máquina para passearem, é só dizerem, que eu desencanto-vos um belo *Mercedes* para as vossas férias. — Eu recusei, o mais delicadamente que consegui, antes de anunciar que precisava de terminar um

trabalho antes de aterrarmos.

Quando iniciámos a descida, Amir agarrou a sua oportunidade e advertiu-me de que eu não tinha desligado o portátil. Uma vez mais, fui arrastada para a conversa, mantendo o cuidado de não mencionar o meu nome ou dar qualquer informação pessoal. Fiquei furiosa com a sua atenção, pois tinha-me vestido deliberadamente para o voo, de calças pretas e camisa, sem maquilhagem, para atrair o mínimo de atenção possível. Nada de joias, nada de toques pessoais, nada que pudesse sobressair na memória de alguém em caso de interrogatório. Não é que isso devesse acontecer, pois não passo de uma rapariga de férias em Marbella, como tantas outras neste verão.

O voo era o máximo que Amir podia obter de mim, e mesmo isso era tirado e não dado. Por isso, agora estou a acotovelar-me entre pessoas, a rasgar sorrisos enquanto abro caminho até ao princípio da fila dos passaportes e a correr diretamente para a zona de recolha de bagagem. Posiciono-me por trás de um pilar enquanto a sala se vai enchendo e olho para o telemóvel. Alguns minutos depois, vejo a minha mala, pego nela, dou meia-volta e encaminho-me intencionalmente para a saída. Então, sou acometida por um pensamento e detenho-me abruptamente.

Estou encostada ao gradeamento à saída do aeroporto quando Amir reaparece. O rosto ilumina-se-lhe enquanto encolhe a barriga e enche o peito de ar.

— Estava à tua procura! — diz ele, e eu reparo no relógio de ouro reluzente enquanto ele gesticula.

— Sim, desculpa, estou cheia de pressa para apanhar a minha amiga a tempo do almoço, mas não podia ir-me embora sem me despedir — respondo.

— Bem, vamos fazer aquela noitada, dá-me o teu número e vamos falando. — Nem a mais remota possibilidade, mas tinha de o manter nas palminhas se queria conseguir o que queria.

— Tenho um telemóvel novo, Amir, não me recordo do número, pela minha saúde. Já sei, dá-me o teu, que eu depois ligo — sorrio e toco-lhe no braço ao de leve. Depois de guardar o número e ter declinado a boleia, acenei-lhe, despedindo-me.

— Amir — chamei, enquanto ele se afastava — Aquela oferta de um carro ainda está de pé?

Chego ao meu apartamento arrendado exatamente duas horas depois, numa viagem razoavelmente indolor num carro alugado desde o aeroporto. Encontrei o apartamento no Airbnb e arranjei maneira de pagar à senhoria em dinheiro, para não ficar com um registo em meu nome. Ela aceitou uma reserva privada sem problema quando lhe disse que pagaria o dobro. É extremamente caro, sobretudo na época alta, mas só tenho esta semana de férias no trabalho e estou empenhada em levar o meu plano avante, por isso estou a resolver o problema com dinheiro. O apartamento é pequeno e sufocante, a estética é altamente evocativa de uma clínica de cosméticos dos anos 80, mas com bonecas chinesas acrescentadas. Estou ansiosa por ver o mar e esticar as pernas, mas o meu tempo aqui é limitado e há trabalho a fazer.

Fiz a minha investigação, tanto quanto me foi possível fazer sobre dois velhos fanáticos com uma presença *online* mínima, e tenho uma ideia bastante clara sobre onde é que eles irão estar esta noite. Ao que parece, do pouco que consegui respigar da página do Facebook de Kathleen (a pobre criatura tem uma conta pública, graças a Deus que os velhotes não percebem nada de definições de privacidade), quando não estão a sentir-se furiosos com a quantidade de pessoas espanholas que vivem em Espanha, os seniores Artemis passam a maior parte do tempo a arrastar-se entre um restaurante chamado Villa Bianca, que fica mesmo na marginal, e um casino chamado Dinero, logo à saída da cidade. Reservei uma mesa no restaurante para o jantar.

Deixem-me ser clara: não faço ideia do que estou a fazer. Tenho 24 anos, há anos que penso na melhor maneira de vingar a minha mãe, e este é o maior passo que alguma vez dei. Basicamente, tenho passado a vida a trabalhar para subir na minha carreira, a poupar dinheiro, a investigar a família e a tentar colocar-me numa posição em que possa aproximar-me deles. Tem sido útil, mas desinteressante. Claro que estou disposta a fazer estes sacrifícios para ficar mais perto dos meus objetivos finais, mas, porra, é difícil fingir que me interessa por pesquisas de clientes e participar nos convívios opcionais (leia-

se, obrigatórios) de *teambuilding* às sextas-feiras. Se eu soubesse que tinha de beber *jägerbombs* com gente que trabalha em *marketing* de livre vontade, teria dedicado mais tempo ao estudo da trepanação. Talvez seja por isso que estou a tentar apressar este grande passo, desesperada como estou por provar a mim mesma que consegui ganhar terreno e que estou em condições de fazer aquilo que ando a dizer a mim mesma que vou fazer desde os meus 14 anos. No entanto, estou terrivelmente mal preparada. Tinha previsto, ao chegar a Marbella, ter um plano sólido em marcha, ter delineado cuidadosamente o meu itinerário, as horas, e ter investido num disfarce incrível. Em vez disso, estou enclausurada num apartamento cujo cheiro é como se o *hamster* da família tivesse morrido debaixo do roupeiro e a nossa mãe não soubesse de onde é que vinha o cheiro e tivesse andado a usar lixívia à maluca durante seis meses. Tenho um plano na cabeça, mas não faço ideia se serei capaz de o pôr em prática. Tenho uma peruca que comprei numa loja de cosméticos em Finsbury Park, que me pareceu convincente quanto baste à luz listrada da loja, mas que se afigura preocupantemente inflamável sob o sol espanhol. Apesar deste sentimento difuso de ansiedade em relação à minha falta de preparação, a excitação alastra dentro de mim. Enquanto ajeito a peruca e me maquilho, sinto-me como se estivesse a preparar-me para um encontro deslumbrante — e nada como quem está a preparar-se para matar os próprios avós.

Claro que isto é uma dramatização excessiva. Não vou matá-los nesta noite, isso seria uma palermice. Preciso de os ver, de ouvir a sua conversa, de ver se eles deixam escapar algumas pistas sobre os seus planos para esta semana. Preciso de fazer o caminho até à moradia deles algumas vezes e, igualmente importante, preciso de ir buscar o carro prometido por Amir. Das duas, uma: ou o carro é um sinal de que sou estupidamente caótica e deveria adiar os meus planos, ou então foi um pequeno presente de uma divindade desconhecida. Veremos qual das duas está certa!

Decidi há muito tempo que Kathleen e Jeremy Artemis seriam os primeiros a deixar-nos. Isto por diversas razões, a primeira das quais sendo a de que são tão velhos que já não terá assim tanta importância. As pessoas

velhas que não fazem mais que desbaratar as pensões e estupidificarem-se nas suas poltronas prediletas não são, em minha opinião, boa publicidade para a Humanidade. É ótimo que tenhamos conseguido descobrir maneira de fazer com que as pessoas vivam mais tempo com intervenção médica e estilos de vida mais saudáveis, mas infelizmente estas vão-se tomando empata-camas cujos espíritos se vão tornando cada vez mais vis até não passarem de velhas bestas fanáticas a viver no quarto onde nós queríamos fazer o nosso estúdio.

Não fiquem chocados, eu bem sei que pensam o mesmo. Aproveitem a vida e durmam o sono eterno por volta dos 70, pois só os espíritos muito aborrecidos quereriam viver até aos 100 — a única recompensa seria uma carta impessoal e sucinta da rainha. Por isso, acho mesmo que estou a fazer um favor a todos nós. São velhos e dispensáveis, e vivem vidas incrivelmente inúteis. Vinho ao almoço, sextas, uma ida às lojas da cidade para comprar joias horríveis e relógios espalhafatosos. Ele joga golfe, ela passa grande parte do tempo a ser injetada com coisas na cara, o que tem o estranho efeito de a fazer parecer uma criancinha gigante. Um desperdício de vida, e ainda nem vos contei quão racistas eles são. Oh, que se lixe, podem muito bem imaginar. Vivem em Marbella e nem sequer falam espanhol, aí têm. Não é preciso ir mais longe.

Claro que estou metida nisto até ao tutano. Não sou como Harold Shipman, que corre alegremente por aí a matar o maior número de velhos possível. Eu quero matar apenas dois, os outros podem ficar descansados a ver a novela e a comprar presentes horríveis para os netos que desesperam com as suas visitas fastidiosas. Estas pessoas são tecnicamente meus avós, apesar de eu nunca as ter visto, e nunca foram sequer capazes de me comprar um mísero *Toblerone*. Mas eles *sabem* que eu existo.

Deixem-me explicar. Durante muitos anos não estive ciente disto, imaginando que o meu pai, Simon, me tinha conseguido manter em segredo, mas Helene, a amiga da minha mãe, veio visitar-me a Londres há pouco tempo e, encorajada por uma garrafa de vinho, confessou que os tinha visitado pouco antes de partir para Paris há todos esses anos. Sentia que estava a dececionar a pobre Marie ao abandonar-me e queria fazer qualquer coisa para apaziguar essa culpa. Por isso, procurou-os na Internet e encontrou a morada deles em Londres nas listas da Company House. Eu estava quase a

trepar pela mesa acima para ouvir o que eles lhe tinham dito, para assimilar esta nova informação. Tinha ido a casa deles muitas vezes, claro está, antes de eles se mudarem para Espanha a tempo inteiro. Tinha passado horas cá fora, a observar, à espera, por vezes seguindo o seu carro com motorista quando saíam. Mas falar com eles era todo um outro plano, e eu estava meio impressionada com Helene — e meio furiosa por ela nunca me ter falado daquele encontro.

Ela estava claramente relutante em me contar quão mal tinha corrido o encontro, evitando o meu olhar quando me disse que eles tinham começado por bater com a porta quando ela lhes explicou quem era. Mas ela não se foi embora, e por fim lá a deixaram entrar e revelaram friamente que sabiam perfeitamente da minha existência, bem como da «minha abominável mãe». Comecei a ouvir um zumbido nos ouvidos enquanto assimilava estas palavras e cocei o pescoço, esperando pela protuberância que eu sabia que iria aparecer a qualquer momento. Eles sabiam da minha existência desde o início, explicou Helene, desde que o seu «pobre» filho aparecera inesperadamente tarde, certa noite, e, às voltas pela sala, confessara que se tinha metido num sarilho. De acordo com Jeremy, que falou a maior parte do tempo, enquanto Kathleen permanecia rigidamente sentada no sofá beberricando um grande *gin* tónico, Simon perguntara-lhes como é que devia contar a Janine e dissera ao pai que seria preciso providenciar algum dinheiro para mim.

— Por isso, de certa forma, ele queria mesmo fazer as coisas em condições — disse Helene, quase como se estivesse a pedir desculpa, enquanto bebia o seu vinho e enrolava o cabelo com os dedos. Eu ignorei o comentário e disse-lhe para continuar. Não tinha qualquer interesse em alimentar as patéticas tentativas daquele homem para salvar a sua consciência.

Jeremy contou orgulhosamente a Helene que ele e a sua esposa tinham passado várias horas a pôr cobro a esta ideia, fazendo-lhe ver que Marie tinha engravidado deliberadamente por dinheiro e advertindo-o de que Janine jamais se recomporia. «O Simon cometeu um erro infantil, como sucede a tantos jovens», dissera ele a Helene, «e tenho pena de que esta jovem tenha de crescer sem pais, mas há muita gente que já passou por pior, eu próprio perdi a minha mãe quando era muito novo, e não me pus por aí à procura de

esmolas de desconhecidos.» Helene disse-me que contra-argumentara, gritando que Marie não tivera qualquer intenção de chantagear o seu filho e tentando explicar que ela não sabia quão rico ele era, ou sequer que era casado, a não ser muito mais tarde. Mas eles não queriam saber de nada. «A rapariga tentou arruinar o meu filho por dinheiro!», gritou Kathleen, levantando-se subitamente do seu lugar. «Se acha que a filha da sua amiga vai recommençar agora com todo este disparate é porque é tão tola como ela.» E tinha sido mais ou menos isto. De acordo com Helene, que tinha acabado com o seu vinho e estava a gesticular furiosamente, Kathleen tinha começado a soluçar e a bater no peito do marido. Este tinha-lhe agarrado as mãos e empurrara-a vigorosamente para o sofá, antes de se voltar para Helene, que estava de pé, algo aturdida, junto à porta. «A senhora perturbou a minha mulher e estragou a nossa noite. Quero-a fora de minha casa e nem sequer *pense* em tentar esta brincadeira com o meu filho. Arranjaremos advogados para lhe caírem em cima tão depressa que acabará a dormir na rua antes mesmo de vir a encontrar-nos em tribunal.»

— Eu fiquei um pouco abalada — disse Helene —, porque, de um momento para o outro, ele parecia louco. Tinha os olhos arregalados e aquele cabelo grisalho tão penteadinho a esvoaçar de um lado para o outro. E o mais estranho é que o sotaque dele mudou por completo. Quando falou comigo pela primeira vez, parecia um cavalheiro inglês como deve ser, mas quando eu me estava a ir embora, tinha a voz dura e áspera e fez-me lembrar um dos vendedores do mercado da minha terra. Tenho pena de ter tentado, mas pensava que os pais dele fossem um pouco mais bondosos, mais simpáticos. Pensei que eles quisessem conhecer a sua linda neta, valha-me Deus! Mas não. Eles conseguiram dar-se bem na vida, Grace, mas, no fundo, no fundo, são uns bandidos.

Portanto, são velhos, são maus e ocupam um espaço precioso neste mundo. Tudo isto seria razão suficiente para os ajudar a chegar ao fim da viagem de uma maneira mais desagradável do que estaria originalmente escrito nas estrelas. Mas, para ser totalmente honesta, é sobretudo porque eles sabiam. Sabiam da minha mãe. Sabiam de mim. E não se limitaram a cruzar os braços sem fazer nada; não, eles pressionaram diretamente o filho, culpando Marie, Helene, os bares, os amigos que o desviaram do caminho. Culpavam toda a gente, menos Simon. Eu pensava que eles estavam a viver

as suas vidinhas sem saberem que o filho tinha rejeitado a própria filha e abandonado a mãe à sua sorte. Mas eles tinham feito para que assim fosse. No fundo, foi isso que determinou a decisão. Serão os primeiros a morrer.

Chego ao restaurante da praia às seis da tarde, partindo do princípio de que, à semelhança da maior parte das pessoas idosas, os meus avós jantam cedo. Pedi um lugar na esplanada, mas afinal o restaurante é muito maior do que parecia na Internet, e eu estou com receio de ficar demasiado afastada deles para conseguir recolher alguma informação útil. Mando vir um copo de vinho branco (gosto de beber o meu vinho. Os Latimer sempre fizeram questão de beber do bom e do melhor. Eu escolhi um *Rioja*) e obrigo-me a abrir o livro que trouxe para não dar muito nas vistas quando estiver a ouvir conversas alheias. Tinha escolhido *O Conde de Monte Cristo*, que era um pouco óbvio demais, mas achei engraçado quando estava a fazer as malas. Não vou ter de esperar muito até o casal Artemis chegar. Ainda mal acabei a primeira página e já começo a ver atividade pelo canto do olho. Do outro lado do balcão, dois empregados estão a acompanhar quatro pessoas de idade em direção à esplanada. Eu permaneço quieta, sem me permitir olhar para cima, mas sentindo que eles estão a aproximar-se. Oiço uma voz feminina bastante audível:

— Não, essa mesa não, Andreas, está à chapa do sol. Sente-nos ali.

O grupo dá meia-volta e dirige-se ao outro extremo da esplanada. Raios te partam, Kathleen.

Uma vez instalados nos seus lugares e depois de pedirem as bebidas, o que demora uma eternidade, com queixas por causa do vento e um grande dilema sobre o que escolher, permito-me examinar rapidamente a cena. Os envelhecidos Artemis estão de frente para mim, com os amigos de costas. Kathleen fez um penteado que deixaria Joan Collins furiosa. O seu cabelo é loiro-claro e tem uma estrutura, não um estilo, tão rigidamente armada que o vento que a preocupava nem sequer ousará tocar-lhe. O trabalho cosmético no seu rosto é visível a uma certa distância, e os seus olhos foram deliberadamente retocados para lhe darem uma expressão levemente assustada, que, em minha opinião, pretende ser coquete, mas lhe dá um ar demente. Traz uma grande túnica bege por cima de umas calças beges, com a sua mala *Chanel* obscenamente grande pousada sobre a mesa. O seu pescoço

está adornado com um grande colar de... não consigo identificar as pedras, mas posso garantir, sem margem para dúvidas, que não se trata de zircônia cúbica. Dou-me ao luxo de olhar um pouco para eles à descarada, visto que estão todos absortos na ementa. Pergunto-me se há alguma coisa minha nesta mulher de ar insatisfeito quando ela cerra as mãos em cima da mesa, dando-me a ver as unhas, pontiagudas, pintadas de um clássico vermelho *Ferrari*. Cá estamos nós, Kathleen. As minhas mãos, que seguram o meu livro esquecido, são compridas e finas, ao contrário das dela, mas as minhas unhas... as minhas unhas também são vermelho-brilhante e pontiagudas.

Ao fim de alguns minutos a fingir que estou mergulhada no meu livro, chamo o empregado e peço-lhe para também me tirar do sol. E já não era sem tempo, pois tenho uma leve suspeita de que esta peruca podia começar a derreter a qualquer momento. A esplanada está composta, mas não totalmente cheia, e sou conduzida a uma mesa mesmo por trás dos meus alvos. Muito melhor. Quero ouvir o que estão a dizer. Não vou ficar a saber nada de profundo ou interessante sobre as suas personalidades, têm o espírito demasiado fechado para isso, mas talvez consiga ficar com uma ideia dos seus planos para a semana. Só vou cá estar mais cinco dias, foi o máximo de férias que consegui tirar, por isso o tempo é apertado. Peço mais um copo de vinho e uma tábua de salgados, e volto a abrir o meu livro. Jeremy está a olhar para mim, de uma maneira que todas as mulheres reconhecem. O velho baboso está a tirar-me as medidas, a apreciar a minha juventude, sem se aperceber de quão patético está a ser. Eu sorrio por um breve instante, em parte porque me diverte ver o meu avô a fazer-se a mim, e em parte para o levar a pensar que estou encantada. O momento é interrompido pelos empregados que lhes vêm trazer a comida. O pedido não chegou a ser feito, mas quando vejo os pratos, percebo porquê. Bifes com batatas fritas para todos. Deve ser a única coisa da ementa que eles pedem. Bife com batatas fritas, todos os dias, sem alguma vez se aventurarem em novos territórios, sem alguma vez experimentarem algo diferente, permanecendo pequeninos, tornando-se vis. Consegui ver isto tudo só a partir do bife, agora imaginem o que podia ficar a saber a partir das suas estantes... Estou a brincar, claro que eles não têm livros nenhuns em casa.

Eles continuam a falar em tom monocórdico sobre os amigos do clube de golfe, conversando sobre um tal de Brian que tinha sido envergonhado num

recente leilão de caridade (pobre Brian, imaginem a vergonha de ser excluído pela comunidade sénior de expatriados). Kathleen e a outra mulher que estava a comer, que se parecia bastante com Kathleen, mas com mais pneus e uma mala mais pequena, começaram então a cortar na casaca de uma cabeleireira que era muito demorada e que não encaixara na agenda uma amiga sua na passada segunda-feira. A minha atenção dispersa-se. Quero saber o mais que puder, mas, valha-me Deus, esta gente não facilita as coisas.

Posso pedir mais um copo de vinho, ou será que isso vai sabotar esta missão de recolha de informação? Que se dane! Pedido o copo de vinho, pico o resto dos meus aperitivos. Talvez o grupo que estou a observar estivesse certo no que toca ao bife. O que pedi tem uma estranha consistência de borracha, e parece não tanto vindo do mar, mas antes como se tivesse sido cultivado num armazém à beira da autoestrada. O grupo que se encontra à minha frente acabou de pedir o café, e Kathleen está muito atarefada com uma nódoa na gravata de Jeremy, que parece ser uma gravata de um clube. Aposto que Jeremy é maçom, assentar-lhe-ia *na perfeição*. O marido da amiga gorda está a perguntar quando é que vão outra vez ao casino, e faz referência a um evento relacionado com bebidas na próxima quinta-feira.

— Sim, nós vamos lá estar — diz Jeremy secamente, fazendo voar o guardanapo que Kathleen lhe estendera. — Temos jantar com os Beresford às sete e meia, e vamos lá quando voltarmos.

Apetece-me gritar: ONDE É QUE VOCÊS VÃO JANTAR?, mas eles não desenvolvem o tema. Em vez disso, Jeremy pede a conta, acenando bruscamente ao empregado. O outro homem agarra no pires com a conta mal esta chega e faz um aceno aos meus avós.

— Isto é connosco, estou certo de que é a nossa vez... não, por favor, faço questão. — Cai um cartão de crédito dourado sobre a mesa e Jeremy mal responde, decidindo, em vez disso, pôr-se a olhar para mim outra vez. Desta vez desvio o olhar. Não quero que ele me marque, que fique a conhecer a minha cara demasiado bem. Não estou preocupada, presumo que ele passe bastante tempo a olhar para mulheres suficientemente novas para serem suas netas; porventura, menos para aquelas que o sejam realmente, mas tendo em conta o cadastro de Simon, quem poderá ter a certeza?

Enquanto eles se vão embora, reparo melhor na gravata de Jeremy. Estava

enganada, não é da maçonaria. A verde e amarelo estão impressas as letras «RC». Uma pesquisa rápida no Google diz-me que é a gravata oficial do Regency Club, um estabelecimento exclusivo para membros em Mayfair, aberto em 1788 para que homens da família real ou muito ricos pudessem reunir-se sem as respetivas esposas. Quase dou uma gargalhada. Sei muito bem onde começaste a tua vida, Jeremy. Numa casa de duas assoalhadas em Bethnal Green, com uma mãe costureira e um pai que se pôs a andar e acabou sabe-se lá onde antes de fazeres 5 anos. Simon falou orgulhosamente disso em entrevistas, como um sinal de quão arduamente a sua família trabalhou para ascender no mundo. Por isso aqui estás tu, com a tua gravata, imaginando que ela mostra a tua linhagem — a que compraste para ti próprio. Admirável para alguns, talvez. Até para mim, visto que estou a tentar fazer o mesmo — arrastar-me para fora da pobreza, afastar-me da minha primeira oferta na vida. Mas eu conheço-te. Conheço o ódio das tuas raízes, independentemente da história que tenhas inventado desde então. Viste-o em mim, e quando te pediram para ajudares o sangue do teu próprio sangue numa situação semelhante, fugiste. Helene tinha razão. Não passas de um bandido, e os teus clubes privados e as tuas roupas caras pouco ou nada podem fazer para o ocultar. Mas usa a tua gravata. Já não falta muito para quinta-feira.

Decido regressar ao meu alojamento, apreciando, enquanto caminho, o passeio marítimo de Puerto Banús. As lojas estão cheias de mulheres que seguram vestidos ornamentados ao espelho enquanto tagarelam com as amigas. Um grupo de adolescentes passa por mim envolvido numa discussão sobre os seus bronzeados. Questiono-me se também eu teria sido uma destas conchas ocas se tivesse crescido sob os cuidados da família Artemis. Leio livros, sigo as notícias do mundo, tenho opiniões sobre coisas que não apenas sapatos e clubes de golfe. Sou melhor do que esta gente, disso não tenho dúvida. Mas, apesar da sua ignorância, eles parecem felizes. Talvez *por causa* da sua ignorância. Porque é que me hei de preocupar? Nenhum destes idiotas se preocupa com as alterações climáticas, só pensam no que vão vestir no iate no dia seguinte, mas é fascinante observá-los, e eu já tenho muito pouco tempo para assistir. Quando tiver concluído o meu trabalho, não voltarei a este parque de diversões para gozar destes luxos. Talvez devesse comprar uma recordação. Olho para as montras das lojas, com as suas rendas

demasiado caras. Não tenho dinheiro nem desejo de comprar um *kaftan* forrado em pele, nem mesmo como uma brincadeira tonta. Para além disso, penso que sei qual vai ser a minha recordação, e não me vai custar dinheiro nenhum.

No dia seguinte, depois de uma corrida rápida pela praia, vou de carro até casa deles. É uma grande moradia num complexo vigiado, escondido das massas sujas e guardado por grandes portões e um segurança enfastiado numa guarita, que eu imagino ter por função verificar a identidade dos visitantes, mas que me deixa entrar com um simples aceno quando lhe anuncio que venho da parte da boutique Afterdark deixar um vestido à Sra. Lyle, no número 8. Imaginei que houvesse um fluxo bastante constante de entregas para as senhoras que se aborreciam sozinhas nas suas residências imaculadas, sempre a pedir um novo vestido ou a convocar uma manicura com a maior brevidade possível. Eu não disse que ia entrar na casa dos Artemis. Não quero que haja uma associação óbvia, no caso de, mais tarde, virem a ser feitas perguntas.

A sua casa, o número 9, é idêntica aos números 8 e 10. Estuque branco, degraus de tijoleira a conduzirem até à porta. Palmeiras em cada lado do alpendre. Um relvado perfeito, mesmo com este calor abrasador. Suponho que a proibição do uso de mangueira não se aplica quando se vive num aldeamento fora da sociedade normal. Tiro o pé do pedal e passo devagar, mas não há nada para ver, na verdade. Não há ninguém à vista nestas grandes avenidas, nem uma pessoa a passear o cão ou uma mãe com um carrinho. Todo este dinheiro, e a única coisa que se consegue comprar é o silêncio. Eu aprecio o silêncio, por sinal; uma pessoa não cresce numa rua principal de Londres sem sonhar com o dia em que possa viver sem estar a ouvir os vizinhos ora a fazer sexo ora a soluçar ao som d'*Os miseráveis*. Mas esta calma é artificial — parece vazia e soturna, como se fosse feita para pessoas que quisessem criar um ambiente que negasse por completo a realidade sonora da vida humana. A escolha da casa por parte dos Artemis só me diz alguma coisa na medida em que não me diz nada. É uma casa que foi construída para pessoas ricas que não se importam nada com a arquitetura, mas valorizam a segurança e o estatuto. «A Lynn e o Brian compraram uma casa neste aldeamento? Então vamos comprar uma ainda maior.» É isso. Não há qualquer consideração pela personalidade, não há atividade — apenas uma

conformidade assética. Vou-me embora a sentir-me algo deprimida. Tenho o mesmo ADN que estas pessoas, será que também eu vou, um dia, ansiar por alcatifas bege e uma empregada que possa tratar mal? Imagino que ter uma empregada fosse agradável, mas acho que a sua inevitável tristeza seria um pouco opressiva. Imagino que para Kathleen seja uma consolação: alguém que seja mais miserável do que ela, à sua frente, para ela poder ver todos os dias.

Do aldeamento sigo diretamente para o casino, que fica a cerca de meia hora de distância por uma estrada bastante pedregosa. Uma ribanceira de um dos lados parece descer até um... desfiladeiro? Uma ravina? Não sei. Como disse, cresci numa rua principal e sempre tive o que me parece ser uma saudável desconfiança de grandes espaços abertos. O campo perturba-me, e seja qual for o destino que me leve meia hora de carro a alcançar, não seria sítio onde me desse ao trabalho de ir se estivesse em casa. Às vezes, sinto a necessidade de ter um breve encontro com um homem (refiro-me a sexo, podem baixar os olhos) ou de desperdiçar desalmadamente o meu tempo a investigar aplicações de encontros. Folheio pretendentes que posam em frente de *BMW*, como se isso fosse um sinal de êxito, em vez de uma clara indicação de que são suficientemente estúpidos para pensarem que fazer um *leasing* faz sentido do ponto de vista financeiro. Mas um carro foleiro e uma *t-shirt* com decote em V não significam necessariamente um não. Afinal, não vou passar a minha vida com estes homens. Nem sequer me dou ao cuidado de memorizar os nomes, mas tenho um limite muito bem traçado: se estás a mais de dois quilómetros de distância, não vai acontecer. O meu humor está sempre a mudar e não vou ficar à espera de que mudes de estação em King's Cross ou que me envies um SMS a dizer que o metro foi substituído por uma frota de autocarros por causa de obras de reparação na linha. Por isso, o campo espanhol é um mundo estranho para mim e, raios me partam, a colina vai dar a uma ravina. Seja como for que lhe chamemos, é um grande precipício e a vertente da colina está coberta de arbustos retorcidos. Para além disso, não se vê viva alma nesta estrada. Perfeito. O sol está a brilhar, e uma brisa quente percorre o meu braço quando o apoio na porta enquanto conduzo. Ligo o rádio e a estação local está a passar Beach Boys. Os acordes de «God Only Knows» inundam o pequeno carro alugado, enquanto me agarro lentamente à estrada e prossigo em direção ao casino. Não acredito em

Deus, evidentemente. Vivemos num tempo de ciência e de Big Brother, por isso acho que estou a salvo no lado mentalmente são das coisas. Ao mesmo tempo, nenhum Deus com verdadeira influência me teria juntado com estas pessoas e inculcado um tal chamamento. Por isso, nada de Deus. Mas é verdade que hoje sinto que alguém me está a sorrir lá do alto.

Já que estou a falar de Deus, há uma história na Bíblia (quero dizer, não é na Bíblia, ouvi-a num filme e envolve alta tecnologia) que reza mais ou menos assim: um homem vive muito feliz numa casa muito pequena durante vários anos, até que, um dia, os serviços de emergência lhe batem à porta e dizem: «Senhor, vem aí uma tempestade, temos de evacuar». E o homem diz: «Obrigado, meus senhores, mas eu sou religioso, tenho fé. Deus salvar-me-á». Os homens vão-se embora e a tempestade chega. As águas elevam-se à volta da sua casa, e aparece um barco que vem a passar. «Senhor!», grita o capitão, «Venha connosco, a água vai continuar a subir». Mas o homem diz: «Obrigado, meus senhores, mas eu sou religioso, tenho fé. Deus há de me salvar». Mais tarde, o homem tem de trepar para o sótão enquanto a casa é inundada. Aparece então um helicóptero a sobrevoar o telhado. «Senhor, suba por esta escada, podemos pô-lo em segurança». O homem acena-lhes, mandando-os embora. «Obrigado, meus senhores, mas eu sou religioso. Deus há de me salvar». Mais tarde, o homem afoga-se. Quando chega ao Céu, encontra Deus e diz: «Pai, eu tive fé, acreditei em Ti, mantive-me fiel. Porque é que me deixaste afogar?» Deus mostra-se exasperado (e como é que não havia de estar... este homem era um idiota) e diz: «David, eu enviei-te os serviços de emergência, um barco e um helicóptero. Porque é que estás aqui?!».

Alguém me enviou um grande e estúpido Amir com os seus carros potentes, um par perfeito para a noite em que os meus avós ficarão acordados até tarde e uma estrada ventosa e perigosa. Ao contrário do homem estúpido da lenda, estou firmemente decidida a tirar o máximo proveito de tudo isto.

Tenho pouco mais de 36 horas até levar a cabo os meus planos. Podia passar este tempo a seguir o casal de um lado para o outro para saber mais coisas sobre eles, mas, honestamente, eles não são suficientemente interessantes para que isso valha a pena. Por isso, vou até à praia durante o

resto da tarde, espiar-me numa espreguiçadeira numa praia privada e beber um rosé enquanto leio um livro sobre uma mulher que mata o marido depois de anos de manipulação e ofensas emocionais. Não consegui continuar *O Conde de Monte Cristo* — demasiado incisivo, parece-me. Mas não resisti a dar uma espreitadela ao final. Um hábito terrível, sem dúvida, mas a minha natureza prevaricadora foi, ainda assim, recompensada com a seguinte tirada: «Toda a sabedoria humana residirá nestas palavras: esperar e ter esperança».

Esperar e ter esperança. Tenho vivido destas palavras desde a adolescência e agora, finalmente, a parte da espera está a chegar ao fim. Levo as mãos ao peito quente e procuro sentir se o meu coração está a bater mais depressa do que o normal. Mas não, estou a respirar normalmente, como se hoje fosse apenas mais um dia igual aos outros e não estivesse prestes a cometer um crime terrível. Que estranho. A minha cabeça anda às voltas com o plano, e o sentimento de antecipação está a subir como vapor prestes a espirrar-me pelos ouvidos, no entanto, aqui estou eu, estendida, escudada nos meus óculos escuros, com o meu fiel coração a recusar-se a explodir-me para fora do peito. O meu corpo está pronto, apesar de a minha cabeça estar a comportar-se como um adolescente a preparar-se para o primeiro encontro.

Nessa noite, antes de ir para a cama, envio a Amir uma mensagem do meu recém-adquirido telemóvel descartável. Foi esse o nome que Edward Snowden deu a um telemóvel que compramos para tentar permanecer indetetáveis. O que parece ser um pouco excessivo no meu caso, visto que não estou ao corrente de quaisquer segredos de Estado. Uma boa dica, no entanto, e bastou uma viagem de 20 minutos a uma zona menos salubre de Londres, mais 60 libras em dinheiro, para conseguir este velho telefone de abrir, algo pitoresco, que carreguei com algum dinheiro para poder enviar mensagens. Não vai regressar comigo a Inglaterra, mas está a cumprir uma função útil. Pergunto a Amir se ele vai estar por cá amanhã e se poderá desenrascar-me um carro por dois ou três dias. Disse-lhe que vou viajar mais para o interior da ilha e que me sentiria mais segura se tivesse um carro maior, o que até é mais ou menos verdade, suponho eu. As melhores mentiras têm sempre um fundo de verdade, o que faz com que seja mais fácil atermo-nos à nossa história e menos provável sermos apanhados em falso com versões diferentes. O meu amigo Jimmy tem uma cara de mentiroso terrível, com os cantos da boca a retorcerem-se-lhe num sorriso afetado quando diz

uma patranha. É quase enternecedor, mas faz com que seja impossível confiar-lhe o que quer que seja, dada a sua tendência para ser apanhado quando confrontado.

Quando acordo, vou ver o telefone imediatamente. Tal como eu suspeitara, Amir respondeu nas primeiras horas da madrugada. Uma grande noitada no Glitter, imagino. Respondo imediatamente, agradecendo-lhe o convite para sair, mas explicando mais uma vez que irei sair nessa tarde. Sei que não vou conseguir safar-me com uma simples chave na mão, por isso sugiro um encontro no salão de uma gelataria na Calle Ribera às duas da tarde. Sei que não vou ter notícias dele até meio do dia, dada a quantidade de champanhe que imagino que ele tenha ingerido na noite passada, por isso salto para o pequeno chuveiro e enfio um vestido de verão que espero que me faça parecer algo deselegante aos olhos de Amir. Pelo menos, é destituído de qualquer brilho ou corte, por isso deverá ser, na prática, um macacão comparado com o que a maior parte das mulheres escolhem para vestir neste sítio. Na minha curta estadia aqui, começo a sentir que há uma combinação de lantejoulas, botões de ouro e padrões *tigresse* que parece formar uma espécie de uniforme não-oficial nesta terra. Isso e os lábios arredondados e carnudos que fazem com que estas mulheres pareçam estar a meio de uma terrível reação alérgica ao café gelado que beberricam enquanto se bronzeiam.

Não planeio voltar a este apartamento, apesar de o ter reservado até sábado. Talvez esteja a ser demasiado otimista, mas não quero deixar que a dúvida se instale neste momento tão crucial. Arrumo tudo, atiro os lençóis para dentro da máquina de lavar e limpo as superfícies. Faço a minha pequena mala, e organizo tudo o que irei precisar para o resto do dia, na minha mala de tiracolo (é *Gucci*, uma das primeiras coisas que comprei quando comecei o meu novo trabalho, e até as senhoras de Marbella ficariam impressionadas). Telefone descartável, peruca, euros, ténis enfiados, uma lanterna, luvas de látex, um frasquinho de perfume de viagem cheio de álcool e uma caixa de fósforos. Tudo o resto vai na mala grande, incluindo o telefone verdadeiro, passaporte e cartões de crédito.

Tranco o apartamento e levo a chave — só por precaução. Num acesso de paranoia, limpo a maçaneta da porta com a manga e dou-me conta de que tenho de ser melhor nisto. Se quero levar a cabo o meu plano sem ser

apanhada, não vou lá com esfregadelas rápidas em pequenas superfícies ao acaso. Ora. Este é o balão de ensaio. O carro está estacionado a uma boa meia hora de distância a pé, longe da confusão da rua principal. Eu não queria que ficasse gravado num parque de estacionamento, e isto foi o mais próximo que consegui ficar do apartamento sem arriscar que fosse imediatamente rebocado.

Já está um calor abrasador, tenho o suor a escorrer-me pelo peito e a acumular-se por baixo do sutiã. Largo a mala grande debaixo do banco do condutor e verifico se não está visível de nenhum ângulo. Depois, caminho de volta para a cidade, tomando um caminho diferente por engano e acabando junto ao mar. Ao fim de algumas horas a fazer tempo numa cafetaria onde um café parece custar cinco euros, Amir finalmente responde. «Oi, gira, estou a destilar a noite passada, perdeste uma cena em grande! Vou estar no clube Oceania depois das três pra voltar a entrar na onda, vem tomar 1 copo comigo e eu desenrasco-te! :)»

A sua resposta quase me fez repensar tudo. Não me posso envolver com um adulto que parece não ter a capacidade de usar um inglês adequado, mesmo para mensagens de telemóvel. São simplesmente más maneiras e que, ainda por cima, revelam um nível de ignorância que se pode perdoar a um adolescente, mas que é horrível num adulto. Só uma educação deficiente pode justificar tal coisa. O meu secundário não foi propriamente o colégio de Hogwarts, mas dei-me ao trabalho de aprender a diferença entre «ouço» e «osso». Duvido que Amir saiba isso, sequer. Pergunto-me, uma vez mais, o que é que ele faz para ganhar tanto dinheiro, duvido que o faça de modo inteiramente legítimo, mas quem sou eu para dar lições de moral? Pondero utilizar o meu pequeno carro de aluguer, mas decido-me pela oferta de Amir. Terei apenas de ser austera, recusar quaisquer ofertas de álcool e ir-me embora mal tenha as chaves. Agh. Lamento depender de um homem (e, pior, um homem que usa óculos de sol de desporto) para me ajudar num assunto que, na verdade, devia ser tratado apenas por mim, mas tenho de ser realista. E Amir não vai lucrar nada com esta interação. Se tudo correr como planeado, vai ficar apalermado. Se falhar por completo, vai estar metido num sarilho dos grandes. Isto alegra-me um pouco, e acabo de sorver o meu café.

Chego ao clube Oceania pouco antes das três da tarde. É um sítio enorme, um palácio de frivolidade vácuca. Presumo que seja essencialmente um grande

bar, mas intensificado com esteroides. A entrada está literalmente pejada de carros desportivos de cores lúgubres, cada qual nas mãos de arrumadores de ar desconfortável nos seus casacos brancos. Um *Rolls-Royce* mal-estacionado em frente à entrada ostenta o número de matrícula «BO55 BO1». Eu aguardo na receção enquanto uma rapariga com um bronzado que o sol rejeitaria imediatamente como estando para além dos seus poderes fala ao telefone em inglês reles. Por fim, lá se volta para mim. Imagino que esteja pouco impressionada com o meu cabelo castanho, sem extensões, e com as minhas sandálias rasas. Trago um batom vermelho, que uso sempre que preciso de uma espécie de escudo, mas, tirando isso, estou bastante simples. A minha cara tem uma certa beleza, e não me sinto arrogante em dizê-lo. As mulheres recuam sempre quando se distraem e admitem que se acham atraentes, fruto de uma vida inteira a ouvir os homens dizerem-lhes que não sejam «convencidas». Sê o mais bela possível, mas certifica-te de que ninguém sabe que te esforças para o ser e, acima de tudo, nunca o reconheças. Foge de qualquer homem que te diga que és bonita sem o saber. Esses são os homens que querem que estejas constantemente disponível para o sexo, mas nunca se encarregam do teu próprio prazer. Eu sou bastante bem-parecida. Não sou alta, mas sou magra e bem proporcionada. Cabelos escuros, feições simétricas, uma boca bonita e cheia, sem ser demasiado sapuda. Gosto de me ver ao espelho, mas não vivo obcecada com isso. Sei que a minha aparência me ajuda um pouco na vida, mas não sou como a minha mãe, demasiado dependente da beleza e abandonada à sua sorte quando ela não é suficiente. É possível que a minha imagem seja incrivelmente dececionante para os homens de Marbella comparada com as pavoas que se veem por aqui. Coco Chanel terá dito que devíamos tirar sempre um acessório antes de sairmos de casa. Estas raparigas prefeririam arrancar os olhos de Coco com as suas unhas de acrílico a fazer tal coisa. Eu digo à Senhora Bronze que venho encontrar-me com Amir, e a sua expressão modifica-se. Trata-se, claramente, de um cliente estimado, visto que sou rapidamente escoltada por corredores de mármore, passando pelo bar de uma biblioteca repleto de livros a fingir e objetos que parecem velhos, mas que eu estaria disposta a apostar que é tralha comprada a um fornecedor que produz esta quinquilharia para os clientes que querem parecer autênticos, mas não se importam minimamente com a verdadeira proveniência dos artigos.

Chegamos cá fora e deparamos com o sol ofuscante e com o que parece ser um parque temático para adultos. Há várias piscinas intercomunicantes, cada qual com um bar ao centro, para onde as pessoas nadam e desfrutam de *cocktails* à sombra de chapéus-de-sol de palha. Ouve-se música *house* a bramar e os empregados caminham apressadamente entre os clientes esparramados, acabando de encher os copos. Algumas pessoas têm camas completas, armadas debaixo de dosséis, onde várias pessoas se encontram estendidas a fumar e a conversar. Ninguém está a usar nada para além do fato de banho, tirando eu, mas não faço a menor intenção de lhes seguir o exemplo. A minha atenção foca-se numa corrente de barriga, mais do que em qualquer outra coisa. Joias para a cintura, para quando uma pessoa já não tem mais onde ostentar os diamantes. Coco Chanel morreria de desgosto.

«O Sr. Amir ainda não chegou, por favor, relaxe e tome uma bebida». Sou praticamente empurrada para uma grande espreguiçadeira branca, onde só dou nas vistas por estar sozinha. Mando vir uma água tônica, na esperança de que Amir pense que eu «já estou a entrar na onda», e espero. O meu novo amigo está apenas três quartos de hora atrasado, tempo esse que passo a observar as raparigas bronzeadas a enrolarem os seus biquínis para baixo, para apanharem mais sol, e a olhar, estarrecida, para os homens com os peitos depilados e bolsas minúsculas à cintura, aprumando-se e exibindo-se — especialmente, ao que parece, uns para os outros.

Deteto Amir quando ele entra por entre as espreguiçadeiras. Seria difícil não reparar nele, vestido como está, de calções cor de laranja fluorescentes e rodeado por um pelotão de rapazes — parecendo todos eles dar a entender que o seu principal propósito na vida é assemelharem-se tanto quanto possível ao seu líder. Os empregados aparecem vindos de todos os lados, trazendo toalhas, copos, baldes de gelo e, bizarramente, um coco.

Amir abeira-se da espreguiçadeira onde estou sentada e espreita-me por cima dos seus óculos escuros.

— Olá, beleza! Este é o Stevie, o JJ, o Badocha, o Cooper e o Nige. — Faz um gesto ao pelotão, cujos membros acenam desinteressadamente, olhando já para as raparigas em biquíni ao nosso lado. Pergunto-me porque é que o «Badocha» recebeu uma alcunha tão dura, visto que a percentagem de gordura do seu corpo parece ficar abaixo dos dois dígitos. Vejo apenas

músculos, mais do que uma pessoa devia ter, a menos que tenha um trabalho físico, e duvido que o Badocha tenha qualquer espécie de trabalho.

Amir agarra no coco e atira-o ao cavaleiro a quem chamou Nige, que bate com ele vigorosamente na cabeça, para grande clamor de entusiasmo dos circunstantes. Não satisfeito, Nige tenta mais uma vez, e o fruto abre-se em dois. Em seguida, sobe para a espreguiçadeira e segura as metades no ar, enquanto as raparigas de biquíni e os rapazes muscudos urram de excitação.

— É o melhor número dele — diz Amir orgulhosamente. — Treinou este número durante seis verões consecutivos até conseguir. Estamos a tentar levá-lo àquele programa de talentos onde os cães fazem habilidades mágicas. — Eu sinto uma leve onda de pânico alastrar pelas minhas veias, ao perspetivar uma tarde inteira a ver estas pessoas praticar os seus rituais de acasalamento à volta de uma pequena piscina, presumivelmente contaminada com creme, falso bronzeador e cinza de cigarros. Tenho de ser mais assertiva na minha missão e não permitir que Amir determine o meu dia.

Com esta nova resolução, inclino-me para ele e seguro-lhe o pulso até ele focar toda a sua atenção em mim.

— Lamento muito, mas vocês chegaram um pouco atrasados e eu só tenho mais uma hora antes da próxima parte da minha viagem. Trouxeste o carro para aqui? É que não tenho assim tanto tempo.

Ele fica a olhar para mim durante um bom bocado, até que atira a cabeça para trás a rir. O pelotão musculoso atrás dele secunda as suas risadas, apesar de não se encontrar suficientemente perto para ouvir o que eu disse. Suponho que quem paga as bebidas comanda uma audiência arrebatada a tempo inteiro.

— Beleza, eu nem sequer sei como te chamas! Relaxa, apressadinha. Tenho um carro para ti aqui, mas vamo-nos deixar ficar por um bocado, entrar na onda, conviver um bocado, sim? — Suprimo o estremecimento que sinto ao ouvir semelhantes disparates e permito-me encolher ligeiramente os ombros.

— Chamo-me Amy — digo eu, sorridente —, e é claro que estou disposta a conviver um pouco.

Acabo por passar perto de duas horas com Amir e o seu crescente grupo.

Tento integrar-me, mas não é fácil. É borrifado champanhe, as raparigas são seduzidas, a música aumenta de volume a pedido de alguém. A atenção de Amir é limitada, o que é dizer pouco, e eu tenho de esperar pacientemente enquanto ele desata aos pulos, por vezes gritando apenas «Oooooonda» a ninguém em particular.

Digo-lhe que sou produtora de eventos numa empresa e sublinho que acabei de me separar do meu namorado, por isso, não estou à procura de nada romântico. Felizmente, Amir parece estar genuinamente desinteressado deste género de coisa. É claramente um tipo que gosta de juntar os amigos e passar um bom bocado. Talvez não haja nada mais do que isso. Faz alguma diferença. Verifico o relógio várias vezes, e quando já não aguento mais, digo-lhe que não tenho mais tempo e que tenho mesmo de ir andando. E verdade, já não tenho muito tempo para me pôr a postos no Dinero.

Ele revira os olhos, mas levanta-se e faz sinal a JJ, que aparece a correr, quase fazendo cair uma rapariga de biquíni na piscina na sua precipitação.

— Vai buscar o *Hummer*, companheiro — ordena Amir, e beberrica um golinho de champanhe. — Tens piada, Amy. Não me pareceu que estivesse a fim na nossa conversa no avião, julgava que não voltava a ter notícias tuas. Mas no fim ninguém resiste ao velho Amir, eh, eh. — Põe-me o braço nas costas e encaminha-me para o edifício, que percorremos enquanto os empregados recuam contra as paredes. — Este carro é uma joia de condução, querida, mas é poderoso. É um animal; achas que te vais dar bem com ele, consegues aguentar-lhe a potência?

Eu asseguro-lhe que tenho montes de experiência com carros potentes, o que é uma completa mentira, e não lhe pergunto o que é um *Hummer*, o que é uma decisão sensata. Esperamos lá fora que tragam o carro, e Amir diz-me que desfrute dele, e que não me preocupe em devolvê-lo até domingo. Eu voltarei muito antes disso, mas limito-me a sorrir e a agradecer.

Aparece então um tanque no momento certo. O barulho é surpreendente, e eu recuo momentaneamente. Amir ri-se e bate na palma da mão de JJ enquanto este lhe entrega as chaves. O carro é enorme. Janelas com vidros fumados e metais negros foscos. Ele obriga-me a dar algumas voltas com ele na entrada para praticar, chamando a minha atenção para o acabamento cromado e a tripla suspensão, ou qualquer coisa assim. Agarro o volante e

piso o pedal do travão cautelosamente, perguntando-me se, afinal, será boa ideia. Mas quando me atrevo a pisar o pedal, dou-me conta de que a potência desta máquina irá servir-me na perfeição. Digo a Amir que vai ser bestial para a minha pequena viagem, e acrescento, de rajada, que a minha amiga vai adorar o passeio.

— As raparigas adoram carros grandes, n' é? Ficam *sexy* a valer, lá dentro. Só não me estragues o meu menino, quero levá-lo para o Sul de França para a semana. — Sinto-me momentaneamente culpada por ter quase a certeza de que vou estragar um pouco, ou mesmo completamente, o seu menino, ou pelo menos infligir-lhe alguns danos cosméticos. Ainda assim, nada que uma pipa de massa não possa remediar, e a julgar pelo que me foi dado ver hoje, Amir não tem problemas nesse departamento.

Ele manda-me deixar o carro no clube assim que estiver despachada e, com isto, pisca-me o olho, dá-me um abraço de urso e volta para dentro. Eu deixo-me ficar sentada no carro durante um minuto, envolvida pelo cheiro persistente e amadeirado da sua loção para a barba, mal acreditando na minha sorte. Um homem que não sabe nada sobre mim acabou de me dar um carro sem implicar com o seguro, comprovativo de identidade, ou sequer uma garantia de que sei conduzir. O meu pequeno carro de aluguer está prudentemente escondido numa rua secundária e eu estou livre para levar o meu plano avante, deixando ainda menos rasto do que imaginava. Pergunto a mim mesma se não será uma armadilha, mas ninguém conhece os meus planos, por isso descarto essa ideia.

São seis e meia da tarde. O tempo voa quando levamos um banho completo de álcool borrifado em cima. Eu sei que Jeremy disse que iriam rumar ao casino depois de jantar, por isso calculo que lá cheguem por volta das nove e meia. Não vou andar atrás deles a tarde inteira — desde logo, porque não quero que ninguém registe o carro —, por isso conduzo muito lentamente até Marbella, esperando conseguir encontrar alguma coisa que se coma que não seja *goujons* de frango ou batatas fritas ensopadas.

Enquanto sorvo uma tigela de sopa, respiro lentamente e obrigo o meu pé a parar de bater no chão. Marie costumava pedir-me para escolher os cinco momentos do dia, «Para nos lembrarmos da sorte que temos». Já não faço isto desde que ela morreu, mas hoje parece ser uma boa altura para fazer um

balanço. Hoje, como as pessoas irremediavelmente sinceras gostam de dizer, é o primeiro dia do resto da minha vida. Talvez seja o dia em que a minha vida efetivamente começa. Tanto dela que dediquei a preparar este momento. A minha infância foi breve, os meus anos de adolescência foram uma sala de espera de frustração a caminho da idade adulta. Os meus vintes foram funcionais — um meio para atingir um fim. Não senti que tivesse assim tanta sorte, desculpa, Marie. Deixaste-me demasiado cedo e, em virtude disso, a sorte nunca me sorriu por aí além. Por isso, talvez não seja capaz de escolher os cinco melhores momentos. Talvez um seja suficiente por agora... Começemos por baixar a fasquia e vejamos o que acontece.

Às nove menos um quarto pago e encaminho-me para o enorme trator estacionado do outro lado da rua em frente ao restaurante. Pergunto-me se existirá uma correlação inversa entre o dinheiro e o bom gosto — a predileção de Amir por cromados sugere que poderá existir. Tal como a casa de Jeremy e Kathleen, aliás. Mas esta gente é dinheiro novo, ou «*nouveau riche*», como a mãe de Jimmy tanto gostava de dizer com um prazer secretamente culpado. Se calhar, quanto mais velho é o dinheiro, melhor é o nosso olho. Se eu conseguir ser bem-sucedida nisto, serei mais rica do que Creso, mas completamente nova. Talvez venha a desenvolver um olho especial para o bronze, tecidos e joalharia, mas duvido. Isto significa que provavelmente o gosto tem mais a ver com sermos horríveis ou não. A família Artemis corroboraria certamente este ponto de vista.

Não ponho o meu destino no sistema de navegação por satélite, não vá Amir ver ou a polícia encontrar o carro. Em vez disso, vou usar um pequeno mapa que comprei no aeroporto por seis euros. Já verifiquei a estrada várias vezes, e tenho bastante tempo, caso me perca. Tiro a peruca da mala e estremeço ao ver quão desgrehada ficou com uma única utilização. «O barato sai caro», como dizia a minha mãe. Da próxima vez, hei de investir uma quantia decente num disfarce. Conduzo por estradas sinuosas e sombrias em silêncio, nunca ultrapassando os 50 km/h. Mal se veem outros carros na estrada, mas pergunto-me se os clientes do casino não irão alterar esse panorama quando me aproximar. Só terei uma oportunidade para fazer isto, e se houver algum sinal de outro carro, não posso arriscar. Porra. Isto tem de resultar. *Tem* de resultar.

O casino fica no meio do nada, mas está rodeado por um estranho

aglomerado de restaurantes e bares, o que significa que poderei estacionar no parque de estacionamento sem receio de dar nas vistas. Faço uma caminhada rápida em redor para me certificar de que o *Mercedes* ainda cá não está, após o que me dirijo para a entrada. Não vou entrar — desde logo, porque não sou um membro, e, por outro lado, não quero ser apanhada pelas câmaras do casino. Em vez disso, fico a cirandar na escuridão entre o clube e um bar chamado Rays. Este local parece um centro comercial na periferia da cidade e não estranharia ver um *Homebase*¹ ali ao lado. Não tem nada de glamoroso — estou surpreendida por os meus avós se darem ao trabalho de vir aqui. Mas, uma vez mais, eles preferem passar a velhice numa comunidade fechada em Marbella, um local que faz com que a Florida pareça a Itália do Renascimento em termos de cultura.

Estou zangada por ter dado a mim mesma tanto tempo. Era capaz de apostar que os meus avós são o tipo de pessoas que se preocupam em chegar a casa antes das onze, mas, e se eles forem criaturas secretamente noctívagas? Tenho dificuldade em andar pelo parque de estacionamento sem mais do que meia dúzia de moitas dispersas para me camuflar. Perco a calma e volto para o carro para me recompor e conseguir terminar a missão. Enquanto caminho, uma limusina prateada avulta junto à entrada, a ocupar o meio da estrada com os faróis ligados nos máximos. Sustenho a respiração, semicerrando os olhos para distinguir a matrícula, mas não é necessário. Vejo a Sra. Artemis, com a sua expressão miserável e a sua esplendorosa permanente que a emoldura na janela. Oiço uma pequena gargalhada, e escondo-me rapidamente entre os dois carros, até que me dou conta de que o som veio de mim própria. Estou claramente mais excitada do que pensava. Pelo menos parte de mim está disposta a avançar com isto.

O casal de velhotes sai do carro lentamente, Jeremy a atirar as chaves ao arrumador e mal olhando para a mulher, que está a descer cautelosamente para o pavimento segurando a sua *Chanel* como uma criança segura um ursinho de peluche. Encaminham-se para o casino sem dirigirem uma palavra ao arrumador ou ao porteiro, que não passam de estátuas silenciosas que estão ali para mostrar respeito pelos grandes e pelos bons, suponho eu. Ainda assim, uma estátua não consegue limpar o traseiro aos estofos de pele da limusina como um arrumador (e esperemos que o faça).

Durante as duas horas e meia seguintes permaneço sentada no meu carro,

como um *cheeseburger* repugnante e resolvo deixar de comer carne quando chegar a casa. Fumo três cigarros e prometo deixar de fumar quando voltar a Londres. Oiço um pouco de uma terrível rádio espanhola e alterno entre bater freneticamente com os pés no chão e verificar obsessivamente os espelhos retrovisores para ver se os Artemis já saíram. Começa a formar-se um grupo de jovens e é claro que o casino se está a tornar mais animado à medida que a noite avança. Imagino que isto significa provavelmente que os mais velhos desamparam a loja mais cedo, e tenho razão. Os degraus não tardam a ficar cheios de mulheres enfaixadas com cachecóis *Hermès* e homens a acenar com os bilhetes dos carros. Todos têm expressões que manifestam uma mistura de riqueza e uma furiosa reivindicação de privilégios. Zás, cá estão eles. Kathleen com um pequeno saco de presentes, um tudo-nada cambaleante. Jeremy a fumar um charuto. Deve ter sido uma noite divertida. Fico satisfeita. Não sou nenhum monstro. É bom que eles abandonem este mundo com boa-disposição. É mais do que aquilo a que Marie teve direito, mas eu tenho a obrigação de ser uma pessoa melhor. Vou dizimar a sua família inteira, o mínimo que posso conceder-lhes é um saco de lembranças e uma jogada na roleta.

Eles descem os degraus e Jeremy entrega o bilhete ao arrumador. Esta é a minha deixa. Ligo o motor e dirijo-me para fora do parque de estacionamento. Já vos disse que não planeei nada disto, e não digo isto por falsa modéstia. Tenho uma ideia vaga, que parecia bastante sólida quando estava em Londres, mas agora, que estou aqui, não estou de modo nenhum confiante de que me seja sequer dada a oportunidade de tentar fazer o que quero fazer. Mas aqui estou eu, a conduzir velozmente pelas estradas ventosas que descem do casino, fazendo o percurso que, espero eu, os velhos Artemis irão tomar a caminho da sua vivenda. Ao fim de dez minutos, meto pela estrada das colinas, agora mais escura e irregular. Calculo que estou cerca de dez minutos adiantada em relação ao velho casal, se eles conduzirem cautelosamente, e preciso de encontrar o sítio certo — assinalei-o no outro dia, mas, na escuridão, a estrada parece querer ocultá-lo.

Vou a conduzir rápido, e sinto o carço no pescoço a assumir a sua posição habitual, ameaçando subjugar-me. ONDE É QUE FICA ESTE MALDITO SÍTIO? Respiro pelo nariz, e falo comigo mesma em voz alta, «Vais encontrá-lo, tens tempo, Grace. Está tudo bem».

Passo por ele e travo, tal como nos ensinam nas aulas de condução, como se alguém pudesse fazer uma paragem de emergência perfeita na vida real sem provocar um engarrafamento. Mas a estrada está vazia, e a única coisa que oiço são cigarras. Faço inversão de marcha, o que me obriga a vários avanços e recuos neste veículo ridículo, e estaciono na berma, deixando a minha respiração voltar ao normal, esperando que o caroço desapareça. Daqui, consigo ver claramente a estrada, e se tivesse deixado escapar este sítio, não teria tido tempo de encontrar outro antes de eles chegarem a casa. Fico à espera, respirando o silêncio à minha volta.

Faróis. Um carro a aparecer e a desaparecer da minha vista enquanto serpenteia pela estrada em direção a mim. Tenho dois minutos. Embalo o motor, como se este tanque precisasse de qualquer persuasão adicional, e arranco, segurando o volante com força. O carro surge no meu campo de visão — aproximam-se lentos, cautelosos, sem pressas. Quando guino subitamente o volante e acelero em direção a eles, vejo a boca de Kathleen formar um «O» perfeito, antes de cobrir a cabeça e as luzes me encandearem. O impacto da minha guinada atira-me de volta para o meu lugar e travo rapidamente. O carro quase resiste ao meu comando, como que contrariado por ser interrompido. Enquanto esfrego a cabeça e olho para cima, a única coisa que vejo é o pó da estrada e uma falha satisfatoriamente grande nos arbustos cerrados na encosta da colina.

Paro o carro, enfio-o do outro lado da estrada e desligo as luzes. Ainda tenho algum tempo antes de regressar, deixar o carro de Amir no clube antes de recuperar o meu carro de aluguer e voltar para o aeroporto. Pego na minha lanterna e, com as mãos a tremer, enfio as luvas de látex, rasgando um bocado do polegar da mão esquerda. Os fósforos e o frasquinho de perfume vão para o meu bolso. Atravesso a estrada e detenho-me à beira do precipício. Os meus ténis não estão preparados para grandes escaladas e só consigo ver a distância a que o carro foi parar quando ligo a lanterna e ela mo revela, uns 15 metros mais abaixo, virado de rodas para o ar, amparado por um arbusto.

Devia mesmo voltar para trás, seguir para o aeroporto, deixar o local do crime limpo. Aconteça o que acontecer agora, posso escapar. Mas qual seria a piada de os meus avós morrerem sem jamais saberem do meu papel nisto tudo? É de vaidade que se trata, na verdade, e eu sou inexperiente na arte do homicídio — da próxima vez, não me permitirei semelhante

autocondescendência. Mas desta vez desço a colina, agarrando-me a caules de plantas rasteiras e rastejando para não cair no meio da escuridão. Alcanço o carro. É difícil dizer o que é que está a acontecer lá dentro, visto que os ramos parecem atravessar-se sobre as portas. Arrasto-me até ao carro do lado do condutor e viro a cabeça para cima, apontando a minha lanterna para o vidro. Jeremy encontra-se pendurado, a cabeça suspensa sobre o cinto. Parece ileso, tirando estar certamente inconsciente e de cabeça para baixo. Kathleen está claramente morta, pois qualquer pessoa precisa de ter a cabeça pegada ao corpo para permanecer viva, requisito esse que foi atenciosamente eliminado por um ramo de uma árvore.

Dou um safanão na porta de Jeremy, mas nada acontece. Por isso, tento a porta por trás do seu banco, e esta abre-se o suficiente para me permitir enfiar a cabeça lá dentro — mesmo por trás do seu apoio para a cabeça. Dou uma chapada naquela cara arrogante, agora magra e ensanguentada, e oiço a sua respiração irregular. Aproximo-me o mais que posso, o que é difícil, visto que ele está de cabeça para baixo e eu estou contorcida como um biscoito, e sussurro o seu nome. Os seus olhos abrem uma fresta e ele choraminga quando começo a falar.

— A Kathleen está morta, Jeremy, desculpa. Também não me parece que vás ter melhor sorte, mas não estás sozinho. Reconheces-me? Sou a Grace, a tua neta. A filha do Simon. — Ele estremece levemente. — Sim, a filha da Marie. Tenho tanta pena que nunca tenha sido possível encontrarmo-nos antes deste, digamos, dia tão triste. Mas a verdade é que foste tu quem quis que assim fosse, não foi? Não me querias nem perto da tua família. Não faz mal, Jeremy, na verdade, também não me parece que nos tivéssemos dado bem. Mas não foi muito simpático, pois não? Por isso, receio que agora tenhas de te ir embora. Não é por mim, bem vês, mas pela minha mãe. A família em primeiro lugar; eu sei que compreendes. Ah, e não és só tu e a tua mulher, Jeremy. Essa é a melhor parte de tudo isto.

Sacando do meu frasquinho de perfume, viro-lhe a cabeça para mim tão gentilmente quanto possível e olho para um único olho cinzento.

— Vou matar a tua família toda.

Enquanto o digo, dou-lhe um puxão na gravata até mim, e ele cai bruscamente. Puxo-lha do colarinho, enrolo-a cuidadosamente e enfio-a no

meu bolso. A minha pequena recordação de Espanha. Depois, abro o frasco e risco um fósforo.

¹ Grande loja de produtos de construção, bricolagem e decoração. (*N. do T.*)

Capítulo 2

As guardas martelam nas nossas celas às oito da manhã, entregam-nos o pequeno-almoço num tabuleiro e vão-se embora. Claro que não são ovos escalfados e café acabado de fazer. Dão-nos saquetas de chá, leite e duas fatias de pão de trigo fabricado de maneira tão económica que guardei uma fatia no mês passado só para ver o que é que lhe acontecia. Nada, como se veio a comprovar. Os cantos ficaram ligeiramente arredondados, mas, para além disso, a fatia de pão permaneceu preocupantemente na mesma. Fez-me lembrar uma história que nos contavam na escola sobre como, no século XIX, se vendia aos pobres um pão que era feito com giz e outras substâncias inacreditáveis para lhe dar consistência. É provável que as prisões, hoje geridas, na maior parte, por empresas privadas com nomes ridículos inventados com o intuito de transmitir uma ideia de comando, admirem semelhantes métodos e lamentem o dia em que foram introduzidos padrões alimentares. A verdade é que tenho muito pouco apetite aqui dentro. A dieta da prisão podia muito bem ser vendida a esses fanfarrões que promovem supressores de apetite e vitaminas duvidosas no Instagram. Experimentem comer papas insípidas três vezes ao dia, trocando o que sobrar por cigarros, e verão que o vosso velho fato de treino não tardará a ficar-vos apropriadamente largo mais depressa do que julgam.

Kelly pergunta-me se quero falar de algum assunto, inclinando a cabeça no que imagino que pense ser um gesto de simpatia. Ela sabe que o resultado do meu último recurso deverá chegar mais dia menos dia, e as suas recentes incursões na terapia de grupo parecem tê-la convencido de que tem um futuro brilhante como conselheira. Tenho de refrear a vontade que sinto de lhe dizer que nem a melhor terapia disponível em Harley Street me poderia ajudar por aí além e que, por isso, duvido que a sua disponibilidade para tentar contactar com a minha criança interior vá subitamente remediar seja o que for que ela imagine ser o meu problema. Para além de Kelly ser indiscutivelmente uma imbecil, penso que se dá demasiada importância a essa coisa de falar. Como a minha mãe costumava dizer «nunca te queixes, nunca te expliques» — apesar de ter morrido desavisadamente cedo e de me ter deixado o ónus de corrigir

os males de que foi vítima, que é a razão por que aqui estou. Um pouco mais de queixume talvez não tivesse sido assim tão mau, bem vistas as coisas.

Depois de Kelly ter percebido a minha dica e se ter afastado para ir aconselhar outra pessoa qualquer, instalo-me no meu beliche para começar a escrever a minha história. Não tenho muito tempo se quiser expô-la em toda a sua extensão — o resultado do meu recurso chegar-me-á brevemente, de acordo com o advogado de cara comprida que contratei, que veste fatos muitíssimo bem-talhados quando me vem visitar, mas estraga tudo com uns *mocassins* de tom berrante. Imagino que ele pense que estes lhe acrescentam um toque de personalidade, mas a mim dizem-me que é justamente por falta de personalidade que os usa. Talvez tenha sido uma mulher mais nova de um segundo casamento a comprar-lhos, na esperança de o fazer parecer mais jovem. Oxalá que não. A vaidade levada ao absurdo não é um traço que deseje particularmente ver num advogado com a missão de me livrar de uma pena de prisão perpétua, especialmente se os meus onerosos pagamentos o encorajarem a comprar mais coisas horríveis deste género.

Nasci há 28 anos, no Hospital de Whittington, filha única de Marie Bemard, uma jovem francesa que estava a viver em Londres há três anos quando ficou grávida de mim. Depois de ter dado à luz sozinha, levou-me de volta para o seu estúdio em Holloway, onde eu experimentei pela primeira vez o tédio e a claustrofobia dos espaços fechados e todas as alegrias limitadas de ter uma casa de banho no quarto. A palavra «estúdio» é uma descrição enganadora quando aplicada a um imóvel, convocando imagens de uma sala grande e arejada onde uma pessoa teria todas as condições para exercer a sua criatividade e talvez promover encontros chiques de pessoas maravilhosas debruçadas à varanda a fumar. O nosso apartamento ficava num quinto andar de um edifício com uma casa de frangos no rés do chão. O senhorio, quem sabe se no âmbito de uma experiência para ver quantas pessoas conseguia alojar num edifício vitoriano originalmente concebido para quatro famílias, tinha dividido os quatro andares em três apartamentos por cada um. A minha mãe e eu vivíamos numa única sala, com uma pequena claraboia que não abria (fosse por causa da incrível acumulação de caca de pombo, fosse porque o senhorio não queria que incorrêssemos na tentação de gritar por socorro aos transeuntes, nunca chegámos a perceber porquê). Isto parece tudo singularmente dickensiano, não? Mas não era. Não se esqueçam

da loja de frangos. A minha mãe dormia num sofá-cama, e eu tinha uma cama individual. Ainda hoje tenho acessos de culpabilidade quando penso no quanto ela trabalhava, em quão cansada estava, e em como, no entanto, insistia sempre em dizer que preferia dormir naquele sofá desengonçado. Sendo eu uma ainda criança egoísta, não pensei em oferecer-lhe a minha cama. Já adulta, tive possibilidade de me espojar numa cama de casal com colchão de espuma da John Lewis, mas nunca deixei de adormecer a pensar nela deitada naquele sofá, o que até acabou por estragar a minha extravagância, para ser sincera.

Marie tinha vindo para Inglaterra porque lhe tinham dito que era suficientemente bonita para ser modelo, e era. A minha mãe era extraordinariamente bela, com uma pele morena e cabelo castanho desgrenhado que usava sempre apanhado em cima, por muito que eu lhe implorasse que o soltasse. Tinha aquela onda natural das raparigas francesas que todas as *influencers* da moda hoje tentam copiar, com graus de sucesso variáveis. Sutiã, nunca. Calças largas e um fio de ouro comprido, de onde pendia um retrato em miniatura de um homem de idade cuja identidade se perdeu com o tempo. Antes de eu aparecer, tinha feito algumas pequenas campanhas, posando como modelo para algumas lojas da moda que há muito tinham desaparecido quando eu nasci. A Kookai, insistia ela, era a loja mais *cool* da altura, e guardava um póster enrolado em que ela aparecia, que estivera pendurado na montra da loja para uma campanha de outono. Nele, Marie aparece acorada no chão, um casaco de malha castanho disposto sobre os joelhos, cobrindo um vestido curto e uns ténis de plataforma, que tenho visto, lamentavelmente, regressar às lojas da moda.

A minha mãe era demasiado baixa para desfilar na *passerelle*, e a sua carreira nunca teve o impulso com que ela sonhava quando veio para Londres partilhar um apartamento com duas outras raparigas atrás do sucesso. Mas sem dúvida que se divertiu durante uns tempos. A vida noturna de Londres no início dos anos 90 foi, para usar as palavras de Marie, uma época de ouro. As noites no Tramp, um clube privado que abriu em 1969, eram quase tão glamorosas como quando Liza Minnelli as frequentava. À noite, quando eu não conseguia dormir, ela deitava-se ao meu lado na minha pequena cama e contava-me como o champanhe era servido com velas *sparklers*, e falava-me das banquetas em pele dos restaurantes onde ela jantava com atores e estrelas

do desporto com quem dançava até de madrugada. Podia-se fumar lá dentro, contava ela, e as mulheres mais ricas usavam peles descomplexadamente. A sua vida antes de eu aparecer parecia ser uma longa sucessão de festas e *castings*. Sempre achei que uma mulher abençoada com uma beleza tão inata não tem de se esforçar por aí além, e Marie nunca se preocupou muito com o dinheiro ou o futuro. Haveria sempre alguém para olhar pela rapariga francesa que nunca usava sutiã e só queria divertir-se. Há sempre alguém para focar a sua atenção na rapariga que desconhece o seu próprio valor.

Para além disso, a minha mãe já tinha conhecido o homem a quem viria a entregar o seu coração. O homem que se tomaria meu pai. O homem que lhe iria prometer o mundo e cobri-la de presentes. O homem que, em criança, jurei que iria destruir.

Capítulo 3

Ainda hoje fico tensa só de pensar nesse homem. Obrigo-me a respirar bem fundo. Sou uma mestre do autocontrole, mas não foi algo que tivesse aprendido naturalmente. Em criança, costumava ter tremendos ataques de cólera e atirava-me para o chão quando alguma coisa me desagradava, enquanto a minha mãe ficava a olhar para mim com uma expressão divertida e pedia desculpa às pessoas que estavam connosco. Esse sentido dramático ainda persiste dentro de mim, mas há muito que aprendi a contê-lo. Se queremos executar bem um plano, executar um conjunto de pessoas, não podemos deixar as nossas emoções em roda livre. Isso tornaria tudo muito atabalhado, e nada podia ser pior do que sermos apanhados por termos sido demasiado autocomplacentes no que diz respeito ao nosso autocontrole. Tal como quando era criança, acabei por sofrer a indignidade de ter de usar uma casa de banho a um metro da cama, mas pelo menos não foi por me ter denunciado graças a uma vocação insensata para o drama.

Um minuto depois, volto a respirar normalmente. Sabiam que Hillary Clinton praticou respiração alternada quando perdeu a eleição de 2016 para Donald Trump? E também recorreu ao vinho, claro está, mas perder para um tamanho ignorante exigia mais. A respiração alternada consiste em inspirar longamente por uma narina, expelindo o ar profundamente pela mesma cavidade nasal. Podem rir-se, mas ajuda-me a acalmar rapidamente, e ajuda muito conhecer técnicas destas na prisão, onde não podemos recorrer a fármacos ou a um bom copo de *Merlot* ao fim da noite. À noite, quando não consigo dormir e os meus pensamentos se voltam invariavelmente para a obra da minha vida, penso muitas vezes na Senhora Clinton, a concorrer contra aquele ruivo imbecil e extravagante. Quaisquer que sejam as suas políticas, ela fez frente a um fanfarrão que se recusava a reger-se por qualquer tipo de convenções ou decência. Uma pessoa assim pode levar-nos à loucura sem qualquer esforço, ao passo que nós empregamos todas as nossas forças só para não ceder e preservarmos um pouco da nossa humanidade. Hillary tinha uma vantagem em relação a mim. O seu opositor era um homem de quem ela se podia libertar na hora da derrota. O meu era o meu pai. OK, talvez a

vantagem fosse minha. Clinton não podia matar Trump, por muito que o desejasse. Quem me dera que ela tivesse essa oportunidade, acho que nos relaxa muito mais do que a velha técnica da respiração alternada.

Marie conheceu o meu pai em 1991. Antes de eu nascer, já ele a tinha abandonado. Ela certificou-se de que eu crescia rodeada de amor, mas quando entrei para a escola primária, tornou-se claro que este amor, por muito abundante que fosse, provinha de uma única direção. As outras crianças tinham papás, dizia-lhe eu, enquanto ela tratava do meu jantar ou me lavava o cabelo com água morna no lavatório. Ao princípio, a minha mãe tentou distrair-me, mas, quando eu tinha 9 anos, percebeu que a minha natureza obstinada estava a tornar-se mais forte e, um dia, depois da escola, pediu-me para me sentar e falou-me do meu pai. A maior parte do que sei hoje descobri através das minhas próprias investigações mais tarde, pois é óbvio que Marie me queria dar uma versão disneyficada do homem que renunciou voluntariamente à sua semente na minha concepção, sem considerar minimamente as consequências que daí lhe podiam advir.

Marie conheceu-o — onde mais poderia ser? — numa discoteca. Ele era um bocadinho mais velho, disse ela (mais tarde, descobri que era 22 anos mais velho. Como as jovens se têm em pouca conta...), e tinha-lhe enviado champanhe do outro lado da pista de dança. Marie tinha mandado o empregado embora, que ficara um pouco confuso, pois estava demasiado divertida a dançar, sem necessidade de um balde de *Veuve Clicquot*. Eu já fui a discotecas deste género e já vi homens como o meu pai, noite após noite, confortavelmente sentados em recantos obscuros, observando as jovens a darem um espetáculo a quem quer que elas imaginem que as esteja a ver, esperando ser convidadas para uma mesa onde alguém lhes irá oferecer bebidas proibitivamente caras. Se a minha mãe fosse como todas as outras raparigas, teria havido alguns passos de dança, uma troca de palavras ao ouvido, talvez mesmo a promessa de um jantar. E era aí que tudo teria acabado, mais uma bela rapariga, mais um homem rico com os seus privilégios. Acontece que a minha mãe mandou o champanhe para trás, e nunca ninguém tinha feito isso a este homem em particular. De vez em quando, evoco este momento no meu espírito. Gosto de imaginar que ele não suportou vê-la dançar com tanta alegria, repudiando as suas tentativas fáceis

de a impressionar. Parece que o estou a ver — a reavaliar a situação, obrigando o seu cérebro reptiliano a um esforço maior do que o habitual para se sair com um novo plano, uma maneira de comandar a atenção dela; de a vergar à sua vontade.

Duas semanas depois, ela esbarrou contra ele à porta de outra discoteca. Estava a chover e ela estava a tentar ocupar o seu lugar na fila, segurando o seu casaco por cima da cabeça enquanto andava aos encontros com os outros candidatos, esperançados de conseguir entrar naquele sítio exclusivo, todos ansiosos por experimentar a decadência que ali lhes era prometida, ou, pelo menos, encontrar abrigo para a chuva. Enquanto estávamos sentadas no sofá-cama, a minha mãe olhou para longe e a sua voz tomou-se suave, enquanto me descrevia como um carro desportivo de luzes apagadas estacionou à porta, arredando a patética multidão enquanto chiava ao travar. Quando me falou do meu pai, já ele a tinha tratado com uma crueldade que me faz arder o estômago; no entanto, ela falava dele num tom afetuosos, talvez mesmo pesaroso.

— Ele saiu do carro e atirou a chave ao arrumador que estava ali à espera. Só reparei nele por causa do barulho horrível do carro. E quando o vi atirar as chaves... bah... achei aquilo um gesto horivelmente arrogante, estacionar um carro no meio da rua daquela maneira.

Ela desviara o olhar, insistiu ela, enquanto os seguranças destrancavam as cordas de veludo vermelhas para o fazer entrar, e a multidão arremeteu para a frente, todos furiosos por continuarem ao frio. Foi então que uma mão lhe fez sinal, chamando-a à corda. Uma mulher de olhar severo, com uma prancheta na mão, acenou rapidamente com a cabeça, como quem diz «sim, tu», e Marie serpenteou através da multidão e apresentou-se aos porteiros. Fora encaminhada para dentro, explicou ela, e não estava nada inclinada a questionar a decisão, apesar de as pessoas atrás dela estarem a resmungar e a apupá-la. Quando estava a chegar à entrada das escadas, apareceu *ele* ao seu encontro, encostado à parede, braços cruzados, com um sorriso desdenhoso. Eu já vi aquele sorriso muitas vezes nos jornais. É quase a sua imagem de marca. Uma poderosa combinação de arrogância e charme. Uma combinação igualmente revoltante, pois não tardamos a perceber que, com homens destes, a arrogância leva sempre a melhor sobre o charme e, no entanto, quando nos apercebemos disso, já é tarde demais, pois a combinação inicial é altamente

inebriante e difícil de esquecer.

— Então, não queres o meu champanhe, mas aceitas a minha hospitalidade? — constatou ele, olhando-a de alto a baixo.

Para ser sincera, ainda hoje a censuro por não lhe ter virado as costas e ido embora logo ali. Mesmo quando tinha 9 anos e ela me reportou o primeiro encontro, lembro-me de pensar que aquilo era um começo verdadeiramente patético. Se eu alguma vez tinha imaginado que o meu pai pudesse ser uma espécie de figura mítica que tivéssemos perdido por um ato heroico, este foi o momento em que essa esperança inconfessada morreu. O meu pai era um reles charlatão com roupas caras, e a minha mãe engoliu tudo.

Imagino que tenha começado por jogar à defesa, repelindo-o com uma qualquer fórmula de humilhação e recusa à francesa, mas mesmo que o tenha feito, não valeu de nada. No dia seguinte, já ele tinha descoberto a sua morada e apareceu num descapotável cheio de flores. As suas companheiras de apartamento acordaram-na com gritos e gargalhadas, achincalhando-a por causa do inglês de boina que estava lá fora a buzinar e a parar o trânsito. Uma semana depois, levou-a para Veneza num jato privado, até à Praça de São Marcos para beber *cocktails* e lhe dizer que a amava. As manifestações extravagantes de afeto continuaram durante os meses seguintes, com saídas a dois para jantar, passar as noites nos seus clubes noturnos prediletos, fazer caminhadas ao sol em Hyde Park às segundas-feiras de manhã. As barreiras dela tinham sido demolidas, e já não era cautelosa e desdenhosa dos homens londrinos e das suas intenções. Marie também deixou de ir a *castings*, preferindo estar disponível no caso de ele telefonar — e ele telefonava-lhe amiúde. Mas só de segunda a sexta-feira, e raramente ficava a dormir com ela, queixando-se do trabalho ou justificando-se com a sua mãe já idosa, que precisava que ele ficasse com ela muitas vezes.

É impressão minha ou os vossos olhos acabaram de se revirar com tanta força dentro da vossa cabeça que vos fizeram pestanejar? Pois é. Podemos deter-nos na estúpida decisão da minha mãe de depositar a sua confiança num homem que usava grandes cintos de fivela e gostava dos Dire Straits, ou podemos prosseguir. Aqui onde estou, não tenho tempo suficiente para analisar a manipulação dele e a ingenuidade dela. Como é evidente, o meu

pai já era comprometido. Não apenas comprometido, mas casado e com um bebê, e vivia numa casa no alto de uma colina no Norte de Londres que tinha vários empregados internos, dois cães de raça, uma adega, uma piscina e vários hectares de terreno. Ele não era apenas comprometido, estava aparafusado.

Esta parte da história foi omitida quando me falaram sobre ele pela primeira vez. Não censuro Marie por ter disfarçado alguns pormenores mais delicados, que, em qualquer caso, eu provavelmente nunca teria compreendido. Em vez disso, a minha mãe tentou explicar-me porque é que o meu pai nunca me vinha ver, nunca me mandava um presente de Natal, nunca aparecia nas Noites dos Pais da escola. Dando-me palmadinhas no braço, Marie explicava-me que ele estava envolvido em grandes e importantes negócios que afetavam as vidas de milhares de pessoas, e que era por isso que não nos podia vir ver. Estava sempre a viajar pelo mundo, dizia ela. Ele amava-nos muito às duas, e quando chegasse a altura certa, iríamos estar finalmente juntos, mas agora, tínhamos de o deixar trabalhar e preparar-nos para o dia em que pudéssemos viver como uma família. Será que ela própria acreditava nisto? Penso nisso muitas vezes. Seria a minha inteligente e doce mãe assim tão — digamo-lo sem rodeios — estúpida? Talvez. As pessoas do meu sexo são muitas vezes dececionantes. Recordo-me de uma vez ter lido algo sobre um homem casado que convenceu a mulher de que era um espião. Convenceu-a a pôr todas as suas poupanças em seu nome, até a fabulosa quantia de 130 mil libras, dizendo-lhe que estava incógnito e que precisava do dinheiro para se aguentar até os seus colaboradores poderem contactá-lo em segurança. Ela nunca lhe tinha pedido provas das suas supostas atividades, de tão desejosa que estava que esta charada disfarçada de história de amor fosse real. Para agravar a sua humilhação, tinha posado voluntariamente para uma revista semanal e contara a sua história, parecendo subjugada e triste. Deveria eu ter pena desta pessoa, uma mulher adulta que sonhara com um conto de fadas, e que nem por um momento se questionara porque é que aquele homem a despojara — uma mulher na casa dos 50 (e que não parecia nem um bocadinho mais nova) — de tudo o que era seu? Marie estava um furo acima desta mulher e de outras como ela, mas era evidente que tinha uma idêntica capacidade para se deixar enganar.

Apesar de todas as promessas ridículas que Marie me fez sobre o meu pai

e a nossa eventual vida juntos, foi suficientemente sensata para só me dar informação seletiva sobre ele. Suficiente para estancar as minhas perguntas, sem me dar nada de muito concreto. Mas cometeu o erro de me mostrar a casa dele após um passeio a Hampstead Heath alguns meses depois. Perdemos-nos numa zona arborizada, e começou a chover. A minha mãe segurou-me pela mão e caminhou comigo por uma colina acima, tentando encontrar um caminho para a estrada principal onde talvez conseguíssemos apanhar um autocarro. Mas quando finalmente chegámos à paragem do autocarro, ela continuou a andar muito depressa, enquanto eu resmungava e enrolava o anorake à minha volta.

Apesar da chuva torrencial, caminhámos mais dez minutos por uma estrada particular, até que ela abrandou e finalmente se deteve.

Estávamos diante de uma casa e Marie olhou para ela em silêncio durante um momento, até eu puxar a sua mão impacientemente. Digo que estávamos a olhar para a casa, mas os enormes portões de ferro apetrechados com câmaras obstruíam deliberadamente a visão da propriedade. Nós vivíamos no quarto de um sótão numa estrada principal. Eu nunca imaginara que uma casa pudesse ser tão importante a ponto de ter de ser escondida das pessoas. Sem olhar para mim, a minha mãe fez um gesto quase reverencial na direção dos portões.

— Esta é a casa do teu pai — disse, ainda sem olhar para mim. Eu não sabia o que dizer. Sentia-me desconfortável ali esprechada em frente daquele casarão, encharcada até aos ossos. Marie deve ter reparado que eu estava a retroceder lentamente, tentando encorajá-la a regressar à segurança da paragem do autocarro e da nossa casa, por isso sorriu luminosamente. — Que pena o teu pai não estar em casa hoje, mas não é um encanto, Grace? Um dia vais ter o teu próprio quarto ali dentro!

Eu aquiesci, sem saber o que fazer. Ela pegou-me na mão, demos meia-volta e fomos embora, descendo a colina em direção a casa. Nunca mais voltámos a falar naquele passeio, mas enquanto crescia eu pensei muitas vezes naquele quarto que ela prometeu que um dia seria meu. Imaginei-o com um papel de parede cor-de-rosa e uma grande cama de casal, e talvez um armário cheio de roupas novas, mas quando comecei a aprofundar este assunto, percebi que Marie tinha mentido, e que jamais haveria quarto algum

para mim por detrás daqueles grandes portões. E mesmo então, recordo-me de ter percebido muito bem que algo de muito errado tinha sido feito a Marie e a mim.

E é isto o meu pai. Não é o que eu teria escolhido se tivesse sido consultada, mas é o que é. Algumas pessoas têm pais que lhes batem, outras têm pais que usam *Crocs*. Todos temos de carregar as nossas cruzes. Ainda não vos contei quase nada sobre a sua personalidade ou as suas raízes, pois não? Lá chegaremos. Mas se querem realmente perceber porque é que fiz o que fiz, tenho de começar por voltar à minha própria infância. Espero que não vos pareça demasiado autocomplacente, mas, mesmo que pareça, bem, a história é minha. E neste momento estou deitada num beliche numa cela impregnada de uma potente combinação de tristeza e urina, por isso, qualquer desculpa serve para me refugiar nas minhas memórias.

Eis algumas memórias antigas: Marie, sem dinheiro para comprar comida, pagar a luz, e, numa ocasião particularmente deprimente, nem mesmo para produtos de higiene. Levantar-me às seis da manhã para que Marie pudesse chegar a horas ao emprego, onde eu ficava sentada nas traseiras do café a fazer os trabalhos de casa. Ver a minha mãe tão cansada que parecia cada vez mais amarela e exaurida de dia para dia. Passar frio no inverno porque só usávamos o aquecimento no princípio do mês, quando Marie recebia o ordenado. Passar frio inspira-me um temor genuíno até hoje. Já adulta, paguei para ter radiadores extra instalados no meu apartamento, para grande perplexidade do meu senhorio, e despendi uma quantia obscena por uma colcha de pelo para a minha cama — que, olhando para trás, era mesmo horrível —, porque tinha de ter a certeza de que não iria voltar a acordar a tremer, como tantas vezes me acontecera em criança. O pelo pode ser pouco ético, mas, na verdade, é maravilhoso senti-lo contra o nosso corpo nu.

Marie lidou com a nossa falta de dinheiro e apoio o melhor que pôde. Os seus pais, críticos das suas escolhas na vida, como eles diziam, não lhe davam nada. Hortense veio almoçar connosco uma vez, numa das suas viagens a Londres, em que só posso assumir que aterrorizou as raparigas das lojas e fez chorar os empregados dos cafés por diversão. A minha mãe vestiu-me com a minha melhor roupa, que consistia num pulôver áspero que me tinha comprado na M&S num Natal (que eu detestava, mas de que ela se

orgulhava, porque era de lã verdadeira e tinha uma gola alta aos folhos), e umas calças de bombazina, que me beliscavam a barriga e tinham pertencido a outra criança que tinha andado comigo na escola primária. A minha avó disse-me olá, após o que se voltou imediatamente para a minha mãe e falou com ela em francês durante o resto do encontro. Marie respondia sempre em inglês, o que só parecia tomar Hortense ainda mais determinada. Enquanto saíamos do restaurante, Hortense baixou-se, levou a manga da minha camisola à cara e fungou. Disse qualquer coisa à minha mãe enquanto me dirigia um último gesto, e os olhos da minha mãe encheram-se de lágrimas. Foi a última vez que vi a velha bruxa. Quando Marie morreu, ela enviou-me uma carta, que eu não abri, optando antes por a rasgar aos bocados e mandá-la pela retrete abaixo em casa de Helene. Ela já deve ter morrido, mas espero que veja as notícias sobre mim. Espero que ela e o velho marido reprimido tenham sido assediados por um bando de jornalistas sem escrúpulos durante o meu julgamento, e rezo para que os seus vizinhos olhem para eles com desconfiança, ou pior: falsa simpatia.

Então, nós éramos pobres, e Marie não tinha ninguém, para além de Helene. Bea, a sua única verdadeira amiga, tinha apanhado um voo de volta para França depois de um caso amoroso malogrado e de uma agente de modelos que lhe dissera, por estas mesmas palavras, que devia tentar desenvolver um distúrbio alimentar se queria ganhar algum dinheiro. De vez em quando, a minha mãe escrevia longas cartas durante a noite, enquanto eu fingia estar a dormir. Sentava-se à mesa da cozinha, rasgando folhas de papel, e recomeçando tudo uma e outra vez. De manhã, as cartas estavam arrumadas sobre a mesa, prontas para ir para o correio. Eu não reconheci o nome até ser mais velha, quando descobri uma tentativa falhada no caixote do lixo e a repesquei.

Meu querido, sei que não podemos voltar a encontrar-nos, e sempre respeitei a tua decisão. Sabes o quanto eu te amo, e que eu nunca faria nada para te magoar ou comprometer a tua família. Mas a Grace está a crescer, e quero tanto que a conheças — só um pouco. Não te peço dinheiro, nem espero que alguma vez voltemos a experimentar a proximidade em que outrora nos comprazemos. Mas ela precisa de um pai! As vezes, inclina a cabeça e faz-me um sorriso distante, e é igualzinha a ti, o que me inflige um

misto de orgulho e dor que não imaginas. Será que podias vir ter connosco ao parque em Highgate num domingo, nem que fosse só uma hora? Por favor, responde-me, nunca sei se chegas a ler estas cartas.

A partir desta carta, fiquei a saber três coisas muito importantes. Primeiro, que bisbilhotar compensa quase sempre. Segundo, que o meu pai era casado e não queria ter nada a ver comigo, apesar das tentativas de Marie para me contar uma história diferente. E terceiro, e mais importante ainda, descobri o nome do galanteador que partiu o coração da minha mãe e nos deixou a viver na miséria. Eu já sabia o nome dele, aliás. A maior parte das pessoas sabe quem ele é. O meu pai é Simon Artemis. E é um dos homens mais ricos do mundo. Devia dizer era, quando ainda era vivo.

Isto é a campainha. Tenho de ir pôr a roupa a lavar... infindáveis lençóis enegrecidos para lavar e dobrar. O *glamour*, por vezes, é demasiado para que o consigamos suportar.

Capítulo 4

Os meus primeiros anos não foram nada como o que se vê naqueles livros terríveis que se encontram nas livrarias dos aeroportos, que normalmente têm títulos do género «Não, pai», o que até pode ser uma história de sofrimento inimaginável, mas que só se vendem porque as pessoas gostam de ler sobre a desgraça dos outros para depois se sentirem melhor consigo mesmas, e tudo para conseguirem sentir o mais ínfimo lampejo de simpatia ou horror. «Li isto e chorei rios de lágrimas, que história tão triste :(» é o tipo de comentário que normalmente se encontra num qualquer clube de leitura de mães *online*. «Oh, estiveste a ler sobre violência infantil e traumas persistentes e ficaste incomodada, não foi, Kate 1982? [Kate parece mesmo o tipo de nome de alguém que frequenta um sítio desses.] Tão grata por nos teres contado como isso *te* afetou».

Seja como for, a minha infância (pelo menos, na altura em que Marie era viva) teve alguns bons momentos. Eu era muito amada, e sabia-o — ainda que viesse tudo da mesma pessoa. As mães são propensas a providenciar amor de todos os ângulos, de tal maneira que muitas vezes só nos apercebemos de que nos falta o amor das outras pessoas muito mais tarde. Marie assumiu o peso das dificuldades e escondeu-o bem longe de mim. Claro que eu sabia que ela estava a lutar, as crianças sabem sempre, não é? Mas as crianças também são extraordinariamente egoístas, e enquanto ela fosse capaz de ir disfarçando as brechas, eu estava mais do que feliz a deixar-me levar. A minha mãe poupava os salários — do seu trabalho como empregada de um café no Angel, onde as bebidas quentes custavam pelo menos 3 libras e o bolo era feito sem farinha para as mulheres que tinham acabado de descobrir a sua intolerância ao glúten, bem como de mulher a dias em algumas casas de senhoras de Highgate que provavelmente nem sequer comiam bolo nenhum. De três em três meses, conseguia juntar o suficiente para me levar numa «viagem mistério mágica», que consistia apenas num passeio para ver o Cutty Sark, ou numa viagem de metro até Selfridges para ver as luzes de Natal. Uma vez, levou-me à feira em Hampstead Heath, onde comi algodão-doce pela primeira vez e ganhei um peixe num jogo do aro.

Pusemos o peixe numa jarra na cozinha e chamámo-lhe *RIP*², o que me pareceu bastante engraçado porque os peixes da feira nunca vivem muito tempo. Marie achou a piada cruel e alimentou o peixe, limpando a sua casa todas as semanas e acrescentando-lhe algumas plantas e uma pedra escolhida ao acaso. Eu não tardei a perder o interesse no peixe, mas sob os cuidados de Marie, *RIP* acabou por viver durante mais dez anos. Sobreviveu à minha mãe.

Marie e eu lutámos. Eu fui para uma bela escola primária, à entrada de Seven Sisters, onde fiz nada mais nada menos do que um amigo, um rapaz chamado Jimmy, cuja família vivia numa grande casa com uma quantidade excessiva de tapetes e almofadões e livros empilhados até ao teto em todas as divisões. A sua mãe era terapeuta e o pai era médico de clínica geral, e podiam muito bem ter mandado o filho para uma escola que não ficasse em frente de uma loja de penhores que fazia um bom negócio paralelo de venda de drogas duras. Mas eles tinham um grande cartaz do Partido Trabalhista à janela e carregavam uma grande dose de má consciência liberal em virtude da sua boa fortuna, e a educação de Jimmy era uma das maneiras que eles tinham de ajustar contas com ela. Jimmy continua presente na minha vida. Na verdade, a nossa relação como que amadureceu nos últimos tempos, se assim se pode dizer.

Podíamos ter continuado assim, Marie e eu. Eu fui para a escola secundária ao fundo da rua (inicialmente com Jimmy, que foi impiedosamente molestado por ser caloiro no sétimo ano e, por isso, foi mandado para uma escola privada que tinha cabras e onde se dedicava muito às artes — outro compromisso amarguradamente assumido pelos seus pais), e fiz mais alguns amigos. Tivéssemos nós tido mais tempo, e talvez Marie tivesse arranjado um emprego melhor, e quem sabe se não teria encontrado um homem decente para aliviar de alguns dos seus fardos. Eu poderia ter ido para a universidade, e mais tarde ter começado a ganhar dinheiro suficiente para cuidar da minha mãe, comprar-lhe um apartamento, oferecer-lhe um carro. Mas se tivesse sido esse o nosso destino, não estaria aqui a escrever isto, à espera que Kelly irrompa pela nossa cela para me tentar convencer a envolver-me numa conversa sobre as suas extravagantes proezas de autorreparação de trazer por casa. Em vez disso, Marie foi-se tomando mais lenta, mais soturna, e passou a dormir mais, a ponto de eu me levantar e ir para a escola, deixando-a na cama. Perdeu um trabalho de limpezas porque

não se levantava antes das onze da manhã, e uma qualquer bruxa com cara de fécula de batata numa casa com seis casas de banho e sem alma despediu-a por SMS às onze e meia da manhã. Doíam-lhe as costas, disse ela uma noite, em conversa com Helene no sofá enquanto eu dormitava na cama. Helene instou-a a ir ao médico, mas ela descartou a possibilidade.

— Quando é que eu não tive dores e achaques desde que cheguei a este país frio e húmido? — respondeu, a rir.

Quem sabe quão mal é que ela realmente se sentia? Eu certamente que não. As crianças são muito autocentradas e tendem a considerar os pais invencíveis. É assim que as coisas funcionam. Mas Marie quebrou o pacto. Dois meses depois, levou-me de férias pela primeira vez, para a Comualha. Ficámos num parque de caravanas numa falésia com vista para o mar e percorremos caminhos costeiros e eu comi imensos gelados. Marie bebia vinho à entrada da nossa caravana enquanto eu ficava estendida na relva a fazer-lhe perguntas sobre a sua infância em França, e como é que me podia tornar fotógrafa quando fosse grande, e se alguma vez gostaria de rapazes da maneira que os crescidos gostam quando eles pareciam ser todos tão imaturos como os da minha turma. Ela riu-se com esta. Riu-se bastante nessas férias.

Eu tinha acabado de fazer 13 anos quando se tornou óbvio que as suas dores não eram apenas um sintoma de excesso de trabalho e de preocupações constantes. Um dia, Helene foi buscar-me à escola mais cedo e levou-me até ao hospital. Marie tinha desmaiado no trabalho, e antes de eu a poder visitar, a única amiga da minha mãe mandou-me sentar numa sala de visitas e disse-me que a minha mãe tinha cancro. Tinha evitado ir ao médico e, tal como tantas outras mulheres que se preocupam muito com os outros, tinha descurado por completo as suas próprias necessidades. Não queria que eu soubesse, explicou-me Helene, mas eu merecia saber. Eu olhei para as lâmpadas cilíndricas de halogéneo por cima de mim e senti um zumbido nos ouvidos enquanto Helene me perguntava se eu seria capaz de me manter calma e valente à frente da minha mãe. Eu senti algo desligar-se no meu cérebro nesse momento, como se tivesse ficado subitamente em *standby*, sem conseguir funcionar em plena capacidade. Mais tarde, vim a saber que se chama a isto dissociação, quando o nosso cérebro se desliga para nos proteger do *stress* ou de um trauma. É um sentimento horrível, mas deu-me bastante jeito em alturas em que... bem... em que tive de fazer algumas coisas bastante

desagradáveis. Francamente, quando estamos rodeados de sangue e da voz de alguém a gritar pela vida, é um grande alívio desligar o botão.

Marie não chegou a voltar para casa, e, seis semanas mais tarde, a minha adorada e esgotada mãe tinha morrido. No breve período que mediou entre o diagnóstico e a morte, a minha mãe e Helene concordaram que eu devia ir viver com ela daí em diante — como se houvesse mais algum sítio para onde eu pudesse ir... Os meus avós nem sequer vieram ao funeral, que foi um encontro modesto de várias ex-modelos dos primeiros anos da minha mãe em Londres, com alguns dos seus colegas de trabalho e dos pais de Jimmy, John e Sophie. Fizemos-lhe um brinde no café do bairro onde costumávamos ir beber chocolate quente aos sábados de manhã quando precisávamos de fugir do frio e da humidade do nosso apartamento. E com isto, a história da minha infância está praticamente contada. Mudei-me para o apartamento de Helene em Kensal Rise, onde tive, pela primeira vez, o meu próprio quarto — uma pequena divisão que costumava servir para guardar as suas roupas e equipamento desportivo antigo, há muito abandonado. O peixe veio comigo e ficou esquecido na jarra em cima de uma cómoda. Helene nunca pensou vir a ter uma adolescente na sua vida, mas, em sua justiça, direi que fez o melhor que pôde comigo. Havia sempre comida, e dava-me dinheiro para passear e comprar roupa. Nunca o disse em

voz alta, não fosse eu ser fulminada por uma qualquer divindade vingativa, mas ganhei uma qualidade de vida muito superior à que tinha quando vivíamos no nosso quarto deprimente. Mudei-me para uma escola perto do seu apartamento, e tomei-me bastante independente quase de um dia para o outro. Helene trabalhava numa agência de modelos, e estava muitas vezes fora, por isso eu caminhava pelo parque da zona durante horas depois da escola para passar o tempo, ou então ia sentar-me na esplanada do bairro a bebericar um chá. Tudo menos voltar para aquele apartamento vazio e pensar em tudo o que tinha perdido.

Helene tinha limpad o apartamento da minha mãe e, apesar de não haver lá nada de grande valor, fez questão de me dar o anel de opala, que era o preferido da minha mãe, que encaixava perfeitamente no meu dedo e que eu passava o dia a esfregar constantemente. Também me deu uma caixa com cartas, documentos e fotografias dos tempos de juventude de Marie, incluindo o seu prezado póster da Kookai. Nunca os abri. Para além do anel,

não sou uma grande fã de relíquias sentimentais (claro que nunca consegui resistir a guardar algumas recordações dos meus crimes, mas isso dificilmente pode ser considerado um gesto sentimental). Mas um dia, ao espreitar debaixo da cama de Helene enquanto corria o apartamento à procura dos seus alisadores de cabelo, encontrei outra caixa. Esta era diferente da que eu tinha no meu quarto, que era enfeitada com flores e corações. Esta era parecida com as que eu costumava ver no gabinete do diretor da escola — formal e resistente. E tinha qualquer coisa cuidadosamente escrita de lado a tinta vermelha: «Grace/Simon».

Era evidente que eu ia ver o que estava lá dentro. Nem sequer hesitei. Ainda hoje não dou importância nenhuma à suposta privacidade dos outros — se deixarem alguma coisa ao pé de mim, eu espreito-a, assimilo-a, guardo-a na memória. Suponho que ter crescido só podendo contar com uma única pessoa fez com que precise de mais informação do que uma pessoa normal para confiar em alguém — ou talvez eu queira apenas entrar na vossa cabeça e ficar em vantagem. Nem sempre resulta, já ando de volta do diário de Kelly desde que aterrei nesta prisão, mas é difícil penetrar nos pensamentos mais íntimos de uma pessoa quando ela é tão completamente destituída de quaisquer pensamentos originais.

Esgueirei-me até à porta do quarto de Helen e deixei-me ali ficar, não fosse ela chegar a casa entretanto. A amiga da minha mãe testemunhou toda a breve relação entre os meus pais, mas nunca me deu nenhuma informação sobre ela, nem mesmo quando Marie morreu. Sei que ela achou que isso não iria ajudar-me em nada, e que me estava a proteger, por isso não forcei as coisas. Mas esta caixa podia dizer-me mais ainda do que ela. Helene era gentil, mas não se pode dizer que fosse de uma inteligência por aí além, e tinha um nível de compreensão bastante básico. Os seus programas de televisão preferidos davam todos na ITV, se é que isso vos diz alguma coisa.

Lá dentro estava um monte de papéis sem qualquer ordem discernível. Vi vários recortes de jornais, cartas e fotografias, tudo misturado, e comecei a seleccioná-los em montes distintos. Feito isto, comecei a olhar para as fotografias com a devida atenção. Algumas delas eram da minha mãe e das suas amigas em noites de diversão ou em discotecas sombrias pela cidade de Londres. Marie e Helene de minissaia, ambas a fumar, ou enquanto dançavam. Raparigas que eu não conhecia com garrafas de champanhe, a

borrifá-lo à sua volta. Enquanto percorria as fotografias, as raparigas começaram a desaparecer a pouco e pouco, aparecendo cada vez mais desfocadas e relegadas para os cantos das fotografias à medida que Simon assumia o protagonismo. Havia fotografias de Simon com outros homens, todos de camisa branca e com calças de ganga dispendiosamente gastas, com grandes fivelas de ouro nos cintos. Apareciam com os braços nos ombros uns dos outros, como se fossem colegas da escola, mas trincando grandes charutos, empunhando copinhos de álcool, olhando lascivamente para a objetiva. Depois, havia fotografias da minha mãe e de Simon, com ele a fazê-la rodopiar, ela com uma saia às bolinhas meio desfocada, mas com uma expressão perfeitamente nítida. Ela parecia arrebatada, torcendo a cabeça em diferentes posições para manter os olhos fixos no meu pai. Mas ele não olhava para ela, sorria afetadamente para a câmara. Não estava a olhar para ela em nenhuma das fotografias; em vez disso, aparecia a sorrir para os seus companheiros, que pareciam todos ansiosos por olhar para ele como Marie, ou então a fazer caretas para a câmara, a bater com os copos no balcão, a dançar em cima de uma mesa enquanto as pessoas aplaudiam, ou a prender galhofeiramente a cabeça de um empregado com um ar acossado enquanto os convivas em redor faziam caretas e aplaudiam.

É estranho percebermos que abominamos o nosso pai antes mesmo de nos ser dada a oportunidade de o conhecermos. Claro que eu sabia que ele tinha tratado mal a minha mãe, mas havia algo mais do que isso. A partir de um pequeno número de fotografias, comecei a ficar com a pele arrepiada só de o ver. A sua cara bronzeada e reluzente dava mostras de uma vaidade como eu nunca encontrara. A sua evidente necessidade de captar todas as atenções à sua volta era patética. Ocupava o espaço das outras pessoas — as mulheres eram relegadas para as margens, figurando apenas como belas apoiantes de Simon Artemis. O seu bando de velhos amigos parecia do mais matreiro que se pode imaginar — certamente o tipo de homens que seriam suficientemente espertos para se manterem discretos nestes tempos pós-#MeToo. Tudo o que ali vi me fez sentir um pouco maldisposta. Este homem, com aquelas roupas vistosas horríveis e a sua evidente necessidade de promover os seus níveis de testosterona a cada nova pose... este homem partilha e contribuiu para o meu ADN, o meu carácter, a minha existência. Uma vez mais, questionei-me se Marie teria conseguido esconder de mim um qualquer defeito de carácter

profundo — que mais poderia explicar este homem, esta escolha? Como é que ela podia ter cometido um erro tão grande?

Tinha 13 anos quando vi estas fotografias pela primeira vez. Não sei muito sobre as relações entre homens e mulheres, o conceito de patriarcado, a ideia de manipulação emocional ou sequer sobre os factos básicos da atração sexual. Simplesmente, vi este homem nojento exibindo abertamente as suas piores qualidades para a câmara, enquanto a minha adorada mãe não lhe tirava os olhos de cima. Nesse momento, detestei-a a ela também.

Enquanto voltava a enfiar as fotografias na caixa, reparei que o meu punho estava cerrado e que os músculos do meu pescoço estavam a começar a arder ligeiramente, o que era sempre sinal de uma dor de cabeça, mas eu sabia que, se não continuasse a vasculhar, poderia não voltar a ter outra oportunidade de o fazer durante uns tempos. Quem sabe o que é que Helene planeava fazer com aqueles documentos?

A seguir vinham os recortes de jornais, húmidos e desvanecidos. As parangonas eram uma mistura de negócios e notícias pessoais. «Simon Artemis compra cadeia de moda juvenil Sassy Girl», «Artemis criticado por condições de trabalho “exploratórias”», «Simon e Janine apresentam a sua filha perfeita», «Sir Simon? Rumores de uma possível condecoração para o CEO da Artemis Holdings». O último era de uma revista cor-de-rosa e tinha fotografias de Simon e da sua mulher (que eu agora sabia tratar-se de Janine), rodeados por cães felpudos, tapetes felpudos e ao lado de uma enorme árvore de Natal, que chegava até ao teto. Nos seus braços, estava a filha, que eu reparei chamar-se Bryony. Parecia ter cerca de 3 anos. Procurei a data do artigo. Os músculos do pescoço estavam cada vez mais quentes. Eu era 13 meses mais nova do que ela. A minha irmã era bebé quando Simon andava naqueles clubes, a galantear a minha mãe, prometendo-lhe sabe Deus o quê. As fotografias mostravam a mesma casa diante da qual a minha mãe tinha passado comigo naquele dia chuvoso em Hampstead, que parecia, mesmo aos meus olhos infantis, uma coisa hedionda. Janine (presumo que fosse Janine, dado que os homens continuam a partir do princípio de que cabe às mulheres cuidar da casa) tinha claramente uma paixão irresistível pelo cinzento e pela prata. Alguma vez viram uma lareira em prata? Não estou a falar de metal nem de tinta, mas sim de prata verdadeira. Importada de Viena, vim a saber anos mais tarde, quando fui autorizada a entrar por breves momentos em sua

casa para uma festa do pessoal. Janine era uma anfitriã graciosa, conversando um pouco com toda a gente como se fosse a rainha, e eu fiz-lhe muitas perguntas sobre a sua, digamos, singular conceção da decoração de interiores. É provável que ela não tivesse sido tão simpática comigo se soubesse dos meus planos para ela e para os seus entes mais queridos e próximos, mas tinha tanto orgulho naquela pavorosa lareira que é difícil ter a certeza.

Os recortes mostraram-me um pouco do que Simon fazia. Era dono, entre outras coisas, da Sassy Girl, da companhia aérea de baixo custo Sportus e de cerca de 1800 propriedades no Sudeste, cujo estado lhe valeu a alcunha de «O senhor do esterco». Também possuía alguns hotéis e meia dúzia de iates que podiam ser alugados à semana por qualquer pessoa que achasse que um hotel de cinco estrelas era uma despesa demasiado modesta para as suas férias. Naquilo que pode ser visto como a definição de um projeto de vaidade, em 1998, Simon e Janine também tiveram uma vinha, e produziram um vinho que eu presumo que terá sido comprado apenas pelos seus amigos e comparsas. Foi engarrafado sob o nome de *Chic Chablis*. Como se alguma coisa pudesse dizer-nos mais sobre uma pessoa.

A última coisa da caixa era um envelope creme grosso. Lá dentro estavam duas folhas dobradas. A primeira que abri era uma carta do próprio Simon. Estava escrevinhada à pressa, em tinta preta, com as palavras praticamente a romper o papel.

Marie, obrigado pela tua carta. Lamento saber que estás doente, mas o que sugeres é impossível. Como já te disse muitas vezes, a tua decisão de teres tido a tua filha foi apenas tua. Não tinhas o direito de imaginar que eu iria pôr a minha família e reputação em risco pelo fruto de uma aventura de seis semanas. Ainda assim, decidiste ter a bebé (que eu nem sequer tenho prova de que seja minha, aliás), e depois tentaste aliciar-me a vê-la. Esta ilusão tem de acabar. A tua filha não é, nem nunca será, parte da minha família. Eu tenho uma mulher, Marie! Tenho uma filha. É possível que venha a ser promovido ao pariato na lista de condecorações do ano que vem. Tens de parar de tentar impor-te na minha vida. Junto segue um cheque de cinco mil libras, o que é bastante generoso, mas visto que estás com problemas de saúde, parece ser a coisa certa a fazer. Em troca, exijo que cesses todo e

qualquer contacto. Simon.

A outra carta no envelope era a carta que a minha mãe tinha enviado e que provocara esta arenga medonha. Eu não queria ler as suas súplicas, ver a vulnerabilidade e a tristeza escritas pela sua própria mão. Era demasiado embaraçoso ver quão fraca era a minha mãe perante este homem. Ela era fraca, mas eu era forte, por isso, ia lê-la e reavivar a raiva no meu estômago, reforçá-la com aço e conservá-la comigo. Abri a carta.

Meu querido Simon,

Sei que me pediste para não escrever, e eu tentei respeitar a tua decisão, apesar de me entristecer. Mas tenho de te dizer que não estou bem. Não irei viver muito tempo, de acordo com os bons médicos do Hospital de Whittington (não fica muito longe de ti). Estou resignada, não porque deseje morrer, mas porque estou cansada. Estou cansada e já há muitos anos que não me tenho sentido bem, e a vida desde que tive a Grace tem sido difícil e não parece estar a melhorar. Mas não penses nem por um segundo que eu ponho as culpas na Grace. Ela tem sido uma luz no meio disto tudo. Gostava tanto que a tivesses conhecido quando era bebé, quando começou a andar, quando tinha 6 anos e insistia em que lhe chamassem «Crystal». Adorava que tivesses assistido à sua fase de rã, em que andou a palrar durante uma semana, em vez de falar, ou que a tivesses visto quando ganhou o prémio de desenho na escola. Perdeste tanta coisa, mas não tens de perder o resto. Eu, sim. Eu vou perder tudo o resto, e isso deixa-me tão ansiosa que nem consigo dormir, embora o barulho do monitor e da enfermaria também não ajudem muito, para ser sincera. Simon, tu tens de ficar com ela. Tens de contar à tua mulher que ela existe — ela não deixará de te perdoar por uma coisa que já aconteceu há tantos anos. Como mãe que é, como poderia permitir que uma criança vivesse sem os pais? O dinheiro que tenho não chega para assegurar que os anos de adolescência que aí vêm sejam brandos, e os meus pais nunca deixaram de estar zangados comigo por causa das minhas escolhas — não

posso deixar que o seu espírito em formação seja esmagado por eles. A minha amiga Helene ofereceu-se para a acolher, mas nada seria tão maravilhoso como estar rodeada da própria família. Não quero implorar, mas faço-o, em nome da tua filha. Por favor, faz o que está certo, sabes bem que és um homem bom e que não serias capaz de deixar a tua filha sozinha no mundo. Já não irei para casa, por isso escreve-me para o hospital, Piso 4, Enfermaria Beija-flor.

Com todo o meu amor e carinho,

Marie

Fechei a caixa, voltei a empurrá-la para debaixo da cama e verifiquei se não tinha ficado nenhum papel esquecido no chão que me pudesse denunciar a Helene. Depois disso, devo ter caminhado diretamente para fora do apartamento, porque dei por mim no parque do bairro, onde me sentei num banco e tentei desacelerar o coração. Bati na palma da mão com a outra mão e arrepanhei a parte de baixo do pescoço, tentando soltar o caroço que subitamente ali se tinha instalado. Sabia mais sobre o meu pai do que alguma vez soubera. Sabia que ele era rico para além do que era concebível. Sabia que tinha uma família, uma casa, uma lareira horrível. Era dono de empresas de que eu já tinha ouvido falar — Sassy Girl era uma marca de roupa que as raparigas da escola usavam. Era uma figura pública. A minha mãe tinha-lhe pedido ajuda quando estava a morrer (humilhando-me ao fazê-lo), e ele tinha-a rejeitado, repreendido e destruído. Apetecia-me correr para casa dele e saltar-lhe em cima, bater-lhe, enfiar-lhe os dedos nos olhos e martelar-lhe a cabeça contra aquele chão de mármore horripilante. Respirei lentamente, tentando focar a minha atenção no baloiço do parque infantil. Mas a raiva persistia. Eu sabia que já não iria desaparecer, por muito calma que me conseguisse mostrar exteriormente. Ao longo da minha vida, a minha mãe protegera-me da rejeição, do afastamento frio e insensível deste homem. E eu tinha-me sentido segura com todo o calor em que ela me envolvera. Mas, na hora da morte, a minha mãe já não podia continuar a absorver esta dor por mim. Eu sabia que não podia ir até à casa dele, tocar à campainha e pedir-lhe que me pagasse um qualquer preço vago por aquilo que tinha feito. Chegaria até aos portões de bronze e seria obrigada a voltar para trás. A família

Artemis estava claramente habituada a erguer barreiras e a afastar quem quer que os viesse incomodar — devedores, fãs, pedintes e crianças indesejadas. Percebi que teria de esperar, sentar-me e arquitetar um plano para quando fosse mais velha e mais capaz de estabelecer contacto com eles. Este pensamento reconfortou-me. Tinha cinco anos pela frente até fazer 18. Cinco anos para pensar numa maneira de fazer a família Artemis sofrer. Ainda me recordo deste momento com grande vividez, e já pensei nele muitas vezes desde então, sempre com um sorriso. Porque mesmo aos 13 anos (e apesar de eu ser demasiado boazinha nessa altura para me permitir pensar nisso explicitamente), já me reconfortava pensar que um dia, quando fosse crescida, iria fazer com que eles soubessem, soubessem mesmo, o sofrimento por que nós tínhamos passado.

²¹ Acrónimo de «*rest in peace*», isto é «que descanse em paz» ou «paz à sua alma», em inglês. [A. do Z]

Capítulo 5

Eu não queria assim tanto matar Andrew Artemis. Era algo que tinha de ser feito, claro está, eu sabia disso e nunca vacilei, mas não estava preparada para que um deles fosse tão, digamos, simpático. A investigação que eu tinha feito sobre os seus parentes tinha sido exaustiva e meticulosa, mesmo obsessiva, poder-se-á dizer. A partir daí, ficara a saber exatamente quão moralmente corrompida era aquela família, o que tornava muito mais fácil focar-me na tarefa que tinha pela frente, sabendo que não estava a tirar nada de decente ao mundo. Suponho que, na minha cabeça, tinha começado a justificar toda a minha demanda pessoal como uma causa pública. A família Artemis era a personificação do capitalismo tóxico, um vazio moral, um ícone de ganância. Meu Deus, eu era insuportavelmente jovem.

A facilidade com que despachei Jeremy e Kathleen encorajou-me. Foi uma sorte, na verdade — uma guinada súbita no volante e eles sumiram-se por um desfiladeiro abaixo, sem um único arranhão no carro de Amir para levantar suspeitas. Tantas coisas que podiam ter corrido mal, tantas coisas que me fazem estremecer quando olho para trás. E se alguma coisa tivesse corrido de maneira diferente, talvez eu tivesse perdido a calma, reavaliado os meus planos, ou pior — talvez tivesse sido apanhada. Mas não fui. Tive um póquer de ases nessa noite. Francamente, a maneira quase obsequiosa como os meus avós morreram rapidamente nessa noite fez-me continuar. Pelo menos, sempre tenho alguma coisa por que lhes agradecer.

Andrew era filho de Lee, o irmão de Simon, e era provavelmente o membro da família sobre o qual era mais difícil recolher alguma informação. Não estava presente em nenhuma das grotescas festas de família, onde empregadas vestidas como pavoas (agradeço às colunas de mexericos por esta imagem) e linhas de cocaína dispostas em bandejas de prata eram oferecidas aos convidados por anões com chapéus de coco. Não estava no iate da família quando chegava o verão, besuntado e estendido no convés com Bryony e os seus amigos magros e bronzeados. Nem sequer tinha um emprego de fachada no quartel-general dos Artemis, o edifício que avultava ao largo de Grey Portland Street, onde um *Bentley* cinzento imaculado

repousava cá fora sempre que Simon estava no escritório, no que parecia ser uma nova versão do hastear da bandeira sempre que a rainha está em casa. Nem mesmo Tina, a minha informadora sobre os Artemis — uma pessoa de quem me tomei amiga a contragosto quando lá trabalhei (lá chegarei) —, me conseguiu ajudar por aí além quando andei a procurar obter informações sobre ele, limitando-se a dizer-me que achava que Andrew «talvez tivesse seguido o seu próprio caminho» quando eu lhe enviei uma mensagem a perguntar porque é que ele não vinha mencionado na cobertura que uma revista tinha feito sobre o baile de caridade anual dos Artemis. Como de costume, não pude pressioná-la demasiado sobre estes assuntos. Tinha de deixar que fosse ela a conduzir as conversas, para não levantar suspeitas, e o meu primo não lhe despertava interesse nenhum.

Soube que alguma coisa se passava quando Andrew não apareceu no funeral dos avós (um evento que foi deliciosamente estranho testemunhar a uma distância respeitosa). Eu não desisti. Quando vi que não o conseguia localizar pelo Facebook, instalei um alerta Google para o meu primo mais novo e aguardei pacientemente. Por fim, encontrei uma referência a Andrew num jornal *online* gratuito, no perfil de trabalho que um qualquer velho excêntrico estava a fazer sobre as rãs dos pântanos na região dos pauis de Londres Oriental. Depois de ter percebido exatamente o que eram pauis, constatei que Andrew, talvez ainda mais do que eu, se tinha desviado para bem longe da família Artemis. O que é dizer muito, tendo em conta que a minha existência tinha sido negada logo à nascença.

Andrew não estava a tentar destruir os pauis para construir uma fábrica e empregar crianças para fazer roupas de poliéster inflamável, nem tinha por objetivo apanhar as rãs dos pântanos para usar as suas peles para fazer malas, como teriam sugerido os outros membros da sua família se as margens de lucro fossem boas. Não, ele estava a fazer *voluntariado*, ajudando a observar os hábitos de acasalamento, garantindo que estas criaturas repugnantes tivessem um sítio para viver e prosperar. E sem receber dinheiro quase nenhum. Sinceramente, se não tivesse mandado os seus avós para fora daquela estrada poeirenta em Marbella, acho que eles próprios o teriam feito se soubessem o rumo que o neto estava a dar à sua vida.

Rapidamente se tomou claro que o trabalho que eu tinha arranjado no grupo Artemis de nada valeria se quisesse tentar aproximar-me de Andrew.

Na verdade, desconfiava que jogaria ativamente contra mim. Com base nas perguntas casuais que fiz quando trabalhei na sede da Artemis (o que contou muito pouco, dado o meu estatuto desoladoramente baixo), parecia que o meu primo se tinha demarcado da família há alguns anos, mal falando com os pais de ano para ano. É irónico, na verdade, de acordo com a definição de Alanis Morissette (quem sabe o que é a ironia, afinal?), que tenha passado tanto tempo a tentar infiltrar-me no círculo íntimo dos Artemis quando o meu primo se empenhou em fazer exatamente o contrário. Mas apesar das suas evidentes intenções de viver uma vida diferente, continuava a ser um deles. Continuava a poder ser recebido de braços abertos se um dia se cansasse de ajudar as repelentes rãs a gentrificar Londres Oriental — o que, admitamo-lo, se afigurava bastante provável. E, o que era crucial: continuava a ser um potencial beneficiário quando toda a família morresse (e, como sabem, eu estava a fazer o que podia para acelerar a chegada desse dia). Por isso, fiz o que tinha de fazer. Investiguei rãs, comprei um blusão impermeável horrível e inscrevi-me numa atividade de voluntários no projeto do paul de Walthamstow.

Uma vez vi um daqueles filmes «baseados em histórias verídicas» que passou fora de horas num domingo à noite no Canal 5. Era sobre uma mulher cidadina de altos voos que decidiu parar com tudo para ir viver uma vida simples de cuidadora de cabras nas montanhas. Renunciou às suas malas de marca (o olhar obviamente masculino do realizador teve aqui o seu peso) e à sua vida monótona. Viu a pureza na terra, na natureza, em voltar para a terra. As imagens eram aliciantes, a personagem principal usava sobretudos imaculados e o Sol brilhava — e por breves momentos fiquei seduzida (antes de me lembrar dos meus prementes objetivos de extermínio familiar). A única coisa que quero sublinhar é que o projeto do paul de Walthamstow nunca será o cenário de algo remotamente parecido. Ninguém voltará deste local natural em particular com uma história inspiradora para contar. Ninguém irá perceber que o nosso maior amor na vida é amarmo-nos a nós mesmos com uma touca na cabeça e luvas de borracha nas mãos para não contaminarmos a zona sagrada das rãs.

A receção aos voluntários teve lugar num 1.º de Maio pegajoso, e eu fui para lá de comboio desde Kings Cross, com óculos de lentes claras, sapatos confortáveis, uma parca e um chapéu de balde. Sentia-me completamente

invisível, o que era desconcertante e, ao mesmo tempo, interessante. Ninguém me olhou de relance, nenhum homem me sorriu. Até levei um farnel, coisa que sempre considere um sinal de alerta em qualquer pessoa com mais de 8 anos. De acordo com o Google Maps, os pântanos não ficavam perto de nenhum café conhecido, e eu não ia arriscar ingerir comida que pudesse ter sido contaminada com qualquer coisa que fosse remotamente selvagem e da Zona 4.

O centro de visitantes era uma coisa soturna. E isto já é uma descrição lisonjeira — não imaginem um complexo bem iluminado com sinalética bem desenhada ou uma casa de banho de serviço. Era uma cabana com uma chapa ondulada de ferro a fazer de teto, com um conjunto de pósteres infantis de ervas daninhas rabiscadas e um ou outro pássaro. Roger, o homem que geria o projeto dos pauis, estava lá para dar as boas-vindas às duas pessoas que tinham vindo. Eu estava ligeiramente chocada por haver alguém que tinha vindo voluntariamente trabalhar num pântano sem que isso lhe desse a menor oportunidade de eliminar um membro da família. Mas aqui estávamos nós. Lucy, como se apresentou a Roger e a mim, era uma mulher de 30 anos que trabalhava em tecnologias de informação, mas sempre desejara passar mais tempo em contacto com a natureza. Tinha ar de quem não estava regularmente exposto à vitamina D, pálida e com o rosto consumido. Esforcei-me para manter uma expressão neutra, vendo os olhos de Roger iluminarem-se enquanto acenava entusiasticamente com a cabeça em concordância com cada palavra que ela proferia.

— Vieste para o sítio certo, Lucy! — disse ele. — Podemos não ser património mundial da UNESCO mas, como eu costumo dizer, estes pauis são mesmo a oitava maravilha do mundo! — Os seus olhos desapareceram na pele encarquilhada que os envolvia quando se riu. Imagino que repetisse aquela tirada pelo menos uma vez por dia e cismeï se ele não teria uma mulher que desejasse que eu me visse livre dele também.

O meu colete com capuz era perfeito. Lucy trazia um parecido, ao passo que Roger parecia estar um passo à nossa frente e apresentava-se engalanado naquilo que só consigo descrever como um macacão à prova de água. Foi-nos oferecido um termo com chá, enquanto Roger se inclinava contra a mesa da receção e descrevia o que seriam os nossos deveres. Apesar de repetidas garantias de que iríamos entrar no extraordinário mundo da conservação, os

nossos deveres pareciam resumir-se, em grande medida, à extração de ervas daninhas. Isto era muito importante, de acordo com Roger, para manter o delicado equilíbrio ecológico do local. Da recepção, fomos encaminhados para uma pequena excursão pelos paus, que nos tomou um total de 25 minutos. Talvez dizer «paul», no singular, tivesse sido mais apropriado.

Era uma coisa deplorável, que devia muito pouco à beleza. Havia uma garça-real abandonada, especada a uma certa distância, e um turbilhão de moscas a zumbir à volta dos juncos, mas, para além disso, não era um sítio vibrante de vida selvagem — e também não era especialmente concorrido por visitantes. A certa altura, Roger murmurou qualquer coisa sobre o centro de lazer local e como o seu financiamento fora tremendamente valorizado a certa altura, e o seu rosto ensombrou-se. Imaginem que a vossa némesis era um centro de lazer.

Lucy parecia genuinamente interessada nas atividades, fazendo perguntas detalhadas sobre a utilização das redes e a compostagem. Eu permaneci calada, acenando com a cabeça, e sempre à procura do homem que pudesse ser Andrew. A julgar pelas poucas fotografias que o mostravam numa fase mais jovem, era um tipo alto, magro, com cabelo loiro-claro e dentes enervantemente simétricos. Moderadamente bem-parecido, talvez merecesse um segundo olhar num bar, bonito para os padrões habituais de Londres. Mas, para além de Roger e de uma velha senhora, que me fazia lembrar vagamente a senhora da furgoneta de Alan Bennett e que estava a roçar algumas plantas inidentificáveis, não havia mais ninguém em redor.

Ironicamente, Roger não nos deixou fazer nada de prático nesse dia, dizendo-nos que o trabalho era muito sensível e insistindo em que passássemos, em vez disso, uma hora na cabana a estudar os requisitos de saúde e segurança. Isto consistia essencialmente em repetidos alertas sobre as charcas, meia dúzia de poças minúsculas, pensara eu, mas Roger informou-nos, num tom grave, que eram muito mais profundas do que poderíamos imaginar, e que a sua real dimensão era ocultada pelos juncos. Temos de ter muito cuidado quando trabalharmos perto deles, pois um passo em falso pode ser um grande problema, mas nem Lucy parecia muito convencida disto.

À medida que a iniciação se aproximava do final, Roger fez uma pausa reverente, olhando para o céu, como que pedindo autorização para falar.

— E agora, o momento de que estou certo todos estão à espera — arreganhou um sorriso. — AS RÃS! Existem apenas — disse Roger com um sorriso — duas espécies nativas de rãs neste país: a rã vulgar e a rã verde. Encontram-se geralmente em águas chãs e nos jardins. Mas aqui temos um freguês mais exótico. Oh, sim, aqui temos a RÃ DOS PÂNTANOS. — Aguardou um burburinho de aprovação, ao que Lucy correspondeu, e prosseguiu. — A rã dos pântanos é um freguês muito especial. Um companheiro nosso chamado Edward Percy Smith trouxe 12 da Hungria em 1935, e elas escaparam dos confins do seu jardim e multiplicaram-se. Espertalhonas — disse ele, acenando com a cabeça, como se as rãs tivessem um qualquer plano para colonizar as

Ilhas Britânicas.

Fomos guiados até às margens do lago principal e instruídos para permanecermos quietos. Roger devia pesar pelo menos 100 quilos, no entanto, movia-se com a destreza de um gatuno experimentado.

— Não podemos assustá-las — murmurou, enquanto estudava a cena.

Enquanto ali estávamos, perguntei-me se esta seria realmente a melhor abordagem para encontrar Andrew. Comecei a antever fins de semana passados com Roger à espera destas criaturas, com a lama a introduzir-se-me nas botas e a chuva a arrefecer-me os ossos, e senti-me algo derrotada. Mas não tinha alternativas melhores. Andrew era a próxima pessoa na minha lista e, quando tenho um plano, não gosto de me desviar dos meus objetivos, pois isso desestabiliza tudo.

Após uns 13 minutos de um silêncio desconfortável, com Roger a andar de um lado para o outro em busca das rãs e Lucy imóvel como uma estátua, o seu corpo quase sussurrante de expectativa, houve um movimento. O velhote fez-nos sinal com uma mão e dobrou um dedo para nos chamar. Nós avançámos em bicos dos pés por entre os juncos, esforçando-nos por conseguir avistar o prometido animal. A julgar pelas descrições, estava meio à espera de ver uma criatura gigante e multicolor, com uma pele reluzente, pulando à volta com alegria e abandono. Em vez disso, curvámo-nos e vimos uma partícula verde e lodosa, cujo único ornamento eram algumas linhas verde-claras no dorso. Era a coisa mais inflacionada que alguma vez vi, e Sophie já uma vez me obrigara, a mim e a Jimmy, a ver *A vida é bela*.

Assim que nos aproximámos, a rã correu (uma rã consegue correr?) de volta para os juncos, e Roger lançou-nos um olhar de reprovação, como se tivéssemos tentado trespassá-la com flechas.

— Pois é, ainda não aprenderam como elas se comportam. Talvez consigam ver um acasalamento para a semana! Estamos na época própria. — Resolvendo jamais saber como era o comportamento de uma rã de aspeto banal, segui Roger e Lucy de regresso ao centro de visitantes para recolher as minhas coisas. Quando estávamos para ir embora, espreitei um quadro de avisos onde estavam penduradas fotografias do pessoal e dos voluntários, com notas impressas na fonte Comic Sans a explicar quem era quem. Sem me importar com o que Roger ou Lucy pudessem pensar, aproximei-me imediatamente. E lá estava ele. Levei um minuto a encontrá-lo, deixando os meus olhos a procurar o príncipe bem-parecido que vira nas fotografias. Mas, na fotografia, ele tinha um rabo de cavalo e... um grande brinco feito a partir de uma concha. Já nem no mercado de Camden se encontram bugigangas *hippies* como aquela. Que terrível desgrça se teria abatido sobre Andrew, para que ele fizesse semelhantes escolhas na vida? Mas ele tinha ido mais longe, com um alargador de orelha no outro lado e um colar em madeira que sugeria que tinha tirado e desperdiçado convictamente um ano sabático.

Olhei para a fotografia por mais tempo do que era provavelmente aceitável, antes de, como quem não quer a coisa, tentar fazer perguntas a Roger acerca dos seus colegas.

— Há a Linda, que provavelmente já viste lá fora a arrancar ervas daninhas. — Baixou o tom de voz. — Sente-se só, pobrezinha, preocupada com o marido, que sofre de demência.

Interroguei-me se arrancar ervas daninhas do *habitat* de uma rã seria realmente preferível, e cheguei à conclusão de que talvez fosse. Antes disso do que ajudar o homem com que um dia sonháramos a ir à casa de banho.

— Depois há a Phyllis; Phil, como nós lhe chamamos. Tem a língua um bocadinho afiada, mas tem muito jeito para receber as visitas de estudo. E depois temos o jovem Andrew. Faz investigação sobre vida selvagem e sabe muito de conservação. Temos muita sorte de o ter aqui; formou-se em Ecologia em Brighton e ganhou uma bolsa para fazer identificação de espécies não-documentadas na Austrália no ano que vem. Já lá têm 240 tipos

conhecidos — disse ele melancolicamente.

— Ele está por aqui? — perguntei eu, fingindo desinteresse.

— Hoje não; está num seminário sobre os fungos na população em geral.
— Devo ter parecido alarmada, porque ele apressou-se a acrescentar: — Nas RÃS, claro! —, e riu-se ruidosamente.

Finalmente liberta do dia de experiência, juntei as minhas coisas, alegando um compromisso e dizendo que tinha de me despachar. Receava que Lucy quisesse regressar comigo, e estava horrorizada com a ideia de passar três quartos de hora num comboio a recapitular os acontecimentos do dia com alguém que tinha colocado uma fasquia tão baixa para o seu novo *hobby*. Mas estranhamente ela ficou, e Roger parecia entusiasmadíssimo com isso, oferecendo-lhe outra chávena de chá e perguntando-lhe o que é que sabia sobre tritões. Eu tive esperança de que aquilo não fosse a sua ideia de uma linha de conversa romântica e fugi.

E foi assim. Todos os sábados ia servir Roger no seu pequeno reino do tédio. Todos os sábados arrancava ervas daninhas, limpava trilhos e tentava não me sentir insultada por Lucy estar a trabalhar tão estreitamente com Roger na manutenção das rãs enquanto eu fazia o trabalho manual. Das suas cabeças muito juntas, chegavam-me palavras entrecortadas e risos ocasionais enquanto ele lhe mostrava como armadilhar e marcar as rãs, para quê nunca chegarei a saber. Soube depois que a rã dos pântanos não é uma espécie rara ou valiosa, nem está, de modo algum, ameaçada. Não havia anfíbios que precisassem dos cuidados desvelados de Roger, estas criaturas do pântano ter-se-iam saído perfeitamente bem sem o olho vigilante de um homem de 50 anos calçado com o que eu suspeitava serem umas pantufas *Hush Puppies*.

A única coisa que me deteve de matar deliberadamente alguns destes animais à paulada e abandonar o centro de uma vez por todas foi Andrew. No meu primeiro turno a sério, localizei-o imediatamente, limpando o trilho que levava aos charcos, trauteando uma música qualquer (de que género não consegui perceber, visto que os seus enormes auscultadores a abafavam por completo, mas suponho que seria algo tipo UB40). Esperei pelas inevitáveis apresentações e, entenda-se, à hora da pausa, Roger trouxe-o para nos vir conhecer. Enquanto nos cumprimentávamos e Lucy papagueava sobre quão interessante era o nosso trabalho, eu assimilei-o. O cabelo comprido, quase

até aos ombros, era desmazelado e bastante espigado. Trazia umas calças caqui e um colete cinzento antigo, e tinha as unhas incrustadas de terra e sujidade. Mas era espadaúdo e fisicamente rijo, com os músculos claramente desenhados pelo trabalho manual e não num qualquer ginásio da moda. Se se tivesse lavado, seria fácil de ver como é que o meu primo se encaixava na família Artemis. Tinha uma cara simpática, mas os seus olhos tinham o mesmo matiz cinzento que os do meu pai, e quando ele se voltou para o lado, vi que tinha o mesmo perfil de Jeremy. Teria também a mesma arrogância? Era difícil de dizer.

Contei-lhe a mesma história vaga que tinha contado a Roger e a Lucy. Eu era Lara, uma agente imobiliária do Norte de Londres, tinha acabado de me separar do meu namorado de longa data, estava à procura de um novo desafio e tinha um fascínio pela conservação e pela renaturalização desde a universidade. Tinha dado a mim mesma o nome da mãe dele para ver se isso o desestabilizava mas ele nem pestanejou. Em vez disso, acenou a cabeça entusiasticamente e disse-me que também tinha começado a desenvolver este interesse em particular na universidade. Pelo menos era um bom começo.

Nesse primeiro dia, Andrew estava ocupado a reparar a vedação que tinha caído, enquanto o estranho casal formado por Lucy e Roger estava ocupado com rãs e eu limpava o centro de visitantes. Quero apenas sublinhar que ainda não tinha visto um único visitante, mas Roger estava cheio de expectativa com uma visita de estudo na segunda-feira.

— Exatamente aquilo de que os nossos jovens precisam, a grandeza do ar livre... nada dessa monotonia do centro de lazer.

Eu observei Andrew a trabalhar, reconstruindo a vedação sem esforço, absorto no seu trabalho. Se não fosse tão parecido com o avô, ter-me-ia convencido de que encontrara a pessoa errada. Este homem era despreocupado, simples, trabalhador. Eu era capaz de apostar que ninguém na família Artemis tinha feito um dia de trabalho físico para aí desde 1963, a menos que pisar as outras pessoas para obtermos o que queremos possa ser considerado trabalho árduo.

Tive de pensar num pretexto para ir falar com ele, e como pedir conselhos sobre a melhor maneira de limpar a cozinha minúscula não iria funcionar, esperei até que todos viessem almoçar e levei as minhas sanduíches para o

sítio onde ele estava sentado, de olhos fechados, a assimilar o sol da primavera.

— Está-se tão bem aqui fora — arrisquei. — Estou tão cansada de trabalhar num escritório atrás de lucros e a aldrabar cinicamente os meus clientes.

Certo, foi um bocadinho óbvio demais, mas obtive a reação certa. Muitas vezes, as pessoas só querem que coloquemos à sua frente um espelho das suas próprias opiniões. Isto verifica-se especialmente no caso dos homens, e por muito que Andrew se apresentasse como um ecocombatente de esquerda, a verdade é que não fugia à regra.

— Meu Deus, isso é TÃO verdade! — disse ele, voltando-se para mim, a sorrir. — Este sítio é o meu santuário. Não consigo suportar a maneira como nós, enquanto sociedade, fomos aliciados por aqueles que têm tudo, atrás de ganhos impossíveis, tudo para que as grandes corporações possam lucrar ainda mais com o nosso trabalho.

Ok, afinal isto ia ser ainda mais fácil do que eu pensava. Ao fim de 13 minutos de conversa sobre o capitalismo e os males do império, falei-lhe um pouco da «minha» família, os Latimer. Claro que não utilizei os seus verdadeiros nomes nem expliquei que Sophie e John não eram os meus pais biológicos, mas contornei isso, falando-lhe da minha família liberal que se manifestava contra as alterações climáticas e votava no Partido Trabalhista, na esperança de assim o levar a abrir-se sobre os seus próprios parentes.

— Imagino que com a tua família tenha sido a mesma coisa, enquanto crescias... — disse eu, enquanto me servia da sua taça de azeitonas *Waitrose*. A posição do seu corpo alterou-se um pouco, enquanto coçava o pescoço com o dedo mindinho.

— Não, na verdade. Eu descobri estas coisas todas por mim próprio. Não recebi grande coisa dos meus pais no que toca a orientação ideológica. Demasiado ocupados a divertirem-se, a fazer dinheiro... quer dizer, a gastar dinheiro, suponho eu. Fui educado nos melhores colégios privados, tive amas, uma boa casa, e, durante uns tempos, acho que me deixei levar por essa via. Aos 16 anos, era interno de uma fundação e usufruía de todas as coisas boas que a minha família tinha para me oferecer. Mas a universidade transformou-me, fez-me ver a verdadeira desigualdade pela primeira vez na

vida. As pessoas pensam que Brighton é uma cidade rica, estás a ver? Mas tem verdadeiras bolsas de pobreza, e os outros alunos... bem, eram todos tão envolvidos e ligados ao mundo real, estás a ver? Fez-me sentir vergonha de mim mesmo, estás a ver?

Assumi caridosamente que os constantes «estás a ver» eram um tique nervoso e esforcei-me por ver para além disso.

— Ainda bem para ti — disse eu, apertando-lhe o braço. — É preciso coragem para abrir realmente os olhos. — O que, na verdade, não é bem assim, pois há sempre um fundo fiduciário de muitos milhões de libras para nos respaldar quando nos cansamos de viver como as pessoas comuns, mas ele pareceu apreciar as minhas palavras, esfregando distraidamente o sítio onde eu lhe tocara.

A partir daqui, estava no caminho certo. Ainda foram precisas mais algumas semanas a arrancar ervas daninhas até lhe propor tomar um copo depois do trabalho, mas ele aceitou com entusiasmo. Infelizmente, Lucy também. E, pior ainda, Roger também quis vir. Acabámos todos num *pub* soturno perto do centro que eu até acho que seria simpático, se não tivesse sido cercado por uma rotunda recentemente (e, sejamos honestos, se a clientela fosse completamente diferente e a lista de vinhos tivesse mais para oferecer do que um *chardonnay* australiano momo). A conversa foi sobretudo sobre as malditas rãs, e Andrew fez questão de nos falar da sua coleção particular.

Roger revirou os olhos.

— Este rapaz acha que as espécies locais não são suficientemente interessantes, não é, companheiro? Sempre à procura de algo um pouco mais... exótico.

Disse isto como se uma rã estrangeira fosse algo de perigoso que pudesse aliciar Andrew a afastar-se das variedades decentes e trabalhadoras que se encontravam nos nossos pântanos. Roger era resolutamente a favor da saída da UE. Eu fingi-me interessada, e encorajei o meu primo a dizer algo mais, enquanto Roger se voltava para Lucy e tentava iniciar uma conversa sobre o húmus. Andrew baixou a voz e inclinou ligeiramente a cabeça para mim.

— O centro é um sítio encantador, e o Roger é muito bem-intencionado. Mas ele tem razão, estou mesmo interessado nas espécies mais exóticas, tal

como ele diz. Pode parecer loucura... — baixou a voz enquanto eu o olhava com interesse —, mas andei a estudar o que as rãs podem fazer pela depressão. Já ouviste falar do Kambo?

Não, Andrew, claro que não, raios te partam. As pessoas normais não pensam em rãs e depressão. As pessoas normais não passam os dias em pântanos sombrios à beira de uma autoestrada à espera de visitantes que nunca aparecem. Mas, por outro lado, também é verdade que as pessoas normais não tentam assassinar as suas famílias inteiras, por isso devia mesmo aprender a julgar menos os outros e a ouvir mais. Abri muito os olhos.

— É uma secreção de um tipo de rã e há montes de investigações sobre a forma como ela ajuda a curar a depressão e a adição. Estamos todos tão dependentes da medicina ocidental que nos é impingida pela grande indústria farmacêutica, mas está-se a tornar muito claro que a natureza nos oferece melhores formas de atacar as nossas lutas humanas. Kambo, caramba... — voltou a baixar a voz. — Tem resultado miraculosamente com tantas pessoas. — Olhou de relance para Roger, para se certificar de que ele não estava a ouvir, e voltou-se novamente para mim. — É por isso que tenho estas rãs em casa. Estou a tentar aperfeiçoar a dosagem. Um bocadinho a mais e uma pessoa começa a vomitar descontroladamente. É um processo delicado. E eu estou a criá-las para aumentar a minha produção e poder ajudar mais pessoas.

Por esta altura, já não precisava de me fingir interessada. Mas que caminho tão estranho que Andrew tinha decidido seguir, drogar-se com sumo de rã... Decerto que haveria um terapeuta simpático em Harley Street capaz de lidar com os seus problemas de uma maneira menos tresloucada... Mas, mais uma vez, os miúdos ricos sempre tentaram trilhar o seu próprio caminho, inibidos por uma falta de iniciativa e níveis de conforto que fazem o trabalho árduo parecer desnecessário. Alguns tomam-se promotores de clubes. Outros, artistas que fumam erva. Porque não um traficante de rãs?

Bombardeei-o de perguntas e disse-lhe que o achava corajoso. Não me envergonho de dizer que me abri sobre a minha luta pessoal contra a depressão e me mostrei vulnerável diante dele. Não importava que fossem só disparates e que, apesar de ter muito boas razões para experimentar sentimentos de tristeza, sempre tive a sorte de conseguir fintá-los. Os homens gostam que as mulheres se sintam vulneráveis. Gostam de sentir que

podemos precisar de ajuda, apesar da confiança que apresentamos a um nível superficial.

Quando saímos do *pub*, senti que o tinha conquistado. No entanto, tinha os ombros tensos e os punhos cerrados enquanto me encaminhava para a estação. Ele era um homem simpático, pensei eu, embora bastante ingênuo. Não sentia o ácido a arder-me na garganta quando pensava nele como acontecera quando o conjurara como uma imagem do seu pai ou avô. E esse sentimento, essa raiva constantemente alimentada que me fazia arder as orelhas como se estivessem em chamas, tinha sido isso que tornara fácil matar Jeremy e Kathleen. Era isso que tinha tornado a coisa divertida. Deixei de ter essa sensação corrosiva no meu aparelho respiratório durante várias semanas. Como é que podia gozar deste novo desafio se não conseguia segregar o ácido?

No turno seguinte, já tínhamos trocado números de telefone (um dos perigos de um telefone descartável é nunca sabermos o nosso próprio número de cor) e mandámos mensagens uns aos outros durante a semana com hiperligações para artigos de investigação que achássemos que os outros poderiam gostar. Eu não li nada do que ele sugeriu, mas era fácil reagir apropriadamente passando uma vista de olhos pela conclusão. Deus abençoe estes académicos absurdos que passam anos a fazer uma pesquisa de fazer anestesiar o cérebro que ninguém jamais irá ler, mas que se lembram de lhe juntar uma nota de rodapé que resume tudo em dois minutos. A troca de mensagens poderá dar a impressão de que havia algum envolvimento romântico entre nós, mas felizmente acho que Andrew gostava apenas de ter alguém que estivesse disposto a tomar parte no seu interesse minoritário por anfíbios e alucinogénios. A alternativa anterior teria acrescentado uma dimensão horrenda àquilo que eu esperava que pudesse vir a ser um processo de captura e morte bastante simples e direto.

Passadas quatro semanas, já éramos bons amigos. Eu sabia onde ele morava (em Tottenham, numa casa partilhada com outros quatro colegas, todos a fazer doutoramento), qual era o seu romance preferido (uma coisa qualquer de William Boyd, mas já me esqueci), e que era estritamente vegano. Aos sábados, depois do trabalho, começámos a ir ao nosso *pub* sombrio, onde bebíamos até ficarmos bastante embriagados e eu me punha a contar piadas sobre Roger até ele me mandar calar. Por esta altura, já sabia

como o iria matar. Tal como com os meus avós, o plano era vago e potencialmente falível, mas eu estava confiante depois do sucesso da minha primeira rapta, e Andrew era completamente confiável. Um belo sábado, depois do *pub*, sugeri voltarmos ao centro e levarmos uma garrafa de vinho connosco. Estava uma noite amena, e viam-se as estrelas no céu, uma raridade nesta cidade envolta em poluição atmosférica. Ele estava a fim, embora um pouco nervoso.

— O Roger matava-nos — riu-se. — Mas acho que não faz mal nenhum. — Não era um grande violador de regras, o meu primo, apesar das suas muito alardeadas convicções radicais. Suponho que é isso que 14 anos de educação em colégios privados fazem muito bem. Os pais não arrotam perto de 250 mil libras na esperança de que o filho venha a subverter as regras tácitas da sociedade britânica.

A segurança no centro dos paus era... nula. Não havia segurança. Não havia circuito fechado de televisão (que havia lá para roubar? Meia dúzia de varões?), não havia arame farpado. Andrew usou a sua chave e já estávamos lá dentro. Fomos até ao charco principal e sentámo-nos numa pequena secção de passadiços que Roger tinha instalado para poder observar as rãs mais facilmente. Eu abri a garrafa de vinho e beberriquei da garrafa. Enquanto a passávamos um ao outro, ventilei o tema que me andava às voltas na cabeça.

— Posso experimentar a droga de rã, Andrew? Falaste tanto nisso que parece ser uma aventura que eu não perdoaria a mim própria falhar. — Fez-se um silêncio. Depois ouvi-o respirar fundo e expelir o ar rapidamente.

— Acho que não, Lara. Ainda não sou perito e estou a tentar aperfeiçoar a dosagem. Na semana passada, tomei demasiado e desfaleci a frio durante um quarto de hora. É tão impreciso. Não te quero usar como cobaia.

Eu assenti com a cabeça e emiti alguns sons tranquilizadores.

— Compreendo perfeitamente. Não quero pressionar-te de maneira nenhuma. Pensei que pudesse ajudar-me de alguma maneira com os meus ataques de pânico... — Calei-me, esperando tirar algum partido da sua inércia inata para falar inglês. Ele voltou a suspirar.

— Não sabia que tinhas ataques de pânico. Eu também tenho, desde miúdo. Costumava dizer à minha mãe que não conseguia respirar, mas não conseguia explicar-me em condições. E voltaram em força recentemente. —

Olhou para mim com um ar compreensivo e afagou-me o polegar desajeitadamente.

— O que é que aconteceu? — perguntei, olhando para ele com uma dose adequada de preocupação. Descobri que os homens gostam que olhemos para eles intensamente. Mostra-lhes que estamos realmente absorvidas pelo que estão a dizer.

— Os meus avós tiveram um acidente... — Baixou o olhar e largou-me a mão. Eu não insisti; em vez disso, bebi mais bocadinho de vinho e mergulhei os dedos no charco.

— Ei! Será que esta água é muito profunda? O Roger comporta-se sempre como se o monstro de Loch Ness pudesse estar aqui escondido.

Ele riu-se e puxou o cabelo do rosto, fazendo tinir o horrível brinco de concha. A tensão dissipou-se.

— Este sítio é a vida dele. Ele gosta de imaginar que tudo aqui é maior e mais vigoroso do que é na realidade. Os charcos são todos bastante baixos, apesar de eu já ter atravessado este e ter ficado surpreendido ao ver como era fundo lá no meio; provavelmente, dava-te pela cintura. E tu não queres que o Roger te apanhe. Pensa nas rãs, Lara — disse ele num tom falsamente alarmado.

Acabámos a garrafa e eu disse que era melhor chamar um táxi. Andrew ajudou-me — eu estava mais embriagada do que pensava —, e fomos a cambalear até ao portão da entrada, por entre risadinhas e interjeições para nos mandarmos calar um ao outro. Ofereci-me para o deixar em casa, mas ele disse que queria apanhar ar, e eu deixei-me cair dentro de um *Honda Prius* conduzido por um homem que ia a ouvir um estranho *medley* de músicas acústicas. Alguns minutos antes de chegarmos à porta do meu apartamento, ouvi o telemóvel tinir no meu bolso. Desajeitadamente, desbloqueei o ecrã e espreitei.

«OK, vamos a isso. No próximo sábado, depois do trabalho. Traz o vinho, acho que um *rosé* iria muito bem. Mas é SEGREDO ABSOLUTO. Ninguém sabe que eu faço isto.»

Apesar da terrível interpretação de «All that Jazz» que estava a tocar quando chegámos ao nosso destino, consegui sorrir. *Apanhei-te.*

A semana seguinte é difícil. Tenho dificuldade em dormir, trabalhar, fazer seja o que for, exceto pensar no que vai acontecer no sábado. Recordo-me de um momento, quando tinha 17 anos, em que Jimmy e eu tínhamos sido convidados para a festa de aniversário de um miúdo da escola numa discoteca em Finsbury Park. Ah, o *glamour*! Passámos semanas a arranjar bilhetes de identidade falsos e a consultarmo-nos uns aos outros sobre o que é que iríamos vestir. Inventámos uma mentira eloquente para contar a Sophie e ensaiámo-la ao pormenor para não sermos apanhados nos preparativos, como sucede a tantos adolescentes patéticos. A responsabilidade recaiu toda sobre mim, aliás, pois Jim teria sido apanhado num instante. Era péssimo a mentir. Na segunda-feira anterior, estávamos tão excitados de expectativa que nem consegui dormir. O meu estômago dava voltas e a adrenalina infiltrava-se-me nos membros, e eu dava voltas e mais voltas na cama, a cismar se o nosso plano iria resultar — se conseguiríamos entrar na discoteca e ter a noite que tínhamos planeado. Foi terrível. Por fim, conseguimos e tudo correu na perfeição, mas a festa foi uma enorme desilusão e ficámos pendurados à espera do autocarro da uma da manhã debaixo de uma chuva de granizo, com Jimmy a tentar não ficar maldisposto e eu a tentar não me aproximar dele caso ele ficasse. Tanta preocupação e ansiedade para quase nada. Esta sensação é semelhante, simplesmente, o que está em jogo é muito mais importante, e eu recuso-me a voltar a ficar à espera de autocarros noturnos.

Os preparativos para sábado têm menos a ver com o que vestir e mais com garantir que o vinho que eu comprar seja uma garrafa com tampa de rosca e que eu tenha umas luvas discretas — o que irei comprar na segunda-feira. Depois, terei de aguentar cinco dias com os pés inquietos, pensamentos cavalgantes e uma imagem de um Andrew sorridente a infiltrar-se no meu cérebro nos momentos mais inoportunos. Honestamente, não me lembro de Patrick Bateman alguma vez ter tido assomos de culpa momentânea ou um sentimento corrosivo de transgressão moral. É muito mais difícil levar a cabo este plano com um espírito genuinamente jovial do que eu pensava.

Não obstante, o sábado chega, e em vez de apanhar o comboio para o centro, como costumo fazer, faço o caminho todo a pé, esperando acalmar os nervos com o ritmo dos meus passos. O que até resulta bastante bem, na

verdade, e chego com um sorriso, pronta para começar a trabalhar na pintura da porta de acesso especial à casa de banho, conforme Roger me instruíra. Andrew chega atrasado, e, durante uma meia hora de grande *stress*, temo que ele não apareça. Mas depois lá aparece, com o cabelo atado com uma tira de uma *t-shirt* velha e vestido com um par de calções feitos de retalhos que parecem, suspeitosamente, consistir em flanelas antigas. O seu pai deve ter uma conta num alfaiate em Jermyn Street, penso eu, estremecendo. Que desperdício trágico. Aceno-lhe, mas não paro de pintar. Não é preciso mostrar-me demasiado ansiosa sobre o que vai acontecer mais tarde. À medida que o dia se arrasta, vai ficando mais calor. Roger, Lucy e a senhora de idade que está a fugir do seu marido decrépito estão sentados nos bancos igualmente decrépitos à entrada do centro de visitantes a escreverem nomes de plantas em paus para espetar na terra, como se estivéssemos numa propriedade de uma Reserva Nacional. Dou graças a Deus pelo Sol. A chuva ter-nos-ia retido no interior do centro, e o plano que tenho em mente iria por água abaixo.

Acho que nunca trabalhei tão arduamente como hoje. Duas camadas de tinta à prova de água e ainda uma boa raspagem das paredes interiores. Nada como a promessa de um crime para impulsionar a nossa produtividade, ao que parece. Às cinco da tarde, Roger prepara um chá, e todos pousamos as nossas ferramentas para o tomar no alpendre, o que sabe bastante bem, na verdade. Como se eu fizesse parte de algo. Algo de mundano e completamente absurdo, mas que não o é tanto assim quando realmente o experimentamos. Houve poucos momentos como esse na minha viagem — alturas em que me perguntei se Deus me estaria a dizer para abandonar esta via e abraçar uma vida diferente. Mas depois lembro-me de que não acredito em Deus e de que se Ele realmente existir, então, foi Ele quem me deu esta vida, para começar. O que é que Ele podia saber?

Encaminhamo-nos para o *pub* às seis da tarde, com Roger e Lucy colados a nós. Lucy passou por uma verdadeira revelação de si mesma durante o tempo que passámos no centro. A sua onda de herbívoro sempre ligeiramente nervoso desapareceu. Agora anda de bandana e macacão, com o rosto bronzeado pelo trabalho ao ar livre. Será Roger uma figura paternal para ela? Não consigo compreender muito bem. Tendo em conta a hipótese alternativa, espero ardentemente que sim.

O *pub* está razoavelmente calmo, apenas algumas mesas de marginais, e um jovem a beberricar uma caneca de cerveja com um livro à frente, parecendo vagamente deslocado. Este não é o tipo de estabelecimento próprio para uma pessoa vir ler e refletir. Andrew e eu bebemos uma garrafa de branco rançoso, ao passo que Lucy e Roger vão bebendo dois *panachés*. A conversa é um pouco forçada. Não somos um grupo espontâneo nos melhores momentos, muito menos agora, que estamos em contagem decrescente como dois amantes desejosos de ir para casa fazer amor. Ansiosa por pôr as coisas em marcha, mando vir mais uma garrafa e anuncio espaventosamente que preciso de mais um copo para ganhar coragem para um encontro que vou ter mais tarde. Roger fica interessado, aconselhando-me a «deixar o tipo pagar» e fazendo sugestões sobre formas de encetar conversa, uma das quais, e não estou a brincar, seria perguntar-lhe qual é o seu jogo de mesa preferido.

— O meu favorito é... e isto é controverso... o Monopólio! — Ninguém lhe pergunta porque é que é controverso, e a sua expressão de desilusão diz tudo.

Andrew começa a bater com os pés no chão e eu começo a recear que ele se retire se nos demormos muito por aqui, por isso decido ser corajosa. Esvaziando o meu copo, levanto-me e sorrio vivamente.

— Bem, desejem-me sorte. Tenho de estar no Angel às oito e meia, esperemos que ele valha a pena. — Atiro a mala para cima do ombro e dou uma palmada nas costas de Andrew com entusiasmo. Roger ergue-me o copo e Lucy acena-me sem grande entusiasmo. Encaminho-me para fora do *pub*, viro na rua principal e volto em direção ao centro. Decido não lhe enviar mensagem, dando-lhe a oportunidade de assumir as rédeas da situação. Em vez disso, sento-me na curva, a beber de uma garrafinha de vinho que trouxe comigo.

Não costumo beber de um recipiente que me grita ao ouvido de maneira tão óbvia «pede ajuda», mas tenho de trazer o meu vinho à parte. Aquilo que escolhi para Andrew está intensamente fortificado com vodca e eu preciso de manter as ideias claras. Agora percebem porque é que preciso da garrafa com tampa de rosca: impossível adulterar as bebidas com rolhas de confiança. Um terço da garrafa foi para a minha garrafinha, e atestei o resto com a melhor bebida espirituosa que consegui encontrar. Não é que ele vá acordar de

ressaca amanhã, mas parece ser mais respeitoso não lhe dar a variedade decapante. A sua última refeição e essas cenas. Apesar de aparentemente a América já não dar últimas refeições aos condenados. Houve um tipo que mandou vir dezenas de quilos de comida e depois recusou-se a comer o que quer que fosse. Os guardas ficaram tão furiosos com esta manifestação de independência que agora já ninguém tem direito a gozar desse prazer. Os seus colegas de prisão irão amaldiçoar o seu nome, mas eu admiro a determinação desse homem em mandar toda a gente passear até à última.

Após o que estimo ter sido meio copo, vejo uma figura vacilar ao fundo da rua em direção a mim. Há homens que andam com um ar tão desengonçado que parecem ter sido arrastados por um menino de colo. Andrew é um deles. E se restassem quaisquer dúvidas, a silhueta do cabelo diz-me que é ele. Ele vir a cambalear ligeiramente sugere que terá acabado com a segunda garrafa de vinho. Levanto-me e rio-me, acenando-lhe com a minha mão livre.

— Vai-te lixar por me teres deixado ali — diz ele, socando-me levemente no ombro. — O Roger não se calava com os horários do centro de reciclagem e a Lucy não fez nada para o deter. Ela quase parece achar aquilo encantador...

Deixa cair a mochila no chão e vasculha os bolsos à procura das chaves. Quando entramos, larga o saco em cima da mesa principal e eu vou à cozinha procurar duas canecas. Afinal, não posso deixar que ele veja que estamos a beber coisas diferentes. Quando as encontro, já ele está lá fora a começar a preparar-se. É com um assomo de divertimento que noto que ele parece estar a usar luvas de vinil. Ambos iremos tomar as nossas precauções para esta noite, ao que parece.

— Vou-te passar o líquido com um conta-gotas, OK? Não me pareceu que estivesses com vontade de lambar uma rã. — Ele ri-se, mas eu bem vejo que continua ansioso.

— Não te preocupes com isso agora; prepara tudo e depois vamos beber mais um copo. Podemos tomar isso mais tarde — digo eu com um sorriso, estendendo-lhe uma caneca com a palavra «rã...tástico» gravada num dos lados. Ele aceita-a com gratidão e dá um grande trago. Fico tensa, desconfiando que ele dê pelo teor alcoólico pouco habitual da bebida, mas ele

limita-se a dar mais um trago e pousa-a no banco que está ao seu lado.

Enquanto ele decanta a pasta de rã, falamos sobre o seu trabalho de campo e os sítios onde ele quer ir depois da Austrália. Apercebendo-me de que não tenho nada a perder, pergunto-lhe se os pais apoiam as suas ambições.

— Nós não nos falamos — diz ele abruptamente. — Já há alguns anos que não nos falamos. É melhor assim. A minha família é tóxica. — *E não é que é verdade?*, penso eu, e passo-lhe a mão pelo braço.

O que é que aconteceu?

— Ah, nada. Tudo. Eu é que nasci das pessoas erradas. Costumava brincar e dizer que tinha sido trocado à nascença e que o verdadeiro filho dos meus pais estava numa praia qualquer ao volante de um *Bentley*. Eles não são más pessoas... quer dizer, a mãe não é. Ela até é encantadora. Mas as expectativas que eles tinham para mim giravam todas à volta do dinheiro e do negócio do meu tio, e isso era simplesmente terrível e vicioso. Ainda me mantive em contacto com eles algum tempo depois de lhes anunciar que não iria trabalhar para a família, mas tornou-se demasiado difícil. Eles faziam pressão, dizendo-me que eu estava a tomar uma decisão estúpida e que me estava a comportar como uma criança mimada. — Emborcou mais vinho. Toda a gente devia beber vinho de uma caneca. Faz mesmo com que exageremos.

Andrew é daqueles que se abre mesmo quando descontrai. Enquanto eu atesto o seu vinho imbuído de vodca, ele explica-me como o pai vivia consumido por ciúmes do seu irmão mais velho, como a mãe era emocionalmente negligenciada e como a irmã tinha morrido aos 9 meses, fazendo com que ele se sentisse como se tivesse de viver por ambos. Eu faço o papel de amiga silenciosa, mas solidária, ao mesmo tempo que, por dentro, agradeço ao universo por só ter de tratar de um primo. Por esta altura, já passei a beber água, mas Andrew está tão bêbedo que seria impossível reparar. Está demasiado mergulhado no modo confessional, pensando que me pode confiar os seus pensamentos mais profundos e complexos. Os terapeutas merecem cada tostão que ganham. Não o quero apressar, mas a conversa sobre a família não é suficientemente detalhada para me ajudar e quaisquer perguntas que eu faça esbarram em respostas vagas e distorcidas. Chegou a

hora do visco de rã, antes que ele esteja demasiado embriagado para funcionar e eu tenha de esperar mais uma semana. Sinceramente, não consigo aguentar mais uma noite no *pub* com Roger.

Graças a Deus, a educação do colégio privado que lhe foi inculcada à força parece não esmorecer com o álcool, e quando eu relembro Andrew do plano original, ele mostra-se muito solícito. Os conta-gotas previamente preparados são postos em cima da mesa, e Andrew explica-me que terá de me fazer uma pequena queimadura na pele para permitir que o soro entre no corpo mais facilmente.

— Onde é que queres ficar marcada? — pergunta ele. — A maior parte das pessoas escolhe um sítio fácil de tapar.

Eu decido-me pelo pé, pois não quero ter de me lembrar de encobrir ou justificar uma marca no meu corpo. Descalço-me e enrolo as meias, enfiando-as dentro dos ténis. Espreito à minha volta, certificando-me de que não deixei nada meu esquecido no chão. Não vou ter muito tempo para me demorar por aqui depois de acabarmos. Depois de ele acabar. A garrafa de *rosé* está vazia, e eu coloco-a junto da minha mala, enfiando a caneca numa bolsa lateral para a levar de volta para a cozinha.

— Tens de o fazer comigo, Andrew — relembro. — Sou demasiado cobardolas para o fazer sozinha. Fá-lo ao mesmo tempo. Saltamos juntos.

Ele abana um dedo em frente à minha cara e sorri, empurrando uma trança solta para trás da orelha.

— Não te preocupes, Lara, eu estou habituado a isto. Eu oriento-te na tua viagem. — Uf. Viagem... Viagem é quando uma pessoa passa de um lugar físico A para um lugar físico B. Que é o que lhe vai acontecer, de certa maneira.

Ele opta por usar um sítio no braço, debaixo de uma tatuagem daquilo que aparenta ser um caça-sonhos índio, mas talvez seja caso para dar graças a Deus por não ser um símbolo chinês. Andrew saca dos fósforos, acende dois, segurando-os junto à planta do meu pé esquerdo. A sensação é de calor, mas não é dolorosa — um sinal claro de que estou necessitada de uma pedicura como deve ser. Depois, aplica o líquido.

— Deita-te — ordena ele. — Espera uns minutos e respira.

Eu fico a olhar para o céu noturno, vendo-o queimar a sua própria pele pelo canto do olho. Oiço-o expirar e sinto-o deitar-se junto a mim.

— Se precisares de vomitar, diz-me, que eu viro-te de lado. Ainda bem que temos um lago.

Depois ri-se durante o que me parece ser uma eternidade, antes de ficar em silêncio. Ficamos os dois ali no escuro, e esperamos. Não sei quanto tempo é que estamos ali estendidos. Sinto o calor perpassar sobre mim, uma sensação de conforto percorrer-me o corpo, como se estivesse a ser abraçada por tudo o que me rodeia, suspensa pelo vento.

— Estou a sentir — sussurro, e volto-me para ele.

Andrew tem os olhos fechados e está a gemer suavemente. Eu decido que não me quero mexer. Não quero quebrar a ligação que sinto com tudo à minha volta. A palração constante na minha cabeça mergulha em silêncio e agora oiço apenas os batimentos do meu coração. Pergunto-me se Andrew também os está a ouvir. Lentos e constantes, pulsando através da minha pele. Sinto um animal a passar-me por cima dos dedos e olho para baixo. É a mão dele, ligando-se com a minha. Solidariedade. Uma espécie de afinidade. E sabe bem.

NÃO.

Viro-me e uso a força das nossas mãos entrelaçadas para o empurrar para a água. O corpo dele está flácido por causa do relaxamento e eu mal tenho de aplicar força, o que calha bem, porque também me estou a sentir bastante tonta. Enquanto ele é projetado pelo ar, com o corpo a desenrolar-se, os nossos olhos fixam-se por instantes e ele desperta do seu delírio por um momento. O seu rosto contrai-se, surpreendido, a sua boca abre-se como se estivesse prestes a gritar qualquer coisa. Mas não sai. O vinho e o sumo de rã fizeram o seu trabalho e ele cai de cabeça no charco. Eu levanto-me no alpendre e atiro o pé para dentro de água, empurrando a sua cabeça para baixo enquanto me apoio na esquina de madeira para aplicar maior pressão. Consigo ver as minhas unhas dos pés a brilhar ao luar. Apesar de ele ainda sacudir os pés por breves instantes, há um mínimo de agitação e salpicos até a água ficar calma de novo. Não sei quanto tempo é que demora, mas estou com a sensação de estar a observar tudo à distância, por isso agacho-me para olhar para o corpo na água, procurando um qualquer sinal de vida.

Provavelmente não é aconselhável cometer um homicídio sob a influência de uma droga de anfíbio não-testada. Negligente, na verdade. Mas uma pessoa trabalha com aquilo que tem nesta vida.

Quando estou segura de que ele não irá ressurgir inesperadamente de dentro de água, como é da praxe em quase todos os filmes de terror, inclino-me para o charco e passo-lhe a mão pelo pescoço. Molho a cara na água e levanto-me, volto a calçar os ténis, tiro uma toalha do meu saco e limpo o alpendre, deixando a garrafa e uma ampola de soro. O resto dos detritos vai para um saco de plástico. Pego no seu telefone, que o tinha visto desbloquear utilizando a data do seu aniversário como código (até os *hippies* têm *iPhones*), e apago as nossas mensagens mais recentes. Tinha tido o cuidado de não mencionar especificamente os nossos planos nas mensagens, mas ele tinha-se referido ao nosso encontro e eu não quero perguntas. Observo a cena, usando a lanterna do meu telemóvel, enquanto Andrew flutua atrás de mim, e estou satisfeita porque parece estar tudo bem. Parece accidental. Parece trágico, mas não suspeito, um equilíbrio perfeito.

Levo a minha caneca de volta para a cozinha, lavo-a desajeitadamente, seco-a e volto a colocá-la no corredor. Depois, abandono o centro, puxo o meu capuz sobre a cabeça e caminho resolutamente em direção à estrada principal, onde tenho um Uber à minha espera. Detenho-me por um instante na estrada e olho em redor, com uma estranha sensação de que tenho alguém atrás de mim. Mas as drogas estão a fazer-me sentir coisas que provavelmente não existem, e espanto essa sensação do meu espírito. O carro serpenteia pelas tranquilas ruas secundárias antes de chegar às ruas principais, onde os foliões de sábado à noite saíram em força, as suas figuras a desandar e a confundirem-se umas nas outras enquanto avançamos. Durante toda a viagem de regresso, respiro profundamente pela janela aberta para me acalmar, e aperto as contas do colar que retirei do pescoço de Andrew enquanto ele estava na água. Mais uma lembrança, suponho eu. Era uma mania, na verdade, uma coisa retirada dos filmes sobre assassinos em série. Mas eles eram homens essencialmente solitários que o faziam por impulsos sexuais, e eu estou a fazer isto com um objetivo em vista. E não será um daqueles casos que acabam com uma fotografia do meu rosto a ser exibida num programa do Canal 5 sobre assassinos sedutores.

Saio do Uber uns bons dez minutos antes do meu apartamento e atiro o

saco com as toalhas e as luvas para um caixote do lixo. Faço uma pausa e sustenho a respiração por momentos, sentindo-me como se não conseguisse fazer chegar ar suficiente aos pulmões, até decidir que iria permitir-me sentir-me triste durante a caminhada até casa. Durante exatamente nove minutos deixo as lágrimas correrem-me pelas faces, e suporto o arrependimento que inunda os meus pensamentos. Enquanto rodo a chave da porta, esfrego os olhos com a manga do casaco e abano a cabeça. Basta. Um copo de vinho e dois episódios de *Golden Girls* mais tarde, sinto-me como se o efeito da droga tivesse diminuído o suficiente para eu conseguir adormecer. O arrependimento que tinha sentido no caminho para casa atravessou o meu sistema de uma maneira consideravelmente rápida, e o meu último pensamento antes de adormecer não foi sobre o meu doce primo, agora de cabeça enterrada num charco lamacento. Enquanto entalo a parte de baixo do edredão debaixo dos pés e enfio uma almofada debaixo da coxa num ângulo específico para me sentir confortável, o meu penúltimo pensamento é que irei experimentar um bom *brunch* no dia seguinte. E desligo, a pensar se a seguir irei à pedicura, só para me ver livre de quaisquer restos de pasta de rã. Os cuidados pessoais são a última tendência consumista impingida às mulheres sob as roupagens do empoderamento. Mas isso não significa que não seja uma coisa boa. Afinal de contas, é importante olharmos por nós próprias depois de uma semana difícil no trabalho.

Capítulo 6

A pior coisa numa prisão não são as horas de espera na nossa cela, nem a comida, nem os cortes da austeridade e da privatização que levaram a que tivéssemos palermas incompetentes vestidos com fardas baratas incumbidos de tratar de verdadeiros criminosos. Não são os edifícios velhos e gelados onde as ratazanas são tão prevalecentes como na antiga prisão de Marshalsea. Sinceramente, era capaz de aguentar estas coisas até ao fim, na esperança de um dia ser libertada e nunca mais ter de voltar a dormir debaixo de uma mulher que escreve com corações nos pontos dos iis. A pior coisa na prisão é que, de tempos a tempos, um governante ou um político decide que nós, cativos, precisamos de alguma coisa para enriquecer as nossas almas, para nos tornarmos melhores, para deixarmos de ser tão rudes e aterrorizadores. A partir desse pensamento repentino, surge um plano. Isto envolve normalmente um qualquer pateta de esquerda (nunca temos um conservador a querer mostrar-nos que a cerâmica pode aplacar os nossos sentimentos de revolta), oferecendo-se como voluntário para dar uma aula (que é sempre obrigatória) em que somos encorajados a pintar os nossos sentimentos ou qualquer outro disparate do género.

Eles vêm invariavelmente a uma única aula, após o que ou ficam demasiado impressionados para voltar ou então convencem-se de que já fizeram o suficiente para sinalizar a sua virtude a esse respeito durante o resto do ano. Se forem realmente empreendedores, escrevem um artigo para o *Guardian* sobre a necessidade que os prisioneiros têm de respeito e educação, como se já trabalhassem nas prisões há quatro anos e não há apenas uma hora num período de trabalho tipicamente calmo.

Hoje fomos todas em fila para a ala da sala de aula, onde fomos submetidas a uma hora de sofrimento numa lição sobre fabrico de colheres. Honestamente, nem um homicídio deveria fazer merecer tal castigo. O único ponto alto foi pôr as mãos numa faca como deve ser pela primeira vez em muito tempo. É uma pena que eles tenham tanto cuidado a contá-las quando as devolvemos. Kelly está com imensa inveja por eu ter feito parte do grupo que foi obrigado a participar neste disparate, e faz um grande alarido com a

colher de pau que eu fabriquei. Teria adorado a aula de hoje, diz, quando me cruzo com ela depois, e «Que presente fabuloso que essa colher de pau dava para a tua mãe». Eu olho para ela sem expressão, perguntando-me de quanto tempo é que ela vai precisar até se lembrar de que a minha mãe já morreu, mas ela não chega a tirar essa conclusão. Assim, em vez disso, atiro-lhe a colher para a mão e digo-lhe que finja que foi ela que a fez e a ofereça à sua própria mãe. Ela fica encantada, e eu interrogo-me, e já não pela primeira vez, que tipo de mulher será a mãe de Kelly. Para que alguém fique maravilhado com uma colher de pau tosca feita na prisão pela sua filha, é preciso ter expectativas muito baixas. A mãe pode juntá-la ao pássaro bordado em ponto de cruz que recebeu no Natal, e ao açucareiro deprimente feito com algo parecido com plasticina com que foi presenteada no aniversário. A única diferença para a colher é que esta tem algumas marcas especiais na madeira. Assemelham-se um pouco a hieróglifos, mas, na verdade, são as iniciais de todas as pessoas que eu assassinei, apesar de ninguém se dar ao trabalho de as observar tão de perto. Não foi um gesto particularmente sofisticado, mas já tinha acabado de a talhar muito antes das outras idiotas da turma, e não queria desperdiçar o tempo que tinha para trabalhar com a lâmina. Pergunto-me se a mãe de Kelly irá apreciá-las.

De volta à minha cela, tiro o papel e a caneta de dentro de um par de meias enroladas. Não há privacidade nenhuma, especialmente com uma colega de cela como a minha. Aqui, toda a gente tenta apoderar-se dos pertences dos outros, toda a gente tenta descobrir os nossos segredos para poder tirar proveito disso, todos querem conhecer as nossas histórias. Kelly nem sequer se dá ao trabalho de esconder o diário — aquela mulher contar-nos-ia tudo sobre a sua vida se fôssemos suficientemente estúpidos ou estivéssemos entediados a ponto de lhe perguntar. Se fizermos uma pergunta a Kelly, é provável que nunca mais voltemos a cair no erro de o fazer outra vez. Já vos contei porque é que ela aqui está? Não é por violência ou por roubo, como a maior parte de nós. Kelly era uma chantagista. Tinha um bom método de fazer com que homens casados lhe enviassem fotografias, fotografias essas que as suas mulheres provavelmente não gostariam muito de ver. Começou modestamente, em aplicações de encontros, e tornou-se mais arrojada quando descobriu o Twitter e começou a tomar por alvo homens com perfis mais proeminentes. Ela é atraente, a Kelly. Com uns grandes

lábios carnudos, que desconfio que são fruto de um qualquer enchimento barato, mas que até parecem bem à distância, e uma farta cabeleira ruiva. Infelizmente, a sua inteligência limitada fez com que fosse fácil de encontrar quando um homem finalmente ganhou coragem de parar de lhe enviar dinheiro e contactou a polícia. Ela tinha transferido o dinheiro para a conta do namorado, a imbecil, e, conseqüentemente, acabou a cumprir uma pena de 18 meses. Não é um crime elegante, garanto-vos, mas também não tenho simpatia nenhuma pelas suas vítimas. Quando uma pessoa se deixa iludir ao ponto de acreditar que alguém quer ver uma fotografia de *iPhone* granulosa do seu amiguinho flácido, é porque merece sofrer os piores castigos.

Desenrolando o meu papel, preparo-me para escrever um pouco antes do jantar. Eu não sabia se iria gostar de revisitar o meu passado, mas acontece que estou bastante contente por recordar tudo isto. Quanto mais não seja porque escrevê-lo me faz sentir orgulhosa. Recordo-me da urgência das minhas emoções de juventude, e da forte necessidade de retificar um mal. Nos anos que mediaram desde então, não senti grande coisa, na verdade, pois a tarefa que tinha em mãos requeria demasiada disciplina.

Para um observador casual, não terá acontecido muito entre a morte da minha mãe e o momento em que pus o meu plano em marcha. Uma pessoa que se cruzasse comigo durante esses dez anos, mais coisa menos coisa, ter-se-ia ido embora a pensar que eu era uma *millennial* bastante banal. De certa maneira, até era. Continuei a viver com Helene durante cerca de um ano, o que foi bom, porque ela estava muitas vezes fora e eu tinha montes de tempo para mim. Ela pensar que não havia problema em deixar uma adolescente de luto sozinha durante tanto tempo era um atestado da sua incapacidade básica para me ter à sua guarda, mas nunca me queixei. Gosto de estar sozinha. Muitas vezes, as outras pessoas irritam-me ou incomodam-me com a sua insensata conversa de circunstância e tentativas falhadas de estabelecer uma ligação com sentido. Quando tinha 14 anos, Helene disse-me que lhe tinha sido oferecido um trabalho em Paris e que sentia que chegara a hora de voltar para França. Segurou-me na mão e insistiu que podia ficar, se eu quisesse, mas que os pais de Jimmy me tinham oferecido um quarto e ficariam encantados por me receber. Parecia genuinamente preocupada, e eu senti que seria inadequado agarrar-me de unhas e dentes àquela oportunidade e começar a fazer imediatamente as malas, por isso, verti uma lágrima e olhei

para o chão enquanto lhe dizia que ela devia aceitar o trabalho. Ia ter saudades dela, disse eu, mas não conseguiria viver com a culpa se a impedisse de aproveitar aquela nova oportunidade. Na verdade, Helene era uma pessoa bastante simpática, e eu estimava a ligação que ela me dava com a minha mãe, mas estava ansiosa por seguir com a minha vida e começar a trabalhar no meu plano, e Helene, com as suas relações e recursos limitados, não me poderia ajudar de nenhuma maneira significativa. Já os pais de Jimmy, apesar de todo o desconforto que sentiam em relação à sua própria condição de privilegiados, viviam num mundo onde as portas se podiam abrir se conhecêssemos as pessoas certas. Eu sentia-me confiante de que eles me podiam ajudar de alguma maneira. Pelo menos não tinha nada a perder, visto que não conhecia ninguém importante e não tinha quaisquer trunfos na mão.

Um mês depois e tinha as malas feitas. O peixe e eu apanhámos um táxi para casa de Jimmy. Helene estava a meio dos preparativos para se mudar de volta para França e numa grande excitação, por isso aproveitei a oportunidade para pegar na caixa que ela tinha escondida debaixo da cama. Parti do princípio de que ela não daria por falta dela, mas também não estava muito preocupada com a possibilidade de ela dar por isso. Os documentos eram sobre mim e a minha família, e eu duvidava que ela quisesse fazer uma cena — quando se apercebesse, já estaria do outro lado do Canal da Mancha mergulhada na sua nova vida. Jimmy e Sophie vieram à porta dar-me as boas-vindas, e o seu cão, *Angus*, quase fez cair o peixe das minhas mãos ao saltar para me lambe a cara.

— Fizemos-te um jantar de boas-vindas, Grace. Lasanha de vegetais, e a Annabelle fez uma sobremesa. — Jimmy revirou os olhos para a mãe.

— Ela pode ao menos ver o quarto dela antes de ser obrigada a sentar-se e a comer esse bolo todo escangalhado?

Pegou nas minhas malas e galgou as escadas de dois em dois degraus, enquanto eu agradecia a Sophie e acenava a Annabelle, que estava ocupada na cozinha com um saco de pasteleiro. A sua irmã mais nova era uma criança longilínea e nervosa de 11 anos. Já não a via há algum tempo, mas Jimmy tinha-me contado que ela já estava a fazer psicanálise. Sophie era uma entusiasta da terapia juvenil, o que não admira. Eu só esperava, sinceramente, que ela não se lembrasse de me sugerir a mim, e tomei uma nota para não me

esquecer de fingir que a escola já facultava um conselheiro, não fosse ela lembrar-se disso.

O meu quarto ficava no andar de cima, sob as vigas do telhado e ao lado do de Annabelle. Jimmy ficava no andar de baixo (este era o primeiro sítio onde eu vivia com pisos diferentes, e a subida da cozinha para o quarto já me parecia bastante cansativa), o que, explicou ele, não era por acaso. Annabelle e ele tinham trocado de quartos na semana anterior, depois de Sophie e John terem entrado em pânico com a possibilidade de eu e Jimmy dormirmos no mesmo piso. Apesar de nada ter sido dito explicitamente, imaginava-os muito inquietos enquanto bebiam uma garrafa de vinho tinto, discutindo coisas como o consentimento e as hormonas e se a casa deles seria um ambiente confortável para uma rapariga vulnerável. Não precisavam de se preocupar, pois, apesar de eu achar que Jimmy era um rapaz simpático e estimasse imenso a sua amizade, sempre achava que, de certos ângulos, ele se parecia um pouco com uma batata (felizmente, a semelhança com o tubérculo acabou por praticamente se desvanecer). De qualquer maneira, as distrações normais dos adolescentes como o sexo e o álcool não me seduziam. Não ia ser uma daquelas mandrionas que fumam erva, que hesitam em ir para universidade e se põem a viajar de mochila às costas para adiar as decisões da vida adulta. Eu queria andar com tudo para a frente.

Depois de ter largado as minhas malas e falar um pouco com Jimmy, descemos para jantar. John tinha acabado de chegar a casa, e estava a encher um copo de vinho tinto com uma mão e a puxar distraidamente a gravata com a outra. Voltou-se para me saudar, dando-me um beijo na testa e afagando-me o ombro antes de Sophie lhe estender um conjunto de pratos para a mesa. Aquela manifestação de afeto fez-me sentir um pouco estranha. Na família de Jimmy eram todos tão afetivos uns com os outros — a mãe e o pai estavam constantemente a abraçar-se, ou de mãos dadas, e ninguém parecia achar isso invasivo ou incómodo. Havia sempre alguém por perto nesta casa, alguém a cozinhar, o barulho constante da vida quotidiana. Eu não me importei com o beijo de John, na verdade, até foi uma sensação agradável, calorosa, gentil. Mas perturbou-me, talvez por me ter apercebido de que me faltara este tipo de coisa na vida. Esse pensamento enraiveceu-me. Era normal — e eu não estava habituada ao que era normal, por muito que Marie me tivesse tentado dar algo que se aproximasse disso. Eu perguntava-me se esta abordagem de

família era algo de que eu aprenderia a gostar, se também eu os abraçaria e beijaria sem pensar duas vezes, se me esqueceria do tempo que passei com a minha mãe e me inclinaria para esta nova vida. A ideia era sedutora, mas teria de me precaver para não amolecer. Os Latimer são pessoas adoráveis, e eu estava contente por estar ali a viver, mas se abraçasse o seu modo de vida de uma maneira demasiado entusiástica, arriscava-me a acabar a ler o *Guardian*, a trabalhar em artes e a oferecer vinho biológico inglês às pessoas no Natal. Um banho de vida adorável e caloroso — tirando a culpa incrustada e a hipocrisia flagrante que Sophie tão bem personifica mas completamente sem sentido.

Apesar do meu receio em me deixar relaxar demasiado, assentei rapidamente na minha vida com os Latimer. Sophie passava a vida a tentar fazer-me sentir à vontade.

— Senta-te onde quiseses, minha pequena. Por favor, come tudo o que te apeteça.

A insistência constante em fazer com que eu me sentisse parte da família só servia para me mostrar que não o era, mas eu percebia que esta era única maneira que Sophie conhecia de se esforçar por Ser Uma Boa Pessoa. Voltei para a minha antiga escola e estudei para as provas de aferição, acabando por obter Muito Bom a tudo e por receber uma menção honrosa da diretora da escola pelo meu sucesso «em face de especiais dificuldades». A simpatia condescendente que mostrou para comigo enquanto me presenteava com um pedaço de papel miserável com o meu nome escrito numa caligrafia foleira serviu apenas para agravar ligeiramente o meu descontentamento. E não deixei de atirar o certificado para o lixo no caminho da escola para casa.

Jimmy e eu passávamos quase todo o tempo livre juntos. Eu dava-me com as outras crianças da escola, mas não estava preocupada em ter um grupinho e passar a vida atrelada a raparigas que gostavam de passar horas a fazer análises forenses do que é que a saudação de um rapaz *realmente* queria dizer. Jimmy sempre tivera um grupo de rapazes com quem andava desde a escola primária — jogavam futebol no parque local e faziam noites de jogos aos fins de semana —, mas quando eu me juntava a eles, estes companheiros ficavam reduzidos à condição de atores secundários. Eu percebia que Sophie se preocupava com isto. Por vezes, sugeria uma partida de ténis, ou então

oferecia-se para organizar uma noite de *pizza* para «todos os nossos amigos», o que, na realidade, significava apenas os amigos de Jimmy. Mas ele limitava-se a revirar os olhos e a responder-lhe que talvez sim, mas noutra altura. Eu não conseguia partilhar da sua inquietação. Os amigos de Jimmy eram monossilábicos, a menos que estivessem a fazer troça uns dos outros, e nenhum deles me olhava nos olhos quando eu falava com eles, como se o contacto visual com uma pessoa do sexo oposto significasse uma qualquer forma de compromisso sério e eles fossem obrigados a entregar a sua *Xbox* na inevitável rutura que se seguiria. Para além disso, eu e Jimmy entendíamos bem — não precisávamos de mais ninguém. Gostávamos de falar durante horas, preguiçando em silêncio, e até fazendo os trabalhos de casa juntos. Jimmy nunca me pressionou sobre a minha dor, mas eu sabia que ele a compreendia quando olhava para mim. Não era necessário inclinar condescendentemente a cabeça.

Entrei numa rotina com os Latimer. Sophie e John conseguiam tratar-me quase como a uma filha, tirando o facto de por vezes me exibirem diante dos amigos triunfalmente, como se eu fosse uma refugiada que tivessem acolhido heroicamente — apesar de o ser, de certa maneira. Era este o acordo, como se veio a tornar claro. Eu era alegre, prestável e fazia Jimmy feliz, ao passo que os Latimer me alimentavam, vestiam e se mostravam gentis para comigo, e ambas as partes concordavam em ignorar quaisquer questões incómodas que pudessem surgir sobre a duração desejável da minha permanência com a família. Apesar dos meus protestos, insistiram em pagar para eu consultar uma terapeuta sua amiga chamada Elsa, uma mulher atarracada que usava uns óculos muito grandes de aros pretos e colares de contas de madeira que pouco ou nada falava. Disse-lhe repetidamente que estava entusiasmada com o futuro e ela dispensou-me ao fim de seis semanas.

Foi um ou dois anos depois que realmente me apercebi da riqueza dos Latimer. Não era a fortuna exuberante do meu pai, era uma coisa discreta, mas por demais evidente. A comida chegava-nos em grandes entregas de iguarias sofisticadas. Havia sempre flores em cima de todas as mesas da casa, grandes conjuntos de caules cuidadosamente arrançados como nunca veríamos no supermercado local. Sophie era capaz de gastar centenas de libras em almofadas decorativas das lojas iranianas em Crouch End e dizer que eram uma pechincha sem uma ponta de sarcasmo. Falavam da

importância de viver na «Londres real», mas estavam isolados de tudo o que fosse remotamente real. Eu nem sequer sei o que é que eles queriam dizer quando diziam «real». Penso que nem eles sabiam. A mansão Artemis era protegida por portões gigantes. Os Latimer teriam achado essa ideia horrível, mas, no fundo, não eram diferentes. Eu reconhecia quão absurda era a vida deles, mas, ao mesmo tempo, era difícil não desfrutar dela. Aos 15 anos, dei por mim a usar os cremes faciais caros de Sophie e a considerar utilizar três matizes de verde de tinta *Farrow & Ball* para as minhas paredes. Nunca pensei que pudesse ter gostos caros. Nunca tinha tido oportunidade de o saber, mas estava a descobri-los depressa.

No verão antes do início do 10.º ano, Jimmy e eu fomos autorizados a passar umas férias sozinhos pela primeira vez. Fomos à Grécia com o seu amigo Alex e a sua namorada Lucy, que frequentava uma escola privada em Londres Ocidental e adorava exclamar «em choque» sempre que eu admitia nunca ter experimentado uma coisa qualquer. Era um CRIME que nunca tivesse ido à Grécia, como é que eu nunca tinha tomado um *macchiato* na minha VIDA INTEIRA, oh, francamente, era DEMASIADO ENGRAÇADO eu nunca ter tomado banho no mar. Foi um grande alívio quando ela caiu de cama com uma intoxicação alimentar no segundo dia da nossa viagem e não voltou a incomodar-nos até ao sexto dia, imediatamente antes de voltarmos para casa. Quer dizer, eu digo intoxicação alimentar, mas não foi, na verdade, tão accidental quanto isso. O que provocou a coisa foram algumas doses de xarope de ipeca administradas ao pequeno-almoço (que eu insisti em preparar por esta mesma razão). Acho que ninguém me censuraria, pois o tempo é demasiado precioso para o passarmos com alguém que vai praticar tiro aos fins de semana e que trata a mãe por «mamã» sem pestanejar. Alex também pareceu mais animado na sua ausência, e as férias foram brilhantes. Lucy estava muito acabrunhada na viagem de regresso a casa, e limitou-se a estremecer quando lhe passei a mão por cima da perna para apanhar a minha mala. Mais ninguém reparou. Eles acabaram algumas semanas depois, o que parecia ser o melhor para todos, dadas as circunstâncias.

De volta a Londres, tinha escolhido as minhas disciplinas, decidindo-me por Inglês, Francês e Estudos Comerciais. Jimmy passou muito tempo a analisar prospectos da faculdade com os pais e a discutir os méritos das diferentes faculdades de Oxbridge³ ao jantar enquanto Annabelle e eu

fazíamos questão de revirar os olhos de fastio e bocejar em voz alta. Eu não ia para a universidade, para grande desgosto de John e Sophie, que pareciam não compreender que havia outras opções. Para eles, acabar os estudos aos 18 anos era condenarmo-nos rapidamente a um emprego a empacotar caixas em armazéns, grávidas, toxicodependentes ou, pior ainda, poderia significar que tínhamos de sair de Londres e viver a quilómetros de distância da loja do queijo artesanal. Mas eu não ia desperdiçar mais três anos.

³Amálgama de «Oxford» e «Cambridge», as duas mais antigas universidades inglesas. [TV. *do Z*]

Capítulo 7

Como seria de esperar, a maior parte das atividades na prisão são obrigatórias. Há coisas que são apresentadas como se tivéssemos alternativa, «Vai haver noite de *quiz* hoje na sala da televisão, vamos precisar que as senhoras se organizem em pares!», mas quando uma pessoa delicadamente se coloca de fora, aparece uma guarda com um daqueles sorrisos forçados a dizer «Seis da tarde, Grace, espero encontrar-te lá com uma parceira». É então que Kelly me agarra na mão e anuncia alto e bom som que iremos jogar juntas, e eu esforço-me, em vão, por me dissociar do meu próprio corpo. Hoje há uma palestra não-opcional sobre como ser-se líder. Kelly passou a manhã a cantar «Who runs the world? GIRLS!» a plenos pulmões, como se o seminário fosse o primeiro passo para gerir uma empresa FTSE 500 e não um exercício banal concebido para preencher um formulário de um qualquer plano governamental. «Empoderar estas mulheres», terá dito um jovem carola com uma camisa de manga curta, «precisamos de as incentivar a canalizarem as suas aptidões específicas para mais oportunidades de emprego no mercado dominante!» Como se Kelly e todas as outras mulheres na minha ala pudessem ser instruídas sobre como fazer funcionar a chantagem, o furto, a fraude e outros crimes de uma maneira mais respeitável. Para sermos justos com algumas destas raparigas, temos de reconhecer que teriam dado excelentes banqueiras noutra vida. Mas, mesmo para banqueiras, a prática de homicídios talvez não fosse muito bem aceite. Tenho algumas horas antes da temível palestra, por isso vou voltar à escrita.

Quando saí da escola e me recusei a ir para a universidade, para grande desilusão de John e Sophie, arranjei trabalho na loja da Sassy Girl em Camden. *Uma sequência óbvia na trama da nossa heroína*, oiço-vos dizer, mas eu tinha 18 anos, tinha de começar por algum lado e imaginei ingenuamente que trabalhar numa das empresas de Simon me traria alguma vantagem. Comecei no armazém, a desembalar entregas e a fixar etiquetas de preços, e pouco depois fui promovida à caixa registadora. Os dias eram longos e frenéticos. Os artigos voavam das prateleiras. A marca sabia exatamente como apelar às adolescentes de então, vendendo o que quer que

fosse que as celebridades do momento tivessem usado dias antes. Este processo era para mim um mistério — lembro-me de imaginar que os *designers* da casa deviam ter a mão tão sintonizada nas novidades que as suas roupas condiziam completamente com a mais recente alta-costura. Mais tarde percebi a realidade: a Artemis Holdings tinha mulheres com cara de poucos amigos a fazer alterações subtis nos últimos modelos de alta-costura e a fazer passar as emendas no departamento legal. Depois de receberem luz verde, as roupas eram confeccionadas em qualquer espécie de tecido sintético que tivessem disponível. As adolescentes não se importavam nada. Calções de ganga brilhantes iguais aos do seu cantor preferido por 15 libras? Quem é que quer saber se cheiram ligeiramente a borracha?

Surpreendentemente, dei por mim a desfrutar do tempo que passava na loja. Não tinha um minuto para parar e pensar, trabalhava arduamente e fazia tudo o que me pediam. Dobrar poliéster manchado e amarrotado que tinha sido descartado nos provadores fez-me odiar roupas baratas para o resto da vida, mas a minha diligência chamou a atenção da minha chefe, uma mulher algo escanzelada que eu achava ser já velha, mas que provavelmente tinha menos de 30 anos. Ela integrou-me no esquema de gerentes estagiários da Artemis, um grande título que significava que eu podia ser responsável por receber e registar os lucros do dia. Aos 19 anos, era uma empregada encartada com um crachá e um cordão ao pescoço, com poder para disciplinar o pessoal do armazém.

Jimmy tinha ido para a universidade, com grande parte do grupo do nosso ano. Houve alguns que conseguiram entrar em Oxbridge, mas a maior parte rumou para Sussex, onde se dizia que as drogas e as festas eram mais abundantes, e para Manchester, que dava aos miúdos do Norte de Londres a ilusão de que eram muito duros. Sophie, abençoada seja, conseguiu converter a rejeição de Jimmy por Oxford numa vitória moral.

— Ora, Oxbridge é demasiado sufocante, na verdade, e Sussex tem um *campus* tão vibrante e progressivo. Os miúdos aprendem muito mais sobre o mundo do que nós aprendíamos em St Hilda. Sorte a do Jim!

Eu permaneci na casa dos Latimer por mais oito meses, o que foi uma experiência completamente estranha para todos, exceto para Annabelle, que desconfio que gostava de ter alguém em casa que não fosse um Latimer. Com

Jimmy ausente e Sophie a começar a dar-se conta de que só faltava uma criança para ficar com o ninho vazio, a sua necessidade de tentar cuidar de nós tornou-se cada vez mais insuportável. Todos os dias fazia a Annabelle um batido de linhaça para o pequeno-almoço («Querida filha, ela quase nem se vê, ainda nem precisa de um sutiã!») e tornou-se obstinada em tentar que a filha meditasse com ela a toda a hora. Para terapeuta, era assinalavelmente insensível à raiz dos problemas neuróticos da sua filha. Mas é possível que os filhos de outros terapeutas achessem o seu comportamento perfeitamente normal.

Era claro para todos nós que o frágil entendimento a que tínhamos chegado quando a família me acolheu estava perto do fim. Eu tinha vindo para a casa deles já tarde para ser um deles, e Jimmy era o elo que nos mantinha juntos. Sem ele, as nossas interações diminuíram rapidamente, e eu comecei a passar mais tempo fora de casa ou sozinha no meu quarto. Ganhar o meu próprio dinheiro pela primeira vez fazia-me sentir menos inclinada a seguir à letra as regras tácitas de Sophie. Ia ao McDonald's, evitava a comida feita em casa e fiz um corte à Chanel muito marcado, que até eu admito que foi um erro. Não tenho queixo para isso. Quando não jantava com a família, Sophie dizia-me que estava preocupada comigo. Nunca se mostrava zangada, emoção esta que devia considerar demasiado básica. Expressava apenas apreensão até ao infinito. Sobre o meu cabelo, sobre a minha ambição, sobre a minha falta de amigos. Tinha razão quanto à falta de amigos. Também aí, Jimmy era o elo que faltava. Nunca foi fácil para mim forjar novas relações. Em parte, porque parecia ser uma aptidão que me faltava, mas sobretudo porque tinha decidido desde cedo que os adolescentes eram horríveis. Queria saltar rapidamente para a idade adulta, onde pudesse estar sozinha o tempo todo de que precisasse. Gosto de estar sozinha, e nunca compreendi que fraqueza existe nas pessoas que anseiam pela companhia dos outros a toda a hora. Talvez fosse, em parte, por isso que Sophie e eu nunca criámos uma verdadeira ligação. John era como eu, era capaz de se esconder no seu estúdio ou trabalhar até altas horas da noite todos os dias da semana. Mas ela queria toda a gente à sua volta, pois isso mostraria que era uma pessoa bem-sucedida, com uma família que a via como o seu eixo vital.

Por isso saí de casa. Eles protestaram, o que foi entendido por ambas as partes como a coisa simpática a fazer, e depois John deu-me dinheiro para

alugar uma carrinha e comprar um colchão. Também subsidiaram uma parte da minha renda, o que começou por me causar um certo desconforto, mas que acabei por aceitar. Afinal, pessoas como John e Sophie têm necessidade de deslocar a sua culpa. Patrocinar uma criança que jamais se irá conhecer num país estrangeiro é o nível básico. Patrocinar uma (semi) órfã é jogar em grande. Eu tinha desempenhado o meu papel, por isso, porque não deixá-los ajudarem-me a longo prazo? Encontrei um apartamento com um quarto em Homsey, a uns escassos 15 minutos a pé do quarto no sótão que partilhara com Marie, e suportei uma última refeição com os Latimer. Jimmy veio da universidade para se juntar a nós, por insistência de Sophie, e depois de uma refeição desconexa de *moussaka* (a mulher não era capaz de cozinhar nada se não achasse a sua proveniência exótica, de alguma maneira), veio comigo até ao meu novo apartamento e apresentou-me uma garrafa de vinho surripiada de casa. Dormimos juntos nessa noite, o que foi um acontecimento estranho, mas inevitável. O sexo era uma forma de intimidade sobre a qual nos vínhamos tornando cada vez mais curiosos à medida que íamos ficando mais velhos e mais próximos. Era uma forma de nos ligarmos ainda mais — coisa que não podia ser reclamada por mais ninguém. Talvez houvesse também um elemento de controlo da minha parte, abrindo uma outra parte de mim para ele e só para ele, na certeza de que ele valorizaria a nossa relação de modo ainda mais veemente. Não foi apenas um ato calculado da minha parte. Já passei anos a oscilar entre gostar de Jimmy como de um irmão e desejá-lo como parceiro. Às vezes, é só uma espécie de reconforto que dou por adquirido, mas também é a única pessoa que conheço que me poderia partir o coração. Acho tudo isto bastante confuso, na verdade, estar sempre a empurrá-lo para longe e a atraí-lo para junto de mim. Não é de admirar que não o tenha deixado ficar a dormir em minha casa nessa noite. Não queria encontrá-lo ali quando acordasse na manhã seguinte. Queria que o apartamento fosse meu e só meu. Mas ainda abri os olhos nessa manhã à espera de o ver deitado ao meu lado.

Eu passava a vida a trabalhar e a correr, e às vezes encontrava um ou outro colega de escola de regresso da universidade para passar uns dias em casa. Cozinhava bastante, algo que nunca tinha feito. Estudava livros sobre como ser bem-sucedido como vendedor, com algumas das frases mais entediantes que uma pessoa pode ter o azar de ter de ler na vida. Mas foram

úteis, quanto mais não seja porque o jargão de treta que utilizava me dotou de uma linguagem que me ajudou até hoje. Se uma pessoa incluir algumas frases escolhidas no seu repertório, é tida como competente. «O centro de lucros vai adorar este negócio», por exemplo, mostra ao gerente de vendas que percebemos o que é o cliente consciente do preço ao mesmo tempo que nos faz querer bater com a cabeça numa porta.

Eu ia a pé até casa dos Artemis quase todas as semanas, por nenhuma outra razão que não fosse relembrar a mim própria o meu objetivo último. Esse objetivo pareceu um pouco mais próximo quando fui convidada pela direção para me candidatar a um lugar na equipa de *marketing*. Estava a trabalhar na Sassy Girl há quase um ano, e não tinha verdadeiro interesse em trabalhar na direção, mas andava a azucrinar a minha gerente quase constantemente para me avisar se aparecesse alguma coisa fora da loja, e ela deve ter-se compadecido de mim. Recomendou-me pela minha dedicação ao trabalho e interesse em aprender mais sobre a marca, e elogiou as minhas montras, o que deve ter feito balançar as coisas a meu favor. Quem diria que combinar uma parca em pele de imitação com uma bolsa fluorescente de trazer à cintura contaria como experiência? Era um emprego no degrau mais baixo da escada, mas era um *degrau* da maldita escada. E significaria trabalhar no mesmo edifício que Simon. Cinco pisos e um mundo de mármore de distância, mas, ainda assim, uma ligação que tinha algum significado para mim na altura.

Durei precisamente 13 meses. O trabalho era simultaneamente estupidificante e embaraçoso. Eu não tinha interesse nenhum em «pôr o fio da criatividade a girar» em reuniões em que discutíamos a disposição das montras e ouvir falar em «*merchandising* que faça com que os clientes se belisquem de excitação» fazia-me sentir como se estivesse a viver numa má simulação da realidade. Retirei três coisas boas dessa experiência. A primeira foi ter feito bom dinheiro para uma jovem de 20 anos, dinheiro esse que poupava obsessivamente. A segunda foi ter conseguido uma visita a casa de Simon quando ele deu a sua festa anual para o pessoal da direção. Eu teria dado tudo o que tinha para conseguir um vislumbre dessa mansão na colina, e agora aqui estava ele, a dar-me as boas-vindas a sua casa. Eu era a víbora, penetrando no coração da família.

Recebemos os convites aleatoriamente. Dizia-se que eles convidavam as

peessoas retirando os nomes de um chapéu todos os anos para que o sistema não favorecesse ninguém ou alguém em especial. Por isso devia ser coincidência que a festa estivesse cheia de gestores seniores e de raparigas que trabalhavam a um nível muito mais juvenil. Gary, o *web designer* que se sentava a três secretárias de mim, nunca tinha sido um dos felizes contemplados. Mas, uma vez mais, a sua aparência e a sua vaga aura de homem «vencido pela vida» também não era coisa que eu quisesse ver numa festa. O homem comia sopa instantânea com a mesma colher de plástico todos os dias durante o ano inteiro. Havia muitas colheres disponíveis na cozinha comum. Assustador.

A festa do pessoal da família Artemis era um evento bastante insípido que se realizava no jardim durante duas horas com canapés e espumante servido por estudantes com um ar entediado. Havia uma máquina de algodão-doce montada ao lado de um minilabirinto, e algumas pessoas tinham cometido o erro de aceitar as coroas florais que estavam a ser tecidas por uma mulher de aspeto rude que parecia completamente deslocada neste monumento à ganância. Na verdade, um homem ligeiramente suado com um fato cinzento e uma coroa de flores na cabeça é a personificação exata da perda de dignidade. Mesmo com as penosas atividades que eram oferecidas, era evidente que o evento era um exercício completamente forçado — manter o moral do pessoal elevado, fingindo valorizá-los o suficiente para os autorizar a entrar na casa do patrão. Todavia, não éramos suficientemente valorizados para nos ser autorizado o acesso às casas de banho interiores, pelo que havia um caseiro de ar austero especado na escadaria, não fora alguém pensar em subir as escadas para meter o nariz onde não era chamado. Para mim, era completamente fascinante. Esta casa onde a minha mãe me levava, onde ficámos à porta, sabendo eu, no meu íntimo, que jamais seria convidada a entrar. Aqui estava eu. Fui convidada a entrar com um copo e um sorriso indiferente. Passei uns bons 20 minutos a observar uma empregada que seguia discretamente as pessoas e ia desinfetando tudo o que elas tocassem. Era fascinante.

Bryony era claramente demasiado sensata para se misturar com os empregados e não apareceu em lado nenhum. Simon permaneceu num canto com os membros masculinos da alta administração, com o fumo dos charutos a formar uma nuvem esférica em volta das suas cabeças. Não interagiu com a

mulher uma única vez, que eu tivesse visto. Ocasionalmente, surgia um aceno a um funcionário do sexo feminino e ouvia-se um clamor de risos ecoar no pátio. Era difícil adivinhar quantos atentados aos direitos humanos estavam a ser cometidos em semelhante espírito de «zombaria» por aquele bando de homens de *mocassins* castanho-claros e camisas abertas no pescoço. Eu vagueei por ali, de copo na mão, como se estivesse vagamente à procura de alguém, e atravessei as portas francesas da sala de estar. Janine apareceu a cirandar à entrada segundos depois, com o cabelo moldado em forma de capacete, as suas joias de ouro a tinir como uma armadura. Presumo que estivesse em alerta máximo, pois a ideia de haver alguém a surripiar a sua panóplia de bugigangas de alta qualidade era algo que os seus nervos não conseguiriam suportar.

Eu voltei costas e fingi estar a observar um quadro berrante de uma dança de flamenco e ela passou por mim em grandes passadas, entrando na cozinha seguida por uma mulher de ar ansioso de avental e luvas brancas. Claro que ela não me viu, pessoas como Janine não têm uma visão normal. São cegas às pessoas que consideram irrelevantes. Eu não a censuro, é um talento que admiro. Porquê gastar tempo com pessoas que mostram não ter valor? O corredor estava vazio, por isso continuei a andar, alcançando uma ampla escadaria em caracol que nos levava ao piso seguinte e ao seu espaço mais privado. Fiquei em suspenso, a pensar no que me poderia acontecer se fosse apanhada a revolver o quarto do casal. Seria posta na rua e despedida? Levaria a que investigassem as minhas origens? Provavelmente não valia a pena o risco, por muito tentada que estivesse.

Em vez disso, tentei espontaneamente a porta à direita das escadas e entrei no que era claramente um estúdio. Prateleiras de livros alinhadas nas paredes, recheadas de volumes encadernados em pele claramente comprados para serem exibidos. Eu duvidava que alguém nesta família tivesse lido as obras completas de Dickens, quanto mais um livro sobre Derrida. Oh, meu Deus, por ordem alfabética. Na secretária de mogno repousava uma caneta de tinta permanente, com uma resma de papel bege grosso e um grande ornamento de prata em forma de coração que reconheci como um *Tiffany* clássico. Havia duas molduras douradas, ambas mostrando o trio Artemis: numa delas via-se Bryony no seu batizado; a outra era mais recente, e ao estudá-la mais de perto, percebi que mostrava a família no jardim do Palácio

de Buckingham. O enorme chapéu de Janine não chegava, ainda assim, para obscurecer por completo o edifício atrás deles. Devem ter espremido este momento ao máximo, como se fosse um encontro privado de colegas e não uma aglomeração de milhares de pessoas que a Família Real devia achar pavorosas se pudesse falar francamente e desembaraçar-se das suas obrigações. Peguei na fotografia e deixei-a cair no chão. A carpete espessa amorteceu a queda, claro está. Por isso espezinhei-a com o calcanhar até ouvir o vidro estalar silenciosamente, após o que o volvei a pôr em cima da mesa. O vidro quebrado soltara-se e eu usei um caco para riscar levemente o rosto de Simon. Depois, esgueirei-me cautelosamente de volta para o corredor.

Eu não queria voltar a correr lá para fora, por isso demorei-me na sala de estar principal, enquanto ia bebendo a minha bebida. Janine voltou da cozinha e eu senti-me pronta para a encarar nos olhos. A sua cara tinha uma expressão amarga — a insatisfação permanente de senhora rica colada à pele. Mas ela sentiu-se claramente obrigada a vir ao pé de mim, ou talvez quisesse apenas certificar-se de que eu não estava a tentar roubar-lhe as pratas. Enquanto ela se aproximava, tive um momento de pânico. Sophie comentava muitas vezes que a minha cara nunca trai as minhas emoções. Por vezes, parece quase ofender-se por eu não querer revelar os meus pensamentos mais profundos com um olhar. Mas, naquela fração de segundo, imaginei que Janine pudesse ver as minhas intenções todas estampadas no meu rosto. Comecei a falar sobre a casa dela, utilizando adjetivos para descrever o seu estilo de uma maneira que, na verdade, não deixava transparecer que fosse algo de que eu gostasse. Tivemos uma conversa rápida sobre a lareira, que foi a única coisa de que me consegui lembrar para me concentrar. A sua postura descontraiu-se um pouco quando comecei a fazer perguntas sobre a vasta gama de mármore diferentes que tinham sido utilizados no salão, mas o seu sorriso permaneceu rígido. Talvez isso se devesse ao imenso trabalho que ela tinha tido, endurecendo-lhe o semblante a ponto de dificultar a expressão espontânea, mas era difícil dizer. Falou de como era difícil dar um estilo a uma casa daquele tamanho, e disse-me que a maior parte dos seus adorados objetos decorativos estavam guardados na sua casa do Mónaco, como se eu compreendesse como era terrível perder o rasto aos meus melhores castiçais dourados.

— Sempre viveu aqui? — perguntei, enquanto passava a mão pela cornija da lareira, deixando deliberadamente uma dedada vagamente borratada. A mão dela estremeceu, e eu percebi que ela estava a usar toda a sua força de vontade e educação para não afastar o meu braço com uma palmada.

— Sim, mudámo-nos pouco antes de a Bryony nascer, pois sabíamos que iríamos precisar de um espaço maior para as crianças.

Era estranho ouvi-la falar de crianças no plural. Partindo do princípio de que não se estava a referir aos filhos ilegítimos, que podiam ser muitos, aquilo sugeria que eles esperavam ter mais filhos. Hesitei entre perguntar-lhe isso e a perspectiva de ser posta na rua por um dos muitos seguranças espalhados pela casa, e optei por refrear o meu impulso.

— Bom, foi muito agradável conhecê-la. Sem dúvida que os filhos do Simon têm muita sorte em ter um pai que lhes pode valer — disse eu, enquanto passava por ela em direção ao jardim. Ainda não tinha chegado às portas e já ela estava a chamar pela govemanta.

Abandonei aquela festa sentindo que estava finalmente a chegar a algum lado. Tinha estado no meio deles. Já não era só um sonho distante. Até agora, as minhas interações com Simon tinham sido nada mais do que zero, a menos que contássemos com as patéticas excursões que eu fazia de vez em quando diante dos seus portões e aquela vez em que o vi à entrada do gabinete. Nem mesmo eu, que estava tão ansiosa por apressar as coisas, podia chamar a isto encontros.

A terceira vantagem de trabalhar na Artemis Holdings foi ter conhecido Tina, a minha adorada informadora. Adorada não é exatamente a palavra certa, visto que eu nunca lhe teria dado um segundo da minha atenção se ela não tivesse nada para me oferecer para além da amizade, mas estimava-a pelas suas informações, e isso era mais valioso para mim do que qualquer companhia. Tina era a assistente pessoal do vice-presidente executivo, Graham Linton, um amigo próximo e comparsa de Simon. Um homem que usava fatos cinzentos com um ligeiro brilho, daqueles que se veem nas lojas de roupa quando anunciam que estão a fazer uma liquidação total. Dei por mim a conversar acidentalmente com ela numa pausa para fumar, vários meses depois de ter sido contratada pela direção. O chefe de gabinete era muito severo em relação às pessoas que fumassem nas proximidades da porta

do escritório. Havia uma varanda para fumadores das altas patentes no quarto andar, e o fumo dos charutos percorria os escritórios durante horas quando Graham, Simon ou o seu irmão Lee decidiam permitir-se esse prazer, mas todas as outras pessoas tinham de ir à volta para a entrada das mercadorias. Um dia, Tina comentou que gostava do meu cachecol e eu fiz-lhe um sorriso condescendente, o que foi mais do que suficiente para que ela viesse sentar-se ao pé de mim. Era a mulher mais amigável que eu alguma vez tinha conhecido, e isso era, só por si, razão suficiente para eu deixar de fumar e passar a evitar aquela zona. Era o que teria feito, não fosse ela referir com quem trabalhava no preciso momento em que eu estava a apagar o cigarro. É horrível ter de fazer marcha-atrás quando nos damos conta de que podemos obter alguma coisa de alguém, não é? Ter, de um momento para o outro, de lisonjear um potencial doador que esteve a noite toda a lançar-nos olhares lascivos, ou rirmo-nos das piadas de um tipo que irá pagar todas as rodadas? Sentimo-nos ligeiramente conspurcados. Mas, no fundo, tudo na vida é uma troca. E eu pensei que Tina podia contar-me coisas sobre a família que eu não seria capaz de descobrir por mim mesma, por isso cerrei os dentes e fiz-me simpática. Supersimpática. Levando-lhe o café, enviando-lhe mensagens com «olás» divertidos no nosso sistema de *chat* do escritório, a almoçar com ela e fingir que ela estava a perder peso quando ela perguntava. Era uma boa troca, no entanto. Tina era uma empregada leal no que toca a Graham (que muitas mulheres do escritório diziam ser um homem arrepiante e não apenas por usar uma peruca muito pouco convincente), mas cantava como um canário quando se tratava da família Artemis. Nada do que ela me contou chegou a ser a bala de prata do meu arsenal, mas saber mais acerca destas pessoas que eu observava à distância há tanto tempo era infinitamente fascinante. E como nada do que ela me contava os pintava a outra luz que não fosse *perfeitamente terrível*, era também uma forma de me lembrar de que não tinha sido eu a construí-los como monstros na minha cabeça sem nada que o sustentasse. Sim, Tina foi uma dádiva, apesar de eu ter de dar ainda mais cabo dos pulmões para passar mais algum tempo com ela.

Mas trabalhar na Artemis Holdings não estava a contribuir para me fazer chegar perto do meu pai, apesar de todas as minhas ingénuas expectativas. Eu tinha, de algum modo, antecipado que subiria através do meu trabalho até me tomar a sua assistente mais próxima no espaço de alguns anos, conquistando

a sua confiança, penetrando sub-repticiamente na sua vida até fazer uma revelação dramática e o matar com ele ainda em estado de choque face à minha traição. Mas o homem empregava milhares de pessoas e era tão certo que não me iria convidar para o seu círculo íntimo como a certeza de que não iria ler um único livro que não fosse sobre como ser bem-sucedido nos negócios. Por isso, quando fui abordada por outra empresa de moda para o departamento de relações públicas e *marketing*, fui-me embora. A minha resolução permanecia tão firme como sempre, mas iria ganhar quase o dobro e, mais importante ainda, tinha chegado à conclusão de que matar uma família inteira enquanto trabalhava para a sua firma talvez não fosse uma estratégia muito inteligente. Concedo o erro inicial porque ainda era muito nova.

Foi nesta altura que o nevoeiro que eu sempre sentira envolver-me começou a dissipar-se e a minha vida se tornou mais clara. Cheguei a um lugar em que me sentia segura e no controlo das operações, e podia agora concentrar-me melhor no futuro. Em certo sentido, isto significava aguentar os cavalos e reconciliar-me com a arte da paciência. Desde então que trabalhei sempre na mesma empresa. Permaneci no mesmo apartamento, que ainda arrendo ao velho senhor turco que vive por cima de mim e ainda não me aumentou a renda desde que eu cheguei, para grande desgosto do seu filho. Poupei dinheiro, mantive um comportamento discreto e vivi em pequena escala, sempre à espera do momento em que daria início ao meu plano e começaria um novo capítulo. Não foi um período suscetível de inspirar grandes obras literárias, mas há tanta gente a viver assim todos os dias sem procurar qualquer capítulo seguinte. Contentam-se em viver as suas vidas pequenas e banais, satisfazendo as suas necessidades básicas e exclamando: «ooh, que bela garrafa de *prosecco*!» de vez em quando, para terem um momento especial. Por isso, não foi especialmente estranho ou dececionante viver aqueles anos de forma enfadonha. Dizem que os melhores anos da nossa vida são aqueles que atravessamos a correr aos 20 e poucos anos quando podemos beber, festejar e viver espontaneamente. Os meus não foram assim. Em vez disso, esses anos deram lugar a uma corrida empolgante através do tempo enquanto eu levava a cabo o meu plano, e agora antevejo muitos anos por vir que serão tão plenos e excitantes quanto eu espero que sejam.

Não quero com isto dizer que vivesse como uma puritana. Havia pequenos luxos de vez em quando. Ao que parece, sou daquelas pessoas que apreciam as coisas um pouco mais agradáveis da vida, predileção esta que imagino ter herdado quer da minha mãe quer do meu pai, de certa maneira, e que terá sido desencadeada pelo tempo que passei com os Latimer com a sua inclinação para vinhos biológicos e interiores exorbitantes. É por isso que o meu pequeno apartamento tem uma parede dedicada a sapatos, a droga de iniciação mais básica quando as mulheres querem cuidar de si mesmas. Quando já era um pouco mais velha, comecei a tirar férias maravilhosas em lugares que eu mal poderia imaginar quando estava a crescer com Marie. E cada vez que me sentava e bebia um copo de vinho numa esplanada qualquer, rejeitava a ideia de que talvez a minha vida tivesse acabado por se tomar melhor do que teria acontecido se Marie fosse viva. Claro que sofri um grande trauma com a perda da minha mãe, e é certo que os Latimer nunca foram da minha família, mas aceder instantaneamente à alta classe média próspera e acolher um ressentimento tão vil e duradouro tinha, de algum modo, jogado a meu favor. Eu repudiava a ideia a maior parte do tempo.

O alarme disparou outra vez. Provavelmente é só a rapariga esquisita três celas mais abaixo que se recusa a parar de gritar, mas tenho de me ir apresentar. Continuarei mais tarde.

Capítulo 8

Sentia-me palpitante quando fui para o trabalho nessa sexta-feira de manhã. Uma semana enfadonha de discussões intensas sobre *slogans* tinha retardado a passagem do tempo até ao torpor, e eu tinha andado a fazer corridas noturnas pela cidade só para queimar algum tédio acumulado. Mas nesse fim de semana tinha a agenda livre, e certificara-me de que tinha bom vinho e boas velas em casa. Tinha marcado uma massagem para sábado com o meu massagista preferido disfarçado de masoquista e iria a uma festa de sexo nessa noite. Poupem-me a qualquer espécie de choque. Não fiquem aterrorizados, ou pior, excitados. Isto não é um desvio para falar das minhas propensões particulares. Fui em pesquisa.

Tinham passado nove meses desde que eu vira Andrew Artemis desvanecer-se para ir ter com as suas adoradas rãs e vinha-me mantendo bastante discreta, trabalhando arduamente e resistindo a todos os meus anseios de voltar a pôr o meu plano em prática. Sabia de antemão que a cadência dos crimes tinha de ser estritamente respeitada, apesar do meu desejo constante de me ver livre deles todos numa semana e arcar com as consequências. Os crimes iniciais e, convenhamos, mais irrelevantes, tinham de ser bem espaçados no tempo, para não levantar suspeitas logo de início. «Acidentes trágicos» era o que eu queria que as pessoas pensassem. Isto poderia então evoluir para um «período de infelicidade para a família», até se atingir uma «maldição do clã Artemis». Com sorte, o último homicídio poderia levar algumas pessoas a murmurar algo relacionado com jogo sujo, mas por essa altura já toda a família estaria morta e enterrada e haveria muitos outros para tirar partido disso. Estava confiante de que ninguém teria pressa em vingá-los.

Por isso iria deixar a poeira assentar depois de Andrew. E eu não tinha sentido grande alegria ao olhar para o que tinha acontecido, ao contrário da euforia que experimentara quando Kathleen e Jeremy rebolaram por aquela ribanceira abaixo, por isso ficaria contente por me retirar durante algum tempo. Sabia que o funeral de Andrew tinha sido bastante concorrido, por

peessoas sisudas de impermeável, bem como de colegas de escolas privadas com faces ruborescentes. Tinha lido que a mãe, Lara, tinha ficado completamente devastada pela morte do seu único filho, não fazendo comentários públicos, mas renunciando ao seu trabalho como vice-presidente da Artemis Holdings, e fundado uma associação de caridade para a preservação da vida selvagem em nome de Andrew. Eu perguntava-me se o incidente a teria levado a afastar-se não só da marca como da própria família. Lee continuava a figurar plenamente nas colunas sociais, mas Lara parecia ter-se retirado de Londres, permanecendo sobretudo na casa de campo em Oxfordshire. Já vi a propriedade no Rightmove. O edifício principal é inteiramente pintado em tons de cinzento esbatido, e há uma grande variedade de tapetes persas por todo o lado, mas também há espaço para jogar golfe na propriedade e tem a maior banheira de água quente que alguma vez vi, com vista para o jardim. Não é difícil adivinhar quem escolheu o quê ali. Se vos ajudar, Lee usa botas de cowboy e diz que são «a sua imagem de marca».

A julgar pelo que li, Lara parecia ser totalmente inadaptada ao estilo de vida Artemis. Talvez seja por isso que comecei por pensar que Lee pudesse não ser tão hediondo como aparentava ser, apesar de todos os indícios que apontavam no sentido de ele ser exatamente isso. Ela era inteligente, com média de Bom em Cambridge e mestre em Administração de Empresas de uma universidade da Ivy League⁴. Ele era um oportunista, versado em privilégios e ganância. A família Artemis podia ser sagaz, mas eu estava convicta de que Lara raramente tinha o estímulo de uma conversa inteligente à mesa do jantar com a família. De acordo com Tina, que continuava a desmultiplicar-se em mexericos quando estava comigo, mesmo muito depois de eu ter abandonado o escritório, ainda havia grande perplexidade em relação à escolha conjugal de Lara.

— Ele era bonito, toda a gente achava que sim. Não revires os olhos! É importante quando se é novo. E era bom a adaptar o seu comportamento para espelhar as pessoas à sua volta. Punha uns olhos muito grandes e inspirados quando ela falava, e comentava com toda a gente como ela era inteligente. Ela era tímida, mas dava para ver que ficava lisonjeada com as suas atenções. Esta jovem de aspeto adorável, esquisita como tudo, mas tão, tão inteligente. Não estava preparada para um homem como Lee, e quando percebeu quem

ele era, já era demasiado tarde. Claro que os pais dele não gostaram de saber que ela era mestiça. Não o disseram explicitamente, mas era óbvio. E ele fê-los calarem-se por completo. Ele amava-a mesmo, acho eu. À sua maneira.

Era uma explicação fraca e não parecia ser suficiente para Lara. Aos 18 anos, podemos ser enganadas por um homem daqueles, mas aprendemos. Aprendemos depressa ou acabamos encurraladas.

Quando conheci o marido de Lara, a lógica de Tina parecia ainda mais frágil. Lee era o irmão mais novo de Simon, com três anos de diferença. A fazer fé nas edições antigas da revista *Hello!* (e eu tinha comprado os números dos seis últimos anos no eBay para procurar referências ao nome Artemis, o que também me serviu para me pôr a par dos vários escândalos dos nomes menores das casas reais europeias), então Simon terá sido o exemplo extremo do *playboy* nos seus tempos áureos, nos anos 90, mas Lee era a sua sombra entusiástica. Era igualmente bem-parecido para a época (com a aparência de um sociopata impiedoso — porque é que isso seria considerado atraente na altura?), com um rosto constantemente bronzeado, cabelo negro-azeviche, acachapado. O que até parecia jogar a seu favor, quando ainda era magro e sem rugas. As fotografias mostram-no rodeado de mulheres, por vezes, com uma garrafa de litro e meio de champanhe na mão. Mas, 20 anos mais tarde, este mesmo visual estava um pouco estragado pelos pequenos círculos brancos à volta dos seus olhos que mostravam que o bronzeado era feito num solário dos subúrbios, e o colarinho ligeiramente borratado em redor do pescoço que aparecia quando ele transpirava, revelando que talvez não tivesse dado uma gorjeta suficiente à sua colorista.

Lee nunca foi uma ovelha negra completa. Nunca teve problemas de adição graves, apesar de ser indubitavelmente reincidente. Nada de bancarrotas, apesar de ter sido CEO de nada menos do que 27 empresas diferentes, as quais fecharam todas ao fim de alguns meses. Uma dessas empresas, a GoGoGirl Pictures, foi encerrada ao fim de 63 dias. O nome não dava propriamente a entender que ele estivesse a contar fazer cinema de autor. Talvez a sua mãe colecionadora de pérolas tenha ouvido falar nisto e tenha posto termo à coisa.

Kathleen e Jeremy tinham Simon para segurar o nome da família. Ele era uma história de sucesso, o tipo que comprou a sua entrada nos jantares da

realeza e apertava a mão ao *mayor*, ao primeiro-ministro e a qualquer pessoa que fosse facilmente influenciada pelo seu dinheiro, o que significava a maior parte. Até as pessoas decentes ficam doidas quando se deparam com os muito ricos. Podem ter opiniões firmes sobre as desigualdades de riqueza, e pensar que os ricos gerem injustamente um sistema em que enriquecem ainda mais em detrimento de todos os outros membros da sociedade, mas deem-lhes uma taça de champanhe e peçam-lhes para posar com um milionário que lhes possa arranjar um emprego ou passar um cheque à sua organização e é vê-las sorrir afetadamente como os melhores.

Antes dos vários escândalos que envolveram o grupo Artemis, chegou mesmo a falar-se na possibilidade de Simon ser ordenado cavaleiro, o que era uma loucura, visto que o máximo que ele fez por alguém foi comparecer em meia dúzia de jantares anuais de caridade e licitar prémios estúpidos oferecidos por outras pessoas ricas. Uma vez fez as parangonas dos jornais por comprar uma pintura de um cavalo de um artista controverso, mas popular, que vendia o seu lixo por milhões. Mas não podia ser simplesmente uma bela pintura realista, nada tão simples como uma pintura de George Stubbs que requeresse prática e técnica. O cavalo tinha

de ter o focinho do comprador. Foi vendido por 300 mil paus. E agora, algures na mansão Artemis, pende orgulhosamente um centauro gigante. Era uma parte da herança a que eu delicadamente renunciaria.

Seja como for, a ideia da condecoração foi discretamente abandonada, mas Simon permaneceu respeitável — tido como um ícone dos negócios britânicos. E, por causa disso, Lee ficou com o estereótipo do irmão mais novo, irresponsável e inconsequente. Era salvo quando fazia disparates (uma vez subindo até à plataforma de observação da Catedral de São Paulo embriagado, depois de um jogo de futebol, ao mesmo tempo que fazia um vídeo dos seus colegas a cantar e a mostrar o rabo por cima do corrimão. Alguém fez uma chamada, e depois de um veemente pedido de desculpas à Igreja de Inglaterra, o assunto foi dado como encerrado) e, quando as suas próprias tentativas de fazer carreira descarrilavam, recebia empregos da família, aos quais pouco se dedicava. Com efeito, imagino que fosse bastante incentivado a não levar o seu papel na empresa demasiado a sério, por receio de que fizesse asneira.

Aos 29 anos, conheceu Lara através do seu trabalho na Artemis Holdings, tendo casado com ela oito meses depois com uma festa extravagante de três dias numa ilha grega. Um dos Bee Gees foi lá tocar, e um tabloide enviou um repórter que se infiltrou na festa disfarçado de empregado. A peça comprazia-se em comentar o comportamento idiota de vários convidados famosos, incluindo uma modelo que ficou tão embriagada que caiu na piscina com um vestido com pérolas incrustadas que tinha alugado para a ocasião. De acordo com Tina, que não esteve lá, mas que fazia sempre o trabalho de casa, Lara estava com dúvidas antes do casamento, mas tinha-lhe sido garantido que a grande ocasião era uma vez sem exemplo, apenas para a família e os amigos antes de eles assentarem. Lee prometeu-lhe que os dias de boémia tinham acabado, e propôs-se criar um futuro em que ela pudesse ser a chefe da família. Tão pouco que os homens prometem — e tanto que nós nos agarramos a isso.

A família tinha-lhes comprado uma grande casa com estuques em Chelsea, mesmo à saída de Kings Road, e tiveram Andrew pouco depois de se mudarem para lá. Lara progrediu na carreira e parecia passar o resto do tempo ou a organizar almoços de caridade para grupos meritórios ou a fazer pressão sobre o governo em nome das crianças vulneráveis. A família deve ter tolerado a natureza caridosa de Lara, reconhecendo que lhes emprestava um ar de respeitabilidade, mas imagino que o marido tenha traçado uma linha clara para que estes praticantes do bem jamais pusessem os pés em sua casa. Na sua própria vida, Lee continuou a incorrer nos excessos dos seus 20 anos, aparecendo frequentemente nas colunas sociais fotografado em clubes noturnos, atravessando Kings Road no seu novo bólido, sendo ocasionalmente nomeado sócio em novos bares e restaurantes que acabavam por fechar seis meses depois, quando o verdadeiro dono se apercebia de que as margens estreitas e as longas horas de expediente não eram tão glamorosas como a noite de abertura talvez tivesse dado a entender.

Desconfio que Lee gostava de mais do que beber uns copos e cortejar mulheres quando saía. A sua cara, outrora firme e aguda, estava inchada, e os olhos pareciam sempre ligeiramente esgazeados nas fotografias dos *paparazzi*.

As mais das vezes, quando saía à noite era conduzido pela cidade num sinistro *Bentley* verde. Isto, depois de uma multa por embriaguez logo pela

manhã (retirada depois de um bom advogado argumentar que a sua medicação para a constipação tinha interferido com outra medicação mais privada — os jornais divertiram-se bastante com este fraseado subtil) o ter persuadido de que contratar um motorista permanente era um investimento sensato. Isto significava que era fácil descobrir onde é que ele estava se por acaso estivéssemos na cidade nessa noite, pois o carro estacionava sempre em segunda fila, mesmo nas ruas mais estreitas de Londres, começando a noite nos bares mais sofisticados que Mayfair tinha para oferecer, passando aos clubes privados, e, pelas três da manhã, quando a maior parte dos notívagos começava a dispersar, serpenteando até ao bairro chinês, com destino aos locais mais sórdidos que não faziam questão de anunciar claramente o que lá se passava ao certo.

Eu sabia disto porque costumava seguir o *Bentley* por diversas vezes pela cidade. Era a maneira mais fácil de investigar Lee. Ele não estava nas redes sociais, tirando uma conta do Facebook que mal chegou a utilizar e que parecia morrer algures em 2010, mas que começou por me dar algum gozo ao ver a sua inclinação por jogos para ver que animal ele seria e que superpoder estaria mais vocacionado para possuir (suricata, olhos-*laser*). Raramente saía de casa antes das três da tarde para fazer um pouco de exercício, depois ia sempre tomar um café a Knightsbridge, onde se encontrava com outros homens de *mocassins Gucci* para pôr a conversa em dia num café que servia bebidas em chávenas douradas. Punham todos os telemóveis em cima da mesa, como se estivessem a gerir o país e pudessem ter de se retirar a qualquer momento. Eu sentei-me junto à sua mesa uma ou duas vezes, e ouvi-os falar nas ações em que se devia investir, nas viagens a Las Vegas que iriam fazer, ao mesmo tempo que faziam um ou outro comentário misógino só para manter a conversa leve. Homens de estado não eram.

A melhor hora para encontrar o meu irreverente tio era de noite. Quanto mais eu via este mundo crepuscular, mais me perguntava se ele alguma vez teria levado Andrew com ele numa dessas excursões. Isso explicaria muita coisa sobre o porquê de o meu primo se ter refugiado nas rãs. Ao fim de algumas noites a seguir o carro, mas sem nunca entrar nos estabelecimentos que Lee frequentava, dei o salto. Nunca tinha tentado entrar nas secções VIP dos clubes que ele visitava, pois parecia ser demasiado degradante ter de me embonecar para tentar seduzir um porteiro. Mas os bares eram mais fáceis, e

as espeluncas do bairro chinês eram canja. Podia acabar a noite a beber um copo mesmo ao lado do seu bando, a observar, a escutar.

O seu principal objetivo era apenas ser visto, tanto quanto me era dado a entender. O champanhe era servido à garrafa, atiravam-se mil beijos pelo ar às jovens presentes, os homens davam apertos de mão agarrando-se uns aos outros pelos pulsos, os relógios semipreciosos projetavam reflexos no teto. Meia hora depois, com novas pessoas no grupo, e outras descartadas, Lee e o seu séquito saíam e passavam à capela seguinte. Por volta da meia-noite, as idas à casa de banho tornavam-se mais frequentes e Lee começava a ficar mais animado, insistindo em voz alta em que as pessoas «fizessem a festa», e agarrando os seus companheiros corpulentos pelo pescoço. Por volta das três da manhã, já eu estava morta de tédio e a beber água. Nenhum deles reparou em mim, eu não era rapariga que os fizesse olhar para trás. Não era suficientemente jovem. E não exibia os meus atributos. Andava sempre com umas calças de fato pretas e uma *t-shirt*, um pouco de batom pelo esforço e uns saltos altos. Os sapatos eram a minha única concessão. Se eu tentasse usar sapatos rasos e flexíveis em bares como aqueles que Lee frequentava, eles partiriam do princípio de que eu era uma espécie de agente policial disfarçada e olhar-me-iam com suspeição.

Na minha terceira missão de observação falei pela primeira vez com Lee. Não tinha planeado fazê-lo — nada dependia de eu o vir a conhecer melhor —, mas achei que seria mais divertido do que vê-lo beber *shots* e tentar dançar tão mal que uma rapariga tipo modelo chegou ao ponto de se retrair e de sacudir a mão dele do seu ombro.

Lee e o seu grupo tinham ido a um clube privado perto de Berkeley Square, em Mayfair, e eu dirigi-me ao bar em frente, sabendo que não valia a pena gastar o meu latim a tentar entrar num estabelecimento com cordas vermelhas à volta e um velhote de cartola como segurança. Sentei-me à janela a bebericar um copo de *rosé*, à espera do momento em que o *Bentley* aparecesse, o que sinalizaria o próximo movimento. O clube devia estar calmo nessa noite, porque o carro estacionou à porta à uma da manhã. Eu saí do bar à pressa e mandei parar um táxi, dizendo ao motorista que seguisse os meus amigos que iam ali à nossa à frente. A explicação pareceu-me fraca, e eu senti-me desconfortável por dentro, mas ele nem sequer pestanejou. Tal como previsto, fomos direitos ao bairro chinês, estacionando à porta de um

sítio que eu nunca tinha visto. Em boa verdade, não era bem um bar. Não era bem coisa nenhuma. Era uma pequena porta sem qualquer sinal ou cardápio, ensanduichada entre dois restaurantes de *dim sum*, um sítio pelo qual poderíamos passar milhares de vezes sem reparar que estava ali. Vi Lee e dois comparsas encorpados tocar num intercomunicador e empurrar uma porta antiga. Uma fração de segundo antes de a porta se fechar, meti o pé na ombreira da porta e esgueirei-me. Deixei os passos deles esvanecerem-se antes de os seguir, para evitar dar de caras com eles nas escadas estreitas. O local era sombrio, com papel de parede vermelho-escuro e uma alcatifa desbotada. Tudo ali me parecia gritar «bordel», exceto a música *house* muito alta que se ouvia vinda do andar de cima. Isso deu-me confiança para pelo menos tentar aceder ao local. Estivesse aquilo em silêncio e ter-me-ia ido embora imediatamente.

Esperei alguns minutos no vão das escadas e subi. A porta que se me deparou era uma grande porta corta-fogo preta, e eu empurrei-a hesitantemente. Atrás dela estava uma pequena sala, presumivelmente uma antiga zona de receção de um escritório, com persianas pretas sobre as janelas. Duas mulheres atraentes mais ou menos da minha idade estavam sentadas em bancos altos atrás de uma pequena mesa onde repousavam copos de champanhe e uma pequena taça com preservativos. Estavam a sorrir para mim.

— Olá — disse a que tinha um corte de cabelo *bob* e um risco com uma asa até às sobrancelhas. — Bem-vinda à Parada do Prazer. Traz o seu convite?

Eu sempre fui capaz de pensar depressa, sem gaguejar ou evitar o contacto visual. O truque é sorrir e não dar demasiadas explicações. Isto era claramente uma festa de sexo. Nunca tinha ido a nenhuma, mas já tinha lido artigos suficientes em revistas femininas sobre o surto de festas privadas onde pessoas bonitas se encontram e copulam para perceber o que se estava a passar aqui. A *Vogue* tinha referido esses encontros. Porquê acanhar-me?

— Desculpe — disse eu, pondo a mão em cima da mesa. — Estive no Soho e só me lembrei que isto ia acontecer esta noite, mas estupidamente esqueci-me de o trazer. Espero que não faça diferença. A Flick disse que não havia problema.

A outra, que trazia uma bandolete feita de seda verde e umas argolas douradas, olhou-me de alto a baixo e dirigiu um olhar de relance à do penteado *bob*.

— Bem, como sabe, estes eventos assentam na exclusividade e... na discricção — levou um dedo aos lábios. — Mas se a Flick confirmou, não deve haver problema. Pode só assinar este formulário e pôr o número de telefone nesta caixa?

Agradei a Deus pela palavra mágica. Flick, o nome fino de rapariga branca capaz de nos abrir as portas em certas ocasiões. Há sempre uma Flick — talvez fosse uma relações-públicas da festa, ou uma galerista ou apenas uma amiga de uma amiga. Basta referi-la para dar o sinal de que somos gente boa, de que estamos por dentro, provavelmente até conhecemos Floss e India...

Assinei o formulário, que me dizia, basicamente, que eu não devia falar da Parada do Prazer a outras pessoas nem referir os nomes de nenhum dos convidados mais distintos. Não devo tirar fotografias ou gravar o que quer que seja. Tenho de me comprometer a manter as coisas «seguras e divertidas» em todas as ocasiões, e respeitar as fronteiras dos outros.

Entreguei o telemóvel e a rapariga da bandolete deu-me um preservativo com uma piscadela de olho.

— Lembre-se de que a sala azul é para jogos desviantes. Se alguém a incomodar, o Marco está no bar.

— Oh, sim, estou mais que pronta — disse eu, enquanto lhe estendia o casaco e entrava pela porta por trás delas com mais confiança do que realmente sentia.

Eu gosto de sexo. Não sou uma pessoa afetada ou reprimida em relação a isso. É uma atividade divertida de alívio do *stress*, mesmo quando é praticado de forma insatisfatória, que é o que acontece grande parte das vezes quando se está a copular com um homem educado pela pornografia que pensa que as mulheres precisam de um mínimo de preliminares e desejam muitas posições flexíveis. Os orgasmos são uma coisa maravilhosa, especialmente se os tivermos sozinhas e forem seguidos de silêncio, e não da necessidade desesperada de pôr um homem desconhecido fora da nossa casa imediatamente. Mas não morro de amores pela positividade exuberante em

relação ao sexo com que somos bombardeados hoje em dia. Mulheres que nos querem contar tudo sobre o seu percurso sexual, como se desfrutar do sexo fosse um traço de carácter. Casais que publicam fotografias de si próprios enroscados nos lençóis nas redes sociais, fingindo que a sua gabarolice pós-coital é arte. Péssimos ensaios e poesia amadora sobre fornicção. O sexo é para se fazer, não para dissertarmos sobre ele.

As festas de sexo sempre me pareceram uma maneira de pessoas aborrecidas mostrarem aos outros haver nelas um lado mais interessante. E talvez houvesse, se uma pessoa iniciasse subitamente uma orgia num supermercado da baixa da cidade, mas um convite sofisticado dirigido apenas ao West End, onde as raparigas usam lindas bandoletes, não me parece uma coisa nada alternativa. É como um ginásio de luxo onde os batidos custam 9 libras e o dispensador de gel de banho é feito por um *designer* famoso e toda a gente vem exhibir o seu corpo em *leggings* das lojas da moda, mal prestando atenção ao exercício físico propriamente dito. É tudo uma atuação.

Entrar naquela festa nessa noite não contribuiu em nada para me desenganar desse preconceito. A primeira sala era o bar, onde havia pessoas completamente vestidas a conversar e a beber de copos de cristal. A luz era difusa, mas eu consegui distinguir uma mala *Gucci*, o brilho de um anel de diamantes, a mistura inebriante de demasiados perfumes *Tom Ford* confundindo-se uns com os outros. Era tudo rico e banal, e haver trocas de fluidos corporais nas salas contíguas não tornava nada diferente.

A música estava muito alta, talvez para disfarçar os sons de êxtase que vinham das outras divisões, e eu encaminhei-me para o bar, tentando localizar Lee na escuridão e esperando que ele não tivesse ido já para a sala de sexo, sobretudo porque, se assim fosse, tudo isto seria em vão, mas também porque não queria ter de ver o meu tio nu. Eu era ambiciosa nos meus planos de vingança, mas tinha de estabelecer limites, e acontece que o limite era ter de ver um parente meu a esfalfar-se em cima de uma mulher que eu presumia que fosse pelo menos 20 anos mais nova do que ele. Não era aí que eu esperava que estivesse o meu nível de melindre depois de matar três pessoas, mas é o que é.

Enquanto o empregado do bar me preparava um *Martini* (detesto *cocktails*, mas apetecia-me desempenhar um papel), estudei as pessoas à

minha volta. Um casal com bom aspeto na casa dos trintas — ele de camisa azul e calças chino, ela com um vestido de seda verde com uns saltos altos cor-de-rosa e uma expressão ligeiramente apreensiva — encontrava-se ao meu lado no balcão. Ele estava a segurar a mão dela e a olhar para trás, sorrindo-me. Devolvi o sorriso, mas desviei o olhar abruptamente. Não queria enredar-me em conversas. A julgar pela frequência com que ela lhe sussurrava coisas ao ouvido, e pela maneira como ele a reconfortava, afagando-lhe as costas, era óbvio que ela só ali estava para lhe fazer a vontade. Esperava que eles não me elegessem como escolha ideal para a sua primeira e infeliz *ménage à trois*.

No outro extremo da sala, consegui distinguir duas mulheres, ambas magras como galgos e igualmente elegantes e nervosas, sentadas juntas num sofá de veludo de peluche enquanto um homem algo atarracado se agachava aos seus pés a falar com elas. A julgar pela maneira como as suas mãos gesticulavam, estava claramente a tentar ser agradável, mas os sorrisos polidos e os olhares inconstantes delas eram um sinal inequívoco de fastio. Não parecia que estivessem propriamente desesperadas para trepar por ele acima como a uma árvore. Na verdade, havia muito pouca energia sexual a vibrar nas pessoas que estavam à minha volta. A sala parecia silenciada e com uma atmosfera algo desconfortável, como se toda a gente estivesse à espera de que alguém tomasse a iniciativa de pôr as coisas a mexer. Talvez ainda ninguém tivesse ingerido álcool suficiente.

Senti uma cotovelada brusca no braço que me retirou o apoio do balcão e me entornou a bebida do copo.

Olhei à volta e vi que um dos amigos de Lee se tinha acotovelado até ao balcão, sem se dar ao trabalho de ver que o espaço que agora ocupava tinha sido ocupado por outra pessoa alguns segundos antes. Os homens fazem muitas vezes isto, estendendo as pernas no metro como se tivessem uma necessidade inata de preencher qualquer espaço que não esteja ocupado, ou então caminhando no meio de um passeio estreito e ficando quase surpreendidos quando vão de encontro a nós, ou então quando tentam ganhar posição numa fila como se uma pessoa fosse autorizá-los a passar à frente. Nem sequer reparam no que estão a fazer. Eles são importantes, as suas necessidades são importantes. Nós não somos assim tão importantes. Nós não somos nada importantes. A não ser que sejamos atraentes para eles. Aí, sim, o

nosso espaço é ocupado de outras formas. Os homens metem-se à nossa frente e bloqueiam-nos o caminho para captar a nossa atenção. Abrandam o carro para nos fazerem sentir desconfortáveis enquanto atravessamos a rua. Pairam sobre nós nos bares, tocando-nos no braço, segurando-nos a mão. Se tivermos sorte, apenas a nossa mão.

Eu não me afastei nem mais um milímetro. Em vez disso, cravei os olhos no perfil suado do homem enquanto ele tentava chamar o empregado. Se alguém nos fitar por tempo suficiente, acabamos por ser obrigados a retribuir o olhar. O tipo levou um minuto, mas finalmente lá olhou para mim.

— Acabou de entornar a minha bebida — disse eu, sem mexer a cara nem qualquer outra parte do corpo. Sem pestanejar.

— Estou a tentar pedir uma bebida, querida, dê-me um segundo — disse ele, e virou costas outra vez. Eu senti a raiva a crescer, e a minha cara começou a ficar quente.

— Entornou a minha bebida. O que é que vai fazer em relação a isso? — O homem vira-se novamente para mim, cerrando o punho em cima do balcão.

— Não pense que me vai convencer a oferecer-lhe bebidas. Não sou nenhum idiota. — Fez um gesto a um amigo e um encolher de ombros de indiferença. No preciso momento em que eu estava prestes a explodir de cólera, Lee intrometeu-se. Tapou a visão do seu amiguinho corpulento e juntou as mãos como se estivesse a rezar.

— Peço desculpa pelo meu amigo, querida, ele não é um bom cavalheiro, mas vi que ele te fez perder um bom copo de vinho e gostaria muito de pagar um para te compensar. — Arreganhhou-me um sorriso, envolvendo as minhas mãos nas dele e fazendo-as repousar no balcão, antes de fazer sinal ao empregado para me trazer uma nova bebida.

E foi assim que dei por mim a conversar com o meu tio. Ele era encantador, daquela maneira que a minha mãe costumava descrever a respeito de Simon. Todo ele conversa e sorrisos. A confiança para assumir o controlo e tomar liberdades sem incorrer em verdadeiras ofensas. Eu permiti que ele me pedisse o vinho. Não lhe disse que estava a beber um *Martini*. Não objetei por ele ter escolhido um de que eu não gostava por aí além, e não recuei quando ele tocou nas minhas mãos sem pedir autorização. Não havia nada de apreciável ou interessante no seu comportamento, era mais uma

questão de ele estar plenamente confiante de que era um homem todo-poderoso e agir como se toda gente também o soubesse. Homens destes conseguem muita coisa. Mesmo que uma pessoa deteste este tipo de atitude, por vezes, é difícil contrariá-la. E depois, mais tarde, acaba por se odiar a si mesma por tê-la permitido.

Lee obrigou o amigo, a quem chamava «Scotty, o cão escocês», a pedir-me desculpa, antes de o deixar voltar para o balcão onde este se dirigiu imediatamente para uma porta que ficava à esquerda do bar.

— Não perde tempo, o Scott — pestanejou Lee. — Então o que é que traz uma rapariga como tu a um sítio destes, afinal?

Eu disse-lhe que a minha amiga me tinha recomendado estes convívios como um bom ponto de partida para quem estiver interessado em se envolver na cena. Lee abanou a cabeça.

— É um grupo convencional, não acontece nada de muito ousado por aqui, algumas quecas, algumas cenas giras de rapariga com rapariga. Não é suficientemente *hardcore* para o meu gosto, mas numa quinta-feira de chuva até pode servir.

— Então do que é que tu gostas? — perguntei eu, sentindo-me cada vez mais ciente de que isto poderia dar a ideia de que o estava a cortejar e tendo de reprimir a leve náusea que começava a sentir crescer dentro de mim. No entanto, é difícil não parecer que estamos a cortejar o próximo numa festa de sexo, até mesmo uma conversa sobre impostos municipais pode acabar por se revelar sugestiva se estivermos a cinco metros de pessoas a fazer sexo com estranhos.

Ele inclinou a cabeça e sorriu-me. Percebi que só agora é que ele estava a olhar para a minha cara como deve ser, fazendo mesmo uma pausa para me prestar atenção. Estava a avaliar-me, talvez para me fazer uma proposta, ou talvez por simples excentricidade. Dei um golinho no meu vinho e tentei não parecer coquete. Se ele quisesse contar-me as suas inclinações sexuais, era uma coisa, mas eu não iria tentar aliciá-lo para que o fizesse.

— Isso é uma pergunta ousada, tendo em conta que ainda estamos vestidos, senhorita. — Lee sorriu desdenhosamente e olhou para o relógio, um grande *Rolex* de prata pintalgado de diamantes que lançavam reflexos cintilantes sobre o tampo do balcão. — Não é nada que uma boa rapariga

como tu esteja interessada em saber, acredita. Experimenta este sítio para principiantes, depois falamos.

A abordagem de menina ingénua e inocente não estava a funcionar. Já o estava a deixar entediado.

— Então, gostas de ser humilhado, é essa a tua cena? O ricalhaço, a quem nunca ninguém diz não, é tratado como um príncipe, mas o que realmente quer é que alguém lhe devolva o seu próprio sentimento de fracasso? Ou talvez gostes que te batam. Esmurrado em todo o lado. Ou será que queres ser comido? Tu não és *gay*, oh, não, Deus te livre, mas queres que alguém te empurre e te domine? Não é assim tão interessante, para te ser franca. Achas que os teus fetiches são únicos ou diferentes? Não são, companheiro, isso garanto-te eu.

Isto fê-lo rir. Os homens riem-se muitas vezes com surpresa quando acham uma mulher engraçada, como se isso fosse uma qualidade que não era suposto elas possuírem. Lee estava novamente envolvido, tinha-o reconquistado. A minha dignidade sofreu grandes rombos enquanto tentava ver-me livre desta família horrível. O resultado valeria a pena, disso não tenho dúvidas, mas andar a passear por Marbella, a arrancar ervas num centro de conservação da natureza, e agora conversar sobre sexo com o meu tio... era, sem dúvida, uma provação. De certa maneira, fez-me lembrar uma passagem de *Sensibilidade e bom senso*: «A renda aqui pode ser baixa, mas creio que se nos coloca em termos muito difíceis».

— Não te deixas impressionar facilmente, pois não? — Olhou em volta, como se estivesse a preparar-se para divulgar segredos de Estado. — OK, Senhora Já-Viu-Tudo, gosto de um bocadinho de asfixia. Cintos, lenços, seja o que for que funcione. Perder o fôlego enquanto nos aproximamos do momento de glória. É muito louco, digo-te eu. Sempre gostei disso. Suponho que um psiquiatra com uma grande cabeça diria que é porque um dia quase me afoguei na piscina lá de casa quando tinha 10 anos ou outro disparate qualquer, mas vá-se lá saber...

Olhei para a mão dele de modo incisivo.

— A tua mulher alinha? — perguntei, sorrindo e olhando para a aliança. — Imagino que ela gostasse de te apertar o pescoço de vez em quando.

Em seu duvidoso benefício, devo dizer que Lee nem sequer se esforçou

por parecer envergonhado.

— A minha mulher é... tem classe. Ignora alguns dos meus passatempos e eu deixo-a continuar a redecorar a nossa cozinha pela 18.^a vez. Agora, metade do tempo, comporta-se como uma senhora de idade. Eu percebo, ela tem uma vida boa graças a mim, o objetivo do casamento é esse. Mas os homens e as mulheres são espécies diferentes, sabes? Eu ainda tenho desejos. Se ela não me quer ajudar a realizá-los, não pode ficar muito surpreendida por eu ir procurar resolvê-los noutro lado.

Nesse momento, o outro amigo de Lee correu em direção a nós, entornando a bebida e chocando com um grupo de pessoas que se encontravam por perto.

— Oh, valha-me Deus, é o Benj, a noite para ele acabou aqui — disse Lee. — Gostei de te conhecer, querida, não faças nada que eu não fizesse.

Eu reprimi a necessidade de fazer uma careta e acenei-lhe com uma mão, enquanto ele se encarregava do seu amigo e o encaminhava para fora do bar.

Esperei mais cinco minutos para ter a certeza de que eles se tinham ido embora, acabei de beber aquele vinho horrível e saí, dando bastante espaço ao casal nervoso que agora discutia à porta, com a maquilhagem a diluir-se debaixo dos olhos dela. As raparigas da receção acenaram-me alegremente enquanto eu saía, nada surpreendidas pela curta duração da minha estadia. Talvez haja muitas pessoas a fazer visitas-relâmpago a festas de sexo...

Fiz a minha viagem de táxi para casa com toda a espécie de ideias interessantes a formarem-se na minha cabeça. Que homem generoso que era o meu tio. Em apenas 20 minutos, tinha-me oferecido uma bebida e uma dica sobre como o matar. Quem é que disse que os ultrarricos não ajudam os necessitados?

Adormeci durante a massagem, apesar da forte pressão que o massagista aplicou, e depois tomei um banho demorado, relendo a minha velha edição maltratada de *O segundo sexo* antes de depilar as pernas e fazer um bom tratamento ao cabelo. Comecei a ler literatura feminista aos 16 anos, quando a mãe de Jimmy começou a ficar preocupada com o tempo que eu passava com Jimmy e os seus colegas. Acho que ela pensava que a ausência de

modelos de conduta femininos poderia levar-me por um caminho que me tornaria completamente mal preparada para lidar com as desvantagens que o meu sexo acarretava. Isto era tipicamente bem-intencionado por parte de Sophie, mas também mostrava até que ponto ela era privilegiada. Uma mulher branca e rica, isolada da discriminação de todas as maneiras possíveis, mas muito empenhada em falar no assunto em termos gerais de indignação. Os Latimer e os seus amigos eram mestres nisto — abanando a cabeça em relação ao fecho da mercearia da esquina, quando todos os dias passavam por ela para ir ao minimercado de luxo mais próximo, falando alto sobre as horas de baixa que pagavam à sua empregada para depois se verem livres dela quando ela deixou de poder trabalhar às quartas-feiras. «É um grande desgosto, ela já estava connosco há dez anos, mas as terças-feiras não nos dão jeito nenhum.»

Terá pensado que eu não tinha conhecimento da forma como o mundo tratava as mulheres? Eu sabia como o sistema estava montado contra as mulheres muito antes de sequer saber as palavras certas para descrever a maneira como somos marginalizadas, dispensadas, desconsideradas. Eu via como isso corroía a minha mãe de dia para dia. Educada por pais severos que tinham opiniões rígidas sobre a forma como as raparigas se deviam comportar (e que a rejeitaram quando ela decidiu viver a vida dela de uma maneira diferente), estimada pela sua beleza até ao dia em que a perdeu, usada por um homem por divertimento até este se aborrecer. Trabalhando arduamente numa série de empregos mal pagos onde nunca foi devidamente valorizada. Educando uma criança sozinha sem que isso contasse para nada.

Mas a introdução à literatura feminista foi uma revelação, e eu estarei sempre grata a Sophie por isso. Talvez eu estivesse a passar demasiado tempo com rapazes, adaptando o meu comportamento para me conciliar com eles. Sem um curso intensivo sobre as obras de Wollstonecraft, De Beauvoir e Plath, talvez tivesse suprimido as primeiras centelhas de revolta que senti, tentado viver humildemente, como as mulheres são tacitamente ensinadas a fazer desde o dia em que nascem. Mas ler acerca de outras mulheres revoltadas tornou-me mais corajosa, permitiu-me alimentar a minha raiva, vê-la como uma coisa justa e digna. Claro que não pretendo tornar estas mulheres responsáveis pela mais pequena parte dos meus atos ulteriores, apesar de ter a certeza de que os tabloides salivariam face à possibilidade de

construir uma narrativa de uma «vil feminista» se a minha história alguma vez se tomar pública.

Houve um livro que me fez ver a vingança maligna a uma luz mais favorável: *A câmara sangrenta*, de Angela Carter. Este não me foi oferecido por Sophie, foi um livro que eu encontrei numa livraria no Soho numa tarde chuvosa de outono logo após o meu 17.º aniversário, num dia que passara sozinha na cidade. A capa chamou-me a atenção do alto de uma pilha de livros, o remoinho de linhas vermelhas e pretas parecia complementar aquilo que se passava na minha cabeça de adolescente. Dei uma vista de olhos rápida à sinopse, levei-o até à caixa registadora e li-o de enfiada num café de turistas sombrio à saída de Tottenham Court Road. Os seus contos de fadas negros, onde as mulheres urdem intrigas e enganos, abriram uma porta no meu espírito. Eu via que, da mesma maneira que não temos de ser humildes e caladas e fracas, as mulheres também não tinham de ser boas ou fortes, virtuosas, mas sempre sacrificadas. Podíamos ser dissimuladas, pensar apenas em nós mesmas, movidas por desejos a que não ousamos dar voz. Acabei o livro e caminhei pela rua com um sentimento de que se me haviam aberto novas possibilidades. Dei um exemplar a Annabelle no Natal seguinte, pensando que aquela criança nervosa podia beneficiar daquele estímulo, mas Sophie mordeu os lábios enquanto via a filha desembrulhar o livro. Depois do almoço, chamou-me à parte para me dizer que Annabelle era demasiado sensível para ler semelhantes histórias de terror.

— Sinceramente, Grace, eu sei que és uma rapariga forte, mas a Belle sofre terrivelmente com as suas preocupações, e acho mesmo que devias ter pensado nisso. Ela admira-te e agora é evidente que está ansiosa por ler aquele livro. Vou ter de ser eu a proibi-lo até ela ser um pouco mais velha. Podes trocá-lo pelo *Primo Levi*? Ela vai estudar a Segunda Guerra Mundial no próximo período.

Eu limitei-me a olhar para ela até ela se levantar e ir a correr mexer o molho de carne. Substituí um livro de fadas por um grito de dor da vida real sobre a pior coisa que a Humanidade alguma vez fez. Annabelle teve pesadelos durante três dias depois de ler *Se isto é um homem*. Sophie ficou muito orgulhosa por ver quão sensível era a filha.

Quando a água ficou fria, sequei cuidadosamente o cabelo,

encaracolando-o levemente para que me caísse sobre as costas em tranças suaves. Pintei as unhas de cor de laranja brilhante e enfiei uns *collants* novos devagarinho, para não os desfilar logo ao estreá-los. O vestido que escolhi usar nessa noite era um vestido preto curto, com mangas compridas e uma gola alta com pregas. Dava-me um ar austero, mas de uma maneira que me agradava. Depois de me aventurar pela primeira vez no mundo dos clubes de sexo, onde o meu tio tão generosamente me instilara a ideia para este homicídio, fui à Internet fazer a minha pesquisa. Existem dezenas deles na capital, numa escala deslizante que vai de «um baile de máscaras cheio de modelos» a «conte com uma ponta de tristeza e traga toalhetes antibacterianos adequados». Mas era fácil perceber quais deles evitar — «o local fica a três minutos a pé do *drive-thru* do McDonald's» ou «traga a sua própria bebida, nada de latas» foram imediatamente postos de lado. Lee dificilmente frequentaria uma festa de sexo numa circular algures perto de Wembley. Eu estava contente por estar a fazer a minha pesquisa, mas não queria nada que ficasse perto de uma zona industrial. Já tive tristezas suficientes na vida.

Depois de procurar numa série de *sites* genéricos de festas de sexo, onde a palavra «divertimento» é repetidamente utilizada como se estivéssemos a planear ir a um parque temático, encontrei três clubes de maior gabarito que encorajavam a asfixia, o BDSM e jogos de dominação, e assinei as listas de *e-mail*. Não eram tão descontraídos como o clube do bairro chinês. Era-nos pedida uma fotografia e um pequeno parágrafo sobre nós antes de tomarmos parte nos eventos. Enviei uma fotografia de uma *instagrammer* mais ou menos famosa que era suficientemente parecida comigo para não levantar questões à porta e três linhas de tretas a dizer que era uma jovem relações-públicas à procura de novas experiências com desconhecidos atraentes. Não é difícil entrar nestes sítios se se for uma mulher razoavelmente atraente, os organizadores são muito mais rigorosos com homens sozinhos capazes de andar de um lado para o outro a assustar as pessoas.

Na altura, e apesar de isto ser ridículo em retrospectiva, também tirei um curso de primeiros socorros. De algum modo, decidi que se ia estrangular alguém até à morte, talvez fosse bom saber o que é que os peritos procuravam fazer quando estavam a tentar salvar alguém de tal destino. Queria saber qual era o ponto de não-retorno, quando os olhos injetados de sangue e a perda de

consciência se tornam irreversíveis. Infelizmente, isto significava suportar duas horas num centro comunitário em Peckham numa noite chuvosa de terça-feira, enquanto uma senhora muito ocupada chamada Deidre andava entre nós a mostrar-nos como executar uma reanimação cardiorrespiratória em bonecos que pareciam tão velhos como ela. Não é fácil fazer perguntas sobre estrangulamento como quem não quer a coisa, mas eu percebi que, apesar de as pessoas normalmente perderem a consciência em poucos segundos, pode levar quatro minutos até efetivamente morrerem, apesar de parecer que a pessoa já bateu a bota. Bem vistas as coisas, não valeu a pena andar a enrolar curativos à volta da mão de um homem algo suado chamado Anthony que não tirava os olhos de mim o tempo todo para aprender este fragmento de informação quando podia simplesmente ter feito uma pesquisa no Google, mas enfim. Agora já sei que a película aderente pode ser útil para queimaduras ligeiras; obrigadinha, Deidre.

Quando já estava totalmente pronta, bebi um copo de vinho encostada ao lavatório da cozinha. Este tipo de festa começa bastante tarde, e eu não achava que estar completamente sóbria fosse muito confortável. O clube a que eu ia é gerido pelo filho de um par do reino. Já apareceu nos jornais muitas vezes, a promover os seus clubes noturnos debochados, mas é muito mais discreto em relação a esta parte do seu trabalho. Só soube que ele estava envolvido porque o clube fica no mesmo sítio onde está registada a sua empresa, um edifício entalado por trás de Regent Street. Faz sentido. Entreter os ricos e maravilhosos nas nossas festas, e observá-los. Descobrir aqueles que procuram mais, que arregalam os olhos na pista de dança com o champanhe à discrição. Têm tudo o que querem, mas querem mais. Um discreto cartão de visita preto, com um endereço eletrónico gravado em relevo, entregue juntamente com uma conta monstruosa. «Exclusivo», assinala o cartão. Para aqueles que desejem algo mais. É um bom subproduto do Hon Felix Forth. Ele conhece aqueles clientes. Ele é um deles. Eu tinha submetido o meu formulário e esperei por uma resposta durante três semanas.

Quando finalmente a recebi, era um mero convite com o local e a data. Nada mais, nem boas-vindas nem instruções. Eu achei que não era suposto responder ao *e-mail* a perguntar se devia levar a minha própria mordança de bola, por isso fiz o que qualquer *millennial* faria e «googlei» avaliações a este clube em particular na Internet. Dos três sítios que tinha espreitado, este era o

mais exclusivo. Os comentários de um *site* chamado «sleeksexexperts» falavam presunçosamente de como era difícil conseguir um convite (acho que provei que estavam enganados), de quão sumptuoso era o local e de quão pesadas as coisas podiam ficar. Tudo era vago e revoltante, mas era claro que se eu estava à procura de um sítio onde as perversões sexuais a sério eram encorajadas, então estava no caminho certo. Mais do que uma pessoa dizia que nunca tinha sido capaz de alinhar numa depravação tão completa, o que dava uma ideia estranhamente mundana num *site* de comentários concebido para se assemelhar a uma imitação barata do TripAdvisor.

Eu não tinha maneira de saber se Lee iria lá estar, mas não importava muito. Ia sobretudo ver quais eram os limites neste género de convívios. Ele gostava de asfixia, dito pelo próprio. Mas isso era uma fanfarronice, destinada a fazê-lo parecer mais aventureiro do que realmente era, ou será que realmente se dispunha a seguir essa linha precária entre a vida e a morte? E se assim fosse, será que estas festas lhe permitiam fazê-lo, ou teria de levar a cabo as suas práticas em quartos de hotel discretos onde ninguém pudesse interrompê-lo ou censurá-lo?

Apanhei o metro para Tottenham Court Road e fiz o resto do caminho a pé. Sempre gostei de caminhar pela cidade. Quando era mais nova e a casa dos Latimer se tornava demasiado para mim, palmilhava Hampstead Heath durante horas com o seu velho cão, *Angus*, deixando os meus pensamentos flutuar à minha volta, entrando e saindo da minha própria cabeça a cada passo. Nada se me pode colar à cabeça quando estou em movimento. É por isso que adoro correr. Consigo afastar-me dos meus pensamentos obsessivos, desligar-me dos planos que fiz, aplacar a ânsia de me apressar e levar tudo por diante. Se não tivesse esse tempo, acho que teria sido subjugada até à inércia pela atividade do meu cérebro.

Cheguei ao clube às onze e quarenta e cinco. Suficientemente tarde para não parecer demasiado ansiosa e presa fácil para os depravados impacientes, suficientemente cedo para não entrar e me confrontar imediatamente com o sexo. Se o bar do bairro chinês era o bilhete de última hora para um voo económico até às festas de sexo, então isto era um jato privado — complementado com bebidas grátis. E frutos secos, claro está. As grandes portas duplas foram abertas a partir de dentro por uma mulher com um vestido que parecia misteriosamente parecido com qualquer coisa que a

Chanel tinha lançado na passarela na última estação. Eu avancei para o chão de mármore e, à minha frente, uma grande escadaria de ferro dividia-se ao meio, conduzindo-nos a uma sala de entrada palaciana onde um homem de fato e máscara preta sobre os olhos servia silenciosamente taças de champanhe de uma bandeja. Estendeu-me uma idêntica máscara feita de seda preta muito fina, que eu presumi ser obrigatória. Depois de a pôr, alisei o cabelo e entrei na sala principal, que já estava repleta de corpos, com as grandes janelas atrás deles a oferecer uma vista sobre as luzes das lojas de Regent Street. Eu perguntei-me por momentos quão sexy seria poder ver a loja da Apple enquanto se atingia o orgasmo, até me dar conta de que isso é exatamente o tipo de coisa que as pessoas ricas acham erótica.

Esvaziei o copo e tirei outro de uma mulher vestida como se fosse a um baile de caridade de gala, caminhando pelo perímetro da sala. Havia três pessoas a esfregar os braços umas das outras à minha esquerda. Vi uma mulher a beijar outra mulher enquanto um homem de laçarote se aproximava das suas caras, ansioso por se juntar a elas. A carpete é tão espessa que os meus saltos se afundavam nela a cada passo. Os beijos e as festas nos braços eram uma seca. As máscaras não eram de muito boa qualidade. Se ia ficar acordada até tão tarde, mais valia ver alguma ação a sério.

Dirigi-me a uma porta coberta por um tecido negro, o que me levou a um corredor com várias outras portas ao longo das paredes. Os quartos tinham nomes, que eu mal conseguia ler na luz pardacenta. Deviam ter sido, algures no passado, escritórios de vitorianos virtuosos. Agora tinham sinais a dizer-nos que estávamos a entrar na «Sala dos jogos». Ainda assim, já não temos tuberculose, por isso o progresso é isto mesmo, suponho eu.

Eu tinha demasiado respeito por mim própria para entrar naquela sala, por isso continuei a andar e detive-me à porta da «Sala escura». Tinha ouvido falar nas salas escuras na minha pesquisa. Tinham surgido em bares *gay* nos anos 70, mas agora eram comuns neste tipo de festas. Podia ser uma coisa tão inócua como uma sala com pouca luz, mas também podia ser um local destinado àqueles que procuravam atividades um pouco mais transgressivas. Abri a porta lentamente, tendo o cuidado de me lembrar que a sala podia estar a ser usada e que os visitantes nem sempre eram bem-vindos.

Lá dentro, havia uma luz azul que serpenteava à volta dos rodapés. A

porta fechou-se silenciosamente atrás de mim e eu detive-me de costas para ela, deixando os meus olhos adaptarem-se à luz. Ouvia alguém a estremecer, arquejando profundamente, aspirando o ar enquanto outro som se sobrepunha — o som de correntes. Lentamente, os meus olhos assimilaram a cena que estava diante de mim. Uma mulher estava suspensa numa parede, numa aproximação grosseira ao *Homem de Vitróvio*. Ao lado dela, um homem de calças justas e máscara segurava uma pesada corrente e preparava-se para lhe bater com ela. Eu sustive a respiração, esperando para ver o que acontecia.

O homem chegou o braço atrás, e depois ergueu-o rapidamente. A corrente saiu disparada da sua mão e apanhou-a no abdómen. Ela gritou por um breve instante, após o que cerrou os dentes e fechou os olhos. Ele acercou-se dela e beijou-a no ombro, enquanto eu a via gerir a respiração. Mesmo na escuridão, consegui ver uma ferida formar-se na sua barriga. Suponho que a regra aqui fosse marcar apenas zonas do corpo que pudessem ser facilmente ocultadas quando as pessoas voltassem ao escritório na segunda-feira. Apesar das coisas que tenho feito ultimamente, não fico excitada com atos de violência, nem mesmo os que são praticados com consentimento. É quase um pré-requisito para os assassinos em série terem passado a infância a torturar animais antes de passarem a outras pessoas, explorando a pulsão que sentem quando veem os outros em sofrimento.

Este tipo de atos absurdos deixa-me confusa. Esta mulher com a barriga ensanguentada deixa-me confusa. A violência e a punição são necessárias em certas situações, mas eu não consigo compreender a ideia de se infligir dor ou medo porque se obtém prazer imediato nessa prática. Uma pessoa obtém prazer na retribuição, na correção de um mal ou em punir alguém que realmente o merece. Eu sinto-me revigorada pelo que faço. Mas não o faço por me excitar ver alguém a sofrer. Sim, ver o meu velho avô grisalho a enfraquecer a cada segundo enquanto a sua mulher morta e decapitada jazia ao seu lado representou uma pequena recompensa para mim, a qual foi diminuída, no entanto, pela sequência de acontecimentos que eu estava a desencadear. Estava a eliminar um grupo tóxico da sociedade. Uma família que não tinha feito nada a não ser tirar tudo aquilo que podiam para si próprios, e tratar as outras pessoas com desdém.

O meu espírito tinha vagueado para tão longe desta sala escura que tive um sobressalto quando voltei a ouvir o estalar da corrente. Desta vez, a

mulher deixou escapar a palavra «poderoso!», e o homem deixou cair a corrente e pegou numa garrafa de água, levando-a aos lábios dela enquanto lhe afagava o cabelo. *Bela palavra de segurança*, pensei eu, enquanto me retirava. O casal mal tinha olhado para mim enquanto eu ali estivera especada a vê-los atuar. Havia ternura e confiança entre eles. Um entendimento de que, acontecesse o que acontecesse, era feito como uma parceria. Estava a começar a perceber que a comunidade das festas de sexo se regia por estas linhas de comportamento tácitas. Que uma pessoa podia transgredir, e descartar o sentimento de vergonha que normalmente acompanha tais atos. Uma pessoa podia infligir danos a outra e consolá-la imediatamente a seguir. E podia sair porta fora cinco minutos depois, sem sequer chegar a saber o nome da sua vítima. E, é claro, a vergonha ficava suspensa nas quatro paredes deste edifício palaciano. Mas, e lá fora? Estaria lá fora à nossa espera. Se Lee viesse a morrer num sítio destes, eu sabia que a família Artemis faria tudo o que estivesse ao seu alcance para esconder e ofuscar o sucedido. Ninguém tentaria compreender o que é que Lee procurava nestas salas escuras. Ninguém procuraria respostas.

Espreitei para algumas outras salas — um casal a fazer experiências com um fato de borracha e um grupo de pessoas a tentar desajeitadamente fazer uma orgia, mas ligeiramente embaraçadas pelos aspetos logísticos da operação —, mas não estava minimamente entusiasmada. Nem eles, a julgar pelo ar da coisa. Se Lee ali estivesse, era pouco provável que eu o conseguisse localizar naquelas salas sombrias, e também não queria esforçar-me demais para ter um vislumbre do meu tio mascarado e possivelmente nu.

De volta ao bar, meti conversa com outra mulher que estava sozinha. Fui levada até ela porque gostei do seu fato, um *smoking* preto bonito que eu própria sofrera para não comprar escassos dias antes. Especada numa festa de sexo cheia de gente, mas interessada apenas na indumentária. Essa era a minha transgressão. Perguntei-lhe como estava a correr a noite, e ela voltou os seus olhos mascarados para mim, antes de encolher os ombros.

— Se eu quisesse foder com um banqueiro cheio de cocaína ia dar uma volta pela estação de Liverpool numa quinta-feira à noite — disse ela.

Aquilo fez-me rir e, enquanto chamava o empregado, fiz-lhe um gesto para pedir uma bebida.

— Então onde é que ias? — perguntei eu. — Quero dizer... para algo mais do que isto. Parece que toda a gente se gaba de ser muito radical, mas estas festas parecem todas uma promoção de uma marca de *gin* ou algo do género.

Ela abanou a cabeça em sinal de concordância, fez uma pequena pausa e depois olhou para o bar, que se estava a esvaziar enquanto as pessoas se dirigiam às salas privadas.

— Sinceramente, este sítio só é bom porque é central e porque o vinho não nos deixa com uma ressaca de que nos arrependamos no dia seguinte. Mas é tudo tão *seguro*. Eles prometem depravação, mas para a maior parte destes homens isso significa apenas dizer-lhes que são uns falhados que eles vêm-se logo. É isso que conta como pesado para eles. Mas do que é que tu andas à procura, afinal?

Era uma mulher verdadeiramente bonita, mesmo com uma máscara a cobrir-lhe metade da cara, com maçãs do rosto que não desapareciam quando desfazia o sorriso. Covinhas que lhe davam um ar um tudo-nada menos ameaçador do que um tal rosto seria normalmente. Uma boca que era agradavelmente rechonchuda, mas sem ser insuflada de implantes como metade das mulheres que eu vira naquela noite. Perguntava-me qual seria a sua onda, se vinha a estas noites para conhecer homens ricos ou se estava realmente à procura de gratificação sexual de uma maneira que eu não entendia.

— Quero atar alguém e deixá-lo completamente indefeso. Depois quero asfixiá-lo com tanta força que o faça desmaiar. Sexy para ele, parte do processo de cura para mim. Conheces algum sítio que possa acolher uma situação destas?

No caminho para casa, abri o motor de busca do telemóvel e procurei o nome do clube que ela referira.

— Bem, então o sítio que procuras é só um, querida, estás a perder tempo com tudo isto — e fez um gesto indicando o palácio à nossa volta. — Mas tenho de te dizer uma coisa: se estás aqui, é porque és uma amadora, e eu estou a falar-te de um sítio onde os teus sinais de limite de velocidade não te vão valer de nada. Não vás a menos que o queiras mesmo.

Ela não sabia o quanto eu o queria, e não insistiu mais, retirando-se

furtivamente com a sua bebida para a sala de jogos. Tal como ela dissera, havia muito pouca coisa *online* sobre o local recomendado, apenas um mapa com a localização — Mile End — e um número de telemóvel. Talvez agora eu estivesse finalmente na pista certa. Precisava apenas que Lee viesse comigo. Convencê-lo a concordar em ser asfixiado por uma desconhecida não parecia ser o mais difícil. Estava mais preocupada em pedir-lhe para ir até ao East End.

Finalmente, tive sorte. Numa terça-feira à noite, fui encurralada para os copos com os meus colegas, apesar de não ter sido essa a parte em que a sorte me sorriu, entenda-se. Trinta minutos no *pub* foi o máximo que acabei por conseguir aguentar. A mesa era formada por sete mulheres e por Gavin, o tipo simpático do digital que usava casacos de lã mais vezes do que devia, e isto para ser simpática, porque a resposta correta é sempre. Os guinchinhos eram audíveis a partir do balcão, onde pedi um grande copo de *Brunello*, pois não havia hipótese de esta gente ter escolhido outra coisa que não uma garrafa de branco da casa. Quando voltei à mesa onde estavam sentados, vi que o meu instinto não me enganara. O meu único erro tinha sido imaginar que tinham pedido apenas uma garrafa. Havia três sobre a mesa, e só uma ainda tinha algum líquido dentro. Foram proferidas exclamações de boas-vindas e foi-me oferecida uma cadeira.

— Estamos a discutir qual dos irmãos Hemsworth é mais jeitoso, Grace — balbuciou Jenny, que nunca falava comigo no escritório, mas que me sorria bastante quando eu por acaso olhava para ela.

— Oh, desculpem — disse eu, enquanto tirava o cachecol não sei quem são. — Claro que sabia, e acho que a ignorância deliberada da cultura *pop* é uma coisa patética, mas não queria que elas pensassem que eu era o tipo de pessoa que apreciava este tipo de conversa. Seria um terreno escorregadio onde se esperaria que eu voltasse mais vezes no trabalho. Não é que eu estivesse a planear fazer uma longa carreira naquela empresa. Assim que o meu plano estivesse concluído, pôr-me-ia a andar dali para fora sem sequer me dar ao trabalho de enviar um *e-mail* de cortesia.

A conversa continuou à minha volta, e foi-me apresentado um telefone para me mostrar as importantes diferenças chave entre os irmãos Hemsworth.

Eu fui ouvindo, rejeitando quaisquer tentativas de encetar conversas a dois, e aproveitei a oportunidade para sair quando Christie foi à casa de banho e Gavin foi buscar mais uma rodada. Tentei manter-me sorridente face às súplicas para que ficasse, mas receio ter ido um pouco longe demais quando Jenny me agarrou pela mão e tentou tirar-me o cachecol. Eu retribuí a pressão que ela me estava a fazer na palma da mão e cravei-lhe as unhas com toda a força nos dedos ao mesmo tempo que me libertava algo violentamente da sua mão. Ela estremeceu e olhou para a mão, esfregando-a enquanto eu dava as boas-noites ao grupo. Enquanto me dirigia para a porta, olhei de novo para mesa. Estava toda a gente a ouvir Magda contar uma história que envolvia a imitação de um ato de felação com uma garrafa de vinho vazia. Toda a gente, menos Jenny, que ainda estava a fitar-me com um ar perfeitamente chocado, com a mão enfiada na axila, como se estivesse a tentar regenerar-se a si própria. Tive de me esforçar com todas as minhas forças para não lhe piscar o olho enquanto virava costas em direção à porta.

Ainda não estava pronta para ir para casa, por isso fiz uma pausa para um cigarro, tendo sido incomodada apenas uma vez por alguém que me veio pedir lume — que seca. O homem até era giro em termos genéricos, e estava obviamente interessado em meter conversa, mas eu vi logo que ele já estava na viragem. O cabelo vai ser a primeira coisa a desaparecer, imagino eu, depois vem o duplo queixo. Eu não tinha nem um minuto para investir naquela trajetória. Caminhei pelo Soho durante um bocado, espreitando as montras das lojas e ponderando se deveria jantar qualquer coisa. Ainda eram oito da noite, por isso dirigi-me ao meu italiano preferido, que tem lugares ao balcão e onde uma pessoa não se sente desconfortável por estar a comer sozinha. É um dos grandes prazeres da vida, comer sem ninguém por perto para falar connosco. O que é que pode ser pior do que ter boa comida em má companhia? Como é que uma pessoa pode apreciar uma refeição com alguém a dizer-nos que não consegue perceber o prazer da leitura? Ou, pior, alguém a dizer-nos que o seu filme preferido é *Tudo bons rapazes*. Quando um homem nos diz que *Tudo bons rapazes* é o melhor de entre todos os filmes, significa que esse homem nunca se deu ao trabalho de cultivar a sua própria personalidade.

Depois de um prato de *cacio e pepe*, mais um copo de vinho e um *macchiato*, olhei para o relógio e vi que já passava das dez. É engraçado

como 30 minutos com os nossos colegas podem parecer uma eternidade e duas horas felizes a sós com os nossos pensamentos podem passar num ápice. Acho que soube, durante todo o tempo em que estive sentada a jantar, que podia ir ao clube do bairro chinês que Lee frequentava. Talvez fosse por isso que ali me deixara ficar tanto tempo. Não tinha pensado nisso conscientemente, mas enquanto pagava e saía, soube que a ideia tinha estado a insinuar-se no meu espírito. Ainda era um pouco cedo para o meu tio, e eu nem sequer sabia se o bar estava aberto à terça-feira. Mas o sexo não existe apenas aos sábados à noite, e Lee não parecia ficar muito por casa — se é que alguma vez ficava, por isso decidi arriscar. Para além disso, estava resolvida a pôr a próxima parte do plano em marcha, e tinha de ser mais assertiva a partir de agora. Tinha de persuadir Lee a vir comigo até Mile End. Isto poderia parecer um plano impraticável, dado que mal nos conhecíamos, mas eu desconfiava que a sua necessidade de procurar correr riscos e a sua baixa tolerância ao tédio o levariam a aceitar. Homens como Lee não requerem os níveis de confiança normais das outras pessoas. Simon jamais aceitaria uma oferta como a que eu ia fazer a Lee, mas Lee tinha aquela combinação perfeita de não ser nada esperto e estar bastante convencido de o ser. É uma combinação inebriante, que me deixava bastante confiante de que ele iria aceitar. Só precisava de o apanhar.

Entrei no bar. Não ia vestida para uma festa de sexo, trazia a roupa do trabalho, um cachecol de lã e um chapéu, mas era quinta-feira à noite, e as pessoas deste estabelecimento dificilmente podiam exigir excelência na indumentária quando pareciam imaginar que uma grande abundância de alcatifa vermelha lhe conferia um aspeto sumptuoso.

O bar estava bastante vazio, o que não era de admirar. Alguns casais sentados a beber em cadeiras baixas de veludo, ao passo que um homem demasiado tocado com um casaco de cabedal estava encostado ao balcão e animou-se quando pôs os olhos em mim.

— Posso... — perguntou enquanto eu tirava o meu cachecol.

— Não, de modo nenhum, não — respondi eu, e olhei fixamente para a frente. Nunca devemos cair no erro de sermos simpáticas com um homem que tenta meter conversa connosco. Até uma rejeição educada pode ser tomada como um desafio. Especialmente num clube de sexo.

Dei a mim própria uma hora. Se Lee não estivesse ali até às onze, ia para casa. Sou bem capaz de subscrever a velha máxima de que nada de bom acontece depois das duas da manhã, e, num sítio destes, era prudente abater algumas horas à regra. Ansiosa por não dar ao homem ao meu lado quaisquer oportunidades de falar comigo, peguei na minha bebida e fui dar uma volta. Numa sala que ficava mesmo ao lado das casas de banho dos deficientes (será que o Conselho de Westminster instituiu estas regras de modo tão rigoroso nos clubes de sexo como fez no Starbucks?), encontrei dois homens e uma mulher a fazerem uma *ménage à trois*. Este número de pessoas a tentarem proporcionar prazer umas às outras sempre me pareceu ser de mais. Como é que uma pessoa se pode concentrar no seu próprio orgasmo quando, ao mesmo tempo, tem de estar a pensar se alguém está a ser negligenciado? Nesta situação em particular, havia uma clara diferença nos níveis de atratividade dos dois homens, o que eu imagino que todos soubessem, mas fossem incapazes de aceitar. Um deles tinha um corpo aprimorado pelo ginásio, daquela maneira vã que sugere que passou bastante tempo a criar uma aparência de força, mas que significa que provavelmente tem muito pouca. Tinha o ar de ser capaz de rachar lenha com as próprias mãos, mas os seus dedos tratados pela manicura davam a entender que a simples ideia de cortar lenha o deixaria aterrado. O outro tipo tinha uma barriga considerável, e pelos nas costas, o que me recuso a acreditar que possa ser atraente para quem quer que seja nos dias que correm. Uma pessoa não ganha pontos por se conseguir aquecer sozinha. A pior coisa nele era o traseiro, que tinha um caso sério de acne. Nem mesmo aquela luz perdulária o conseguia disfarçar. Deem-me a confiança de um homem que consegue ir a um clube de sexo com um traseiro pintalgado. A sério, era a positividade corporal num corpo indecoroso.

Não é que a mulher parecesse importar-se muito com isso. Pelo menos, ele estava a esforçar-se, com a cabeça entre as pernas dela, enquanto esta se inclinava para trás e fazia um servicinho ao belo homem fraco. O efeito era um pouco de dominó, e as contorções estavam certamente a provocar-lhe dores na zona lombar. O jeitoso estava, sem dúvida, a adorar o aspeto performativo de tudo aquilo, e eu quase conseguia vê-lo a contrair os músculos abdominais enquanto olhava para mim e me instava a juntar-me a eles. Soltei uma pequena risada, o que levou a mulher a levantar a cabeça e

franzir o sobrolho, e senti-me algo desleal por interromper o seu êxtase. Certamente que esta gente não achava que queria juntar-me a isto. Absurdo. Mas na verdade era eu que estava ali com o meu casaco de inverno a observar três estranhos a entregarem-se uns aos outros, por isso talvez o meu riso tenha sido inapropriado.

Abandonei a sala e voltei para o bar, onde o homem do casaco de cabedal tinha encontrado outra mulher para aborrecer, e pedi mais uma bebida. Enquanto esperava, a porta abriu-se e entrou uma mulher muito bonita. Atrás dela vinha Lee, botas de *cowboy* e tudo. O meu coração sobressaltou-se para logo a seguir se acalmar. Como ele lhe pôs a mão na curva das costas, percebi que ia ser difícil ficar sozinha com ele quando esta mulher, que decididamente não era a sua esposa, estava a concentrar toda a sua atenção. Até eu estava com dificuldade em desviar o olhar dela. Lee tinha 54 anos. Talvez estivesse a tentar desembaraçar-se de alguns desses anos com o cabelo pintado e as sessões regulares de ginásio, mas o facto era incontornável. E afigurava-se inexorável quando ele se apresentava ao lado desta mulher, que na verdade não passava de uma rapariga. Uma rapariga com mais 15 centímetros do que eu e lábios que pareciam ter sido esculpidos por Deus em pessoa, mas uma rapariga, ainda assim. Sempre me espantou os homens mais velhos sentirem-se confortáveis com o seu visual quando as pessoas os veem com mulheres tão jovens como esta. Será que não veem como as pessoas se riem, levando os amigos a questionar-se se eles estão com a filha ou com a amante? Ou pior, levando-nos a crer que estão a exercer algum tipo de coação sobre a rapariga, seja através do poder económico, seja pela experiência emocional. Mas eu sou mulher. Talvez outros homens de uma idade semelhante o vejam com um misto de admiração e inveja. Sinto muitas vezes que é bom não saber o que se passa na mente masculina. Se soubéssemos, desconfio que passaríamos grande parte das nossas vidas num estado temerário de desespero.

A rapariga que eu sabia não ser sua filha disse-lhe alguma coisa e dirigiu-se a uma porta lateral. Lee ficou com a sua pequena mala *Chanel* na mão e aproximou-se do bar, amachucando-a com a sua mão carnuda como se esta fosse feita de papel e não custasse perto de três mil paus. Estava claramente embriagado, com os olhos ligeiramente vidrados, a testa a brilhar de suor. Sorriu quando me viu, reconhecendo a minha cara. Gostava de cumprimentar

as pessoas como se fossem velhos amigos, um vigarista encartado que nunca sabia o nosso nome, mas que nos fazia sentir bem recebidos durante os calorosos 15 segundos que passava connosco antes de passar à pessoa seguinte.

— Olá, outra vez — disse ele, enquanto se abeirava de mim e beijava o espaço aéreo ao lado da minha cabeça.

— Pensei que andasses à procura de algo um pouco mais radical do que isto...

— E já encontrei — disse eu. — Vim aqui para te convidar. Mas já vi que esta noite estás ocupado.

Ele pareceu ligeiramente confuso e depois olhou para a mala que estava a segurar.

— Ah, ela. Está de serviço, se é que me entendes.

Eu assenti com a cabeça, sem querer entrar em pormenores sobre o seu hábito de contratar profissionais do sexo 30 anos mais novas do que ele, mas ele deve ter pensado que eu ainda não tinha percebido, porque se inclinou para a frente, com as mãos a escorregarem no balcão, e aproximou-se da minha cara.

— A Virginie é uma rameira — sussurrou ele, suficientemente alto para toda a gente ouvir, exalando vapores de *whiskey* para a minha cara. — Uma rameira que é como... uma roseira! — Riu-se da sua própria rima, estalou os dedos ao empregado, que semicerrou os olhos e o ignorou.

— Então vais experimentar este sítio novo comigo ou vais continuar a gabar-te de todas as coisas obscuras e perversas de que gostas sem nunca experimentares algo de diferente? A Virginie fará exatamente aquilo que tu queres, penso eu. Mas isso não me parece ser muito excitante. Ela não está a ter prazer nenhum nisso. Está a ganhar o salário dela.

Ele riu-se novamente, mas estava demasiado bêbedo, e eu não estava a ver como é que o ia conseguir caçar antes que a sua amiga viesse ter com ele.

— Vocês, raparigas, são todas iguais. Mostram-se todas muito aventureiras, mas nunca fazem o que eu preciso. Pagar é fácil. Não vou ter de a convencer a fazer nada, ela vai fazer tudo bem-feito pelo preço certo. Uma ave emproada, é o que ela é.

— Bem, não vou desperdiçar o meu tempo. Descobri um sítio onde nos dão tudo o que precisamos, sem fazerem quaisquer perguntas. Ao pé daquilo, este sítio parece uma aula de ioga para donas de casa entediadas. Não quero ir para lá sozinha, que piada é que isso tinha? Acho que podíamos passar um bom bocado juntos. Se te cansares de pagar à hora e quiseres divertir-te com alguém capaz de dar tudo, dá-me uma apitadela. — Sorri para o empregado, que veio ter comigo imediatamente. — Desculpe este senhor por ter sido tão malcriado. Creio que ele gostaria de lhe pedir desculpa. Ele vai tomar um *whiskey* com gelo e o que tiver a sair. E seria possível emprestar-me uma caneta? — O empregado entregou-me uma esferográfica e eu anotei o meu número num guardanapo de *cocktail* e enfiei-o no bolso do casaco de Lee. — Não te esqueças de o guardar antes de a empregada o encontrar. Ou pior, a tua mulher. Apesar de eu imaginar que descobrir um número de telemóvel de uma mulher não fosse algo de muito surpreendente para ela.

Ele olhou para mim e franziu o sobrolho.

— És uma cabra, sabias? — constatou ele, exagerando a entoação, como fazem todos os bêbedos.

— Sim, sei muito bem — disse eu, enquanto me voltava para ir embora. — Mas isso é o que tu realmente queres, não é, Lee?

Abandonei o bar e chamei um táxi. Ele ia-me ligar. Agora só tinha de fazer os preparativos finais.

O trabalho preparatório para matar alguém é uma coisa estranha. Quem me dera que houvesse um grupo *online* onde as pessoas pudessem partilhar dicas e dar conselhos aos recém-chegados, dizendo-nos quais são as luvas mais práticas e opinando sobre se uma pazada pelas escadas abaixo é uma forma eficaz de tirar a vida a alguém. Um fórum tipo Mumsnet, mas para homicídios. Na verdade, suponho que deve haver algo deste género algures na *darkweb*, mas não vou procurar. É uma atividade solitária, que envolve longas esperas e muitas tentativas/erro.

Para Lee, havia duas coisas a fazer. A primeira já eu tinha assinalado — uma visita ao estabelecimento de Mile End onde ele iria dizer adeus a este mundo. Tendo visto o lugar, quase aposto que a sua família ficaria mais envergonhada por ele morrer em Mile End do que se tivesse morrido de

autoasfixia. O clube ficava à saída da estrada principal, debaixo de uma ponte, com a porta praticamente escondida entre os arcos. Não havia nenhuma rapariga glamorosa com uma prancheta, apenas dois homens um pouco mal-encarados atrás de uma cortina, que me pediram 20 paus, ficaram com o meu telemóvel e apontaram para uma escadaria que conduzia a uma zona subterrânea. Mas, meu Deus, era perfeito. O lugar era escuro, com um chão pegajoso e sem janelas. Corpos amontoados, música alta e retumbante quase abafando os gemidos que me chegavam aos ouvidos de todas as direções. Não havia nenhuma zona simpática de bebidas onde uma pessoa pudesse aproximar-se cautelosamente da depravação, este sítio estava repleto de pessoas em vários estados de nudez. E estavam empenhadas no que estavam a fazer com um abandono verdadeiramente jubiloso. Era realmente magnífico. Pessoas de toda a espécie e feitio contorcendo-se por todo o lado, como se aquilo fosse um grandioso bacanal ou orgia e não tivesse lugar num antigo armazém dos caminhos de ferro. Eu escolhi o meu caminho através da multidão, sempre à espera de uma mão ou de um abraço extraviado, mas fiquei agradavelmente surpreendida ao ver como as regras de consentimento eram bem aplicadas. Não que eu estivesse interessada, mas é sempre bom sermos consultados antes dos factos.

Tal como noutros clubes onde já estivera, havia várias portas a partir da sala principal, e eu tinha verificado todas elas para avaliar a sua adequação. Eram quase todas pequenas e bafientas, com mobílias rudimentares e temas distintos. Uma das salas era forrada a borracha preta. Outra tinha um grande baloiço no meio, cuja resistência estava a ser testada por quatro corpos enérgicos. Mas estas salas eram brandas, e isso não me era útil. Continuei por ali fora. Mais longe da área principal, as pessoas começavam a minguar. Foi então que descobri o sítio certo. Uma porta pintada de um preto lustroso levou-me a uma sala que parecia um velho armazém cheio de armários. Havia grandes ganchos prateados presos à parede de tijolo, com cordas atadas a cada um deles.

Olhando diretamente para eles, consegui ver mais claramente que estavam dispostos na forma de uma pessoa, com mais um gancho pendendo promissoriamente do teto. Um banco alto de metal estava encostado a uma parede. Eu sentei-me e olhei para a sala durante algum tempo. Como não eram permitidas câmaras, tive de memorizar o cenário para mais tarde. O

banco era parte do plano, e restava-me esperar que ninguém o retirasse dali. Ter de sair à procura de outro certamente que interferiria com o estado de espírito de Lee.

Alguém empurrou um tudo-nada a porta, e eu declarei com uma voz grave:

— Isto é uma sessão privada.

A porta fechou-se. As pessoas eram tão maravilhosamente delicadas neste tudo-ao-monte. Um respeito tipicamente britânico pelas regras. Não importava muito se fôssemos interrompidos, pois tudo se assemelharia a uma típica sessão de perversão, mas eu esperava que tivéssemos sorte.

A segunda coisa que tinha de fazer era praticar. Afinal, a prática leva à perfeição.

A partir da leitura cuidadosa de um velho tomo intitulado *25 nós que temos de conhecer* — que encontrei, por uma feliz coincidência, enquanto fazia uma pesquisa numa livraria em segunda mão —, fiquei a saber que quanto mais nós se fazem numa corda, mais fraca ela fica. Por isso é preciso fazer um nó forte. Valha-me Deus, achei isto fascinante. Decidi que o nó mais adequado para mim seria o nó de cadafalso. Creio que não preciso de me alongar sobre a origem deste nome. Parecia ser um laço bastante complicado, e a minha explicação será certamente insuficiente, mas, reconstituído de memória, era mais ou menos assim: faz-se um laço com a corda, enrolando uma das pontas entre o laço várias vezes antes de a juntar à outra ponta. O nó envolvia três voltas, enlaçadas de modo solto e depois puxadas e retesadas no final. Tive de praticar isto várias vezes até aperfeiçoar a técnica, porque o nó tinha de ser feito depois de ter sido amarrado ao gancho. Passei um domingo inteiro a treinar até conseguir fazer isto bem, e foram precisas horas de frustração até finalmente conseguir fazê-lo corretamente de uma assentada. Mesmo assim, precisei de mais de três minutos de concentração. Mas não teria três minutos quando chegasse o dia, pois isso pareceria demasiado sinistro, mesmo para um homem que estivesse a participar de livre vontade. Uma hora depois, tinha reduzido o tempo para 45 segundos, o que já me parecia aceitável.

A outra informação crucial que retirei de *25 nós que temos de conhecer* foi que uma corda, ao deter um objeto em queda, pode ser submetida a uma

carga muitas vezes superior ao peso do objeto. Com isto em mente, decidi-me por uma corda de *nylon*, com 10 mm de espessura. Era um pouco mais cara, mas não há preço que não se pague pela nossa paz de espírito, não é?

Quando as mulheres se preparam para dar à luz, fazem uma mala para deixar à porta de casa. Eu fiz algo semelhante enquanto esperava que Lee me contactasse. Tinha uma sacola amorosa castanho-chocolate que parecia perfeita para a tarefa, dado que era espaçosa e não muito vistosa. Uma *Céline* clássica. Lá dentro ia a minha corda, algumas luvas, que eu esperava que tivessem um aspeto menos criminoso e mais da moda numa viela sombria, um chapéu de aba de lã que me fazia parecer um pouco como se estivesse a tentar um disfarce de detetive, bem como alguns toalhetes desinfetantes. Era desnecessariamente organizado da minha parte ter uma mala feita sem ter ainda uma data marcada, mas eu estava quase a chegar ao palco, como acontecia de cada vez que um crime se aproximava, em que ficava sempre impaciente e ansiosa.

Passei dez dias a fazer corridas sem destino pelas ruas de Londres, atravessando pontes e arrastando-me por colinas acima numa tentativa de me libertar de alguma tensão nervosa. Passei uma noite com Jimmy no *pub*, onde ele repetidamente se riu de mim por eu estar distraída a olhar para o vazio. Disse-lhe que estava à espera de que um tipo me telefonasse, o que até não era bem mentira. Comecei a pôr o telemóvel em modo de avião durante horas a fio, para não ter de estar a verificar constantemente se havia novas mensagens. Estava a começar a ser excruciante. Até que, numa sexta-feira de manhã, acordei com uma mensagem do meu tio. Tinha sido enviada às 3:48 da manhã e dizia simplesmente: «OK, dona convencida, estou aborrecido. Vamos sair».

Sentei-me na cama e reli-a. Depois pousei o telefone e tomei um duche demorado, *fiz* 100 agachamentos e pus café a fazer. Só depois é que voltei ao telefone para redigir uma resposta. Presumi que Lee ainda estaria a dormir e não quis parecer demasiado ansiosa. Só à hora de almoço é que fui verificar a minha resposta e premir «enviar».

«Prometo que o que tenho em mente não vai ser aborrecido. Vem ter comigo no sábado à noite à estação do metro. Mile End, meia-noite. Envia-me mensagem quando lá estiveres. Não te atrases.»

Duas horas depois, recebi uma mensagem a dizer: «Tive de ir procurar no mapa. É bom que isto valha a pena. Vemo-nos lá.»

Eu tinha um encontro marcado para sexta-feira à noite, mas desmarquei-o. Talvez me tivesse tirado alguma tensão, mas eu precisava de tensão. Queria sentir-me enérgica. Estava tão aborrecida de esperar que esta gente se alinhasse com os meus planos. Os últimos preparativos eram a parte mais deliciosa, ciente como estava de que em breve tombaria mais um membro da família, via a lista ficar cada vez mais pequena, e procurava qualquer reação da família que conseguisse encontrar. Isso deixava-me eufórica durante dias. Claro que isto se confundia com uma pontinha de medo de que o plano não resultasse, que tivesse de recomeçar tudo de novo. Mas era isso que o tomava tão inebriante. Se as coisas corressem bem, podia voltar a combinar o meu encontro. Mas ele parecia um pouco piegas, ao ter enviado uma mensagem a dizer que estava desiludido por não me ver e acrescentando um *emoji* de tristeza, por isso era pouco provável.

No sábado, corri de Shadwell até Battersea e depois de volta a St Paul's, com a minha aplicação a dizer-me que tinha acabado de fazer o meu melhor tempo numa corrida de 15 km. Sentindo que estava a precisar de descansar um pouco, sentei-me nos degraus da catedral durante um bocado, olhando para os turistas que desfilavam por ali. Um outro corredor estava a fazer o mesmo, sentado a alguns degraus de distância e a esticar as pernas. Sorriu-me, e eu sorri-lhe de volta sem querer. Ele era bem-parecido, com alguma vermelhidão à mistura, mas havia algo mais nos seus olhos do que o seu comportamento elegante inicialmente deixara entender. Percebi que ele se estava a demorar, e senti-me incomodada quando me dei conta de que se preparava para me dizer qualquer coisa, por isso levantei-me e dirigi-me para o metro. Uma pena, na verdade. Ele não era potencialmente terrível, mas eu não tinha tempo ou energia para me sentar e brincar aos romances nas escadas de uma catedral à chapa do sol. Hoje não era o dia. Na verdade, dia nenhum era um dia desses para mim. No máximo, teríamos fornicado uma ou duas vezes até que, a certa altura, ele me teria convidado para ir a Putney conhecer os seus amigos depois do râguebi e eu teria tido de apagar o seu número de telefone. É melhor fugir a tempo deste tipo de pesadelo antes que seja tarde.

Quando falta um quarto para a meia-noite, aconchego o meu casaco bem apertado à volta do corpo e pesco o chapéu da minha mala de provisões. Felizmente, tenho uma boa cabeça para chapéus. É uma coisa que ou se tem ou não se tem, se uma pessoa fica mal com um chapéu, então, é porque fica mal com qualquer chapéu. Há muitas mulheres que acham que ficam giras de gorro. Não ficam. Não há ninguém que ande de gorro na cabeça que transmita outra ideia que não seja um desejo desesperado de parecer giro de gorro na cabeça. Abominações destas à parte, os chapéus ficam-me bastante bem, o que me dá uma camada extra de um muito necessário anonimato. A confiável loja de perucas em Finsbury Park deixou-me orgulhosa, esta noite sou uma maravilhosa sereia de cabelo negro-azeviche. Estou confiante de que ninguém vai passar demasiado tempo à procura de alguém relacionado com a morte de Lee, mas também não quero entrar de mão dada com ele no sítio onde ele vai morrer. Um chapéu e uma peruca são uma boa precaução.

Espero pela mensagem dele num *pub* das imediações (genuinamente o primeiro e último *pub* que alguma vez vi em Londres Oriental completamente intocado pela gentrificação — era refrescante não ter de ver uma cabeça de veado na parede ou uma pilha de velhos jogos de salão a um canto), já meio à espera de que ele se esqueça ou arranje um programa melhor. Mas ele envia-me mensagem às cinco para a meia-noite, dizendo que está à saída da estação.

«Ótimo. Vem ter comigo a Bushell Street,» respondo. Dois minutos depois, um *Mercedes* preto de tração às quatro rodas estaciona. Eu estremeço ligeiramente, não há maneira de esconder a sua chegada num monstro daqueles.

O motorista abre-lhe a porta, e ele aparece no ar da noite. Lee está embrulhado num enorme casaco de pele de carneiro com um grande dragão cosido nas costas. As suas botas de *cowboy* pretas têm um efeito de pele de cobra, é evidente que escolheu o par mais extravagante para esta noite. Olha em volta à minha procura, e eu deixo-o vacilar um pouco, ficando a observá-lo da ombreira de uma porta a poucos metros de distância. Está longe do seu território habitual e está vulnerável. Eu quero que ele o saiba, para compreender que aqui sou eu quem comanda as operações. Sou eu quem escolhe o caminho. Por isso, deixo-me ficar mais alguns segundos enquanto ele parece cada vez mais preocupado, perguntando-se se o terão deixado

pendurado, ou pior — talvez tivesse caído numa armadilha. Eu vejo-o a ponderar se há de retirar-se em segurança para o seu carro e trancar as portas. Quando vejo que está prestes a fugir, dou um passo em frente e assobio suavemente, como se estivesse a chamar um cão vadio.

Lee olha para mim e sorri de alívio. Dirigindo-se a mim, estende o braço, pega-me na mão e beija-a.

— Graças a Deus, este sítio é uma lixeira dos diabos e eu já estava a pensar que tinha feito uma viagem em vão. — Eu retiro a mão tão gentilmente quanto possível e devolvo-lhe o sorriso, obrigando a minha boca a virar-se para cima. — Bela cabeleira, fica-te bem. Pareces mais nova. Salta para o carro, não queremos andar por aqui às voltas, querida, trago um *Patek Philippe* que dava para comprar uma casa neste bairro.

Eu digo-lhe que o caminho são apenas alguns minutos e arrelio-o um pouco por estar a ser cobarde. O seu sobrolho diz-me que isso não lhe agrada, mas faz sinal ao motorista e o carro estaciona.

— Como é que funciona? — pergunto eu quando começamos a andar. — Ele fica à tua espera onde quer que tu vás ou pagas-lhe à hora e tens de apanhar o autocarro da noite de vez em quando com o resto do povo?

Isto fá-lo atirar a cabeça para trás e rir ruidosamente. É sempre fácil fazer Lee rir. Basicamente, requer apenas dizer qualquer coisa que dê a entender quão rico ele é. Imagino que a ideia de um autocarro noturno devia ser engraçada para alguém que nunca tinha apanhado um.

— O meu amigo Ke trabalha para mim 24 horas por dia. Sou um homem ocupado e tempo é dinheiro, como se costuma dizer. Não há sítio nenhum onde ele não possa ir buscar-me em 20 minutos, e com o que lhe pago, ele não se importava nada de esperar no carro durante vários dias. Dou-te uma boleia para casa mais tarde, se te portares como uma boa rapariga.

Felizmente, não estou a pensar ser propriamente uma boa rapariga, por isso a boleia para casa ficará por reclamar. Viramos uma esquina e alcançamos o arco onde fica a entrada do nosso destino final. Isto é, do seu destino final.

— Tcharã! — digo eu, atirando os braços ao ar. Lee parece ligeiramente apavorado e detém-se na rua.

— Não estou a brincar, querida, mas o que é que é isto? Um túnel ou quê? — Eu reviro os olhos e faço-lhe sinal para se despachar.

— Sei que não estás habituado a ir clubes sem empregados, mas também estás, segundo dizes, aborrecido. Este lugar vai-te dar a volta à cabeça, mas garanto-te que no fim vais gostar. Tenta, o teu fiel motorista está ali mesmo ao virar da esquina, se quiseres voltar a correr para Chelsea.

— É bom que tenhas a certeza de que é tão atrevido como dizes — murmura ele enquanto me segue pelas escadas até ao clube.

Para meu alívio, está apinhado de gente, a área do bar tem uma fila com três fileiras e já há pessoas a começar a despir-se enquanto nós esperamos por uma bebida. Tiro o chapéu e ponho subtilmente um dedo na parte da frente da peruca, para ver se continua tudo no sítio. Em poucos segundos, Lee mostra-se consideravelmente mais animado, observando as pessoas. Pode não ser aquilo a que está habituado, mas ele sabe reconhecer o verdadeiro deboche quando o vê. Tem o casaco debaixo do braço (recusara-se a entregá-lo, dizendo meio a brincar à enfatiada assistente do vestiário que era uma peça única da *Gucci* e que jamais lha confiaria) e está de pé, muito direito, a encolher um pouco a barriga. Por mais que os homens acima dos 50 vão ao ginásio, há sempre um ligeiro engrossamento à volta da barriga. Um pequeno lembrete de cada vez que olham para as suas gaitas de que estão a perder a juventude. Eu vejo os olhos dele arregalarem-se à medida que vai inspecionando a sala, já à procura dos corpos que quer explorar. Se eu o deixasse agora, ele mal teria dado por isso. Pego nos nossos vodcas duplos e conduzo-o mais para o interior da sala. Já tinha decidido que ia deixá-lo divertir-se durante um bocado.

— A sala principal está a abarrotar — digo eu e faço um gesto para uma porta lateral. — Vamos tentar as zonas privadas. — O homem não podia estar mais disposto a isso, quase me acotovelando pelo caminho. A primeira sala onde entramos tem uma parede de cheia de *glory holes* e Lee faz uma careta, instando-me a voltar para trás. — Não me entusiasmo a ver mulheres a chupar a pila dos outros, estás a ver?

Refreando a minha vontade de o insultar violentamente, prosseguimos. A sala seguinte faz um pouco mais de sucesso. Havia uma cela a fingir com três mulheres lá dentro a fazerem um grande alarido, e francamente exagerado,

como se estivessem a tentar sair, ao passo que um homem nu estava de pé cá fora, a aticá-las. Eu grito a Lee que tenho de ir procurar a casa de banho e deixo-o ali à solta. Ele mal olha para trás quando me retiro, avançando já para a cela e dizendo qualquer coisa a uma das mulheres. Eu dou-lhe 15 minutos, tempo suficiente para que ele faça pelo menos uma coisa nojenta, mas preparo-me para me confrontar com o pior quando regresso. Quando chego à cela, Lee já lá não está e há novas pessoas na sala a brincar aos prisioneiros sexuais. Repudiando um leve sentimento de pânico, precipito-me na sala seguinte e encontro-o estendido de barriga para baixo numa mesa onde uma mulher com uma balaclava está a chicoteá-lo com força. Ele tem as calças pelos tornozelos, imagino que por não ter querido tirar as botas, e a sua camisa preta tem as mangas enroladas até aos sovacos. O efeito global é tão absurdo que quase tenho pena dele e tenho de conter uma gargalhada. Lee tem a cabeça virada para mim, mas os seus olhos estão fechados num estado de total beatitude, por isso não interrompo. Limito-me a ficar ali, algo desligada da cena à minha frente, vendo o meu tio a ser espancado por uma mulher com ar de quem acabou de assaltar um banco num filme pornográfico de baixo orçamento. *Oh, mãe, se me pudesses ver agora!*

Pouco depois, algumas outras pessoas entram na sala e começa a gerar-se uma tensão subtil. Torna-se claro que há uma fila em formação para o banco, e um dos homens dá um pequeno tossido para alertar Lee para o facto. Este olha para cima com um grunhido quando se dá conta de que as chicotadas pararam, e rebola-se relutantemente para o lado e puxa as calças para cima. O homem que está impacientemente à espera da sua vez salta para cima da cama e fica ali, expectante. Não há limpeza nenhuma por parte do pessoal da casa, reparo eu.

— E agora? — pergunta-me Lee, arranjando a camisa e tirando-me o copo da mão. — Este sítio é louco, tinhas razão. Vou ter de esconder estas malditas marcas da minha mulher durante semanas. Não é que ela dê muita importância. Tudo o que não seja tecido para cortinas ou angariar dinheiro para sacanas não é coisa que lhe interesse muito ultimamente.

Seria aquilo uma referência indireta à morte do filho? Eu não o referira a Lee, claro está, e verdade seja dita, ainda não tinha conseguido estabelecer qualquer associação entre Andrew e este homem, desde que começara a segui-lo. Se Lara tinha sentido a perda do filho de modo profundo e

pungente, Lee parecia não ter notado. As pessoas fazem o seu luto de formas diferentes, claro está, e eu via que estas escapadelas noturnas podiam ser uma maneira como ele tentava lidar com tudo isso, mas, olhando para ele agora, parece-me pouco provável. De repente, sinto-me acometida de raiva pela maneira como Andrew parece ter sido completamente apagado da vida do pai. O que era completamente irracional, visto que era eu a pessoa que o tinha feito acontecer. Mas não era eu a pessoa que o tinha criado, e mesmo no breve período em que estive com o meu primo, consegui ver os danos que a família lhe tinha infligido.

— Tens filhos? — pergunto eu, enquanto entramos numa sala onde uma mulher está a pisar as costas de um homem com uns saltos altos perigosamente pontiagudos (aparentemente, muitas das salas estavam cheias de mulheres a rebaixar os seus companheiros do sexo masculino).

— Jogo privado! — vocifera ela, continuando a trabalhar com o seu sapato no traseiro do homem. Nós saímos, a rir, e continuamos a andar em direção à sala que eu marcara como nossa.

— Não — diz Lee, sem olhar para mim. — Uma morreu ainda em bebé, pobre criatura, e o outro foi não há muito tempo. Mas ele não queria ter nada a ver connosco. Pensava que nós éramos maus por termos dinheiro. Não o impediu de o aproveitar, até ao dia em que deixou de o fazer. A minha mulher não aceitou a coisa muito bem, mas o que é que uma pessoa pode fazer além de continuar, por mais destroçada que fique? Ela serviu-se disso como desculpa para se afastar, e eu continuei com a minha vida.

Alcançamos a entrada da «nossa» sala e eu detenho-me, sem saber o que dizer a um homem que descartava o filho em três frases. Lee e Simon eram mesmo irmãos, em todos os sentidos.

— Mas o que é que vem a ser isto? É aqui que vamos brincar a sério? — Arreganha um sorriso e empurra a porta.

Foi um grande risco que eu corri. Fosse ele menos 5% do monstro que era e talvez tivesse ficado demasiado aborrecido com a pergunta para desfrutar da ocasião, e então eu teria perdido a minha oportunidade, provavelmente para sempre. Sorte a minha, por estar a lidar com um homem que era capaz de falar do falecido filho e continuar imediatamente em busca do seu próprio prazer. A sala estava vazia, provavelmente porque era a que ficava mais

longe do bar. Lee entra para acender a luz, e eu vejo que o banco ainda está no lugar. Respiro fundo pelo nariz e pouso a minha mala no chão. Calço as luvas, de uma maneira que sei conferir-me um tom de comando, e digo:

— Esta é a minha sala. Vais fazer exatamente o que eu quiser, não vais?
— Ele volta a sorrir. — Na verdade, não era uma pergunta. Vais fazer exatamente o que eu quero. AGORA!

Lee faz uma saudação zombeteira e eu fito-o nos olhos, sem pestanejar, até ele baixar o braço.

— Tira a roupa! — ordeno, enquanto tiro a corda da mala e começo a fazer o nó. Ele faz o que eu digo, tendo alguma dificuldade com as botas, tal como previsto. Enquanto se esforça por tirá-las, eu termino o nó e verifico-o por uma questão de segurança. Com uma corda mais pequena, ato as suas mãos de forma solta, para que ele tenha uma falsa sensação de segurança e pense que os nós podem ser facilmente relaxados. — Senta-te no banco e deixa-me olhar bem para ti. — Ele já assumiu o papel que quer desempenhar e torna-se imediatamente obediente. Eu enfio-lhe a corda com o nó na boca e caminho à volta dele, reparando numa grande teia de aranha tatuada que ele tem no braço, e vendo as iniciais num dos lados do braço — KA. A sua mãe. Se a minha mãe ficaria horrorizada por me ver agora, então imagino como se sentiria Kathleen. As suas nádegas são surpreendentemente firmes, reparo eu, com marcas de bronzeado que só podia ter conseguido em idas frequentes ao solário. Obrigo-me a olhar para o seu pénis, erguido como está por antecipação. Evitá-lo pareceria uma fraqueza. Tiro-lhe a corda da boca e enfio-lha nas mãos. — Palavra de segurança?

Ele volta a sorrir, e diz-me que gosta de dizer «Barbados», o que para mim está muito bem, visto que não irei respeitar nenhuma palavra que ele tenha escolhido.

— Podias cobrar por isto. Ainda não estás em pleno como modelo, mas és minuciosa — diz ele, olhando para mim. Ignoro-o e enfio-lhe o laço pela cabeça.

— Vou-te atar a este gancho, e tu vais-te vir à medida que ele for ficando mais apertado. Eu vou controlar o nível, e vou-te ver chegar cada vez mais perto. Vais-te torcer e contorcer, mas vais continuar. Não me faças perder tempo com nada menos do que o espetáculo completo. E quando tiveres

acabado, é a minha vez.

Enrolo a ponta da corda ao gancho e faço outro nó, permitindo-me um momento de orgulho pela minha perícia. Seguro as pontas das cordas na minha mão e começo a apertar o laço, puxando-as gentilmente. Lee começa a debater-se, fechando os olhos e respirando profundamente. Eu puxo com mais força, e os olhos dele abrem-se abruptamente, mas eu encorajo-o com um urro gutural. Mantenho a minha mão firme e deixo-o acostumar-se à pressão, enquanto o pescoço dele incha ligeiramente e a sua cara se torna cada vez mais vermelha sob o seu bronzeado permanente. Ao fim de 30 segundos, já está a berrar e eu digo-lhe que vá com mais força. E depois, ao aproximar-me da sua cara afogueada, dou um pontapé no banco debaixo dos seus pés. Ele cai subitamente, e eu largo a corda. O meu nó aguenta-se, e Lee desata aos pontapés no ar, torcendo-se e contorcendo-se de tal maneira que eu sou obrigada a afastar-me rapidamente. As suas mãos tentam agarrar o pescoço, unhar a corda, mas eu vou por trás dele e puxo-as para baixo com força. É importante não deixar marcas. Não leva muito tempo, sabem? Rápido, mas agonizante — para ele, mas também para mim, que tenho de ir constantemente verificar a porta. Os seus olhos parecem prestes a rebentar-lhe para fora da cabeça, e a língua pende, inchada, entre os lábios, enquanto ele tenta desesperadamente inspirar. Ainda me passa pela cabeça dizer-lhe quem sou, mas não me dou ao trabalho. Nunca me interessei por Lee. Matá-lo é apenas um meio para um fim maior, e ele não justifica explicação nenhuma. Quarenta segundos depois, já ele está inconsciente e depois morto. Olhando para o meu relógio, vejo que tudo levou menos de quatro minutos, tal como Deidre, a socorrista de Peckham tão amavelmente revelara. Tcharã! Homem assaz nojento morre de forma assaz nojenta. Coisa de somenos. Exceto para ele, suponho eu.

Quando tenho a certeza de que ele está morto, ajo depressa. Se alguém tivesse entrado durante o nosso pequeno jogo, teria dito que era uma sala de casal e as pessoas ter-se-iam ido embora sem problema. Mas isto seria mais difícil de explicar. Limpo-lhe as mãos com toalhetes antibacterianos e solto-as. Ponho o banco um pouco mais perto dele para dar a ideia de que teria sido ele próprio a derrubá-lo e arrumo as minhas coisas cautelosamente, deixando apenas a corda à volta do seu pescoço. Só a tinha manuseado com as mãos e ele tinha-a agarrado por um minuto, e eu esperava que isso fosse suficiente.

Ponho a minha mala por cima do ombro e olho pela última vez para a figura atrás de mim, agora pendendo, imóvel. Uma pena que não deixassem uma pessoa trazer os telemóveis, uma última fotografia do tio Lee teria sido agradável. Mas não para emoldurar, pois está com um ar bastante grotesco. Fecho a porta atrás de mim e caminho pelo corredor, onde as pessoas estão reunidas, beijando-se, cortejando-se. Um homem alto com uma máscara de animal inclina-se contra a parede e olha-me de alto a baixo enquanto eu passo por ele, tentando alcançar a minha mão e tocando os meus dedos ao de leve. Eu não paro, perguntando-me quem será o fervoroso desconhecido que o irá encontrar. Será aquela rapariga de calças sem rabo, ou quem sabe aquele casal com máscaras de carnaval baratas que bem podiam ter passado mais algumas horas no ginásio antes de usarem um látex tão inclemente? Agora é com os deuses, mas eu espero veementemente que quem quer que seja tenha a providência de ir falar com os tabloides. De chapéu firme na cabeça, volto para o bengaleiro onde recupero o meu telemóvel e saio para o ar da noite.

Apesar de ter achado que matar Lee foi o crime mais laborioso de todos, o rescaldo foi delicioso. Se as longas horas de espera em bares finos e o ter de suportar a visão de desconhecidos nus em comportamentos degradantes foi um suplício, a cobertura noticiosa da sua morte foi mais do que compensadora. As notícias eclodiram na segunda-feira de manhã, ia eu a caminho do trabalho. «Irmão de magnata morre em jogo sexual que correu mal», bombardeava o *Daily Mail*. «Artemis pervertido encontrado morto em covil de sexo» era o ângulo privilegiado pelo *Daily Mirror*. Nem mesmo o *Guardian* resistiu, apesar de o título precisar de ser mais trabalhado. «Irmão de homem de negócios morre em acidente» passava um pouco ao lado do essencial, em minha opinião. Ainda assim, apreciei a palavra «acidente», que todos os jornais pareciam enfatizar. Trabalho lesto do relações-públicas da família Artemis neste ponto, qualificando o caso como um acidente trágico e tentando, em vão, lançar um véu de obscuridade sobre o porquê de o irmão do bilionário ter sido encontrado morto num clube de sexo em Mile End. «É tão inexplicável», declarou um amigo da família não identificado, «O Lee era um homem casado e feliz e não havia nada de que gostasse mais do que de passar fins de semana no campo com os amigos chegados. Só posso imaginar que ainda estivesse a carpir a morte devastadora do seu filho Andrew. Nunca

se sabe que efeitos é que uma perda dessas pode ter sobre uma pessoa». *Excelente trabalho*, pensei eu. Nunca se pode dizer nada de muito crítico quando alguém invoca a morte de um jovem.

A cobertura dos *media* prolongou-se por alguns dias, mas a máquina da família estava em ação, isolando quem quer que parecesse predisposto a falar, e o relatório do médico legista também não lhes dava muito por onde continuar. Eu sentia uma ponta de arrependimento por não ter fantasiado um pouco mais a cena. Uma laranja na boca ou um par de saltos altos de primeira teriam dado à imprensa mais alguns centímetros de cobertura, mas, bem vistas as coisas, eu tinha deixado prevalecer a sensatez. Não tinha necessidade nenhuma de ficar envaidecida. Queria-o morto, e queria-o morto de uma maneira que fosse rapidamente apagada com uma esponja. Dei por mim a pensar bastante em Lara durante as semanas seguintes. Perguntava-me se ela não estaria secretamente — ou talvez não tão secretamente assim — aliviada. A perda do filho teria sido enorme, mas a perda de um homem infantil e mulherengo que a tratava mal há décadas talvez tivesse sido uma dádiva. Talvez agora pudesse afastar-se por completo da família Artemis e concretizar todo o potencial que tinha antes de entrar em contacto com todos eles. Ia imaginando um futuro para ela, o que era bastante estranho para mim, dado que ela também estava na minha lista. Mas quanto mais ela ocupava o meu espírito, mais eu perdia a coragem para avançar. Por várias razões, ela apresentava-se-me como uma vítima, tanto quanto a minha mãe, tendo a sua vida sido engolida por um homem egoísta e irrefletido para quem a felicidade dela pouco importava se não envolvesse também a dele. E, no plano prático, haveria sem dúvida um acordo pré-nupcial inflexível, excluindo-a de qualquer pretensão à fortuna de Simon, o que significava que não teria de me preocupar muito com a possibilidade de vir a perder algum direito ao meu bónus final.

A minha decisão foi tomada no dia do funeral, uma cerimónia privada que acabou por se transformar numa autêntica roda-viva, com pequenas celebridades, algumas caras da moda e um bando de homens de negócios corpulentos, todos a chegarem à Igreja de St Peter, em Kensington, para serem vistos a prestar as suas homenagens. Não sei quanta devoção havia na congregação, mas não era isso que importava para esta gente. Eu tinha sabido da cerimónia pelo jornal da manhã. Tirei uma pausa de almoço prolongada —

dizendo que tinha uma consulta no dentista — e apanhei o metro para ver se seria capaz de entrar. Na verdade, foi bastante fácil, os homens silenciosos de camisola de gola alta preta e auriculares que estavam cá fora não iam questionar uma jovem mulher vestida de preto que entrou decidida atrás de uma mulher vestida com um casaco de peles e diamantes que até Joan Collins teria achado extravagante.

Sentei-me na parte de trás, claro está, e estudei o programa com a cabeça inclinada enquanto os convidados iam chegando. De vez em quando, olhava à minha volta, localizando Janine e Bryony na parte da frente. Bryony estava a olhar para o telemóvel o mais sub-repticiamente possível, ao passo que Janine estava a conversar com um homem grisalho de fato azul listrado à sua esquerda. Quando se voltou e viu o que a filha estava a fazer, arrancou-lhe o telemóvel da mão e guardou-o na sua mala, dizendo algo a Bryony, com a boca rigidamente contraída. Janine estava esplendorosa. Tinha um penteado tão perfeito que mal se mexia enquanto ela virava a cabeça, com as lustrosas madeixas cor de caramelo enfiadas por trás das orelhas que albergavam enormes berlindes de esmeralda. Trazia uma blusa de seda bege, que eu não conseguia ver suficientemente bem para qualificar, e as suas unhas estavam pintadas de um vermelho intenso. O dinheiro que ela gastara estava bem à vista de todos, de uma maneira que ela achava subtil, mas inequívoca. Mas as suas roupas apenas contavam uma parte da história. Mesmo da parte de trás da igreja, eu conseguia ver o trabalho do bisturi do cirurgião estampado em toda a sua cara. A rinoplastia estava bem, um procedimento feito há muitos anos quando a regra de ouro era eliminar qualquer traço de personalidade e deixar apenas a sugestão de jovem rapariga. Mas não havia nada de subtil aqui, a sua pele tinha sido puxada e retesada sobre as maçãs do rosto, o que tornava os seus olhos pequenos e zangados. A sua boca tinha sido tão insuflada que estava sempre ligeiramente entreaberta, e a pele tinha um brilho de cera, como se estivesse a usar uma máscara da própria cara. O efeito geral dava-lhe um ar grotesco. Uma cara que só pareceria normal se todos os nossos conhecidos tivessem um aspeto semelhante. Por isso suponho que viver no Mónaco resultasse bastante bem para Janine, mas, sob a luz que jorrava através das janelas antigas da igreja, parecia um tudo-nada assustadora.

A cerimónia começou bastante tarde, de forma porventura apropriada

para um homem que nunca precisava de estar a horas em lado nenhum. As últimas pessoas a entrar foram Lara, Simon e um homem que não reconheci, que pegou no braço de Lara quando ela entrou na igreja e lhe afagou o ombro de modo consolador. Simon franziu ligeiramente o sobrolho, e caminhou atrás deles enquanto eles se dirigiam para a frente, onde um pároco surpreendentemente jovem os aguardava.

Lara não se parecia em nada com a mulher destroçada que Lee tinha feito crer que ela era. Caminhava com as costas direitas, num fato de calças cor de vinho e sapatos cor-de-rosa vivo que, em qualquer outro dia, eu teria sido tentada a perguntar onde os encontrara. O homem que a acompanhou ao altar era quase o oposto do seu marido. Alto, magro, com um fato cinzento bem-talhado, mas ligeiramente amarrotado, e bons sapatos. Tinha o cabelo castanho salpicado de cinzento e usava uns óculos pequenos com armação. Não se teria destacado em mais lado nenhum, mas aqui o contraste era flagrante. Parecia um mestre-escola numa sala cheia de negociantes.

A cerimónia foi aborrecida, tradicional, com cânticos e leituras, blá-blá-blá. O caixão repousava em frente, coberto com um lenço de seda dourado, e as pessoas apresentavam-se ao seu lado a falar de Lee, de como ele era uma personalidade genuína, a vida e a alma de qualquer festa. Só banalidades, nada do que foi dito revelava as suas verdadeiras qualidades como pessoa. Quando terminou o último cântico, o pároco levantou-se para proferir uma última mensagem, mas hesitou e eu estiquei o pescoço para ver o que se estava a passar. Lara tinha-se levantado, havia-lhe dito alguma coisa e encaminhara-se para o caixão. O pároco voltou a sentar-se e seguiu-se um momento de silêncio enquanto os presentes aguardavam que Lara falasse. Ela permaneceu em silêncio por instantes, alisou as calças com as mãos, parecendo não se sentir muito à vontade. Eu comecei a perceber que isto não fora planeado, e verifiquei o programa outra vez à procura de qualquer referência ao discurso de pesar da viúva. Nada. Ai, meu Deus!

— Obrigada a todos por terem vindo — disse ela em voz baixa. — O meu marido haveria de ter gostado de saber quão fantástico era para tanta gente. — Ouviu-se um riso abafado. — Mas ele não era assim tão fantástico, pois não? Claro que estava sempre pronto para uma noitada. Muitas noitadas, na verdade. Sempre. Mas não era um ser humano decente pelo critério de ninguém. Vocês gostavam dele porque ele pagava as contas ao final da noite,

ou porque investia nas vossas empresas, vos levava de férias, talvez mesmo por poder vir a fazer alguma destas coisas. Mas eu vivia com ele, e tive de suportar o seu egoísmo e desrespeito. Diariamente. Foi assim diariamente. Durante anos. — Olhou para o caixão ao seu lado. — Eu era nova quando nos conhecemos, demasiado nova, na verdade. E ele era encantador, mas todos vocês sabem quão encantador ele podia ser, não é? Quando a nossa filha morreu, a reação do Lee foi lançar-se numa farra de três dias, acabando por voltar para casa, pedrado, com uma rapariga lituana de 19 anos com umas calças provocantes e a pedir à nossa govemanta para lhes preparar o pequeno-almoço. Eu atribuí aquilo ao desgosto, por estúpido que pareça. Mas quando o nosso filho morreu, anos mais tarde, ele fez algo do género. Uma pessoa tem de reconhecer que ele foi consistente. Acontece que ele era uma pessoa cruel e sem coração, com uma aparência de bondade. Mas eu fui ainda pior, de certa maneira. Porque fiquei com ele e permiti o seu comportamento. E agora ele está morto, pela sua própria mão. Morto, apesar da perseguição constante do seu próprio prazer. E eu não posso ficar aqui a ouvir a sua vida a ser completamente reescrita. Já ninguém pode obter dele o que quer que seja, por isso parem. É só pararem.

Lara estremeceu ligeiramente, de adrenalina, pensei eu, não de tristeza. As pessoas estavam de cabeça baixa e a morder levemente os lábios. O constrangimento era geral. Foi maravilhoso. O homem alto de óculos levantou-se, pegou na mão dela e, juntos, desceram da nave lateral e saíram da igreja. Eu teria batido palmas se pudesse. Em vez disso, segui-os enquanto o pároco se levantava e tentava desesperadamente reagrupar as pessoas. Lá fora, Lara e o homem com estilo de professor estavam enlaçados num abraço apertado. Eu ouvi-o cobri-la de elogios, dando-lhe palmadinhas na cabeça e beijando-a na face. Ela levantou os olhos e fez-lhe um sorriso lacrimajante, antes de descerem os degraus juntos e entrarem num *Mercedes* que estava à sua espera. Soube então, enquanto via o carro arrancar e afastar-se, que a deixaria estar. Já lhe tinha sido tirado o suficiente, por Lee, por mim. As mulheres que se haviam deixado seduzir por esta família não eram o meu principal alvo. Afinal, a minha própria mãe também era uma delas. Lara talvez nunca viesse a sabê-lo, mas salvou a sua própria vida nesse dia.

⁴ Conjunto de universidades norte-americanas de elevado prestígio académico e social onde se incluem Harvard, Yale, Princeton e Columbia. (*N. do T.*)

Capítulo 9

Oscar Wilde escreveu *De profundis* nos últimos três meses do seu confinamento de dois anos na prisão. É uma carta de amor (singular) muito elogiada a Lorde Alfred Douglas, em que ele ora invetiva ora abraça o seu tema. Trata-se de Oscar Wilde, por isso atrevo-me a dizer que tem os seus méritos (a sua suposta tirada no leito de morte «Este papel de parede e eu estamos a travar um combate de morte. Ou vai ele ou eu» é inegavelmente boa), mas ele também era um homem branco educado, por isso a fasquia para o génio não está num nível impossivelmente elevado.

Wilde dormia numa pequena cela sem colchão. Todos os dias lhe era concedida uma hora fora da cela para se exercitar e estava constantemente com fome. Segundo todos os relatos, a prisão quase deu cabo dele. Morreu três anos depois da sua libertação.

Eu sei que é fácil imaginarem-me estendida num beliche confortável, a jogar numa consola que, de acordo com os tabloides, todos os prisioneiros recebem imediatamente após entrarem na prisão. Pintarem-me com uma camisola confortável, a ver uma série da Netflix numa televisão de ecrã plano, a comer um *Mars* comprado na loja de doces com a minha semanada. Muitas pessoas imaginam-se, por isso, liberais, de espírito aberto, progressistas. O tipo de pessoas capazes de defender, à mesa do jantar, os méritos de não punir os prisioneiros, mas sim de os educar para abandonarem a senda do crime, fazendo referências vagas ao modelo nórdico sem saber o que realmente significa. Mas lá dentro, naquela parte do cérebro que não admitem ter, continuam a pensar que aqueles que acabam atrás das grades são escumalha, apesar de essa palavra os fazer estremecer quando a dizem em voz alta. Mas é assim que pensam. É a mesma parte da pessoa que sente uma secreta compaixão pelas mulheres que têm de usar hijabes ao mesmo tempo que as faz desviarem-se quando veem um *pit bull* no parque. Pessoas que fazem donativos à Amnistia sem nunca confessarem a ninguém como se sentem contentes por os muros da prisão serem tão altos e sólidos, ou como fazem um impercetível aceno de aprovação quando leem no jornal que o governo conservador votou para prolongar as penas dos delinquentes sem

cadastro.

A pior parte disto tudo é que não estão completamente errados. Os prisioneiros são mesmo uma escumalha. Quer dizer, a julgar pela minha experiência deste lugar, são. Faltam a estas mulheres algumas camadas do verniz da civilização. Têm maus dentes, olhares tresloucados, o hábito de berrar agressivamente, independentemente da pena. Se tivessem oportunidade, ignorariam todas as estruturas postas em prática pelas classes dirigentes e viveriam segundo regras inconfessadas que ninguém conhece. É um espetáculo fascinante, mas eu vou reforçar a segurança em minha casa quando sair daqui.

Agora que admiti isto, deixem-me voltar aos jogos de consola e ao conforto. Aqui o liberal hipócrita estaria enganado. A cela de Oscar Wilde, apesar de não ter colchão, era, passados todos estes anos, bastante idêntica à minha. Sim, é certo que tenho um rolo fino e irregular de poliéster para me estender, mas não há televisão, não há máquina de venda automática, e ainda tenho de suportar o horror das tardes de quarta-feira. Pontual como um relógio, três horas depois de ter devorado o chili com carne que é servido à hora de almoço às quartas-feiras (todas as semanas nos é servida a mesma lista de refeições, tal como na escola, mas sem os talheres apropriados desde o incidente de agressão com um garfo que ocorreu em 1996 e que ainda é bastante falado), Kelly pode ser encontrada na retrete da nossa minúscula cela, a gemer e a arfar durante meia hora. Ela não considera a hipótese de que talvez o chili e ela não sejam compatíveis. E não considera a hipótese de esta sua manifestação traumática não ser compatível comigo.

Tal como Wilde, também nós temos, oficialmente, uma hora de exercício por dia. A maior parte das mulheres não quer saber. Eu uso-a. Preciso dela. Programo todo o meu dia em função dela. Na minha vida normal, isto é, naquela em que eu vivia num apartamento cheio de luz natural, recheado de bom vinho que não se encontra no supermercado e repleto de livros que não são recomendados pelas revistas femininas, eu corria todos os dias. Corria para me libertar da raiva, para espantar os meus pensamentos constantes, para repudiar quaisquer estados de espírito sombrios e, sejamos honestos, para me manter magra. As mulheres aqui não são especialmente ciosas deste último aspeto, como o prova a sua avidez por chili com carne, e parecem achar que a sua raiva lhes confere carácter, como se pode ver pelas regulares contendidas

das cinco da tarde. Todos os dias parece ser exatamente a essa hora que as minhas comadres se dão conta de que estão encarceradas. Como se tivessem um emprego normal das nove às cinco e estivessem a preparar-se para ir para casa espojar-se em frente à televisão quando, de repente, se dão conta de que não há casa nenhuma. Esse momento *Feitiço do tempo* acontece todos os dias, sem que ninguém alguma vez aprenda com a experiência. É quando os muros realmente se encerram aqui.

Eu não posso correr, visto que me recuso a dar umas voltinhas no pátio da ginástica como um ratinho patético, por isso faço *burpees*, agachamentos, *jumping jacks*, levantamento de pesos — qualquer coisa que me ponha o coração a bater com força. Qualquer coisa que me deixe suficientemente exausta para dormir sem dar pelo ressonar de Kelly. Uma hora de exercício por dia não é suficiente para mim aqui. Tenho de fazer mais duas para conseguir manter-me sã. Continuo o meu regime na minha cela quando Kelly sai para ter uma das suas aulas. Oscar Wilde não me parece ser o tipo de homem que passasse muito tempo a pensar como obter uns abdominais firmes, mas eu não me envergonho da minha avidez de exercício aqui na prisão. Os meus braços, outrora bem desenhados e levemente tonificados pelo ioga que eu fazia para complementar as corridas, estão a ganhar massa. As minhas pernas, outrora magras da corrida, mas sem muita força, agora são pesadas e consistentes — já não há dúvidas. A brandura feminina está a desfazer-se. E eu gosto disso. Não tem nada a ver com aqueles disparates do Instagram que anunciam «forte, mas não magro», que mais não fazem do que disfarçar um distúrbio alimentar num regime de exercício obsessivo — autênticas bonecas russas de neuroses. Tenho uma sensação crescente de dureza, de uma armadura no corpo, de ser capaz de magoar alguém fisicamente com o meu corpo e não apenas com a minha astúcia. Os homens devem sentir isto desde a nascença. Se eu soubesse como usar o meu físico para eliminar a minha família, teria optado por uma via diferente? Teria sido mais fácil ou mais gratificante?

Para além disso, vou às sessões de terapia obrigatórias. Suporto Kelly e o seu bando o melhor que posso. E nestes últimos dias, tenho escrito. Podemos não ser espancadas pelas guardas ou deixadas a morrer à fome (embora eu considere que as ofertas da cantina fazem com que morrer deliberadamente à fome seja uma opção válida), mas duvido que Oscar Wilde tenha sofrido

mais do que terá sofrido se aqui estivesse agora tendo Kelly por colega de cela, sendo obrigado a frequentar *workshops* de olaria, a falar sobre traumas com um grupo de mulheres chorosas com sandálias de borracha e a ficar encerrado nestas celas durante horas, todos os dias, enquanto as pessoas à nossa volta gritam e gemem porque os cortes governamentais significam que não há guardas suficientes para nos vigiarem.

No essencial, apesar da popularidade dos programas de televisão dos últimos anos que parecem sugerir que cada minuto aqui é pleno de ação, a minha estadia tem sido fastidiosa. Há encontros lésbicos, claro está, há ocasionais lutas provocadas por explosões de raiva, mas há sobretudo horas e horas em que permanecemos deitadas sozinhas, a contar o tempo em blocos de dez minutos, arrastando-nos para mais uma semana, mais um mês ou, uma vez por outra, mais um ano. Imagino que, a certa altura, fosse possível parar de contar. Mas eu não consigo. Parar de marcar o tempo seria admitir a possibilidade de aqui ficar ainda durante mais tempo.

Apesar de tudo isto, ninguém irá comparar o meu trabalho a *De profundis*. Para começar, não sou um homem, e também não sou lunática ao ponto de me achar uma intelectual. Não escrevo cartas de amor patéticas a partir da minha cela. Não aprendo grandes verdades por estar aqui enclausurada. Mas também não vou sair daqui meio destroçada. Continuarei a viver, a prosperar, e este período da minha vida não me irá deixar marcas.

Mais do que tudo isto, acredito que tenho ainda outra vantagem sobre Wilde. Apesar da escrita de Wilde sobre a prisão ser considerada um dos exemplos mais profundos do género, ele passa grande parte do tempo a lamentar-se, desesperado, por causa de um homem que o enganou. Consta que Lorde Douglas era mimado, presunçoso, indiferente aos sentimentos dos outros. Deixou as cartas de amor de Wilde nos bolsos de peças de roupa que ofereceu a prostitutas do sexo masculino. Rejeitou a relação entre eles, e censurou Wilde depois da morte deste. Douglas parece ser exatamente como o meu pai. Encantador, arrogante, o centro do universo. Homens que nos ofuscam com a sua luz durante alguns segundos e nos deixam à procura desse calor artificial durante o resto da vida, experiência essa que nos destrói, ao passo que neles não deixa marca alguma. Mas eu aprendi isso muito cedo. Wilde nunca aprendeu. Talvez pudesse, então, ter aprendido alguma coisa comigo. Nunca devemos ansiar pela luz que alguns homens lançaram sobre

nós por breves momentos. Em vez disso, há que extingui-la.

Hoje tomei o pequeno-almoço, limpei as cozinhas e fui encontrar-me com Kelly e a sua amiga Nico. Eu não queria, mas Kelly tinha prometido comprar-me cigarros do serviço semanal da cantina, e fumar é a melhor coisa que uma pessoa pode fazer aqui. No mundo lá fora, é uma coisa completamente censurável, mas aqui os cigarros são uma forma eficaz de fazer amizades, obter favores e atalhar o tédio da prisão. Por isso sentei-me com elas enquanto bebíamos o nosso chá tépido. Nico ofereceu qualquer coisa que nos asseverou ser bolo. Tudo aqui é massudo, massudo, massudo, com um bocado de doce num dos lados. Tudo é castanho. É estranho sentir o meu cérebro a desligar-se dos grandes temas e a focar-se obsessivamente em refeições que gostaria de fazer, roupas que desejaria vestir. Quero uma taça de *pasta* de La Bandita e quero usar um tecido que deixe a pele respirar e que se molde ao meu corpo, em vez de me deixar preocupada de cada vez que me aproximo de uma chama devido ao seu carácter potencialmente inflamável. Penso em banhos de imersão pelo menos dez vezes por dia e sinto o pânico a crescer — com os meus dedos a arranhar as minhas clavículas —, mesmo quando tento não me deixar submergir por este tipo de coisas. Isso seria conformar-me com elas, e eu não posso permitir-me fazer tal coisa. Não posso sair daqui e pestanejar quando enfrentar a luz. Não posso gastar o meu tempo a readaptar-me. Quero aproveitar tudo logo que possa, e não perder tempo a tentar fazer com que o meu cérebro acelere.

Nico é mais fácil de ouvir do que Kelly, com uma voz que não resvala para o nasal. Está aqui por algo igualmente interessante — no ano passado, matou o companheiro violento da sua mãe com um martelo. Nunca lhe perguntei nada diretamente sobre isso, pois sei muito bem que não se deve suscitar o crime de alguém antes de o próprio o fazer, mas ela refere-o frequentemente. Fala com orgulho da mãe e como ela está a ter aconselhamento e a estudar para ser, também, conselheira. Gosto de Nico. Não me aproximaria dela lá fora, perturbada como é, com o seu olhar tresloucado, mas respeito aquilo que fez pela mãe. Não foi tão bem executado como o meu plano de vingança, mas o impulso deve ter reclamado mais rapidez do que planeamento. Infelizmente, a falta de discernimento que permeou as suas ações levou a que ela estivesse ao lado do padraço quando a

polícia apareceu dez minutos depois. Nico não tinha a mais pequena esperança de ter um álibi credível, e irá ficar aqui durante mais 12 anos. A mãe tem 60. Quando Nico sair daqui, a mulher terá 72. Renunciou à sua juventude por uma pensionista. É amor, mas também é uma manifesta estupidez.

Hoje, Nico e Kelly estão a discutir as suas mamas. Kelly tem planos ambiciosos para uma reconversão corporal quando sair da prisão, e andou a ler sobre o aumento do peito com a concentração de um investigador científico a trabalhar para o seu primeiro prémio Nobel. Aparentemente, a Turquia é o melhor sítio para isso, faz-se a operação por metade do preço e ainda se tem direito a uns dias de férias. Clint pagará. Ou talvez tenha mais sucesso a chantagear um pobre diabo da próxima vez e o obrigue a pagar. Nico está preocupada com a anestesia geral e ouviu falar num tratamento em que uma pessoa pode conseguir um aumento do tamanho de uma caneca cheia através de simples injeções. Kelly parece desdenhar desta ideia.

— Injetáveis são para a cara, querida, as mamas requerem um pouco mais de trabalho.

Ambas se voltam para mim.

— O que é que tu farias, Grace? — pergunta-me Nico, enquanto ambas avaliam a minha cara antes de baixarem os olhos para o meu peito.

Eu nunca me interessei pela ideia da cirurgia. Não quero fazer parte do moderno fenómeno das caras de plástico insufladas, mas, de um modo geral, uma ou outra pequena esticadela não me escandalizam. Não acho que seja mutilação, ou qualquer tipo de afronta ao feminismo. Se uma pessoa odeia alguma coisa com que tem de viver todos os dias, então que a mude. Na verdade, até gosto das minhas mamas. São pequenas, o que significa que posso usar o que quiser sem parecer uma matrona da escola dos anos 50. Gosto de quase tudo em mim. Não daquela maneira tipicamente desesperada das *millennials*, em que as estrias são rebatizadas como «marcas de guerra» e a celulite é referida como «massa adiposa», mas eu sei que sou gira. Um dia serei tão rude e rugosa como todas as outras, mas agora tenho uma vantagem cosmética. E uso-a com pleno efeito. As pessoas tratam-me de modo mais favorável do que a outros, porque é que eu não haveria de reconhecer tal coisa? Se gastasse energias a examinar as minhas inaptações diárias, isso,

sim, seria uma grande perda de tempo.

No entanto, dito isto, detesto o meu nariz. É um bom nariz pelos padrões normais. Já fui elogiada por outras mulheres pela sua linha fina e direita. Mas é um nariz Artemis, e isso é a única coisa que consigo ver no espelho. Marie costumava esfregar-mo com o polegar quando eu me portava mal e dizer-me que eu tinha o feitio do meu pai. O resto da minha cara é toda dela. Às vezes, não muito depois de ela ter morrido, costumava sentar-me em frente do espelho da casa de banho no apartamento de Helene, mantendo-me numa posição em que só conseguia ver os meus próprios olhos a devolverem-me o olhar. Nesses momentos, sentia que conseguia ver a minha mãe. Olhava para eles, recordando todas as vezes que tinha olhado para ela com um sentimento de segurança. Quando as minhas pernas começavam a vacilar por estar agachada numa posição precária, tinha de me pôr direita e o resto da minha cara ressurgia no espelho. O pequeno sentimento de reconforto desaparecia de repente.

Bryony tinha o nariz da mãe. Giro, pequeno, um pouco ajustado por um cirurgião. Um rosto vulgar. Como eu não via Simon no espelho, sentia-me grata pelo meu perfil forte, orgulhosa de ter um nariz que não obedecia tão estritamente a padrões de beleza rígidos. Mas a verdade é que o teria alterado imediatamente, se pudesse. Já consultei cirurgiões de alto nível, já vi como poderia ficar com uma pequena ajuda de uma lâmina, eliminando os Artemis por completo. A única razão por que ainda não o fiz foi porque quis que o meu pai me reconhecesse no dia em que avançasse sobre ele e lhe dissesse quem sou.

Levanto os olhos da chávena de chá diante de mim, Kelly e Nico já concluíram a sua avaliação da minha cara e do meu corpo e estão à espera de ver como a minha resposta se coaduna com as suas sugestões.

— Nada — digo eu, dando um golinho na água tépida. — Na verdade, não concordo com a cirurgia.

O meu advogado vem visitar-me esta tarde, o que é uma oportunidade rara de ver alguém que não Kelly ou as guardas corpulentas e carrancudas que eu, sinceramente, fico contente por trabalharem aqui e não como cuidadoras. Imagino que algumas destas mulheres tenham encontrado obstáculos no caminho que as levaria a tornarem-se enfermeiras, professoras

ou terapeutas. Dada a sua reação quando são confrontadas com doenças mentais, problemas físicos ou mesmo não mais do que jovens assustadas procurando um momento de reconforto, só posso dizer que fizeram bem em evitar essas áreas de especialização. Às onze da manhã, sou levada à sala das visitas onde George Thorpe já se encontra à minha espera. Hoje, o seu fato é tipicamente bonito. Um fato leve de fazenda azul-marinho, apropriado para o tempo menos frio dos últimos dias, e um mero vislumbre do forro terracota-mate quando se levanta. Não olho para os seus sapatos. Pela minha parte, em claro contraste com ele, estou a usar um fato de treino cinzento. Pergunto-me se um desconhecido que entrasse nesta sala me identificaria como diferente, se o meu comportamento ou postura poderia dar testemunho de uma vida tão diferente da das outras mulheres que aqui estão. Sempre reconheci a riqueza nos outros, a educação nos desconhecidos, o refinamento na forma de estar. É uma coisa particularmente britânica saber exatamente qual o lugar de uma pessoa no sistema de classes sem que se pronuncie uma palavra sobre o assunto, não é? Algumas pessoas afirmam não reparar, mas essas são as mesmas pessoas cansativas que afirmam também não reparar na raça, o que se deve quase sempre a serem brancas e não terem razões para isso. Mas o fato de treino cinzento é um excelente nivelador. É difícil dar a entender que não somos iguais às outras pessoas que usam este tipo de roupa feita com material inflamável que acabará por apodrecer num aterro durante 100 anos. Nem a própria terra a quer.

Apesar de George Thorpe estar perfeitamente a par das minhas origens, e apesar da avultada quantia que lhe pago à hora, ainda sinto o desejo ridículo de lhe mostrar que não sou como as outras prisioneiras. Que sou melhor. E que aprendi a fazê-lo facilmente enquanto subia na escada social dos Artemis. A única maneira de o fazer é tratá-lo abaixo de cão.

Ele levanta-se para me cumprimentar e estende-me a mão. Eu ignoro-a e sento-me.

— Eu sei que já está na hora, George, por isso, porque é que não me põe a par do que se está a passar?

As boas maneiras são rigidamente inculcadas em homens como George Thorpe. Escola pública, Oxbridge, as amas que os criam e deixam com complexos maternos que eles descarregam nas suas mulheres — todas estas

estruturas aprofundam a necessidade de simpatia, etiqueta e a maneira certa de fazer as coisas. Eu perturbei a ordem. Ele tropeça ligeiramente quando se senta, e eu faço questão de me mostrar impaciente enquanto ele abre a pasta e tira alguns apontamentos.

— Bem, certo, hmm, então... — fica em silêncio enquanto põe os óculos e eu pergunto-me, não pela primeira vez, se este homem é um tubarão. Quero um tubarão. *Preciso* de um tubarão. Quando este espetáculo miserável começou a desenrolar-se, procurei advogados de forma obsessiva e foi-me dito por quase toda a gente a quem me dei ao trabalho de perguntar que ele era o melhor de todos, com a vantagem adicional de ter uma aparência que dava a entender que vários membros da sua família haviam governado o Império Britânico. Os casos que ganhou já não têm conta, conseguiu libertar pessoas interpondo recursos (pessoas más, pessoas que deviam mesmo ficar presas o resto da vida e que hoje só se passeiam em liberdade porque ele explora todos os aspetos legais, todas as debilidades das declarações de agentes policiais exaustos, todas as hesitações dos membros do júri que têm medo de viver com a culpa de meter alguém na cadeia). Por isso ele é o melhor. Mas esta sua faceta predatória... bem, ele tem conseguido escondê-la muito bem, e eu preciso que ele experimente o sabor do sangue.

George Thorpe analisa o processo de recurso comigo uma vez mais, asseverando-me que estamos a caminho de ter uma decisão final na semana que vem. Há uma razão para que aqueles documentários sobre crimes reais façam render as partes relativas aos crimes e sejam mais vagos quando se trata dos respetivos processos legais — é que são complexos, aborrecidos, desmoralizantes e consistem, no essencial, em meses e meses de espera. Nós interpusemos um recurso no terceiro dia da minha pena. Solicitámos uma libertação sob fiança pendente de recurso, o que não deu em nada, talvez por causa da publicidade à volta do meu caso, desconfio eu. Por isso, agora estou aqui há mais de um ano, a aguardar e a apodrecer. Não haveria grande tensão dramática se o leitor continuasse a imaginar-me deitada nesta cama, tentando desesperadamente evitar mais aulas de terapia de grupo onde uma pessoa fala dolorosamente de horríveis abusos sexuais para logo ser acusada por três outras mulheres de reclamar para si todas as atenções.

Ainda não vos contei quase nada sobre a razão por que aqui estou, pois não? É porque me repugna fazê-lo. Não é a injustiça do caso que me detém

— seria bastante palerma passar o tempo a queixar-me da injustiça de tudo isto quando aquilo de que poderia ter sido acusada é bem pior não, é a completa banalidade de tudo isto. O motivo que me foi atribuído é patético. O ato que eu alegadamente teria cometido é uma coisa que eu só poderia ter feito num acesso de raiva, com uma falta de preparação que teria detestado. Não sou como Nico. Mas uma pessoa não pode usar isso em sua defesa, pois não? «Desculpe, meritíssimo, mas quando mato alguém, faço-o com um pouco mais de precisão, compreende?» Em vez disso, tive de cerrar os dentes e submeter-me a todo um processo legal, que se arrastou durante meses e meses — com grande sacrifício. Como é que diz o ditado? Uma pessoa faz planos e Deus ri-se. Eu fiz planos para matar sete pessoas e acabei presa pela morte de alguém em quem nem sequer toquei. Deus teria tido um ataque.

Capítulo 10

Quando tínhamos 26 anos, Jimmy conheceu uma rapariga. Ele já tinha tido namoradas, simpáticas, discretas, com sacos de juta com logótipos de livrarias independentes, membros de associações de caridade, ONG, pequenas editoras — estão a ver o tipo de rapariga a que me refiro, com óculos, pequenos brincos de prata em forma de argola, que deliram com uma chávena de chá. Eram todas ótimas. Ótimas, ótimas, ótimas. Mas Jim é tão descontraído, tão simpático e bem-intencionado, que estas relações não tinham uma verdadeira motivação para elas. Havia Louise, que mantinha obsessivamente uma horta, mas nunca manifestou idêntica paixão por qualquer outra coisa e acabou por desaparecer ao fim de um ano. Havia Harriet, que fez mais progressos, partilhando uma casa com Jim e alguns colegas da universidade em Balham durante uns tempos. A separação foi tão indolor que quase não se deu por ela (falo por mim). Estava a trabalhar a tempo inteiro quando ela se foi embora, e quando nos voltámos a encontrar para tomar um copo ele parecia ter ultrapassado completamente a coisa, e eu fiquei aliviada ao ver que não ia ter de desperdiçar a minha preciosa noite de folga a consolá-lo por causa de uma mulher de cuja carajá nem sequer me lembro muito bem.

A namorada que se seguiu foi Simone, e eu pensava que ela poderia ter sido a tal. Era curadora de uma galeria e usava joias e sapatos estilo *brogue* interessantes (interessantes significa angulosos) de cores diversas. Era uma pessoa séria, como eram todas. Mas gostava do meu sentido de humor, e era bastante descontraída em relação à minha longa e por vezes ambígua amizade com o seu namorado. O que era mais importante é que ela parecia gostar mesmo de Jimmy e falava do seu futuro juntos sem nenhum dos constrangimentos que algumas mulheres usam para não assustar o parceiro. Iam passar fins de semana a Norfolk e adotaram um gato. Falavam em comprar um apartamento juntos. E eu habituei-me a Simone, partilhar Jimmy com ela não constituía uma cedência. Talvez até os viesse a ver envelhecer juntos com um sentimento de satisfação. Mas Simone era mais ambiciosa do que eu imaginava e, quando recebeu uma oferta de emprego como curadora

numa galeria que abrira recentemente em Nova Iorque no preciso momento em que tinham começado a ver apartamentos, creio que partiu do princípio de que Jimmy iria fazer as malas e mudar a sua vida para Brooklyn sem a menor reserva, mas ele hesitou. Tinha acabado de entrar no *Guardian* e não suportava a ideia de desistir de um precioso emprego no quadro de um jornal onde sempre quisera trabalhar. Não seria capaz de encontrar um emprego ao mesmo nível, protestara ele. Teria de se debater como *freelancer* numa cidade cheia deles. Simone escutava-o pacientemente, contestava as suas preocupações com as suas opções de trabalho e sublinhava o quanto esta mudança significaria para ela, mas ele tomou-se cada vez mais obstinado. Uma semana depois, já mal comunicava com ela. Prosseguiram numa imitação silenciosa das suas vidas prévias enquanto ela tratava do visto, vendia os móveis e deu uma festa de despedida. Jimmy ainda não lhe tinha dado um não firme, e eu imagino que ela pensasse que ele estava a hesitar, esperando apenas que a sua ausência se tornasse uma coisa real e firme no seu espírito até ele ceder e ir atrás dela para Nova Iorque. Em vez disso, ela apanhou o avião num sábado e ele enviou-lhe um *e-mail* sucinto na terça-feira seguinte dizendo que não conseguia fazê-lo, que a amava, que tinha tanta pena. Sei disto porque ele mo enviou minutos depois, com o assunto intitulado «odeio-me a mim mesmo».

O problema de Jimmy é viver com demasiado conforto, o que o tomou um cobarde. Tem uns pais simpáticos, a sua vida familiar é estável, afetuosa e segura. Cresceu rodeado de pessoas inteligentes, pessoas influentes que o fizeram sentir que seria capaz de fazer o que quer que fosse que desejasse fazer neste mundo. Tinha férias maravilhosas, fala alemão fluentemente e toca dois instrumentos. Tudo isto o apetrechava para se aventurar e ser rei de qualquer mundo que desejasse, mas também o fazia ter medo de se aventurar onde quer

que fosse, pois onde mais poderia sentir-se tão confiante e estabelecido? Tantas vantagens e privilégios, e tudo o que Jimmy quer é viver a dois quartos da mãe e do pai e viver exatamente como eles. No entanto, estou ligada a ele. A sua familiaridade, o seu cheiro, os seus braços que têm exatamente a força necessária para eu me sentir segura. É ridículo, é um *cliché* e eu odeio senti-lo. Mas sinto. Não conheço ninguém há tanto tempo como Jim. Nunca tolerarei ninguém como o tolerarei a ele. E como ele é gentil e

paciente, permiti-me confiar nele, deixá-lo conhecer-me (a maior parte de mim), e contar com esse velho laço que se manteve sempre constante. Nunca lhe contei quem o meu pai realmente é, preferindo manter as duas partes da minha vida completamente separadas. Mas, tirando isso, conhece-me de uma maneira que mais ninguém conheceu ou virá a conhecer. E se ele não quiser ser uma espécie de rei do mundo, então, eu própria avançarei e aprenderei a contentar-me em deixá-lo ficar simplesmente ao meu lado no meu caminho. Costumava afagar-me o braço quando eu adormecia, sabendo que eu ficava ansiosa quando o dia chegava ao fim. Ficava deitado ao meu lado a investigar as sardas no meu braço.

— És tão macia, Gray. Tão maaaaaaciiiiiaa! — Cantava ele, com a melodia de uma canção que adorávamos. Depois eu já conseguia dormir.

Hoje, Simone tem a sua própria galeria. Casou com um dramaturgo famoso e têm um *dobermann*, o que parece ser o cúmulo da arrogância numa cidade que só tem espaço para *chihuahuas*. Sei disto porque, sempre que se embriaga, Jimmy vai ao Instagram dela e atira-me o telefone à cara, tentando mostrar-me que está contente por ela e perguntando-me, ao mesmo tempo, se a *t-shirt* com decote em V que o marido dela está a usar não o faz parecer mesmo um imbecil.

Seis meses depois de Simone partir para Nova Iorque e de Jimmy se ter mudado de casa dos pais para o virar da esquina, conheceu outra pessoa. Gostava de poder dizer que ele se livrou de alguma da sua cobardia depois da separação e que a conheceu numa qualquer festa num canto do Sul de Londres, mas não, porque ele raramente sai do Norte de Londres, exceto para um eventual lançamento de um qualquer livro esquisito. Conheceu-a num jantar na casa do seu padrinho em Notting Hill. Horace é um advogado conselheiro da rainha ou algo do género (foi ele quem me pôs em contacto com Thorpe, por isso suponho que sou tão culpada de beneficiar dos contactos de classe média que os pais de Jimmy nos deram quanto ele próprio) e organiza jantares mensais para os quais convida «pessoas interessantes» para virem falar de acontecimentos mundiais. Eu nunca fui convidada para esses serões aparentemente hediondos. Conformei-me com isto, recordando a mim mesma que Horace é um velho snobe aborrecido e tirando-lhe 50 libras da carteira da última vez que o vi com os Latimer.

Não vi Jimmy durante algumas semanas depois do jantar, porque tinha coisas mais importantes em que pensar nessa altura. Tinha acabado de mandar Bryony à vida — sobre isto falarei mais adiante — e estava a vacilar entre a exaltação com os meus progressos e a frustração de não conseguir chegar a uma forma exequível de apanhar Simon. A operação toda tinha feito com que eu não tivesse muito tempo para Jimmy. Era demasiado difícil falar com o meu melhor amigo enquanto estava a meio daquilo tudo sem ser capaz de falar sequer no mais pequeno aspeto das minhas atividades. Mesmo assim, eu devia ter adivinhado que algo se estava a passar, porque as suas mensagens vinham rareando até redundarem num período de silêncio de oito dias. Até que, num belo sábado de manhã, apareceu no meu apartamento com café e *croissants*. Não há nada que nos grite aos ouvidos «tenho novidades!» como tocar à campainha de alguém sem enviar mensagem primeiro. É uma coisa tão egocêntrica que a única desculpa que alguém poderia ter para isso seria vir informar-nos de um acidente terrível ou anunciar-nos um novo caso amoroso. Como percebi pela cara dele que a mãe dele não tinha morrido num acidente terrível numa mota de água, a única alternativa possível era uma nova mulher. Assim sendo, resolvi torturá-lo um pouco, não fazendo perguntas e falando ininterruptamente, em vez disso, sobre os planos que tinha para remodelar a minha cozinha. Eu não tinha planos nenhuns para remodelar a cozinha. Vivia neste apartamento precisamente por ele ser completamente funcional, e ainda bem, porque as pessoas que falam sobre planos de remodelação são insuportáveis.

Passado um bocado, enquanto eu começava a desenvolver um solilóquio particularmente monótono sobre puxadores de gavetas, ele rebentou e contou-me tudo sobre Caro. Caro Morton era uma jovem advogada que trabalhava nos escritórios de Horace. Tinham-se sentado ao lado um do outro no jantar sobre temas preocupantes e Jimmy ficou, insistiu ele, vidrado nela em poucos minutos. Desde então, já tinham tido vários encontros e já estavam a falar em viver juntos. Tornava-se evidente que Caro não era uma mulher que estivesse a fazer-se rogada e a fingir que não estava à procura de um compromisso.

— Quero que a conheças, Gray — disse ele. — Ela já conheceu o John e a Sophie, mas precisa de passar pela tua fasquia.

Eu fiquei abalada com isto. Já tinha conhecido os pais dele? Simone

demorou meses até atingir esse marco. Mas a verdade é que Caro fazia parte do mesmo círculo, não é verdade? Associada de Horace, era uma advogada que terá, sem dúvida, passado por Oxbridge, e pelo menos um dos seus progenitores era conhecido dos Latimer, a acreditar no que eles diziam. Simone, por muito querida que fosse, não era. Nascida em Londres Oriental, filha de uma enfermeira e de um funcionário da junta, nunca encaixou na família de Jimmy com a mesma facilidade de uma mulher da sua tribo. Sophie e John enchiam-na de elogios. Uma vez, Sophie levou-a para a casa de campo que arrendaram em Oxfordshire para um fim de semana de confraternização em que os obrigou a fazer compotas o dia todo, mas ela nunca estava verdadeiramente à vontade. Eu devia saber. Ser acolhido por aquela família não é o mesmo do que ser verdadeiramente aceite. Ter alguém que se sente reconfortado por nos ajudar não é o mesmo do que ter alguém que nos ama.

Caro. Não vou perder mais tempo. Detestei-a desde o primeiro momento em que a vi. Imagino que estejam a pensar se isto não é por a sua presença ameaçar privar-me do meu melhor amigo, o homem em que eu confiara desde que era criança. Ao que eu respondo: esforcem-se um pouco mais. Não vamos perder tempo com psicologia barata. Um mês depois de eu ter ouvido falar na namorada nova pela primeira vez, estávamos prestes a encontrar-nos. Mandámos preparar umas bebidas num bar em Maida Vale numa quarta-feira à noite, coisa que me deixou secretamente enraivecida porque ainda não tinha feito quaisquer progressos em relação ao meu grande final, mas era claramente um convite de comparência obrigatória, e eu não consegui encontrar uma razão suficientemente boa para voltar a adiar o encontro. Jimmy e eu bebemos uma garrafa de vinho enquanto esperávamos por ela. Ela andava tão ocupada com o trabalho, explicou ele, enquanto verificava o telefone para tentar apurar o seu paradeiro. Dez minutos depois, ela entrou. Não precisei que mo dissessem — soube logo. Caro avançou por entre um grupo de pessoas que estava à espera de lugar sem ter de dizer uma palavra. De telefone colado ao ouvido, tinha cabelos ruivos compridos (que pareciam intensamente naturais, mas que vim a saber depois serem pintados. Nunca se deve confiar numa ruiva artificial — a sua necessidade de ser diferente e interessante faz com que não seja uma coisa nem outra) e trazia uma camisa de seda bege e calças largas. A única maquilhagem que consegui discernir era

um laivo de batom vermelho. E escusado será dizer que era maravilhosa, etérea, cativante, blá-blá-blá. E sabia-o. As mulheres sabem sempre. E Jimmy devia achar que tinha descoberto uma beldade inexplorada porque ela não usava roupas justas nem se dava ao trabalho de pintar as unhas. Os homens acham sempre que um nível superficial de falta de vaidade é uma vantagem, como se o grau de esforço que mulheres como Caro põem na sua aparência fosse diferente das raparigas embonecadas que se veem em qualquer rua inglesa numa tarde de sábado. É apenas uma abordagem diferente. E a beleza continua a ser óbvia, mas os homens acham que é mais refinada, como se a beleza das mulheres só fosse pura quando estas fingem não a possuir.

Oh, esperem, acabei mesmo por *perder* tempo com ela. Mas vale a pena ficar com uma ideia sobre ela — nem que seja só para eu me poder congratular com o meu próprio autodomínio quando recordar o que aconteceu a seguir. Caro era nova — mais nova do que Jimmy e eu, mas era notavelmente contida. Uma advogada, como já expliquei, que se especializara em complexas operações de aquisição de grandes empresas. Ela explicou o seu trabalho como «a organizadora se a Nike quisesse comprar a Adidas». Eu não pedira que explicasse melhor. Creio que esta descrição particularmente condescendente foi no preciso momento em que me dei conta de que a detestava. Ela não me tentou conquistar nem sufocou Jimmy para me mostrar que ele era seu. Era calma com ele, o que o tornava, claro está, ainda mais entusiasmado na sua paixão, e comigo foi bastante factual. Passámos algumas horas às voltas uns com os outros, mas eu não dei o meu melhor porque a única coisa em que realmente me conseguia concentrar era em ver quão arrebatado Jimmy estava. Quanta energia nervosa ele emitia. Quão ansioso estava por que nós nos ligássemos, que nos tomássemos amigas, que criássemos laços em torno dele. Eu sentia uma ansiedade crescente, sentindo os meus próprios dedos a subirem-me pelo pescoço acima, ansiosos por me coçar. Às onze da noite, a meio de uma história que Jimmy estava a contar sobre umas férias de família em que acabámos por subir uma montanha por engano, Caro pôs a sua mão sobre a dele, massajou-lhe a pele entre o polegar e o indicador e disse que tinha de se ir deitar. E assim, sem mais nem menos, acabou a noite. Foi pedida a conta, chamou-se um Uber, e eu fui despachada com um abraço de Jimmy e um beijo à distância de Caro que a dispensou de me tocar. O táxi deles chegou primeiro, e desapareceram, com Caro a olhar

para o telemóvel sem sequer se dignar a olhar para trás. Nenhum deles havia sugerido um novo encontro.

Eu sabia que não havia maneira de vencer este jogo. Jimmy estava completamente enfeitiçado por esta mulher, e qualquer sinal de relutância da minha parte tê-lo-ia atirado para os braços dela ainda mais depressa. Sempre me perguntei porque é que as pessoas se tornam tão defensivas quando confrontadas com a crítica sobre os seus parceiros. Se a nossa mãe, ou qualquer outra pessoa que nos conheça desde o tempo em que éramos uma criatura de palmo e meio e fraldas, achar que a pessoa com quem estamos é um pouco insatisfatória, por que diabo não haveríamos nós de levar isso em consideração? Se a pessoa por quem me apaixonei for um monstro, quero que me digam. Expliquem-me porquê. Quero saber tudo. Mas mais ninguém parece querer saber. E Jimmy não era exceção. A única coisa que podia fazer era ser simpática e esperar que Caro se aborrecesse. A sua atitude para com ele não era propriamente de devoção, e eu agarrei-me a isso durante algum tempo.

Mas uma noite, em casa dos Latimer, não tardei a ver fugir essa boia de salvação. Há já muito que me tinha afastado nessa altura, claro, mas o castigo que recebi por me ausentar (em Londres, os miúdos da classe média ficam em casa dos pais até aos 30. Às vezes arrendam um apartamento noutra lado durante uns tempos, mas mesmo assim vivem parcialmente em casa dos pais até estes darem um sinal para uma hipoteca e eles poderem ter a sua própria casa a sério) foi agora dar por mim a prometer a Sophie que viria jantar pelo menos duas vezes por mês. Era uma promessa que não fazia tenção de cumprir — a vida moderna é 75% de cancelamento de planos com ambas as partes a ficarem aliviadas mas subestimei a necessidade de Sophie permanecer envolvida, de se sentir sempre como se desempenhasse um papel vital nas vidas das pessoas que conhecia. A princípio tentei desmarcar — queixava-me de dores de cabeça e de ter de ficar a trabalhar até tarde. Mas sempre que eu apresentava uma desculpa plausível que nos pouparia a ambas ao transtorno, ela compadecia-se de mim e prontificava-se a propor uma nova data. E se eu voltasse a desmarcar essa data, ela propunha logo outra. Não é que me quisesse mesmo lá, percebem? Mas ficava bem manter a órfã que ela tão altruisticamente acolhera em sua casa. Era sempre uma receita de Ottolenghi que requeria especiarias que nem mesmo Sophie, que percorria as

mercearias locais de uma maneira só comparável à de alguém salivando ao ver uma montra de uma loja cheia de diamantes, conseguia encontrar. Consequentemente, todas as refeições sabiam predominantemente a manjerição, já que ela não conseguia encontrar isso em nenhum minimercado de luxo.

O dia em que percebi que Caro tinha ido mais longe do que eu até então me dera conta foi um domingo invulgar, em que nem John nem Annabelle (nem Jimmy, entenda-se) estavam connosco. Normalmente, as nossas refeições faziam-se na companhia dos outros, e envolvíamos-nos em conversas absurdas sobre como era horrível que a biblioteca local estivesse fechada, e se a austeridade não estaria finalmente a revelar as suas verdadeiras vítimas. O tipo de conversa política que não serve para nada, mas em que certo tipo de pessoas insistem porque as faz sentir que estão a fazer alguma coisa pelas pessoas pelo mero facto de as mencionarem. Deus sabe que nenhum dos Latimer alguma vez foi à biblioteca local durante os anos que passei com eles.

Sophie estava completamente empenhada na conversa concentrada que iríamos ter uma com a outra. Sophie nunca se sente desconfortável a conversar. Na sua maneira de ver, tem sempre qualquer coisa de interessante para dizer, e, estando ela munida dessa convicção, nada neste mundo a poderia fazer sentir pouco à vontade.

Enquanto me servia um copo de vinho e enxotava o velho gato do sofá, começou a falar efusivamente de Caro.

— Que rapariga maravilhosa. O Jimmy disse-me que já a conheceste. Sabes que ela é filha da Anne Morton, estás a ver, a última ministra dos Negócios Estrangeiros, e do Lionel Ferguson. Ele escreve livros fabulosos sobre o Império Britânico. Nós conhecíamos-os razoavelmente bem de um curso de preparação pré-natal quando eu estava grávida da Annabelle — ambas tínhamos umas barrigas enormes e ligámos-nos em tomo daquela figura ridícula e ativa que era a nossa líder de grupo. Continuámos a vê-los em festas ao longo dos anos, claro, mas a Anne tinha um emprego exigente e, por essa altura, já eles se tinham mudado para Richmond. É extraordinário que o nosso rapaz tenha acabado por namorar com a pequena Caro.

Oh, meu Deus. Claro. Aquela espécie de autoconfiança que Caro tinha

não vinha do nada. O pai chamava-se LIONEL, que diabo! A mãe era uma figura política. A juntar a todos os privilégios com que tinha nascido, era surpreendente e esperta. Eu costumava folhear as colunas sociais da revista *Tatler* no escritório, de vez em quando, normalmente para ver se Bryony aparecia, e as mulheres das fotografias eram quase sempre filhas de condes ou duques. Mas o que me incomodava é que eram igualmente etéreas, elegantes, maravilhosas. Como é que as pessoas com mais sorte de toda a sociedade podiam ser também fisicamente superiores? Eu pensava que o caldo genético para este tipo de pessoas fosse tão limitado que asseguraria algum tipo de debilidade genética, mas aqui estavam elas todas — as Caros que cirandavam por aí com um ar completamente natural e perfeito, deslizando pela vida com a confiança de que lhes tinha saído a lotaria do caldo genético.

Sophie continuou a falar ininterruptamente. Caro tinha-lhe enviado uma edição limitada dos ensaios de Toni Morrison na semana anterior. Caro tinha cozinhado para a família em casa de Jimmy. O frango estava perfeito. Caro tinha sugerido um fim de semana em França na primavera. Eu passei os dedos pelas marcas que o malvado gato velho tinha feito no braço do sofá e assenti com a cabeça. Sophie não estava muito interessada no meu contributo. De qualquer maneira, eu também não tinha nenhum contributo a dar que ela quisesse ouvir.

— Sim, ainda é cedo, mas o John e eu também só estávamos juntos há alguns meses quando nos instalámos naquele pequeno apartamento no Angel — ouvia-a dizer.

Levantei os olhos e rebobinei a conversa na minha cabeça. Eles iam viver juntos! Tinham passado... recuei mentalmente... pouco mais de dois meses desde que se tinham conhecido. Que espécie de louco carente é que vai viver com alguém quando nenhum dos dois ainda sequer admitiu que o seu filme favorito é *Die Hard* e não, como eles haviam dito no segundo encontro, *O carteiro de Pablo Neruda*? Quer dizer, eu nem sequer acredito que Jimmy tenha visto *O carteiro de Pablo Neruda*. Talvez ele escolhesse um filme dos mais óbvios de Tarantino.

Caro não me parecia nada carente. Não emanava aquela onda desesperada que tantas mulheres de sucesso que realmente anseiam por um bom homem e

uma por uma oportunidade de estudar amostras de pintura para o armário antigo que acabaram de comprar tantas vezes libertam. Porque é que ela estaria a apressar as coisas?

Jimmy podia estar loucamente apaixonado, mas nunca teria sugerido que fossem viver juntos — ele não tinha nenhum entusiasmo do tipo «vamos lá, vamos a isso!». Para Jim, o estado ideal das coisas era viver calmamente em câmara lenta.

— Claro que ele ir viver com ela é um grande abalo para mim. Clapham fica a quilómetros de distância; mas o apartamento dela é divino e muito mais perto do emprego dela, por isso compreendo. — Sophie levantou os olhos do *risotto* que estava a mexer e sorriu-me. — Também vais ficar um pouquinho abalada por já não o teres tantas vezes por perto, creio eu. Vamos ter de te encontrar o teu próprio Caro.

Eu estava abalada. Não o quis admitir a Sophie, a quem a minha proximidade com o filho deixava sempre um pouco nervosa. Suponho que achava simplesmente estranho que o filho pudesse passar todos os anos de adolescência a conviver com uma rapariga sem jamais se apaixonar por ela. Ou, pelo menos, sem nunca o dizer abertamente. Sophie e John não têm verdadeiros amigos do sexo oposto — quando dão os seus jantares, convidam sempre casais, ou então um amigo solteirão que andaram a tentar juntar com alguém, geralmente em vão. Ainda desconfio que ela passou os nossos anos de adolescência a rondar a porta do covil, à espera do momento certo para abrir a porta de surpresa e nos apanhar nus. Nunca o fez. Acho que isso era ainda mais desconcertante para ela do que se o tivesse feito. Pelo menos assim, teria percebido a dinâmica.

O que se passa é que Jimmy provavelmente sempre gostou de mim. Oh, ele nunca o disse. Provavelmente nem sequer tem noção disso a um nível consciente. Jimmy não é muito dado à introspeção profunda. Mas eu sempre soube. Uma pessoa sabe, simplesmente, não é? E em condições normais, isso seria um obstáculo à nossa amizade — a certa altura, alguém confessa, ou arremete, ou começa a fingir. Mas Jimmy não. Ele gosta de mim ardentemente. Faço parte dele. Mas isso nunca deu lugar a nada digno de nota. Bem, hesitámos daquela única vez, quando estávamos à beira da idade adulta, e eu não queria que ele se afastasse completamente. Mas a maior parte

das vezes era eu quem refreava os ânimos — nunca lhe dando a menor sugestão de algo mais, nunca o encorajando a explorar tal possibilidade. Nada de olhares demorados, nada de abraços embriagados que nos parecessem demasiado intensos. Eu joguei bem e preservei o meu amigo. Sabia que qualquer potencial exploração de sentimentos mais profundos acabaria por nos separar de maneira irreparável. E porque é que eu haveria de estragar tudo por causa de uma tentativa idiota de relação durante a nossa adolescência, quando isso não tinha significado nenhum? Eu sempre guardara essa recordação à distância, pensando que seria uma coisa a revisitar quando fôssemos mais velhos, quando a missão que tinha conduzido a minha vida tivesse terminado. Um laço que eu criara ao longo de anos e anos recompensar-me-ia com um futuro simples e livre de complicações. Mas eu ainda não conseguia pensar em nada disso, não enquanto tivesse uma empreitada daquelas para levar por diante. Eu nem sequer tinha considerado isso como deve ser, nunca imaginei as especificidades dessa vida. Era apenas uma sensação vaga, mas que era forte, e estava sempre presente. E agora via que Caro ia fazer descarrilar isso tudo. Uma pessoa não pode explicar as Caros deste mundo, por muito estritamente que se esforce por controlar as coisas. Pessoas como ela têm prazer em entrar no nosso mundo e em tirar-nos aquilo que querem. Nem sequer fazem de propósito, o bónus da nossa perda é apenas um pequeno prazer adicional. Eu talvez fosse capaz de executar um plano épico de vingança implacável, mas não sabia como travar o amor. Era algo que parecia transcender-me por completo e fazia-me sentir como se me estivesse a afogar.

Descarrilei um pouco. A minha mãe costumava deixar que isto lhe acontecesse e isso deixava-me sempre furiosa. Uma simples ida ao supermercado acabava por se transformar numa qualquer triste história de uma dona de um café local e dos seus problemas de coluna, e eu ficava ali a arranhar o braço da minha mãe com vontade de lhe berrar que se despachasse. «Ninguém quer saber da estúpida da dona do café», apetecia-me dizer. «Para de te preocupar tanto com desconhecidos que nem sequer sabem como te chamam e arranja uma maneira de voltar a pôr o aquecimento a funcionar.» Isto tudo para dizer que podia escrever um livro inteiro sobre as minhas provações com Caro, mas não é essa a história mais interessante que

tenho para contar. Para além disso, ela já morreu. Por isso, quem ganhou fui eu. Só que não ganhei. Caro nunca me deixaria ganhar facilmente, não é verdade?

Os factos são estes. Jimmy mudou-se para o apartamento imaculado de Caro em Clapham. A sua comunicação comigo esboroou-se quase de imediato. As longas conversas ao telefone pela noite dentro foram a primeira coisa a desaparecer. Depois, foram os cafés ou encontros espontâneos no *pub* que frequentávamos desde que tínhamos idade para lá entrar — afinal, Clapham é outro país quando se vive a norte do rio. A troca de mensagens não foi completamente anulada, mas era eu quem as iniciava a maior parte das vezes, o que me fazia sentir patética e furiosa. Pior, sempre que via Jim, normalmente ela imiscuía-se nos nossos planos. Copos (com os amigos dela), jantar em casa dos Latimer (onde ela me vinha receber à porta), uma ou outra festa no apartamento deles, onde ela fazia grande questão de me apresentar a homens incrivelmente aborrecidos, de rosto afogueado e calças chino, para logo me abandonar e se retirar com um ar satisfeito.

Aguentei tudo. Não me envolvi no jogo. Tinha coisas mais importantes para fazer — estava a preparar-me para o meu assalto final à família Artemis e já estava frustrada quanto baste pela minha falta de um plano adequado. Não ia comprometer isso para me envolver com uma rapariga fina e enfasiada que queria que eu me preocupasse a ponto de fazer com que Jimmy parecesse uma espécie de um prémio. Em vez disso, observei-a. E fiquei a saber quatro coisas:

Caro tinha um distúrbio alimentar tremendo.

Caro tinha uma dependência de drogas não despicienda.

Caro tinha acessos de raiva para com Jimmy que por vezes se tomavam um tanto físicos (da parte dela).

Caro era desesperadamente infeliz.

Que merda de *cliché*.

Ele pediu-a em casamento no dia de aniversário dela. Não quero com isto dizer que Jimmy seja destituído de espontaneidade, mas as pessoas que fazem pedidos de casamento em datas importantes têm uma certa falta de

imaginação. Não consigo imaginar dia pior para uma pessoa se ajoelhar do que um Natal em família, em que o nosso pai começou a beber champanhe com sumo de laranja às onze da manhã. Sophie estava fora de si de contente. Até John estava todo sorridente no almoço de celebração. A família Morton foi convidada, e as antigas ligações interfamiliares foram rapidamente reavivadas sobre um prato de *couscous* e um bom sortido de vinhos brancos italianos que Lionel trouxe da sua cave. Caro, calma como de costume, envergando um macacão de seda e mostrando o anel apenas quando lho pediam, unhas curtas e sem verniz. Jimmy sorria-lhe bastante, mas permanecia calado, seguindo-a pela casa, falando apenas quando ela lhe fazia uma pergunta.

Só houve um pequeno momento engraçado no almoço, quando a mãe de Caro começou a falar do choque que tinha sido a morte de Bryony Artemis. O grupo inclinou-se coletivamente para a frente, tagarelando como velhas alcoviteiras acerca de alguém que não tinham conhecido, apresentando teorias sobre o seu falecimento e comentando quão nefasta era a sua família.

— Ouvi dizer que deu 50 mil libras ao governo para tentar ser condecorado lorde. Como se precisássemos de mais fura-vidas na câmara. Homens como esse transformam o sistema todo numa anedota.

Eu deixei-me ficar em silêncio, beberricando o meu vinho e apreciando a hipocrisia daquelas pessoas que pretendiam estar acima destas histórias obscenas, mas que, de um momento para o outro, davam por si mais entusiasmadas do que haviam estado o dia todo. A conversa seguinte, acerca do último romance de Ian McEwan, não foi, de longe, tão animada, isso garanto-vos. Dois dias depois do almoço, estourei. Tinha perdido o foco, tão consumida de pânico que estava com o meu grande plano e a crescente impotência que sentia para aceder a Simon. Parti estupidamente do princípio de que teria mais tempo para lidar com este problema menor, mas estava tremendamente enganada. Pedi a Jim que se encontrasse comigo em Southbank, onde lhe ofereci um café, e caminhámos ao longo do rio. Ele assinalou as sardas no meu braço distraidamente, como costumava fazer quando éramos adolescentes e nos víamos como uma dupla. Não estávamos infundidos da vertigem da antecipação, mas sim do calor da familiaridade. Chamou-me «Gray», como sempre fizera, e arreliou-me por causa dos meus sapatos novos.

— Tão extravagante, Gray, o teu calçado não tem de parecer arte moderna.

Eu retorqui que o seu lenço de seda novo lhe dava um ar de velho conde italiano, e ele teve o bom senso de mostrar algum embaraço. Ambos sabíamos que tinha sido Caro a escolhê-lo. Passado um bocado, perguntei-lhe pelos seus planos para o casamento, introduzindo o tema com uma leveza demasiado óbvia. Ele mostrou-se vago, falando do desejo de Caro de fazer um jantar num clube privado a que o pai dela pertencia. Jim não parecia entusiasmado por aí além, e mantinha os olhos postos na água que corria ao nosso lado. Uma pausa na conversa deu-me o ensejo de chegar ao cerne da questão.

Disse-lhe que os ataques dela estavam relacionados comigo, que eu tinha visto as arranhadelas no seu pescoço durante o almoço. Disse-lhe que Caro o tinha monopolizado, que o tinha despojado de todas as coisas que o faziam ser ele, e que achava que o casamento deles seria uma má ideia. Eu tinha metido na cabeça que isto era uma atitude corajosa, e que, independentemente do que pudesse acontecer, ele queria que eu o dissesse. Ele desviou o olhar enquanto eu o dizia, enfiou o copo num caixote do lixo, caminhou até ao gradeamento do rio e respirou fundo.

— Eu compreendo que isto seja estranho para ti. A nossa amizade é intensa, maravilhosamente intensa. És da minha família, a minha melhor amiga, a minha namorada suplente, imagino eu. Durante boa parte da nossa vida, acho que pensei que estávamos destinados a ficar juntos, mas tu nunca deixaste isso acontecer, pois não? — Eu devo ter vacilado, porque ele continuou em força. — Tu não deixaste, Grace! Mantiveste-nos num nível em que te sentias segura. As pessoas querem amar-te e tu sentes repugnância por isso. — Passou uma mão pelo cabelo e suspirou. — De qualquer maneira, tudo bem, tomaste tudo muito claro e eu aceitei, porque sei que dás o que podes. Mas a Caro quer mais. Eu amo a Caro, e ela ama-me a mim. E eu não posso aceitar isto, Grace. Não posso mesmo. Eu sabia que não ias ser capaz de ficar contente por nós, a minha mãe avisou-me, a Caro avisou-me. Eu compreendo. Mas isso não quer dizer que possas voltar a fazer isto.

Depois olhou para mim com um sorriso terno e afagou-me a mão.

— Nós não vamos mudar, mas não podes voltar a falar dela dessa

maneira. Tens de ver as coisas como elas são. Eu não te estou a abandonar. Não sou o teu pai; isto é apenas o que é normal acontecer na vida.

Deu-me um pequeno abraço e afastou-se, caminhando em direção a Waterloo. Eu não disse uma palavra. Odiei-me por ter sido tão fraca. Odiei que ele tivesse razão. Odiei ter-me vergado. Odiava-os a todos.

Caro e Jimmy deram a sua festa de noivado um mês depois.

Não tínhamos falado muito nas semanas anteriores, mas eu fui porque fui convidada e porque se não fosse isso daria origem a *um caso*. E pior, ela iria pensar que eu estava destroçada e regozijar-se-ia com isso. Levei um fato verde-garrafa escuro com uma *t-shirt* de seda branca e ignorei a leve náusea que senti ao ver quanto custava o conjunto. Usei batom vermelho. Nós vestimo-nos para as outras mulheres. É um *cliché*, mas é verdade. Ela iria perceber a mensagem. E isso valia bem o débito no cartão de crédito.

Cheguei às dez da noite, tendo tomado uma bebida ao virar da esquina num bar da zona quando julguei ter chegado demasiado cedo. As festas de Caro não costumavam começar antes das nove e meia, e eu não ia desperdiçar o meu tempo com os seus amigos de riso extravagante quando toda a gente ainda estava sóbria. O apartamento deles ficava no quarto andar de um grande quarteirão com vista sobre o parque. O edifício era fabuloso, com escadas de mármore e um elevador antigo com grades metálicas. Nunca vi ninguém no átrio ou nos corredores. Estes apartamentos eram propriedade de pessoas ricas. Pessoas ricas com diversas casas espalhadas pelo mundo a que chamam «bases». Nenhuma delas com gavetas a abarrotar de bugigangas ou bicicletas velhas a atravancar a entrada.

A festa estava a descomprimir quando eu entrei. Um pequeno grupo de colegas de Jimmy estava reunido na cozinha — alguns amigos da escola de que eu até gostava, e alguns tipos chatos da universidade que ele se recusava a despachar por completo. Mas, sobretudo, o apartamento estava cheio de amigas de Caro. Raparigas magras até ao osso, com vestidos de seda esmaecidos. Todas tinham um cabelo de menina bem — estão a ver, aquele estilo grosso, brilhante e comprido que parece descuidado, mas cuja coloração custa 500 libras sem direito a mais nada. Os homens traziam todos calças chino e camisas azuis muito idênticas. Aqui e ali via-se um sapato em exposição, mas vinham quase todos de ténis, numa tentativa de se mostrarem

mais descontraídos do que realmente eram. Quase toda a gente era branca. A música estava muito alta, mas não estava ninguém a dançar.

Acenei a algumas caras que reconheci, mas continuei a andar em direção à mesa das bebidas, peguei num copo de vinho e encaminhei-me para a varanda. Nunca fui uma grande apreciadora de festas. A quantidade de conversa de circunstância que é feita esgota-me a energia e deixa-me o corpo muito tenso. Não é por ser tímida, mas sim porque é tão chato que me dá vontade de cortar os pulsos. A vida é curta, e nós passamos tanto tempo a falar com pessoas terríveis sobre as minudências das suas vidas nulas. Eu não consigo fazer com qualquer espécie de entusiasmo. E sabem que na prisão não é melhor. Talvez pensem que aí haverá menos conversa de chacha. Uma pessoa está na prisão, não precisa de falar sobre o tempo, ou do caminho para o trabalho, ou do projeto de artes visuais do filho. Mas a prisão torna as pessoas ainda mais pequenas do que o habitual, ansiosas por se agarrarem a uma normalidade reconfortante. Isto significa que há muita conversa sobre as opções do pequeno-almoço e debate sobre o que irá dar na televisão nessa noite. E, ao contrário do que acontece na vida real, não consigo escapar.

Acendo um cigarro na varanda, introduzindo-me entre dois grupos de pessoas que não conhecia, e volto-lhes as costas para tomar claro que não estou a tentar meter-me na conversa. Fumo o meu cigarro (um por semana, como faz Gwyneth Paltrow — e é esse o limite da nossa experiência partilhada) e escuto a conversa que tem lugar à minha volta. Alguém chamado Archie vai fazer esqui na Páscoa com a namorada nova e uma tal Laura está a fingir que acha magnífico, mas os seus arrulhos cada vez mais estridentes dão a entender que espera que a dita namorada caia pela montanha abaixo. Alguém à minha direita está a contar como um dia conheceu o nosso pavoroso primeiro-ministro num bar perto de King's Road, e como achou que ele era «um tipo genuinamente engraçado». As conversas detêm-se quando Caro surge na varanda. O seu corpo minúsculo está embainhado num vestido de alças verde-esmeralda, que não requer sutiã (as raparigas finas não precisam de sutiãs), traz o cabelo solto e está descalça. Isto sugere uma espécie de nível superior de descontração, não? Como se uma pessoa estivesse acostumada a passar férias em vivendas onde as empregadas varrem constantemente o chão e onde alguém nos vem fazer tratamentos regulares

aos pés. Toda a gente a saúda quando ela entra e se junta ao grupo, apressando-se a oferecer vinho e cigarros. Ela localiza-me e arrasta-me para junto dela com um pulso fino.

— Olá, querida, que bom teres vindo. Vejo que já tens uma bebida. O Jimmy está lá dentro a entrar em pânico por causa dos copos, mas tenho a certeza de que vai ficar radiante de te ver; vai ter com ele. Sei que ele vai ficar tão aliviado por saber que está tudo... bem. — Olha-me erguendo ligeiramente uma sobrancelha, com a sugestão de um sorriso. Ele contou-lhe. Claro.

Vou para dentro, sem desejar falar com Jim, mas ansiosa por me escapar de Archie e Laura e de um tipo chamado Phillip que está a sugerir, alto e bom som, que alguém devia desencantar a branca. Não estamos em 1989, Phil, seu cromo de merda.

Encontro Jimmy no sofá com uma rapariga simpática chamada íris com quem ele trabalha. Recebo um abraço apertado, daqueles que só um homem consegue dar, e sei que ele está decidido a esquecer a nossa conversa e está a tentar dizer-me fisicamente que faça o mesmo. E é o que faço. Hoje dá-me palmadinhas nas costas e sorri de alívio por estar tudo bem entre nós. O apartamento enche-se, as bebidas são consumidas até restar apenas aquele tipo de *chardonnays* que se encontram no supermercado, por isso decido passar ao vodca. À uma da manhã, é evidente que quase toda a gente que ainda está aqui está pedrada. Eu nunca consumi drogas — uma necessidade clássica de não perder o controlo — e nunca ninguém mas oferece. Mas reconheço os sinais, as pupilas vidradas, as bocas secas, as conversas completamente absurdas (embora, francamente, isso pudesse dever-se apenas à companhia). Caro está a cambalear no meio da sala, a esfregar o próprio braço. Jim vai ter com ela e pega-lhe na mão. Ela solta-se abruptamente, diz-lhe qualquer coisa e vai-se embora. Ele tenta de novo e ela empurra-o. Não com força, mas de forma descuidada, visivelmente.

— Vamos lá acordar, meus amigos, estão todos a ficar com sono — diz ela, e dirige-se para a cozinha. Olho para Jimmy e faço uma careta, tentando dar-lhe a entender que estou aqui e que a noiva dele é um pesadelo, mas ele olha-me com um ar a raiar o desprezo e senta-se. Caro aparece vinda da cozinha com uma bandeja de prata cheia de *shots* de álcool e as pessoas

juntam-se à sua volta.

— Ao meu noivo! — diz ela, antes de virar o copo e pôr um braço à volta de uma morena ao seu lado. Não oferece nenhum copo a Jimmy. Eu sinto a raiva a crescer novamente, dela por ser uma cabra, e de Jimmy por a deixar comportar-se desta maneira. Alguém trouxe um bolo, coberto com *ganache* de chocolate e com as letras C e J em *glacé* cor-de-rosa. Ficou esquecido junto ao forno pelo desejo frenético da embriaguez. Pego numa faca e começo a cortá-lo em fatias grossas. Ponho uma num guardanapo e ergo-a no ar.

— Caro, come uma fatia de bolo. Eu sei que não faz parte da tua dieta habitual, mas estás a precisar de manter as forças, não estás? Não queres perder esse teu famoso gancho de direita.

O grupo aglomerado no vestíbulo casquinou baixinho. Caro olha para mim, com a boca petrificada de raiva, e retira-se, furiosa. Jimmy, que estava demasiado longe para ouvir o que eu estava a dizer, avança deliberadamente em direção a mim e puxa-me para a casa de banho.

— O que é que estás a fazer? — sussurra ele, inclinando-se sobre a retrete e fazendo-me sentar no tampo da sanita. — Estás a tentar arranjar uma briga com ela na nossa festa de noivado? Pensei que tínhamos concordado que ias pelo menos tentar ficar feliz por nós.

— Como é que eu posso fazer isso quando tu concordaste em casar-te com uma narcisista que parece não gostar ativamente de ti? — questioneei, levantando-me. — Quero respeitar-te, não quero agradar-te a qualquer preço. Porque é que esperas que eu seja gentil, quando não és capaz de pedir o mesmo à Caro? — Passo por ele de rompante e depois por uma fila de pessoas à espera de que a casa de banho esteja livre.

A noite acelerou agora, parecendo frenética e pungente. Não é um espetáculo feliz de amor, não estamos a celebrar uma união, estamos aqui para fazer a vontade a Caro. Mas em quê? Quero ir-me embora, mas não posso abandonar Jimmy aqui com uma noiva embriagada e um grupo de pessoas que nem sequer devem saber o seu nome completo. Sento-me num canto do quarto e finjo estar na ponta do grupo que está mais perto. Finjo verificar os *e-mails*, quebro os meus limites rígidos e fumo mais cigarros. A festa começa a dispersar, as pessoas tropeçam umas nas outras para ir ao

quarto buscar os seus casacos, afastando-se de Caro enquanto esta lhes suplica que fiquem. Ela não acompanha o ritmo de ninguém a não ser de si própria, com o seu pequeno corpo incapaz de ficar parado. Jimmy nem sequer tentou conversar com ela de novo, mas não quer olhar para mim. Por fim, às três da manhã, somos só nós os três e uma outra mulher no apartamento, que está a falar com um ar sério com Jimmy, e por cima da música (que Caro pôs a tocar aos berros) consigo apanhar algumas palavras: «Preocupado...», «Comeu?», «Outra vez...». Imagino que ambos já terão visto esta versão de Caro e estão à espera de intervir para a meter na cama. Mas Caro está no seu próprio mundo, mudando de canção a cada minuto, servindo-se de mais um copo, anestesiando-se a si mesma. Eu sento-me e observo, ponderando chamar um táxi, deixando-os a tratar dela, mas, de repente, ela para de dançar e olha para mim.

— Tens tabaco? Preciso de um cigarro, está tanto calor aqui dentro.

Jimmy levanta-se para sugerir que demos a noite por terminada, mas ela interrompe-o e eu saco dos meus cigarros e digo-lhe que vou com ela. Jimmy olha finalmente para mim.

— Está tudo bem. Fica aqui. Eu trato disto — digo eu enquanto a encaminho pelo corredor em direção à varanda.

Caro vai a cambalear até à varanda e encosta-se à balaustrada. Eu puxo dos meus cigarros e acendo-lhe um. Fico por cima dela, sentindo quão pequena ela parece.

— Estás a comportar-te como uma louca — digo eu, tirando uma passa do meu cigarro. Ela não olha para mim. — Fizeste desta noite um pesadelo. Só posso presumir que estejas desesperadamente infeliz para te comportares assim. Porque é que te vais casar com o Jim? Acaba com ele e encontra alguém que tenha uma boa propriedade familiar e que te deixe morrer à fome a teu bel-prazer, desde que fiquem bem de braço dado. Vai ser fácil. Vais ser mais feliz, o Jim não vai acabar por ficar destruído a pouco e pouco. Eu não vou ter de fingir que te tolero. Vai, Caro, bem sabes que eu tenho razão.

Ela trepa para cima da varanda, ficando sentada com uma perna de cada lado, e atira a cabeça para trás. Está a rir-se. É o mais espontâneo que ela foi a noite toda. Caro começa a tossir, senta-se direita e apanha o cabelo atrás da orelha.

— És tão estúpida — soletra ela. — És TÃO ESTÚPIDA. Não me quero casar com nenhum cabeça oca com um fundo milionário. Claro que isso era o que *devia* fazer, mas acabaria por morrer de tédio. Quero casar-me com o Jimmy, ele é bom e adora-me, não é como um banqueiro bafiento qualquer que me trataria com desdém para fomicar a secretária à primeira oportunidade. Eu quero o Jimmy.

Eu não consigo deixar de revirar os olhos.

— Que *cliché*, Caro. Fazer terapia não ficaria mais barato? Pelo menos podia ajudar com alguns dos teus outros problemas. Eles não vão desaparecer, por muito que o Jim se esforce por ajudar. Porquê fazer também dele um farrapo?

Isto não faz qualquer sentido, creio eu. Ela odeia-me, estamos a tentar magoar-nos mutuamente com palavras e nenhuma de nós parece capaz de desferir um golpe fatal. As pupilas de Caro estão enormes, negras, parecendo perfurar-me os olhos.

— Oh, para com isso. Tu não tens voto na matéria aqui, sua maldita mulher branca solteira. Vestida de verde para me ofuscar na minha própria festa de noivado. Meu Deus, eu nem sequer devia tolerar os teus ciúmes e ilusões. Toda a gente é um farrapo, Grace, devias perceber isso. Mas nós somos adultos. Vamos conseguir criar um bom entendimento. Eu vou ganhar o dinheiro e ele vai ser um tipo íntegro e a nossa vida vai ser boa. Simples. Normal. Eu *quero* o normal. Ele não vai ser como o Lionel, que nunca está lá, que nunca é caloroso, que está sempre ansioso pelo próximo acontecimento. — Ela tira uma passa do cigarro. — Vai ser tudo bestial. Mas para que isso aconteça, está-se a tomar cada vez mais evidente que é preciso que tu não sejas UM ASSUNTO. — Ela acentuou estas últimas duas palavras, olhando para mim, mas já não a rir.

— O Jimmy adora-te, és uma espécie de mulher-irmã, não és? Sempre por perto, mas não inteiramente dele. Fazes parte da família, mas não fazes, não de verdade. A Sophie é obcecada por uma boa ação. Foste apenas uma delas. Porque é que não aproveitaste quando fizeste 18 anos para te pores a andar? Uma mulher adulta com um emprego entediante não é bem o prémio que era uma criança sem mãe. Tu não vales a pena.

Ela está quase a gritar, gesticulando com o cigarro no ar. As minhas mãos

estão cerradas em pequenas bolas petrificadas, e sinto a necessidade de segurar o meu pescoço, que está a começar a inchar. Dou um passo em direção a ela e ela inclina-se para trás, arregalando um pouco os olhos. Tenho a cabeça a ferver, e respiro fundo uma última vez, tentando em vão dissipar a adrenalina que sinto invadir-me todo o corpo.

O que poderia eu ter feito de diferente naquele momento? Poderia tê-la empurrado violentamente, em cheio no peito, forçando-a a cair para trás de cima da varanda? Poderia tê-la agarrado por um pé quando ela ia a cair, dando-me conta da minha raiva impulsiva e tentando retificá-la — tudo no espaço de um segundo? Ou poderia ter-me insinuado sobre ela, dizendo-lhe algo igualmente devastador na esperança de conseguir, de algum modo, ganhar mais um ou dois valiosos pontos sobre ela? É algo que tenho ponderado inúmeras vezes, um interessante jogo de «escolha a sua própria aventura», em que o caminho que seguimos nos conduz a cenários finais dramaticamente diferentes. Em todos os cenários revistos por mim, lido com a situação de maneira menos impulsiva, com um pouco mais de estilo. Mas para vocês isto não passa de um exercício retrospectivo. Na realidade, não fiz nada. Caro caiu daquela varanda sozinha, tendo o seu pequeno corpo sido incapaz de amortecer a queda. Morreu em poucos segundos. Eu disse-vos que ganhei. Até ao dia em que vi que não, claro.

Capítulo 11

George Thorpe acompanha todos os desenvolvimentos que têm a ver com o meu recurso. É meticoloso, tenho de reconhecer isso. Tão meticoloso que estou a assentir silenciosamente com a cabeça, desejando que ele se despache e me dê as ideias gerais. O homem parece pensar que tem de recapitular todas as partes do caso antes de podermos chegar à parte em que ele me consiga, espero eu, tirar daqui para fora. Estarei impaciente por a minha própria convicção estar errada? Aí está uma questão.

Quando ele se vai embora, interrompido pelo sinal sonoro que assinala o fim do tempo de visita aqui em Limehouse, sou escoltada de volta para a cela em silêncio. Eu quero anotar aquilo que ele disse e assimilar tudo com tempo, mas a prisão não reconhece a necessidade de estarmos sozinhos. Claro que uma pessoa se pode sentir incrivelmente só aqui, mas nunca nos dão tempo para estarmos simplesmente por nossa conta. E, para mim, isto significa geralmente que Kelly anda a pairar por perto. Neste caso, está sentada no meu beliche quando regresso.

Não acredito em Deus, mas às vezes juro que penso que Kelly foi enviada por um qualquer anjo vingador para me dar cabo do juízo. Se uma divindade onnisciente realmente viver debaixo do mesmo céu que nós, então, bravo por ter conjurado um castigo tão adequado para as minhas ações sob a forma de Kelly McIntosh como colega de cela. Kelly está debruçada sobre o seu pé, a cortar as unhas dos pés no meu colchão. A minha cama está cheia de unhas cortadas.

— Cuidado! — diz ela, sem levantar os olhos. — Como é que foi a reunião? — Tanto quanto sei, Kelly nunca tentou recorrer da sua sentença, nem encontrar-se com um advogado, nem protestar a sua inocência como tantas outras mulheres aqui na prisão. Como se alguém se importasse com a nossa situação quando tem o seu próprio caso para resolver. É como ouvir as outras pessoas falar dos seus filhos ou, pior, ouvir falar dos fastidiosos problemas mentais dos outros. Ela já cá tinha estado, sempre com a mesma acusação. Agora é por chantagear homens com fotografias lascivas, quando era mais nova foi por roubar pessoas em Caledonian Road. Gosta de dizer

que a taxa de crime na N1 caiu 80 por cento quando ela foi presa. Kelly é uma mulher que não gosta de mudança. Os seus crimes resultam, diz ela, ignorando alegremente os seus repetidos encarceramentos, porquê alterar o seu *modus operandi*? Só não utiliza o termo *modus operandi* porque Kelly pensaria logo que isso era uma telenovela latino-americana.

— Oh, como de costume — digo eu, posicionando-me sobre ela e olhando ostensivamente para os restos de unhas com o que espero seja uma dose suficiente de nojo humilhatório. Mas nada atinge Kelly. Não se consegue envergonhá-la, aborrecê-la, embaraçá-la. O que seria fascinante, se ela não fosse uma caixa oca. Um psicólogo podia passar horas com ela até chegar relutantemente à conclusão de que nem sempre existe algo escondido nas profundezas da psique. Há pessoas que vivem em águas mais rasas. Kelly passava a maior parte do tempo na modalidade de chapinhamento.

— Então, sempre vais sair ou quê? O teu amigo já descobriu aquilo que procurava? Deves precisar de uma testemunha, n'ê? O teu amigo já fala contigo?

Incomoda-me todo este interesse de Kelly. Tenho a certeza de que ela já espreitou o meu processo, porque eu mal lhe falo no que quer que seja e, no entanto, ela faz-me perguntas que tomam evidente que sabe mais do que devia. A história está aí, o *Daily Mail* tem um repórter praticamente em exclusivo para o meu caso, não posso esperar que outras pessoas não queiram saber mais. Mas não quero aqui ninguém a respigar qualquer tipo de informação para depois a enfeitarem e darem a um jornalista quando eu sair. Quero desaparecer na minha antiga vida. Ou melhor, não tanto na minha antiga vida, mas sim na vida que eu planeei começar antes deste contratempo.

Faço-lhe um leve apanhado da minha reunião, de como estamos à espera de que haja uma decisão em breve, de como estou confiante no meu recurso. Ela sai da minha cama e senta-se no chão de pernas cruzadas como uma menina pequena enquanto eu sacudo o meu lençol e afago a almofada, esperando sinceramente que ela não lhe tenha posto os pés em cima.

— Não é uma loucura? — pergunta ela enquanto começa a pintar as unhas dos pés de um tom de coral sinistro. — Já fiz tanta porcaria e ninguém sabe o meu nome, e tu acabaste por te tornar uma espécie de celebridade por uma coisa que nem sequer fizeste?

Kelly está obviamente aborrecida por eu ter deixado tanta gente fascinada, como se eu não merecesse a atenção dúbia que recebi. Como se aquilo fosse servir-me de trampolim para chegar a um *reality show* e granjear-me um contrato de cuidados capilares e uma sessão fotográfica para a revista *OK* para falar dramaticamente do meu calvário. Após meses a viver como uma sardinha em lata com ela, tenho a certeza de que é exatamente este o sonho de Kelly.

Não sei como lhe explicar que mulheres como ela há aos pontapés. Não vai acabar na primeira página dos tabloides porque não há nada de verdadeiramente devasso na sua história. Claro que ela é atraente até certo ponto, e há uma perspetiva sexual nos seus crimes (o que ajuda sempre), mas não há nada de único em alguém defraudar alguém por dinheiro depois de um mau começo de vida. Nell Gwynn fê-lo há séculos, e fê-lo com muito mais estilo do que Kelly alguma vez pode aspirar a ter.

— Devo ter tido sorte — digo eu, revirando os olhos.

— Mas alguma vez fizeste alguma coisa má antes? Nem um pequeno gamanço? Nós éramos doidas por isso lá na Sassy Girl do nosso bairro. Eu costumava enfiar toneladas de coisas nas minhas calças de fato de treino e depois vendia-as na feira aos sábados. A minha mãe ficava deslumbrada com a maneira como eu poupava a minha semanada. Mas depois aquela loja começou a tomar-se um bocado finória, começaram a colar etiquetas nas coisas e tivemos de seguir caminho. — Kelly sorri com esta recordação, como se fosse uma coisa tão íntegra como as aventuras inventadas por Enid Blyton. Eu também sorrio, bem treinada que estou em fazê-lo parecer verdadeiro. Um sorriso simulado dá trabalho, não chega bem aos olhos, e os nossos músculos faciais parecem sentir que só estão a executar os movimentos, por isso uma pessoa sente que os está a arrastar enquanto o faz. No entanto, não pode parecer sarcástico, como tantas vezes sucede com os sorrisos hesitantes.

— Não — digo eu. — Nada de especial. Tive uma vida bastante enfadonha.

Eu sei que é apenas uma coincidência. Sei que ela está só a falar da loja da Sassy Girl porque havia uma em cada esquina. Estou certa de que ela não sabe que Simon Artemis é meu pai. Nem sequer deve saber quem era Simon

Artemis. Não sabe quem é o dono daquela loja, de quem eram as coisas que ela andava a enfiar nas calças para vender aos sábados de manhã. Volto a olhar para Kelly, mas ela perdeu o interesse, imersa que está na aplicação de uma camada final sobre as suas unhas dos pés recém-pintadas. Pego no meu bloco de notas e encaminho-me para a sala dos computadores para rever a minha reunião com Thorpe. Mas dou-me conta de que os meus dedos já estão a arrepanhar levemente a pele do meu pescoço. Não gosto de coincidências.

Encontro um espaço na chamada sala dos computadores tão longe das outras pessoas quanto possível e sento-me. A sala tem três monitores robustos que parecem ter sido doados pela Amstrad no início dos anos 80. Supostamente, os computadores estão a ser progressivamente autorizados nas celas em alguns lugares, mas Limehouse parece estar bem para trás na lista de prisões a receber tais privilégios. Há cursos de literacia informática disponíveis aqui na prisão, como se alguém quisesse aprender a enviar *e-mails* e a escrever em documentos Word, quando, na verdade, a maior parte só vem aqui para ver o Facebook e procurar aquele ex-namorado que nos trocou por uma rapariga que trabalhava nos recursos humanos, para ver se estão felizes.

Tomo nota de tudo o que o meu advogado disse por tópicos e revejo-os uma e outra vez, até achar que tenho tudo. Não é absurdo? Tudo o que fiz nos últimos anos, todos os planos e todas as mortes. A ambição monotemática que eu acalentei, alimentada e alcançada com êxito, até que depois... isto.

Ela caiu e eu fui presa, acusada e julgada por homicídio. Caiu como coisa desprezível, embriagada e macilenta que era, e eu acabei aqui de fato de treino, a pagar a um homem com óculos de aro de tartaruga centenas de libras por hora para tentar encontrar e provar a minha inocência. Como é que uma pessoa pode provar que uma coisa não aconteceu quando a única testemunha somos nós? Caro jamais poderá contar a verdade sobre o que aconteceu naquela noite, e eu desconfio que não o faria, mesmo que pudesse. Iria achar isto divertido.

Tenho estado em contacto próximo com a morte, perdoem-me esta imodéstia perversa. Descobri que ver a morte acontecer em tempo real faz as pessoas entrar em pânico, fá-las perder o tino — gritando, desmaiando ou

correndo em círculos. Graças a Deus, nunca teve esse efeito sobre mim. Soube sempre que ela ia acontecer; será essa diferença? Mas com Caro, não fazia ideia. É certo que ela estava a vacilar, mas a ideia de que pudesse mesmo cair nunca me passou pela cabeça. Talvez tenha parecido demasiado óbvio — as pessoas caem embriagadas das varandas em Magaluf, não em Clapham. E foi tudo incrivelmente súbito — e tão silencioso. Ela não guinchou nem gemeu. Não havia nenhuma mão a que se agarrar como nos filmes. Num minuto estava ali, no minuto seguinte já não estava. Se eu não estivesse a vê-la, a escassos centímetros da sua cara, não teria acreditado. Por isso entrei em pânico. A minha atitude habitualmente descontraída enquanto testemunha do fim de uma vida abandonou-me e a minha visão ficou turva. Caí de joelhos, agarrada aos balaústres de pedra, olhando por entre eles para ver se a conseguia localizar. Mas tudo o que vi foi a sebe bem aparada que rodeava os apartamentos. Não gritei nem corri a chamar ninguém. Nem sequer reparei no telefone que tinha na mão. Ninguém sabe ao certo quanto tempo é que eu ali fiquei, mas não pode ter sido mais do que alguns minutos. Jimmy disse à polícia que veio ver porque é que ainda estávamos cá fora tanto tempo depois do tempo necessário para fumar um cigarro. Disse-lhes que eu a odiava. Jimmy disse à polícia uma série de coisas.

Ouvi passos e voltei-me para as janelas francesas. Ele estava ali de pé e eu olhei para cima, subitamente ciente da realidade.

— Onde é que está a Caro, Grace? — Não esperou pela resposta. Eu aponte (acho que aponte) para a varanda e ele passou por cima de mim e olhou lá para baixo. Eu não vi o que ele viu. Eu não olhei. E quando fomos finalmente autorizados a abandonar o apartamento mais tarde, nessa manhã, ela já lá não estava. Mas Jimmy viu-a. E não berrou nem chorou ou soltou nenhum gemido gutural como seria de imaginar. Voltou-se simplesmente para mim, agachou-se e agarrou-me as mãos como se quisesse arrancar-me os braços das articulações.

— O que é que tu fizeste? — sussurrou ele, com a cara transtornada da confusão e do choque. — Que raio é que tu FIZESTE?

Eu limitei-me a olhar para ele. Ele voltou a endireitar-se, disparou a correr através das portas francesas e depois só ouvi a porta bater com

estrondo. A rapariga que estava lá dentro e de cuja cara me esqueci por completo deve ter chamado a polícia. Eu ainda estava na varanda quando eles chegaram, com as sirenes a uivar e três agentes fardados. Seguiu-se rapidamente a chegada de uma ambulância, o que me pareceu estranhamente engraçado, um verdadeiro triunfo da esperança sobre a experiência. Ela *estava* morta, não estava? Que representação extraordinária.

Foi-me dado um cobertor, ajudaram-me a levantar-me, fui encaminhada para a sala e fiquei com uma mulher-polícia, que insistiu que eu bebesse água. Disse-me que se chamava Asha e explicou que eu estava em estado de choque. Aquilo pareceu-me ridículo na altura. Eu não gostava de Caro, a sua queda tinha-me resolvido um grande problema e, para além disso, eu nem sequer tinha *visto* nada. Mas, olhando para trás, talvez ela tivesse razão. Sentia-me transida de frio, não conseguia parar de tremer e precisava de urinar de 15 em 15 minutos. Jimmy não voltou lá acima, e eu não parava de perguntar onde é que ele estava. Por esta altura, a outra rapariga tinha desaparecido, e eu sentia-me demasiado cansada para protestar quando Asha me disse que eu não poderia ir lá abaixo procurá-los. Na minha cabeça, reproduzi o momento em que Caro caíra o mais calmamente possível. A que distância estava eu? Ela parecia assustada? Teria eu feito alguma coisa?

Enquanto revivia tudo aquilo, o meu corpo começou a relaxar e senti a ansiedade a dissipar-se. Estava a debater-me por recuperar o controlo rememorando a sequência dos acontecimentos. Ter um momento de pânico era aceitável — não é todos os dias que uma mulher que uma pessoa gostava mais ou menos de ver morta morre mesmo à nossa frente —, mas mais do que um momento seria autocomplacência e, pior do que isso, prejudicial. Apesar de se ter tratado obviamente de um acidente, eu iria ter de responder a perguntas. Iria ser submetida ao escrutínio policial, coisa que podia ser potencialmente catastrófica. Se não me controlasse, poderia tornar esta situação pior para mim própria.

Quando um inspetor foi lá acima, eu já me sentia mais quente, mais sóbria, e consolidara a minha história. O homem apresentou-se como Greg Barker, mas não precisou de me perguntar como me chamava, tratando-me por Grace assim que se sentou no sofá de veludo azul e puxou as calças para cima de maneira a deixar-me ver as suas meias amarelas. Tinham pequenos cachorros-quentes desenhados. Espero que tenham sido os filhos a oferecê-

las no Dia do Pai. Espero que ele as tenha calçado às escuras quando se estava a preparar para sair. Um homem crescido que usa meias com bonecos não tem desculpa. Especialmente se estiver a investigar uma morte trágica às cinco da manhã.

O inspetor Barker era bastante brusco, mas não de uma maneira antipática, o que até agradeci; estava farta do tom sussurrante de Asha e das suas pancadinhas no braço. Às vezes, gostava de poder usar uma medalha como alguns cães de salvamento que tiveram uma vida difícil: «agressivo, não fazer festas».

— Lamento informá-la que Caroline Morton foi declarada morta pelos meus colegas paramédicos ao princípio desta manhã. É evidente que teve um choque terrível, Ms Bernard, mas é imperioso que tenhamos uma ideia clara do que se passou aqui esta noite e, para que isso seja possível, gostaríamos de a interrogar com a maior brevidade possível.

Fixou-me com os seus olhos cinzentos, e eu ponderei recuar, pedir para ir para casa, tomar um duche e tirar aquela roupa que parecia absurdamente frágil à luz da manhã. Queria enfiar uma camisola de lã e umas calças de cintura subida. Queria um blusão que ocultasse o meu corpo antes de falar com a polícia. Mas Greg Barker continuava a fítar-me. E eu perguntei-me se a polícia tiraria alguma conclusão por as testemunhas ficarem num impasse. A polícia não é propriamente conhecida pela sua abertura de espírito e recusa intransigente em fazer suposições, por isso imagino que qualquer relutância da minha parte em seguir o protocolo poderia significar um grande labéu a ser usado contra mim.

— Isto é tudo tão horrível — disse eu, a puxar o sobrolho esquerdo com a palma da mão. — Tão desnecessário. Pobre Caro. Pobre Jim. Posso vê-lo antes de falarmos?

Ao ouvir isto, Barker desviou milimetricamente o olhar.

— Temo que hoje isso não seja possível. Mas a família do Mr Latimer foi chamada e ele está em boas mãos, por isso não se preocupe muito.

Eu faço parte da família dele, que diabo. A mãe dele deve estar num farrapo, a choramingar, a queixar-se repetidamente de quão terrível tudo isto é. A sua irmã irá ficar cada vez mais ansiosa e fechar-se-á em si mesma. E John irá tentar ser prático. Ajudar a tratar das coisas. Os amigos de família

irão aparecer como se fossem precisos e não estivessem ali apenas para exibir a sua bondade através da sua presença precoce. O género de pessoas que chegam cedo aos funerais para poderem sentar-se nas filas da frente e dar a entender que são importantes às pessoas que ficam sentadas mais atrás. Mas Jimmy precisa de alguém com quem gritar. Ou com quem ficar em silêncio. Ou com quem ficar no seu antigo quarto a ver episódios antigos d'Os Sopranos, porque às vezes isso é a única coisa que ajuda.

Uma vez mais, forçar ou ceder? Desta vez, pensei que insistir me fizesse parecer carinhosa.

— *Sir* (os homens gostam sempre que os tratemos por *Sir*), quero ter a certeza de que o meu amigo está bem. Ele acabou de perder a noiva, certamente que o posso ver, nem que seja por cinco minutos; se a família dele ainda não tiver chegado, acho que ele irá precisar de mim.

Uma vez mais, Barker fixou o seu olhar algures por baixo da minha orelha e soltou um pequeno grunhido.

— Temo que hoje isso não seja possível. Asseguro-lhe que os meus agentes irão olhar por ele.

Muito bem. Queria isto dizer que Jimmy já se tinha ido embora? Ou será que queria dizer que a polícia não queria que nós falássemos antes de eles recolherem os nossos depoimentos separadamente? Ou pior. Muito pior. Queria dizer que Jimmy não queria falar comigo?

«Que raio é que tu FIZESTE?» foi a última coisa que ele me tinha dito. Eu partira do princípio de que aquilo tinha sido dito em estado de pânico, de incredulidade. Naquela loucura momentânea particular que o cérebro nos impinge quando acontece alguma coisa que não conseguimos processar normalmente. Mas e se não fosse apenas o momento? Poderia esse pensamento ter singrado? Poderia ter lançado raízes no cérebro crédulo de Jimmy, penetrando tão fundo que, passado o choque inicial, quando ele tivesse conseguido dormir alguma coisa, tivesse acordado e continuado a acreditar nele?

Jimmy não era pessoa para não confiar nos seus próprios pensamentos. Já eu estava sempre a ter pensamentos que descartava, sabendo que eram deformados, derrotistas, traiçoeiros. Pensamentos intrusivos que parecem ser nossos, mas que na realidade não são. Conseguiram abrir caminho até ao

nosso cérebro e disfarçaram-se como pensamentos nossos. «A tua mãe era uma rameira», «queres fornicar aquele velho até lhe dar uma coisa», estão a ver? Este tipo de coisas. Jimmy não saberá como não confiar nos seus pensamentos porque nunca teve um pensamento tão assustador ou perverso que o tenha feito perceber que o seu cérebro nem sempre é um bom aliado, pois não? Se ele considerava a hipótese de eu ter participado, de algum modo, na morte de Caro, então porquê pôr isso em questão? O seu cérebro tinha engendrado a semente, seria isso suficiente para ele a deixar florescer?

Eu esperava não me trair a mim própria em frente do polícia. Ele continuava a olhar para mim, aguardando uma resposta. Lá fora, o Sol estava cada vez mais alto no céu.

— OK — disse eu. — Em que é que eu posso ajudar?

Fui levada para a esquadra da polícia em Battersea, e anotei mentalmente que não voltaria a atravessar o rio nos tempos mais próximos. Homens de calças chino bêbedos a tropeçar pelos cantos, mulheres embriagadas a cair das varandas. Nada de bom acontece ali.

Apesar do ambiente acolhedor cuidadosamente mantido — com ofertas constantes de chá, uma mulher jovial sentada à secretária oferecendo-se para me ir buscar uma camisola — de um momento para o outro, tudo parecia ser uma armadilha. Porque é que Jimmy, eu e a aquela amiga insossa de Caro não tínhamos sido reunidos, partilhando o nosso choque, explicando o que se passara naquela noite, para depois sermos libertados e podermos recuperar juntos? Eu fui levada para uma sala de interrogatório que tinha exatamente o aspeto que se poderia esperar de uma série policial medíocre da ITV, e aí fui deixada à espera durante um quarto de hora. Procurei à minha volta por uma parede espelhada por onde alguém me pudesse estar a observar, ou por um óbvio microfone destinado a apanhar criminosos de baixo gabarito propensos a falar sozinhos dos seus feitos quando lhes são concedidos cinco minutos a sós, mas não havia nada. Só eu e o chá aguado que praticamente fui obrigada a aceitar. Porquê oferecerem-nos chá quando estamos prestes a enfrentar a prisão? Deem-me vodca, que assim pelo menos posso divertir-me um pouco quando começarem as perguntas.

Quando a porta finalmente se abriu, não era o inspetor Barker, mas sim

uma mulher jovem com uma camisola de gola alta e uma saia de seda. Tanto o seu género como a sua indumentária expunham uma misoginia interiorizada que eu normalmente desculparia, pois como é que alguém pode crescer sem a assimilar um pouco? Mas confesso que estremeço quando vejo uma mulher piloto. Não sei se alguma vez conseguirei perdoar-me isto.

Examinada mais de perto, a inspetora não parecia ser assim tão nova, mas também não era exatamente do tipo Jane Tennant. Não tinha aliança. Belas unhas. Perguntava-me que vermelho era aquele, maré carmesim? Estava sempre alerta para o vermelho perfeito.

— Olá, Grace. Desculpe tê-la feito esperar, temos estado todos um pouco ocupados esta manhã, os domingos não costumam ser tão ocupados como hoje. Todas as nossas celas estão cheias e estamos a tentar aguentar o barco. Eu sou a Gemma Adebayo e a minha colega que se nos vai juntar é a Sandra Chisholm. — Enquanto ela falava, uma mulher loira atarracada fardada de polícia convencional esgueirou-se sala dentro e sentou-se ao lado de Adebayo. Sorriu, hermeticamente.

— Estamos aqui para ter uma pequena conversa sobre os tristes acontecimentos desta manhã. Não é um depoimento nem nada disso, Grace, queremos apenas uma declaração que nos ajude a compreender a sequência dos acontecimentos e, assim esperamos, conseguir tranquilizar um pouco a família da Caroline. — Gemma ergueu o sobrolho no que me pareceu ser um gesto de encorajamento e ligou o gravador, declarando a data, a hora e as pessoas presentes.

Eu falei lentamente, explicando tudo o que tinha acontecido na festa. Disse às agentes que Caro estivera a beber copiosamente, a consumir drogas, e que parecia tensa, transtornada e nervosa. Não lhes contei nada do que estivéramos a falar, em vez disso, disse que tivemos uma conversa ébria sobre casamentos e vestidos, como se fôssemos companheiras a consolidar laços de amizade no seu grande dia. Pensei que isto seria uma coisa que uma noiva normalmente faria na sua festa de noivado com a melhor amiga do noivo. Isto é, se a noiva fosse uma rapariga básica normal entusiasmada por mandar fazer convites com dois pombinhos e letras douradas em relevo e não uma desgraça em forma de gente que decidiu casar-se com o meu melhor amigo apenas porque precisava de alguém que a amasse que não fosse o seu

pai. Meu Deus, o que é que se passa com as mulheres para serem tão pouco exigentes? «Que não fosse o seu pai» parecia uma fasquia muito baixa. Há alguém que tenha um pai que não a dececione a um nível mais básico, mas, em última análise, incrivelmente prejudicial? Oscar Wilde (ele outra vez) certa vez disse: «Todas as mulheres acabam por ficar iguais às próprias mães. Essa é a sua tragédia. A nenhum homem isto acontece. Essa é a tragédia deles». Há demasiadas coisas erradas para analisar aqui, mas isto serve para dizer que ele teria feito melhor em procurar os homens que acabam como os seus pais. Estaríamos mais perto de retificar os problemas da sociedade se focássemos a nossa atenção nesse aspeto.

Expressei o meu perfeito (e genuíno) choque por Caro ter caído a meio da nossa amena conversa.

— Só tinha ido a casa deles duas vezes e nunca tinha reparado na varanda. Como tenho medo das alturas, não tinha bem a noção da altura da queda nem da precariedade da posição em que estava, mas não me recordo de pensar que ela estivesse minimamente em perigo. É tudo... tão horrível.

Agora era a vez de elas dizerem alguma coisa. Cobri a cara com as mãos e respirei pelo nariz, estremecendo ligeiramente quando expirava. Convenientemente traumatizada, imagino eu, mesmo para estas duas mulheres que já viram de tudo. A loira mais velha acenou com a cabeça, numa atitude claramente calorosa para comigo. Eu era uma figura simpática aqui, uma rapariga abalada, cansada e preocupada com o seu amigo, achando tudo aquilo esmagador. E em parte isso era verdade. Adebayo sorriu rapidamente, mas não se apressou a reconfortar-me.

— Obrigada, Grace, deve estar cansada. Vou só rever consigo algumas perguntas e depois deixamo-la ir. Deve estar ansiosa por voltar para casa.

Capítulo 12

Bryony morreu antes do acidente de Caro. Eu suspeitava (e bem) que a morte de Bryony seria um grande abalo para Simon. As pessoas podem sempre voltar a casar, e um homem como o meu pai, bem... não demoraria muito tempo. Uma nova namorada com metade da sua idade acabaria por aparecer antes de haver tempo para escrever o epitáfio na lápide da mulher, tinha a certeza disso. Mas Bryony era a sua única filha e, ao contrário da mulher, que passava a vida entre gabinetes de cirurgia plástica e restaurantes abafados no Mónaco, Bryony tinha decidido viver com Simon. Eu achava que a morte dela poderia levá-lo a tomar algum tipo de providências. Por isso, Janine iria primeiro.

Tinha decidido como matar Janine antes de ter sequer pensado em qualquer outra pessoa da família. Isto parece ridículo, na verdade, mas lá está. Grande parte destes planos acabaram por depender da sorte, apesar das congeminções constantes a que eu me entregava na adolescência, engendrando formas meticulosas e engenhosas de matar aquelas pessoas. Acontece que, como tudo na vida, a realidade é sempre um pouco mais atreita ao acaso, ou a uma ideia que surge na nossa cabeça às três da manhã. O homicídio de Janine foi um pouco das duas coisas. Li um artigo num suplemento de domingo há três anos sobre o crescimento da «Internet das Coisas», um termo que é bastante badalado por carolas excitados, mas que, basicamente, significa um conjunto de dispositivos conectados à Internet que podem comunicar uns com os outros. Têm sistemas automatizados e podem reunir informação e executar tarefas — coligir uma lista de compras quando ficamos sem produtos de limpeza, por exemplo, ou ligar o aquecimento quando nos preparamos para regressar de férias. Não é nada que se pareça com a visão que tínhamos do futuro próximo, não são os Jetsons e ainda não temos pranchas de *skate* voadoras — mas já podemos esperar que as nossas casas façam algum do nosso trabalho. Não precisamos de chaves para a porta de entrada, pois só é precisa uma impressão digital, não precisamos de aspirar, pois um robô pode fazê-lo enquanto estamos na rua. Por enquanto, o mais perto que as pessoas normais chegam de ter uma casa inteligente é

comprarem uma *Alexa* ou algo do gênero, que programam presunçosamente para tocar música ou pesquisar qualquer coisa no Google, normalmente à frente de amigos entediados cheios de medo de os virem visitar. Mas, para os muitíssimo ricos, pode significar ter a casa e tudo o que lá está dentro conectado.

Adivinhem o que é que Janine tinha feito no seu apartamento no Mónaco... É a isto que eu me refiro quando falo de sorte. Li aquele artigo com uma ligeira ressaca e um vago interesse numa bela manhã e, três semanas depois, Janine apareceu na revista *Lifestyle!*, uma publicação mensal e superficial que consistia quase inteiramente em entrevistas com mulheres muito ricas fotografadas em sofás roliços, deixando-as falar sobre o que lhes desse na cabeça. Normalmente era um almoço de caridade ou um projeto de renovação da casa envolvendo muito vidro e mármore e uso excessivo da palavra «autêntico». Acho que as únicas pessoas que realmente compravam esta revista eram as outras mulheres ricas que queriam odiar as peças escritas acerca das suas rivais na sociedade, mas eles punham muitos anúncios de empresas e peritos de decoração de interiores, por isso a pescada mordida o rabo e a revista permanecia em circulação.

O artigo sobre Janine focava-se no seu novo terraço, uma coisa que ela tinha acrescentado num capricho quando se deu conta de que queria um sítio para fazer ioga ao sol da manhã. O jardim no telhado tinha uma ligeira inclinação, explicou ela, e estava muito mais adaptado à luz da noite. Eu perguntei-me como é que a entrevistadora reagira a isto, presumivelmente com genuína simpatia por um fardo tão terrível. Mas ela não se ficou pelo terraço, que parecia ter sido inspirado numa espécie de visão grega, com grandes vasos terracota e, acredite-se ou não, uma fonte de mármore branco com o dobro do tamanho de qualquer outra coisa naquele espaço. Tinha sido feita uma visita ao resto do apartamento, que abrangia três andares e albergava nove quartos, seis casas de banho e, esperem só, uma «sala de serenidade» que parecia serena apenas por não ter nenhuma mobília para além de um sofá creme e um espelho do chão ao teto. Janine explicou que costumava recolher-se ali quando «a vida se toma sufocante e eu preciso de me recentrar», o que não explicava o espelho, mas talvez às vezes seja melhor não perguntar. A razão por que se tinha mudado para o Mónaco, explicou ela, foi por questões de saúde. Um susto com o coração fê-la

«reavaliar a maneira como vivia». Deve haver muitos benefícios para a saúde no principado. As lacunas fiscais? Não foram referidas.

Como a entrevista se alongou por mais de 5 mil palavras, a entrevistadora estava claramente ansiosa por algo novo e original e instou Janine a falar do seu roupeiro. «Fale-nos do seu armário de sonho, tem algumas características especiais que imagino que todas as mulheres que estão a ler este artigo estarão ansiosas por conhecer». Acompanhada de uma fotografia de um enorme armário dentro do qual se podia andar, Janine explicava que todos os artigos nos seus armários estavam inventariados, fotografados de todos os ângulos e armazenados numa base de dados a que se podia aceder com um *tablet*. O que fazia com que vestir-se de manhã fosse um sonho, contou ela à revista, porque o sistema era capaz de lhe dizer o que vestir para combinar com quê. «Lembra-me de roupa de que já me tinha esquecido. Ainda na semana passada comprei um casaco de *bouclé* azul-real para depois me dar conta, ao adicioná-lo à base de dados, de que já tinha dois exatamente iguais!» Aqueles casacos vendem-se a 5 mil libras. O que nós nos rimos com isto. Mas a tecnologia não se ficava pelos roupeiros. Isto era apenas o princípio. Tudo naquela casa tinha sido ligado à Internet, explicava Janine. As luzes já não eram ligadas por interruptores, o forno não tinha botões («não é que eu tenha cozinhado muito nos últimos tempos», chilreou) e a temperatura da sua sauna matinal era controlada pela Nuvem. Todos os quartos podiam ser trancados remotamente, no caso de uma falha de segurança, e dava-lhe tanto conforto sabê-lo, confidenciava, «Na verdade, ainda não percebo bem como é que tudo funciona, mas a nossa querida govemanta já domina completamente o programa, e eu não tenho de fazer praticamente nada». Este era, na verdade, o lema da vida de Janine.

Foi a sua referência à sauna que realmente despertou o meu interesse. Parecia o cenário do crime de um romance policial e eu imaginei-me a infiltrar-me na sua casa, talvez como empregada, até a fechar na sauna e vê-la implorar misericórdia. Talvez isto não fosse propriamente exequível. Mas o sistema de controlo remoto era apelativo, e parecia-me que uma casa conectada à Internet mereceria pelo menos uma pequena investigação. Seria possível usar esta tecnologia para fins nefastos? Seria completamente segura ou poderia ser pirateada com um mínimo de esforço?

A rede estava cheia de histórias sobre dispositivos inteligentes que se

avariavam, que funcionavam mal ou armavam confusão. Casais que se separavam quando os seus engenhos de IA reportavam o nome de uma amante, de crianças expostas a palavras obscenas, chaleiras a ferver durante horas a fio e a aquecer sistemas que era impossível pôr novamente a trabalhar. Mas o que era realmente interessante neste tipo de sistemas inteligentes era o elemento de segurança. Havia uma série de histórias assustadoras *online* sobre pessoas que acediam às transmissões de monitorização de crianças e de pais que ouviam desconhecidos a falar com os seus filhos a meio da noite através dos sistemas. Havia relatos de alarmes antirroubo que eram facilmente pirateados e silenciados antes de os intrusos sequer entrarem nas casas. Famílias esgotadas declaravam que os seus sistemas inteligentes tinham sido tomados por criminosos que exigiam resgates para parar de adulterar as temperaturas ou de pôr música a tocar a toda a hora do dia e da noite. Na maior parte dos casos, isto devia-se ao facto de o sistema em que estes dispositivos funcionavam não estar encriptado ou atualizado. Claro que algumas destas empresas levavam as coisas um pouco mais a sério, mas a maior parte limitava-se a vender o equipamento e aconselhavam os clientes a arranjar uma boa palavra-passe.

Eu tinha de descobrir se seria possível piratear o sistema de Janine, mas por onde começar? Não podia simplesmente escrever «como encontrar um *hacker*» no Google e arriscar a minha sorte (na verdade, foi o que comecei por fazer, e senti-me incrivelmente palerma durante os dias que se seguiram). Seguindo em frente, procurei académicos que estivessem a fazer investigação em dispositivos inteligentes, e encontrei uma mulher que tinha escrito um artigo sobre as futuras implicações para a segurança doméstica na era das casas inteligentes. Trabalhava no University College de Londres e Deus abençoe o nosso sistema de ensino superior, pois o endereço de *e-mail* vinha mesmo por baixo do seu nome no *website* da universidade para quem quisesse entrar em contacto com ela. Enviei um *e-mail* a Kiran Singh a partir da caixa do correio sarah.summers@journos.com e perguntei-lhe se ela teria disponibilidade para uma entrevista. Disse-lhe que estava a tentar publicar um artigo no *Evening Standard* sobre os perigos de incorporar este tipo de tecnologia nas nossas casas. Toda a gente gosta de ver o seu nome impresso no jornal. Apesar de a imprensa de papel estar pelas ruas da amargura, as pessoas ainda ficam excitadas por se verem referenciadas. Na imprensa

online, desaparecemos quase sempre em poucos minutos. Mas a nossa avó pode rasgar a página do jornal e mostrar às amigas. Talvez até emoldurar a nossa proeza na casa de banho da cave, onde veremos o papel cada vez mais enrolado e amarelecido cada vez que lá formos fazer chichi. Os académicos não são diferentes de nós. Kiran enviou-me um *e-mail* de resposta uma hora depois para dizer que teria todo o gosto em falar comigo e perguntando se poderia ser na sexta-feira.

Encontrámo-nos num café no Museu Britânico. Ideia dela, e uma agradável mudança da habitual banalidade de ir almoçar a um de oito milhões de restaurantes de pronto a comer desta cidade. Fui munida do meu bloco de notas e de um gravador de cassetes, comprado nessa manhã numa loja de aparelhos tecnológicos em Tottenham Court Road, na esperança de que me desse um certo ar de jornalista. O gravador era garantidamente fácil de usar, asseverou-me o homem ligeiramente desesperado que mo vendeu na sua loja vazia, entalada entre duas megalojas de mobílias que exibiam sofás de imitação de veludo cor-de-rosa claro na montra. Carreguei no botão e torci para que corresse tudo bem.

Kiran era uma mulher simpática, ainda que um pouco séria, que encontrei sentada a uma mesa a bebericar um chá verde quando lá cheguei, mas facilmente identificável como uma académica. As pessoas normais não usam calças de bombazina. Podem pensar nisso, talvez até tentem comprar algumas a metade do preço numa loja da Gap. Mas, no fim de contas, acabam por se aperceber de que elas se agarram a nós, acumulam algodão como nenhum outro tecido neste mundo e, pior ainda, fazem-nos parecer um académico. Depois de alguma conversa, ela ficou satisfeita por passar ao tópico em apreço, e deu-me uma tonelada de informação útil sobre se era possível usar esta tecnologia para fazer mal a alguém. Kiran achava que havia uma maneira óbvia de um *hacker* poder usar estes dispositivos da casa inteligente malevolamente. Se se conseguisse aceder ao *hub* do proprietário, então, tudo podia acontecer.

O *hub*, explicou ela pacientemente depois de eu lhe ter pedido para voltar atrás e explicar outra vez, era a caixa central que comandava todos os aparelhos numa casa inteligente. Envia ordens e eles obedecem. O *hub* pode mandar o termostato aumentar a temperatura numa casa ou dizer à televisão para fazer a atualização dos canais. Quando um dispositivo é assinalado

como «confiável» pelo *hub*, está na rede e pode comunicar com todos os outros aparelhos. Alguns destes dispositivos inteligentes funcionam com encriptação total.

— A Amazon é geralmente bastante boa no que toca à segurança da Nuvem, mas eu não tocava nos dispositivos da Ergos nem com uma bengala — disse ela, passando um dedo pelo pescoço. No entanto, muitos deles careciam de encriptação, dado que os fabricantes são mais pequenos e os seus recursos limitados. Havia maneiras fáceis de aceder ao *hub*, disse-me Kiran; se uma pessoa obtivesse o número de série do proprietário, então, era canja.

— Estou sempre a ver publicações na Internet sobre isso — continuou, revirando os olhos. — Mesmo que ele não nos seja dado de bandeja, há sempre maneiras de o obter à força se uma pessoa tiver as competências básicas de pirata informático.

Quando um *hacker* obtém o controlo do *hub* inteligente e dos dispositivos que lhes estão ligados, a casa inteligente pode tomar-se uma arma para a pessoa em questão.

— Uma pessoa pode usar as câmaras do dono da casa para os espiar — disse ela — ou transtornar alguém ligando a música a certas horas do dia, abrir portas, correr persianas. — Eu reprimi um sorriso, ela não podia saber quão maravilhosa era a sua hipótese. — Mas, de uma maneira geral, ainda não chegámos a esse ponto. A maior parte das pessoas compra um dispositivo *Alexa* ou *Google* e utiliza-o para encomendar o leite. Claro que esses dispositivos são pirateáveis, mas o verdadeiro perigo é quando temos tudo conectado em casa, e ainda não chegámos aí. Essa tecnologia ainda está nos primórdios, é o reduto dos muito ricos.

Perguntei-lhe quem é que fazia este género de pirataria e ela olhou rapidamente em volta, como se pudéssemos estar rodeadas por pessoas ansiosas por saber por onde começar. Na verdade, estávamos sentadas entre uma mulher de idade com um casaco às flores a comer um bolo de mirtilos de um lado, e um casal japonês ocupado a tirar *selfies*, do outro. A única outra pessoa no café era um jovem bem-parecido de cabelo escuro e casaco elegante embrenhado num livro que estava sentado três mesas à nossa frente.

— As coisas maiores são feitas por estados-nação, China, Rússia, Estados Unidos, embora eles o neguem. A pirataria de segunda ordem tende a ser

feita por grupos que têm como objetivo a extorsão, utilizando câmaras-web para chantagear pessoas LGBT no Médio Oriente, por exemplo. Depois, temos adolescentes isolados nos seus quartos que são totalmente autodidatas e que o fazem para se divertirem, ou por tédio, quem sabe? Têm tempo para se meterem com uma pessoa, interferindo na sua campanha da porta ou desligando-lhe o aquecimento central, depois vão-se vangloriar das suas proezas no Reddit ou no 4Chan ou na Babel...

Após mais algumas perguntas e a promessa de entrar em contacto com ela quando o artigo estivesse pronto, fiz a minha saída, com cuidado para evitar o casal que ainda parecia determinado a obter a *selfie* perfeita, e voltei para o trabalho. Caminhei energicamente, avançando pelas ruas secundárias por trás de Oxford Street, cismando se deveria ou não arriscar recrutar um cúmplice para me ajudar a piratear a casa de Janine. Eu tinha sido avessa a delegar qualquer parte do meu plano desde o início, pois não queria acrescentar quaisquer fios armadilhados quando já havia tantos outros. Mas tinha a certeza de que não poderia fazer isto sozinha — a minha compreensão da tecnologia começava e acabava quando tinha de atualizar o *software* do telemóvel — e já estava completamente apaixonada pela ideia de a casa de Janine se virar contra ela. Conseguiria encontrar alguém em quem confiasse o suficiente para me ajudar a fazê-lo?

Nesse fim de semana, passei 28 horas *online*, a esfregar os olhos a cada cinco minutos, alternando entre café e vinho consoante os meus níveis energéticos. Vi os *sites* que Kiran tinha referido, lendo milhares de publicações de piratas amadores que se gabavam dos seus êxitos, vangloriando-se por terem conseguido infiltrar-se em nuvens, *hubs*, telefones e câmaras numa linguagem que era quase alienígena para mim. Seria ocioso imaginar que eram todos trinca-espigas de 16 anos que não viam a luz do dia há semanas? Talvez, mas não duvido de que era exatamente isso que se passava. Havia tantas publicações de pessoas a pedir aos piratas que os ajudassem, sobretudo para espiar os parceiros suspeitos de fraude. «Rapariga (22) precisa de ajuda para provar que BF (28) está a portar-se mal com colega de trabalho. Ajudem-me!» era um exemplo típico daquele tipo de apelos. Normalmente as respostas propunham desenvolver a conversa em privado, por isso não me foi dado ver qualquer o resultado, ou se algum pirata

informático prestimoso aceitou o trabalho.

Mas eu estava exausta e intoxicada de cafeína, por isso publiquei uma mensagem. Não importava se não conseguisse atrair ninguém, mas valia a pena tentar. Era uma mensagem vaga e curta, explicando que era do sexo feminino (16, achei que podia apelar a um carola qualquer armado em cavaleiro andante), e que precisava de ajuda para me meter com a minha horrível madrasta. Não irei entrar em pormenores sobre algumas das mensagens que recebi nos dias que se seguiram. Bastará dizer que o meu apelo caiu como mel para uma abelha, sendo o mel uma jovem rapariga vulnerável e a abelha um enxame de velhos grosseirões. Respondi às mensagens menos nojentas e bloqueei todos os outros. Passei a semana seguinte a fornecer mais detalhes a conta-gotas a três utilizadores, vendo como reagem, o que é que sabiam sobre pirataria informática e o que queriam em troca. Aquele em que depositava menos esperança era ColdStoner17, que parecia não saber usar palavras apropriadas e respondia às horas mais aleatórias do dia, por vezes com mensagens ilustradas com GIF que eu não conseguia compreender. Estava prestes a bloqueá-lo quando um dia ele me enviou uma mensagem às sete da manhã enquanto eu me arranjava para ir para o trabalho.

«lô», escreveu ele, «então, quando é que vamos dar cabo da cabeça da velhota? Eu também odeio a cabra da minha madrasta. Isto pode ser uma espécie de terapia que o meu pai não vai ter de pagar.»

A linguagem era simples, mas as frases completas eram surpreendentes. Descobri que ele tinha 17 anos (daí o nome de utilizador), que vivia no Iowa com o pai e a supramencionada vil madrasta, e que passava muito tempo às voltas na Internet quando devia estar a fazer os trabalhos de casa. Eu disse-lhe sem rodeios que me parecia pouco provável que ele fosse um *hacker* de primeira categoria, mas aparentemente era eu que não percebia muito bem como eram os adolescentes de 17 anos. Ele passou a manhã inteira a bombardear-me com todas as maneiras que tinha de se infiltrar em câmaras de computador, interferir com monitores de crianças e desligar o aquecimento das casas. Tudo coisas ligeiras, mas mesmo assim parecia mais impressionante do que qualquer coisa que eu pudesse tentar sozinha, por isso, em vez de o bloquear, entrei em diálogo com ele.

Falávamos muito durante a noite por um canal encriptado de mensagens instantâneas, onde ele me contou como se sentia sozinho e eu inventava histórias sobre o ódio que tinha aos meus pais. Quanto mais falávamos, mais descontraído ele ficava e passou a usar uma ortografia mais correta. Contou-me que adorava ler, e congratulámo-nos por uma paixão comum por Jack Kerouac (eu nunca li nada de Kerouac, mas o Google ia-me mantendo mais ou menos a par do desenvolvimento da conversa). Abstive-me deliberadamente de fornecer quaisquer pormenores sobre o meu plano, contentando-me em estabelecer primeiro uma relação com ele, ainda que baseada em mentiras e em motivos sexistas sobre as madrastas dos contos de fadas.

Isto prolongou-se por algumas semanas, durante as quais fui tentando comportar-me como a rapariga fictícia de 16 anos que ele julgava que eu era, ao mesmo tempo que lhe ia dando um impulso de confiança que calculei que poderia ajudar a fazê-lo sentir-se em dívida para comigo. Ele confidenciou-me que tinha sido vítima de *bullying* quando era mais novo por os seus pais se terem divorciado (suponho que o Iowa não fosse uma região especialmente progressista) e falou-me do seu receio de nunca conseguir arranjar uma namorada. Apesar das minhas tentativas de manter as coisas inteiramente castas, às vezes acordava com mensagens de voz em que ele me cantava pequenas canções sobre a maneira como eu o alegrava, e eu despachava-as com *emojis* sorridentes. Ele estava a ficar enfeitiçado. Já me tinha esquecido de como era fácil manipular rapazes adolescentes, mas rapidamente reavivei a memória. Sentia que estava no bom caminho com Pete (revelou-me o seu verdadeiro nome ao quarto dia, e eu disse-lhe que me chamava Eve) e decidi avançar e falar-lhe um pouco mais daquilo que queria fazer a Janine, a minha terrível madrasta.

Expliquei-lhe que ela vivia no Mónaco (tipo França, sim) e que tinha virado o meu pai contra mim ao longo dos anos, de modo que agora estávamos quase inteiramente desafeiçoados (o que não era totalmente mentira). Queria dar-lhe cabo da cabeça e ensinar-lhe uma lição. Saberá ele alguma coisa sobre casas inteligentes? Ele sabia um pouco, mas um dia mais tarde voltou completamente informado sobre os diferentes métodos utilizados pelas empresas que ofereciam tecnologia inteligente. O miúdo deve ter ficado acordado a noite toda a ler sobre todas as formas de uma pessoa se infiltrar

numa casa como a de Janine, e estava confiante de que poderíamos entrar no seu *hub*.

«A melhor maneira era conseguirmos meter um dispositivo novo na casa, se conseguirmos acrescentar um novo elemento no sistema, podemos controlar tudo. Estás a pensar fazer alguma visita nos próximos tempos?»

Isto deixou-me desconcertada. Estava à espera de que fôssemos capazes de aceder ao *hub* da casa sem ter de meter os pés na propriedade, e eu não fazia ideia de como é que poderia entrar no apartamento de Janine sem pôr tudo em risco. Não era uma assaltante e não tinha ilusões sobre o seu alto nível de segurança. Mas, ao mesmo tempo, nunca tinha ido ao Mónaco ver como Janine vivia com os meus próprios olhos. Tinha umas férias para tirar, não havia problema em ir dar uma vista de olhos ao local, mesmo que isso significasse ter a certeza de que não havia maneira de levar a cabo este plano em particular.

Disse a Pete que ia estar fora durante algumas semanas, mas que não tinha a certeza se seria convidada. «Ela detesta-me, LOL», escrevi, «e normalmente fico num hotel com a minha mãe e vejo o meu pai quando ela não está por perto.» Era fraco, mas se Pete achava que isto era uma situação familiar bizarra, não mo disse. Apesar de ser quase adulto, a família obrigava-o a ir à igreja duas vezes por semana e todos os dias durante as férias, por isso acho que ele não tinha uma grande bitola para saber o que é que era saudável.

Marquei uma semana de férias e arranjei um hotel no Mónaco, o que foi um rombo considerável nas minhas finanças. Este projeto tinha dissipado uma grande quantidade das poupanças que eu tinha diligentemente acumulado, e doía-me ver as minhas economias tão arduamente auferidas serem desbaratadas desta maneira. Tinha andado a pôr um pouco de parte todos os meses desde que começara a receber uma mesada de Sophie e John (eles achavam que tinham de me tratar como um dos seus nesta questão. Sentia-me desconfortável com isso, mas aceitei o dinheiro na mesma) e isso dava-me um sentimento de segurança que não conseguia retirar de qualquer outra coisa. Sempre que verificava a minha conta-poupança, assaltava-me um sentimento de pura raiva face ao desequilíbrio entre a situação financeira dos Artemis e a minha. Admito que é ridículo, dado que andava a gastar o meu

dinheiro com o intuito de os matar, mas nem todas as emoções são racionais.

Ainda assim, uma semana ao sol não era caso para deixar ninguém inteiramente desesperado, e o Mónaco era pequeno, aproximadamente do tamanho de Central Park, por isso tropeçar deliberadamente em Janine não seria um problema, desde que ela estivesse na cidade. Infelizmente, não havia garantias disto, dada a propensão dos muito ricos para decidir apanhar um voo para outro sítio de um momento para o outro. O seu Instagram era privado, mas ela aceitara um pedido para a seguir a partir do pseudónimo «Monaco deluxe», que era uma conta que eu tinha aberto com fotografias roubadas de *sites* da alta sociedade. Nelas mostrava os ricos e poderosos em festas e eventos de caridade — era fácil republicá-las com homenagens efusivas a «Sra. Daphne Baptiste, a doar generosamente um casaco de vison ao Fundo de Apoio às Crianças» ou a «Sra. Loma Gold, que foi anfitriã de um magnífico serão no seu maravilhoso apartamento para a Sociedade Protetora dos Cães de Rua». Se estas mulheres alguma vez sequer olharam para a minha página, terão aceitado os elogios pelo seu valor nominal. Eram pilares da sociedade do Mónaco, claro que as pessoas queriam mostrar algum reconhecimento. A partir da página, consegui ver um pouco do que andava a fazer, mas Janine não publicava assiduamente nem era uma fotografa de mão-cheia. Para além de algumas fotografias em pose tiradas por profissionais, as imagens na sua conta eram maioritariamente fotografias embaciadas de pores do sol tiradas das janelas de jatos privados ou um instantâneo esquisito de uma mesa de almoço com um título como «Bons momentos a pôr a escrita em dia com o Bob e a Lily no Cafe Flore», e algumas fotografias de eventos familiares. Bryony vivia a sua vida em tempo real no Instagram, o que, para mim, era de um valor incalculável. Janine era da velha guarda. A sua última fotografia era de há três dias, e era um plano aproximado das suas mãos ligeiramente roliças cheias de joias, ostentando umas unhas recém-pintadas de vermelho-escuro. A legenda dizia «Obrigada, mais uma vez, a @MonacoManis por um ótimo trabalho», por isso, pelo menos por enquanto, ainda ali estava.

Apanhei o voo numa segunda-feira, e assim que acabei de tomar um duche para lavar a tristeza de um voo económico e do autocarro do aeroporto, saí em exploração. É claro que sabia onde era o apartamento de Janine. É extraordinariamente fácil descobrir onde as pessoas vivem. Mesmo que não

estejam recenseadas nos cadernos eleitorais, há tanta gente a identificar a sua posição geográfica ou a seguir contas nas redes sociais da sua zona... Se uma pessoa seguir oito contas com «Islington» no seu nome, ninguém recebe um prémio por descobrir onde é que ela compra o jornal da manhã. Pior ainda, as pessoas são tão crédulas que publicam fotografias da vista dos seus quartos ou das suas próprias portas da frente. Com as celebridades, ainda é mais fácil. Muitas vezes, os *media* referem a localização exata da casa da pessoa. Se ela estiver envolvida em algo verdadeiramente escandaloso, podem até pilotar um helicóptero sobre a sua residência, ou forjar uma planta da casa. Janine deu-me a sua morada diretamente. Deu-a a todos os leitores da *Hello!* há dois anos, quando abriu as portas a uma receção em honra de uma empresária turca que estava a receber muitos louvores por ter inventado uma possível cura para o eczema. O artigo abria literalmente assim: «Janine Artemis recebe-nos no seu belíssimo apartamento no edifício Exodora, no recreio dourado do Mónaco». Empresária esta, por sinal, que foi mais tarde condenada a oito anos de prisão por se apropriar de perto de 100 milhões de libras em fundos e falsificações de investigação. O combate para erradicar o eczema continua.

Estava um dia quente e encantador e eu usei o mapa do meu telefone para me levar ao edifício Exodora, passando por cafés apinhados de mulheres de cara felina e homens atarracados com camisas de colarinho contrastante, que não teriam perdido nada em ter usado um fator 50 mais cedo nas suas vidas. O edifício ficava a apenas dez minutos do meu hotel, o que era um alívio porque o calor estava a aumentar e a perspectiva de uma boa caminhada foi algo prejudicada pelos supercarros que deixavam um rasto fétido de fumo de gasolina na sua esteira de cada vez que passavam a assobiar por mim. Diz-se que uma em cada três pessoas que vive no Mónaco é milionária. Eu compreendo que as pessoas ricas vivem, acima de tudo, para manter o controlo sobre o seu dinheiro, e um paraíso fiscal como este ajuda-as a fazer isso, mas aquilo parecia uma grande comunidade encarcerada onde não havia necessidade de espaço aberto ou de ar fresco porque o nosso helicóptero podia descolar em 20 minutos e levar-nos para a Suíça ou para a Provença, se por acaso sentíssemos necessidade disso.

O edifício em que Janine vivia era impressionante no seu estilo apalaçado e espampanante. Era uma casa de estuque creme, apesar de o termo «casa»

poder induzir em erro. Eu perguntara-me muitas vezes porque é que os Artemis tinham escolhido um apartamento em vez de uma moradia isolada algures, mas, agora que vira o apartamento, já percebia. O edifício era imenso, com um comprimento equivalente a pelo menos seis casas, e à medida que subia, apareciam varandas, cada vez maiores. Havia rosas a florescer de ambos os lados, pendendo para baixo como se lhes fosse permitido crescer livremente, mas conservando uma aparência muito simétrica, cuidadosamente arranjadas para parecerem casuais. As janelas iam do chão ao teto, mas eram todas tapadas por persianas, e o topo do edifício tinha uma grande haste com uma bandeira ostentando as cores do principado. Eu fiquei espedada a contar os andares. Eram oito ao todo, e eu sabia pela revista de decoração que a propriedade dos Artemis consistia em três. Esticando o pescoço, conseguia ver a varanda de vidro lá no topo onde Janine gostava de fazer ioga ao sol da manhã. Fui dar a volta até às traseiras da propriedade, mas o espaço estava obstruído por um muro alto e imponente e um portão que eu presumi que iria dar ao parque de estacionamento. Havia uma grande porta de entrada metálica de um lado, o que parecia indicar a existência de um elevador de carga.

Naturalmente que havia câmaras de circuito fechado de televisão disseminadas por todo o lado, consegui detetá-las em pelo menos cinco sítios. Apesar de tudo isso, a porta principal era de acesso extraordinariamente fácil, com um simples portão de ferro forjado e uma grande maçaneta dourada interpostos entre mim e o intercomunicador. Ah, e um homem de guarda junto à porta. Mas eu seria doida se pensasse que poderia simplesmente lá entrar. A escolha deste sítio devera-se certamente a questões de segurança. Era uma casa fortificada e devia ter porteiros de plantão em alerta máximo 24 horas por dia e sete dias por semana.

Desanimada, caminhei pela rua e encontrei um café onde mandei vir um café creme e enviei uma mensagem a Pete. «Tive uma grande discussão com o meu pai e não posso ficar aqui, não tenho como entrar em casa da minha maldita madrasta. Penso que é melhor desistir de tudo». Acrescentei um *emoji* de choro para aumentar o efeito e acendi um cigarro. Ele pingou imediatamente: «Oh, não, isso é muito mau. Podes dar alguma coisa ao teu pai para ele levar para casa?».

Agora havia uma ideia. Talvez eu não pudesse entrar no apartamento,

mas devia haver pessoal a entrar e a sair o dia todo. Há décadas que Janine não mexia claramente uma palha para além de apontar e chamar os seus ajudantes contratados com uma campainha. Devia haver alguém disposto a levar um pequeno dispositivo para a propriedade a troco de uma compensação adequada.

Passei os dois dias seguintes a ver as pessoas que entravam no edifício através da entrada lateral. A princípio, foi difícil perceber a que apartamentos é que iam, mas eu criei um perfil de todos eles, usando os meus olhos de lince e a minha percepção arguta para descobrir quem é que lá trabalhava. Mas claro que não consegui. Acontece que o pessoal que trabalhava para Janine tinha de usar fardas brancas com o nome «Artemis» cosido a itálico na lapela. Se há coisa que nos diz que perdemos a nossa humanidade é obrigarmos trabalhadores migrantes usar o nosso nome junto ao coração, mas isto era muito típico desta família. Viam-se mulheres de ar ligeiramente nervoso aparecer com sacos de roupa, entregando-os a motoristas de carrinhas de limpeza a seco, ou então vinham assinar a receção de embrulhos de homens de entregas e voltavam rapidamente para dentro, como se estivessem a ser cronometradas. Eu nunca tive a oportunidade de falar com nenhuma delas, tal era a pressa que tinham. Mas também havia uma senhora que aparecia todos os dias às oito da manhã, às duas da tarde e às seis da tarde em ponto com um pequeno *bichon frisé* lanudo, e descia a rua até à *promenade*. Detesto cães lanudos. São sempre tão altivos e predispostos a desatar a ladrar. Presumo que são assim por culpa dos donos. Nunca se vê uma pessoa calma com um *bichon frisé*. São sempre mulheres de meia-idade descontentes que exprimem os seus descontentamentos através do cão. «A *Betty* não se pode sentar aqui, está muito calor e ela está a ficar ansiosa». A *Betty* está ótima. Elas, pelo contrário, talvez fizessem bem em contactar um terapeuta.

Ao segundo dia de vigilância, fui buscar um café e encaminhei-me para a *promenade* preparada para o passeio do cão das seis da tarde. Claro está que a senhora com a farda da falta de humanidade não tardou a aparecer, arrastando uma bola de pelo contrariada. Eu esperei que ela passasse por mim e segui-a durante alguns minutos antes de aparecer a caminhar ao lado dela.

— Que cão tão giro — disse eu, sorrindo. Ela era uma mulher minúscula, de cabelo preto apanhado num coque baixo. Ela mal reagiu, e teria continuado a falar se o cão não tivesse saltado para cima de mim, deixando

leves marcas de terra nas minhas calças claras.

— Não, *Henry!* — gritou ela, baixando-se para admoestar o cão, que parecia notavelmente impenitente. Eu assegurei-lhe que não havia problema, mas ela parou junto a uma parede, tirou um lenço do bolso e tentou esfregar a minha canela vigorosamente.

— O cão é seu? — perguntei, apesar de ser óbvio pela sua expressão que não tinha a menor afeição pelo animal. Ela disse-me que o passeava a mando da patroa, e eu expressei a minha simpatia, dizendo-lhe que era aborrecido ter de passear um cão todos os dias, especialmente um cão tão bruto. Ela sorriu, antes de olhar rapidamente em volta, como se Janine pudesse surgir de repente à nossa frente a censurá-la por não elogiar o pequeno camarada.

Eu mantive-me ao seu lado enquanto ela continuava a caminhar, perguntando-lhe o que é que ela achava do Mónaco e dizendo-lhe que tinha acabado de chegar e estava a achar tudo um pouco avassalador.

— As pessoas são rudes — disse ela abruptamente. — Toda a gente pensa que o dinheiro é tudo e ninguém é gentil.

— Bem, então e a sua patroa? — perguntei eu. — Não é gentil consigo?

E então saiu tudo cá para fora. Como Janine a admoestava por tudo e por nada, como trabalhava seis dias por semana e apenas tinha as quintas-feiras livres, e que até nesses dias a chamava quando era preciso.

— Reduziu-me o ordenado na semana passada por uma camisa ter encolhido nas máquinas de limpeza a seco! — exclamou ela, abanando a cabeça. Lacey, pois era assim que ela se chamava, enviava dinheiro para casa e sustentava três crianças adolescentes. Há três anos que trabalhava aqui, e antes disso tinha estado no Dubai com outra família. Esses não a tinham tratado muito melhor, mas pelo menos lá tinha os seus próprios aposentos. Caminhámos ao longo de toda a *promenade* até ela se voltar para trás, com o cão a ganir de protesto.

Eu exprimi a minha simpatia e disse-lhe que Janine parecia ser um verdadeiro monstro, tendo tido o cuidado de não dizer o seu nome ou dar a mais pequena pista de que a conhecia. E assim, de um momento para o outro, senti que tinha uma palavra a dizer.

— Trabalho para um jornal no Reino Unido. Estou a pensar que mulheres

ricas como essa explorarem o trabalho árduo das suas mulheres a dias pode dar uma boa história. Podíamos expor estas pessoas e envergonhá-las para se passarem a comportar como deve ser.

Ela abanou a cabeça.

— Não, preciso deste trabalho. Não posso falar mais consigo.

— Eu jamais utilizaria o seu nome ou diria para quem trabalha. Mas podíamos dar a conhecer este tipo de comportamento. O jornal é famoso e estas mulheres iriam lê-lo. Se todas soubessem que a sociedade o considera inaceitável, iriam melhorar; se não por si, pelo menos para que as pessoas achassem que elas eram boas patroas.

Isto era uma treta pegada, claro está. Já se tinham escrito centenas de artigos sobre a maneira como os muitíssimo ricos tratam os empregados e nada alguma vez mudara. Se alguma coisa mudou, foi para pior, com notícias a sair constantemente de empregadas que haviam escapado de condições terríveis e desumanas, ao passo que os antigos patrões não sofriam quaisquer consequências. Eu também estava a explorá-la, bem sei, mas não tinha outro remédio, e ao menos podia oferecer-lhe qualquer coisa a troco da sua colaboração.

Ela voltou a abanar a cabeça, agora mais veementemente.

— Não posso fazer isso. Preciso deste trabalho. — Estávamos quase de volta à casa.

— OK, eu respeito isso. Mas não ia precisar de quase nada de si, e é claro que lhe pagaríamos alguma coisa pelo incómodo. Seria dinheiro na mão para a sua família, Lacey. — Ela abrandou, mas não olhou para mim. — Vai pensar nisso? — perguntei. — Se estiver interessada, estarei aqui outra vez amanhã às duas da tarde. Iria ajudar tanta gente na mesma situação...

Com um último puxão na trela, ela e *Henry* voltaram para o apartamento. Ela ia aceitar, pensei eu, enquanto a via olhar para trás. Se Janine a tivesse tratado com um mínimo de decência, eu não teria maneira de conseguir isto. Felizmente para mim, ela não tinha nenhuma.

Fui jantar fora nessa noite, e vesti-me especialmente para a ocasião. Mesmo com o meu vestido preto pelo joelho e os meus saltos altos cor-de-rosa fluorescente, continuava a parecer bastante casual no meio dos meus

comensais no Mónaco. Apesar do calor, não faltavam agasalhos em pele. Claramente, a PeTA⁵ não tinha conseguido entrar no principado ultimamente. Havia diamantes do tamanho de ovos de codorniz presos às orelhas e aos dedos das mãos a cada esquina e relógios que eu não conseguia identificar, mas que sabia valerem mais do que suficiente para dar uma entrada para um apartamento. Iria eu ser assim quando tivesse dinheiro? Era difícil pensar numa pessoa muito rica que tivesse tomado um rumo diferente. Bill Gates, talvez, mas quem é que quer usar ténis feios com calças chino e ser assim tão sério? Nenhuma destas pessoas parecia feliz. É um *cliché* dizer que o dinheiro não compra a felicidade — experimentem dizer isso a alguém a tentar viver com o salário mínimo mas é claramente verdade que também gera muitas vezes uma grande insatisfação. Talvez a diferença para mim fosse o facto de o dinheiro ser realmente meu. Havia ali tantas mulheres que deviam a sua riqueza aos maridos, o que deve gerar uma insegurança para toda a vida. Porque os homens ricos não costumam ser fiéis às mulheres, pois não? Vão trocando e melhorando, e só muito raramente os ouvimos dizer: «Obrigado por estares do meu lado, querida. Obrigado por criares os nossos filhos e tratares da nossa casa e assumires toda a carga emocional que me permite trabalhar sem distrações. É altura de fazer algo de novo, mas aqui tens 50 por cento de tudo o que construímos juntos». Não. Arranjam um advogado e tentam aldrabar-nos, escondendo o dinheiro em paraísos fiscais, declarando-se pobres, argumentando que nós nunca contribuímos em coisa nenhuma, protestando que os miúdos não precisam de tanto assim. Ou então fazem o que o meu pai fez, e renunciam a toda a responsabilidade o mais rapidamente possível.

A caminho do Mónaco, vi duas mulheres a olhar para uma montra de anéis numa *free shop*. Ouvi uma dizer à outra: «Gostava de poder comprar uma coisas destas sem ter de pedir autorização ao meu marido». Eu nunca teria esse problema. Jamais ficaria dependente, intimidada ou presa a alguém dessa maneira. E se acabasse por ter um parceiro, seria sempre magnânima em relação ao dinheiro. Estaríamos em pé de igualdade a esse respeito, e gozaríamos do que ele nos pudesse proporcionar. Não com anéis de diamantes que nos fizessem ter medo de sermos assaltados no meio da rua, mas sim com experiências e conforto. Uma vida com possibilidades infinitas. Talvez eu não soubesse como é que isso me iria afetar até a ter realmente,

mas, ao olhar para as pessoas à minha volta no restaurante, tinha a certeza de que tentaria recordar-me de como não fazer as coisas. Ter a família Artemis presente no meu espírito iria ajudar. De vez em quando, iria desbaratar grandes quantidades do seu dinheiro em ações de caridade que sabia detestarem. Não iria melhorar a sua marca no mundo, mas seria um pequeno prazer começar um fundo associado ao seu nome para ajudar os ocupas e combater as ordens de despejo.

De volta ao hotel, enviei uma mensagem a Pete para lhe dizer que achava que conseguiria fazer com que o meu pai levasse qualquer coisa para casa, e perguntei-lhe o que é que resultaria melhor, desligando depois o telefone e caindo num sono profundo.

Na manhã seguinte, acordei cedo. Pete tinha respondido com um chorrilho de mensagens sobre *hubs*, dispositivos descriptados e *routers*, que vinham todas escritas numa linguagem técnica que eu não conseguia decifrar. Respondi de forma bastante concisa, pedindo-lhe que fosse mais claro, e fui dar uma corrida. Uma hora depois, peguei num livro, fui até à *promenade* e sentei-me num café à espera de Lacey. Era agradável não fazer nada durante toda a manhã, e eu sentia-me quase como se estivesse de férias — tirando a sensação de efervescência no meu estômago que me dizia que estava ligeiramente nervosa. Li alguns capítulos de *Israel Rank: The Autobiography of a Criminal*, que tinha encontrado anos antes, quando ainda estava a pensar no que fazer em relação à família Artemis. Tinha-o na prateleira há bastante tempo, mas tinha voltado a reparar nele quando estava a fazer as malas para o Mónaco, e enfiara-o na mala. É um livro acerca de um homem na Inglaterra eduardiana que mata a sua família por vingança. Pergunto-me se conseguirão descortinar o apelo que exerceu sobre mim... À uma e quarenta e cinco da tarde, paguei as minhas três chávenas de café e uma miniatura de *donut*, tentando não pontapear a empregada quando vi que tinha sido espoliada em 26 euros, e encaminhei-me para o apartamento de Janine.

Imediatamente a seguir às duas em ponto, vi Lacey e *Henry* surgirem ao longe. Quando ela se aproximou, acenei-lhe, fui ao seu encontro e caminhei a seu lado. Trocámos breves saudações e eu falei casualmente do calor por uns minutos até o cão nos obrigar a parar para se poder aliviar.

— O que é que quer de mim? — perguntou Lacey ansiosamente, enquanto remexia no bolso à procura de um saco de plástico.

Apetecia-me abraçá-la, e não sou propriamente uma pessoa de contacto físico espontâneo.

— Acho que a maneira mais fácil seria pôr um pequeno microfone no apartamento e gravar a maneira como ela fala consigo. Dessa maneira, ficamos com uma prova palpável da nossa história, mas isso não significa que vamos usar o seu nome ou implicá-la de alguma maneira. Depois disso, podíamos ter uma simples conversa sobre o ofício e o que é preciso mudar. O que é que lhe parece?

Lacey agachou-se para apanhar o cocó do cão e disse algo que não consegui ouvir bem.

— Perguntei quanto — repetiu ela quando lhe pedi que repetisse.

Pensei rapidamente. Tinha de manter o valor baixo por razões financeiras, mas de quanto é que ela estaria realmente à espera? Se subisse demasiado a parada, talvez ela se convencesse de que eu teria mais para lhe dar.

— Mil — disse eu. — Pode receber na moeda que quiser, terá o dinheiro na mão. Mas o meu editor não me autoriza a dar mais. Acha que isso poderia ajudar a sua família, Lacey? — Eu não conseguia dizer, pela sua expressão, se era ou não uma quantia decente aos seus olhos; continuámos a andar.

— OK — disse ela, por fim. — Mas o dinheiro primeiro e promete-me não usar o meu nome ou o nome da Senhora ou referir qualquer coisa sobre o *Henry*.

Fiquei espantada, e isso via-se claramente na minha cara.

— É um cão malcriado, mas eu adoro-o — disse ela, simplesmente.

— OK, nada sobre o *Henry* — prometi eu, tentando não parecer incrédula. Ela ia deixar uma desconhecida pôr um dispositivo de gravação na casa da sua terrível patroa e estava preocupada com o cão irascível que claramente a detestava. As pessoas são mesmo um mistério.

Expliquei-lhe que me encontraria com ela no dia seguinte à mesma hora para lhe dar um pequeno aparelho, que ela devia tentar ligar ao *hub* principal — perguntei-lhe se sabia fazer isso e ela disse que sim. Veio a saber-se que afinal era ela a pessoa que tinha tido de aprender a usar a tecnologia

inteligente da casa.

— A Senhora não compreende, mas agora já sabe usar os comandos de voz.

— Ótimo, muito bem.

Quando estivesse ligado, não precisava de fazer mais nada, o dispositivo iria apanhar os diálogos e transmitir-mos para eu escrever o artigo. Teríamos uma conversa no seu dia de folga e seria tudo. Lacey assentiu com a cabeça e fez menção de se ir embora para casa.

— Traga o dinheiro amanhã, em euros. Não faço nada sem ter o dinheiro primeiro. — Esperta. Eu respeitei isso.

— Claro — respondi, e desejei-lhe uma boa tarde. *Henry* arreganhou-me os seus pequenos dentes por instantes e foram-se os dois embora.

Passei a hora seguinte a enviar mensagens a Pete, que tinha finalmente acordado, procurando saber que dispositivo funcionaria melhor. Tinha-lhe dito que tinha de ser uma coisa que eu pudesse plausivelmente oferecer ao meu pai como prenda, e ponderámos várias coisas que nos pareciam apropriadas. Eu sublinhei que tinha de ser pequena, para que aquela madrastra horrível não desse por ela e começasse a perguntar o que era. Na verdade, só queria que fosse fácil para Lacey introduzi-la em casa sem preocupações. O aspirador sem fios era demasiado grande, uma lâmpada era demasiado aleatória. Depois, Pete desapareceu por alguns minutos e voltou com uma hiperligação para um multiplicador de tomadas controlado por WiFi. Tratava-se simplesmente de uma ficha dupla que caberia facilmente no bolso.

— És um génio! — disse-lhe eu, ao mesmo tempo que começava a pesquisar no Google onde raio poderia encontrar uma coisa daquelas no Mónaco. Pete queria falar mais, tinha um teste em breve e estava ansioso, mas eu esquivei-me, dizendo que estava a ficar sem bateria, e encerrei a sessão. Não admirava que não conseguisse arranjar namorada, se era aquele o tipo de conversa que tinha para propor.

Acontece que no Mónaco não se encontra uma única loja onde se arranje este género de coisas, por isso, tive de encomendar o multiplicador de tomadas para entrega no dia seguinte com um custo considerável. Depois, verifiquei o Instagram de Janine, que tinha uma nova publicação. Era uma

fotografia de dois vestidos pendurados um ao lado do outro. Um era uma peça toda em dourado-claro com as mangas cobertas de lantejoulas e o outro era de forma semelhante, mas em vermelho-escuro, e, em vez de lantejoulas, tinha um fino remate de pelo à volta do peito. Era evidente que Janine nunca tinha encontrado um enfeite de que não gostasse. A legenda dizia «a preparar-me para o jantar, qual destas belezas escolher?». Os comentários jorravam, exclamando que era difícil escolher entre os dois, e garantindo que ela ficaria maravilhosa com qualquer um deles. Dolly Parton teria concordado. Como ela disse numa frase que ficou célebre: «É preciso muito dinheiro para parecer assim tão vulgar».

Decidi arriscar. Enfieei um fato preto com uma *t-shirt* branca e acrescentei os saltos-altos fluorescentes da noite anterior. Às sete e meia, apanhei um táxi até casa de Janine e pedi ao motorista que esperasse do outro lado da rua pela minha amiga. Às oito menos um quarto, Janine saiu pela porta da frente (tinha-se decidido pelo vestido dourado), acompanhada por um homem vistoso com um blazer prateado, e desceu as escadas em direção ao *Mercedes* que estava à espera. O carro arrancou. Eu suspirei teatralmente e disse ao motorista que a minha amiga se devia ter esquecido de que eu a vinha buscar. Seguimos o carro durante cerca de oito minutos, estacionando à porta de um restaurante com um grande toldo vermelho e ramos de flores em suportes à volta da porta. Janine foi ajudada a sair do carro pelo seu jovem amigo, e os dois encaminharam-se para o restaurante, com o porteiro a curvar-se ligeiramente quando passaram por ele sem lhe prestarem atenção. Eu deixei passar um minuto e segui-os. Uma mulher com uma camisola de gola alta cumprimentou-me sem sorrir. Quando pessoas como esta tentam intimidar-nos, a única coisa a fazer é retribuir a atitude. Sem dizer olá, pedi uma mesa.

Fez reserva? — perguntou ela, olhando-me de alto a baixo.

— Não. Não quero acreditar que seja preciso, só para uma pessoa — retorqui, verificando ostensivamente o meu telemóvel.

Ela fungou e foi falar com o *maitre d'hotel*. Alguns minutos depois, foi-me concedido um lugar ao balcão e deixaram-me sozinha. Janine estava sentada num sofá de veludo vermelho, cuja cor e tecido conspiravam com o seu vestido para lhe dar um aspeto desairosamente festivo. O seu extravagante companheiro sentou-se ao lado dela, e duas outras mulheres

completavam o quadro. Eu estava demasiado longe para ouvir a maior parte da conversa, mas contentava-me em vê-los. Era pouco provável que estivessem a falar de alguma coisa interessante, mas era bom observá-la bem de perto. Teria sido uma incúria não ver aquela boneca de cera ao vivo antes de a matar; assim, senti que lhe tinha dado uma ordem de despacho como deve ser.

Comi um prato de frango meio repugnante e bebi dois copos de vinho, vendo, aqui e ali, o jovem a ajustar o cabelo de Janine ou a oferecer-lhe um bocado do seu prato. Era estranhamente galanteador, apesar de ser obviamente homossexual e pelo menos 20 anos mais novo do que ela. Talvez o acordo fosse ele acompanhá-la pela cidade e dar-lhe a atenção que Simon claramente não dava. Em troca, ela pagava-lhe o jantar e talvez lhe comprasse pequenos presentes. Que retrógrado. De vez em quando, desatavam a chilrear de riso e Janine esticava a cara num sorriso. Quando a vi acenar para pedir a conta, fiz o mesmo, e segui-os pelo ar da noite. Ele acendeu um cigarro enquanto elas tagarelavam, uma delas dizendo a Janine que iria aparecer na quinta-feira para um café. Janine abanou a cabeça.

— Não, vem amanhã. A empregada está de folga às quintas e eu vou dormir o dia todo. Vou para Marrocos na sexta-feira e preciso de relaxar antes do voo da manhã.

Caminhei de volta para o meu hotel. Conseguiria Pete montar tudo para quinta-feira? Talvez fosse trabalhar em cima do joelho, e eu sabia que fazer as coisas a correr podia levar-nos a cometer erros. Mas a ideia de estar aqui quando ela morresse seduzia-me, e dar-me-ia uma sensação de controlo que me estava a faltar com este plano. E não fazia ideia de quanto tempo ela iria estar fora, o que podia significar semanas de espera até à próxima oportunidade — quem sabe se Lacey não mudaria de ideias entretanto? No multibanco da porta a seguir ao hotel, levantei 500 euros, o máximo que o meu banco me autorizava a levantar de uma só vez. Os residentes no Mónaco ficariam chocados com semelhante regra — com efeito, as opções iniciais para levantamentos *começavam* em 500, o género de ninharia que era preciso para dar de gorjeta aos empregados dos iates, imagino eu.

Pete estava aborrecido por eu ter estado desconectada a noite toda, e tive de suportar 20 minutos com ele a queixar-se por o pai não o deixar pôr um

cadeado na porta do quarto antes de o fazer voltar à ordem de trabalhos. Os adolescentes são extraordinariamente egocêntricos, e são-no ao longo da fase menos interessante das suas vidas. Precisei de usar toda a minha capacidade de autocontrolo para não lhe dizer que a liberdade para nos masturbarmos a qualquer hora dia não era um dos direitos humanos essenciais e que ele não ser autorizado a pôr uma tranca na porta não era violação de privacidade, por muito que ele invocasse a 14.^a Emenda. Conte-lhe da ficha que tinha comprado, e disse-lhe que seria introduzida em casa no dia seguinte. Depois expliquei-lhe que queria dar cabo da cabeça à minha madrasta antes de me ir embora no sábado. Pensei que um pouco de psicologia inversa poderia funcionar bem com Pete, e assegurei-lhe que se ele não estivesse à altura do desafio tecnológico em causa, não havia problema nenhum.

«É bom ter feito um amigo em ti», escrevi «talvez agora possa arranjar outra pessoa para me ajudar».

Isto fê-lo voltar com a cabeça ao jogo. Era demasiado previsível, na verdade. Respondeu com um *emoji* de um coração partido, dizendo-me que estava definitivamente à altura, e que iria ficar acordado a noite toda para trabalhar no nosso plano. Eu tinha-lhe dito o que é que queria fazer — até certo ponto. Ele sabia que eu planeava trancar Janine na sauna e aumentar a temperatura, mas não sabia que eu queria mantê-la lá dentro até ela ser subjugada por ela. E não sabia que ela tinha problemas cardíacos que poderiam acelerar esse processo. Apesar de toda a sua bravata de adolescente, eu não estava plenamente convencida de que ele fosse realmente ao encontro das minhas intenções, por muito que me quisesse impressionar. Achei que era melhor fingir apenas que tinha ido longe demais, para depois o poder responsabilizar a ele se ele por acaso entrasse em pânico.

«Precisamos de aceder ao circuito fechado de televisão para sabermos onde ela se encontra», disse ele, entrando em ação. «Deve ser na mesma rede, mas só teremos a certeza quando a ficha for ligada. Depois, podemos controlar o local a partir dos nossos auscultadores; podes dizer-me o que queres fazer que eu faço acontecer. Até podes falar com ela, se quiseses, isso é que lhe dava mesmo cabo do juízo, não era?»

Andámos para trás e para a frente até às primeiras horas da madrugada, com Pete a dizer-me como é que as coisas iam funcionar, e eu a pedir-lhe

repetidamente para falar em inglês claro. Às três da manhã, começou a tentar desviar a conversa para um tom mais pessoal, enviando aquelas malditas mensagens de voz, por isso desliguei o WiFi e fui-me deitar sem me despedir.

Acordei com o sol a entrar pela janela e deixei-me estar na cama por um momento, sentindo-me satisfeita com os meus progressos. Janine seria um grande troféu de caça. Simon poderia não ser um marido fiel ou dedicado, mas estavam casados há décadas e, de certa forma, ela era o seu guardião. Os pais teriam sido uma perda, o irmão talvez não tanto. Duvido que ele tivesse sentido a morte do sobrinho de forma minimamente profunda, mas perder a mulher iria deixá-lo abalado. Começaria ele a ver um padrão, a questionar a sequência de mortes? Não me parecia ser o género de pessoa que acreditasse na ideia de uma maldição, mas iria pensar que tinha um inimigo algures por aí, liquidando a sua família sem nunca se dar a conhecer? Eu esperava que estas ideias comesçassem a florescer no seu espírito. Não tanto que o levassem a tomar qualquer tipo de medidas, mas o suficiente para se insinuarem no seu cérebro, fazendo com que lhe fosse difícil pensar em qualquer outra coisa. Ele tinha feito inimigos nos negócios, pessoas com quem fizera contratos ruinosos, empresas que tinha comprado e reestruturado — uma maneira simpática de dizer que tinha despedido muita gente. Tinha tido amantes desde a minha mãe, os jornais assim o sugeriam. Seria levado a olhar para trás e a interrogar-se se algum deles o odiava a ponto de levar a cabo uma vingança tão drástica? As pessoas ricas são muitas vezes paranoicas, com todos os seus sistemas de segurança e carros blindados. Talvez ele aumentasse a segurança, contratasse um detetive privado e procurasse possíveis inimigos. Talvez até fosse à polícia. Tudo estratégias sensatas, mas, em última análise, inconsequentes. Jeremy e Kathleen há muito que estavam enterrados, e o seu acidente de carro nunca seria atribuído a outra coisa que não à sua própria incúria. Andrew era um jovem lunático e perturbado aos olhos da família, a sua morte tinha sido uma tragédia, mas dificilmente levantaria suspeitas. Lee, bem, quanto menos as autoridades viessem a remexer nas circunstâncias do seu fim conturbado, melhor. Janine, essa, há muito tinha problemas de coração bem identificados, nem sequer devia estar na sauna. Uma questão que deve continuar presente no espírito das pessoas. «Mas não era ela que devia...?» É sempre bom dar espaço a um pouco de culpabilização da vítima.

Verifiquei o telemóvel. Uma mensagem de Jimmy, a perguntar se eu

queria tomar um copo à noite, uma do meu vizinho, a dizer que estava um embrulho para mim no apartamento dele; dois *e-mails* do trabalho que ignorei. Depois, liguei o WiFi do meu outro telefone, aquele que utilizava para as questões relacionadas com os Artemis, e recebi uma sequência de toques de alerta para novas mensagens. Nove mensagens de Pete. Voltando atrás, vi uma em que me dizia que tinha de saber em que sistema é que o *hub* estava ligado. Podia pedir a Lacey que obtivesse essa informação. As mensagens seguintes eram hiperligações para artigos sobre campanhas inteligentes que tinham sido pirateadas e depois havia uma mensagem a perguntar-me onde é que eu tinha ido e uma fotografia em que, quando cliquei, se via Pete em frente a um espelho. A cabeça estava cortada, mas as calças de fato de treino estavam puxadas para baixo e eu conseguia ver o seu pénis, erguido para a câmara como uma oferta especial a um membro da nobreza. Porque é que os homens gostam de enviar fotografias não solicitadas das suas gaitas? Eu não tenho muitas amigas, mas estou plenamente confiante de que posso falar em nome da maior parte das pessoas do meu sexo quando vos digo que ninguém gosta de acordar com uma coisa destas. Especialmente vinda de um adolescente no limiar da legalidade com excesso de pelos púbicos e um caso preocupante de acne no peito. Senti-me ao mesmo tempo deprimida por ter de o ver e com pena de Pete, que achava, evidentemente, que aquilo era um rito de passagem obrigatório quando estava a falar com uma rapariga. Guardei a fotografia e enviei-a para o meu verdadeiro telefone. Não seria má ideia guardá-la, não fosse Pete ter um rebate de consciência. Enviei-lhe uma mensagem a perguntar gentilmente se podíamos levar as coisas um pouco mais devagar. Espero ter tocado num ponto sensível que o tenha feito sentir-se um pouco mais autoconsciente, sem lhe retirar completamente a esperança de que pudesse haver alguma espécie de reciprocidade mais tarde. É claro que nunca conseguiria obter nada de mim em troca, mas eu não iria ficar a sentir-me mal pelo pobre adolescente solitário. Se uma pessoa inicia uma amizade com base na pirataria, é porque merece ser espoliada. Na verdade, até devia estar à espera de o ser.

Assim que a minha encomenda chegou, levei-a para o meu quarto, desempacotei-a e li as instruções. Escrevias sob forma resumida numa pequena folha de papel, depois enrolei a ficha e pu-la num pequeno saco de

higiene

com o dinheiro. Estava bastante compacto, e caberia no bolso de Lacey sem causar qualquer preocupação se Janine a encontrasse no regresso do passeio. Ali ao lado, levantei mais 500 euros, acrescentei-os ao saco e caminhei pela *promenade*, vendo Lacey aparecer ao longe. Hoje estava mais bem-disposta. Era evidente que tinha passado algum tempo a planear como é que iria usar o dinheiro. Ou talvez Janine tivesse sido excecionalmente vil nessa manhã e Lacey quisesse apenas recuperar algum domínio da situação. Provavelmente era um pouco das duas.

Dei-lhe o dinheiro e disse-lhe o que é que ela tinha de fazer.

— Estão instruções no saco, se precisar. E o meu número de telefone, por isso diga-me quando estiver instalada e envie-me a marca do *hub* e o número de série que está de lado. São 16 dígitos.

Ela assentiu com a cabeça e disse-me que Janine se ia embora na sexta-feira. Eu asseverei-lhe que iríamos desligar o modo de audição enquanto ela estivesse ausente e que apenas o voltaríamos a ligar quando ela regressasse. Perguntei a mim mesma se Lacey se divertiria quando Janine se ausentava, se pintaria as unhas dos pés esparramada nos almofadões da sala de estar, se fumaria na cozinha, se tomaria grandes banhos de imersão na banheira de Janine. Esperava que sim, mas na realidade ela devia ter demasiado medo para isso.

— Só precisamos mais ou menos de uma semana de áudio, isso deve dar-nos exemplos suficientes deste tipo de comportamento medíocre. Depois pode retirar a ficha e mandá-la para o lixo, OK?

Ela voltou a assentir com a cabeça e curvou-se para afagar *Henry* debaixo da orelha.

— Faço isto pela minha família, e para que outras mulheres não sofram como eu com um mau patrão. Sinto-me bem por estar a ajudar alguém.

Henry estava ocupado a tentar morder-lhe os dedos, e de repente senti uma pequena pontada de culpa. Ela não estava a ajudar ninguém a não ser a mim. E também não iria tardar a ficar sem emprego.

— Qual é o seu apelido, Lacey? — perguntei subitamente. Ela levantou os olhos, profundamente desconfiada. *Henry* também parecia desconfiado,

mas isso era normal naquele pequeno patife. — Prometo que é apenas para meu registo pessoal, não o vou usar em lado nenhum. — Ela continuava a parecer pouco à vontade. — Se a história for vendida globalmente, poderia ter direito a uma quota-parte — disse eu, tentando reagir rapidamente. E funcionou, como é habitual quando se trata de dinheiro.

— É Phan — disse-me ela, soletrando.

Agradei-lhe e fi-la prometer-me outra vez enviar-me uma mensagem mais tarde, nesse dia, quando tivesse instalado a ficha. Ela fez um ar solene e disse-me que o faria. Despedimo-nos, e eu encaminhei-me novamente para o hotel para ficar à espera.

Quatro horas mais tarde, depois de ter concluído uma aula de ginástica *online*, ter tomado um banho e passado uma hora a ver o catálogo de vídeos de Bryony no Instagram, o meu telefone tilintou. «Tudo feito», dizia a mensagem. «Está instalado, luz azul a piscar. Ligação da *box* é Henbarg. O código é 1365448449412564».

Rolei sobre a cama, esmurrando as almofadas durante 30 segundos, antes de me sentar e respirar profundamente. Enviei uma mensagem a Pete, que tinha estado calado o dia todo. Mesmo com a diferença horária, era algo pouco habitual nele. Normalmente, ficava acordado metade da noite, a divertir-se no seu recreio privado, a Internet. Os traços azuis na minha última mensagem indicavam que ele a tinha lido. Possivelmente ficara embaraçado, ou magoado, ou zangado. Nada como uma rejeição educada para deixar um homem ofendido. Escrevi-lhe que a ficha estava instalada e dei-lhe a informação do *hub*. Terminei dizendo, «Podemos armar alguma confusão amanhã? Vai ser tãaaaao engraçado vê-la a entrar em pânico, LOL».

Eram quase sete da tarde, e eu estava cheia de adrenalina, apesar do esgotante exercício de saltos que já tinha feito, por isso voltei a vestir o fato de treino e fui dar mais uma corrida. Consegui fazer 10 km, correndo através das ruas limpas, com as suas calçadas bem alinhadas e plantas bem cuidadas. Parecia uma cidade de brincar, na verdade, um sítio onde uma pessoa se sentia como se o resto do mundo ficasse muito longe e não nos pudesse conspurcar. Comprei um gelado e caminhei de regresso ao hotel, apreciando o choque do açúcar enquanto relaxava.

Ainda não havia notícia de Pete, mas ele tinha visto a última mensagem.

Os dois traços azuis voltaram a aparecer no ecrã. Será que o pai lhe teria confiscado o telefone? Estaria apenas ocupado a tentar piratear o sistema? Ou haveria uma razão mais obscura para o seu silêncio? Teria utilizado o número de série para descobrir quem era Janine? Se assim fosse, teria feito a sua pesquisa e com certeza teria descoberto que eu estava a mentir sobre a minha identidade e o que pretendia dele.

Eu sabia que isso seria sempre uma possibilidade. Era ele quem tinha a perícia tecnológica, se é que um adolescente de 17 anos pode ser perito nalguma coisa que não seja em excreções corporais nojentas. Isto queria dizer que eu estava a abdicar do controlo aqui, sem saber exatamente até que ponto ele iria investigar aquilo que estávamos a fazer. Eu esperava que ele me ajudasse a piratear a casa de Janine, que ficasse chocado quando ela morresse e que depois renunciasse a tudo. Este era o melhor cenário. Mas eu não era ingénua, e sabia que era perfeitamente possível que ele descobrisse que eu estava a forçar mais do que «um pequeno choque» e que ele viesse a querer obter respostas de mim. Ou pior, que quisesse ir falar com as autoridades.

Este era o problema de pedir ajuda a outra pessoa. Tudo ponderado, continuava a achar que era melhor pedir ajuda a um miúdo idiota, usando alguma leve manipulação para conseguir o que queria e declarar a minha ignorância sobre o eventual desfecho do que seria contratar um «profissional» que teria um ascendente sobre mim para sempre. Uma pessoa desse tipo iria investigar tudo o que pudesse sobre mim, e usá-lo contra mim para sempre. Provavelmente para me exigir uma quantia exorbitante. Se Pete era o adolescente entediado e ligeiramente deprimido que eu julgava ser, não seria muito difícil mantê-lo de bico calado.

Mas onde raio estava ele? Eram nove da noite quando acabei de tomar um duche e de me preparar para sair para jantar, e nada ainda. Enviei-lhe nova mensagem, perguntando-lhe se tinha ficado aborrecido comigo. «Responde à mensagem, estou tãaaao aborrecida aqui e preciso de ti, beijinhos».

Jantei num bar turístico com fotografias da comida no cardápio. Um erro que é sempre fatal, mas estava distraída e ansiosa por despachar aquela noite. Uma salada ressequida e dois copos de vinho depois, paguei a conta e voltei para o hotel. Pelo caminho, enviei uma mensagem a Lacey a perguntar-lhe quem é que estaria em casa na manhã seguinte, explicando que seria bom

identificar quem é que estava a falar para podermos compreender o áudio que tínhamos. Ela respondeu rapidamente, dizendo que estaria fora entre as nove da manhã e as seis da tarde, altura em que voltaria ao apartamento. Quando ela estivesse fora, viria uma rapariga de manhã preparar o pequeno-almoço de Janine e dar uma arrumação rápida à casa, mas não deveria lá estar mais ninguém até à hora de jantar.

«A Senhora gosta de passar as quintas-feiras em casa a relaxar. Diz que é bom ter a casa só para ela. Às vezes chama alguém para lhe arranjar as unhas ou o cabelo. Eu volto a arrumar tudo outra vez quando volto.»

Não me parecia que Janine precisasse de designar um dia por semana para relaxar quando toda a sua vida girava à volta desse único propósito, mas isso faria com que ela se mantivesse em casa, onde eu a queria, por isso fiquei satisfeita por ela privilegiar o seu bem-estar de modo tão rigoroso.

Fui para a cama às onze horas, o que era ridiculamente cedo para mim. As pessoas matutinas há muito que venceram a batalha, mas eu continuava a resistir ao seu apelo, deitando-me normalmente às duas da manhã e nunca me levantando antes das onze, sempre que possível. Mas estava ansiosa por despachar aquela noite, como uma criança que estivesse à espera do Pai Natal e se obrigasse a ir para cama dormir para poder acordar com os presentes. Mas não conseguia dormir. Pete não me enviava uma mensagem há 16 horas, e eu estava na cama a tomar consciência de que, caso ele não me contactasse em breve, não teria qualquer hipótese de matar Janine no dia seguinte. Depois de amanhã, este plano em particular seria inexecutável e eu teria de começar tudo do princípio. Tentei ouvir uma banda sonora relaxante de ondas a rebentar numa praia, mas a única coisa que consegui foi ficar com vontade de fazer chichi. Fiz uns exercícios respiratórios que tinha aprendido alguns anos antes, mas não serviram para aplacar as borboletas que andavam de um lado para o outro algures abaixo da minha caixa torácica. Às duas da manhã, levantei-me e gravei uma mensagem de voz a Pete. Subi uma oitava, a fim de parecer mais nova do que era, e adotei um tom convenientemente trémulo.

«Não sei onde é que estás ou se estás bem. Estou a chorar há horas, preocupada por te ter magoado ou ter feito asneira. Tenho receio dos meus sentimentos por ti, bebé, e isso levou-me a rejeitar-te, mas não queria que ficasses triste. Por favor, diz qualquer coisa. Não me interessam os nossos

planos para a minha terrível madrasta, só quero que estejas bem. Estou aqui sempre que precisares; por favor, responde.»

Cinco minutos depois, ele respondeu. «Fiquei lixado quando me disseste para tomar um duche, LOL. Pensei que estavas com nojo de mim e senti-me exposto. Fiquei zangado — caí numa fossa de *incel*⁶, tipo que se lixem as miúdas, que se lixe ser um gajo simpático. As pessoas são falsas, sabes? Pensei que eras falsa e queria que te sentisses castigada. LOL, estou tão baralhado. Também me preocupo contigo, bebé. Desculpa ter ido tão longe, quando ouvi a tua voz apercebi-me do idiota que sou. Mas estou a fazer por te compensar.»

Genuinamente perturbadora, esta incursão na sua mente. A sua predisposição para castigar uma rapariga por não abraçar imediatamente uma fotografia do seu pénis era arrepiante, e digo isto como alguém que já matou cinco pessoas. Ficaria muito contente quando tudo isto acabasse e eu pudesse desaparecer da sua vida, conservando a fotografia patética da sua gaita como garantia adicional.

Falámos durante uma hora, eu a desempenhar o papel de uma adolescente magoada e tímida, ele todo inchado com a minha demonstração de afeto e ansioso por voltar a ser o meu protetor. Deixei Pete retomar o tema da pirataria, ansiosa para que ele voltasse a sentir-se no controlo da situação. À medida que falávamos, ele foi-me dizendo que estava a trabalhar no sistema inteligente, utilizando sempre uma linguagem que eu só compreendia parcialmente. Devo-me ter desconcentrado a certa altura. Ele tinha deixado grandes hiatos na conversa à medida que ia descobrindo como aceder ao sistema que controlava a casa de Janine e, apesar da importância da tarefa, a espera tornou-se fastidiosa.

Acordei às nove da manhã com um sobressalto, com o cérebro a andar às voltas para se lembrar do que havia de tão importante naquele dia. Alcancei o meu telefone de ação e vi 22 novas mensagens de Pete. Seriam acerca do plano ou seriam pénis? A primeira mensagem era uma fotografia de uma figura de desenhos animados nua, com uns abdominais muito bem definidos, segurando uma taça dourada. Típico de um adolescente, Pete optava por comunicar através de memes, em vez de palavras. Eu esperava que a imagem significasse sucesso e não uma forma incompreensível de expor ainda mais as

suas tendências de *incel*. A mensagem seguinte era um vídeo, uma imagem desfocada em miniatura. Preparei-me para o pior e carreguei no *play*. O vídeo era escuro e difícil de discernir. Semicerrei os olhos, tentando descortinar a forma clara no meio do ecrã. Houve um movimento, um repelão sobre o objeto e depois um pequeno ruído. Era isso. Pu-lo outra vez. Era... sim, era isso. Era uma cama. E aquele movimento era uma pessoa. Foi mais fácil ver o contorno do colchão desta vez, e o movimento tinha sido um braço... ou seria uma perna? Estaria Pete a enviar-me vídeos de si próprio a dormir? Meu Deus, isto não era propriamente bom.

Ligeiramente alarmada, abri a terceira mensagem, que era um ficheiro de áudio. «Se vais embora, faz a cama primeiro, por favor. Não quero ter de ver lençóis amarrotados o dia todo. Oh, e telefona à manicura e diz-lhe para não vir antes do meio da tarde. Não, não sei com quem é que marquei, provavelmente foi com a Manicures Monaco — vê se descobres, não é difícil, Lacey! Vou tomar um duche, diz ao porteiro para tocar à campainha quando chegar a encomenda.»

Eu sentei-me completamente imóvel, com aquela voz imperiosa ainda a ecoar nos meus ouvidos. Era Janine. Não havia dúvida. Voltei atrás e vi o vídeo outra vez. Aquilo deve ser ela a dormir; verifiquei a hora a que Pete me enviou — seis da manhã. E a gravação de voz às oito da manhã. Há apenas uma hora. As mensagens seguintes eram fotografias do apartamento tiradas de um filme do circuito fechado de televisão. O sofá bege com os seus insensatos detalhes dourados, como uma versão *DFS* de Versalhes, os corredores, com as suas pinturas em molduras douradas de coisas que as pessoas que não se interessam por arte comprem na tentativa de parecerem cultivadas. Paisagens, cavalos, alguns esboços piegas de bailarinas. A cozinha era o único espaço liso do apartamento, com armários brancos e um chão de mármore. Parecia que nunca tinha sido usada. A sala de jantar era um susto para a vista — paredes vermelho-escuras, um tapete felpudo debaixo de uma enorme mesa de mogno que estava posta com um conjunto de jantar completo. Há alguma coisa mais trágica do que achar que uma mesa permanentemente posta é o cúmulo da sofisticação? Como se um aristocrata qualquer pudesse aparecer a qualquer momento e ficar desapontado com a falta de pratos na mesa.

A fotografia do chuveiro foi a cereja no topo do bolo para mim. Mostrava

uma grande sala de mármore, quase do tamanho do meu apartamento, com uma enorme cabeça de chuveiro redonda, uma banheira com pés e dois lavatórios sob um espelho ornamentado. Por detrás do espelho ficava uma parede que tinha sido forrada com azulejos com imagens de ninfas banhando-se num lago de água doce. Uma porta de vidro que saía do chuveiro levava até à sauna, que era tradicionalmente forrada a madeira.

Pete tinha enviado mais algumas mensagens, onde exprimia um grande orgulho no seu trabalho por meio de GIF e depois um comentário final, onde se lia: «E quanto à minha obra-prima...».

Cliquei no último vídeo. Era uma nova imagem do quarto, desta vez com as cortinas abertas, Lacey tinha feito a cama. Eu observei o ecrã enquanto as portas se abriam, fechavam e voltavam a abrir-se. Pete estava a demonstrar aquilo que podia fazer. Ele tinha o controlo da casa. E eu tinha o controlo da vida de Janine.

Respondi a Pete da forma mais grata possível. Enviei-lhe um GIF de uma líder de claque sensual a atirar os pompons ao ar. Ele pôs-se imediatamente *online* e disse-me que não tinha dormido.

«É de doidos, Eve, posso fazer literalmente o que quiser nesta casa. O sistema não tem encriptação de ponta a ponta. Fiz algum trabalho de sapa na empresa e vi logo que isto estava no papo. A empresa é gerida por um velhote qualquer na Alemanha que só vende a pessoas ricas malucas, mas não se dá ao trabalho de fazer atualizações na tecnologia ou em salvaguardar os dados. Estes palermas estão a pagar 100 mil paus por uma coisa com menos segurança do que um mísero *fitbit*.»

Perguntei-lhe se era possível falar com Janine através do sistema e ele escarneceu da minha terrível compreensão da situação.

«“Através do sistema”, LOL, pareces a minha mãe. Mas sim, podes atazaná-la um pouco quando ela estiver no chuveiro; por falar nisso, viste bem aquele mural? Ninfas muito sensuais, sem dúvida. A tua madrastra vai estar nua no nosso plano?»

Eu ignorei a pergunta, e conversámos mais sobre a forma como também eu poderia aceder ao sistema através do meu telefone. Ele enviou-me uma hiperligação para um ficheiro e disse-me para o descarregar. O pequeno ícone tomou-se verde, eu cliquei e este abriu uma página da Internet mostrando-me

uma gravação ao vivo do *hall* de entrada da casa de Janine. Pete percorreu comigo o que eu podia ver e como poderia aceder às câmaras nas diferentes divisões.

«Vou controlar as outras coisas a partir daqui e tu podes falar através do telefone, que eu faço a ligação à casa sempre que quiseres.»

«Ela está em casa agora?», perguntei, clicando por todo o apartamento, na dúvida.

«Nãaa, foi-se embora há uns dez minutos. Não me tinhas dito quão podre de rico é o teu pai. Esta casa é de loucos.»

«O dinheiro é dela», respondi, ansiosa por dissuadi-lo da ideia de que eu fosse herdeira de alguma coisa.

«Bem, sorte a do teu pai, então. Queres ver alguns truques engraçados enquanto a casa está vazia?»

Eu fiquei a ver os estores da sala de estar a desandar para baixo e para cima, ao mesmo tempo que a música ressoava estridentemente de um altifalante escondido. Ele conseguia mesmo fazer isto, não era apenas um fanfarronice de adolescente. Pedi-lhe que parasse, pois não queria que os vizinhos reparassem e pudessem alertar Janine quando ela chegasse a casa. Tinha a impressão de que Janine raramente punha música *house* em altos berros logo de manhã. Na verdade, ninguém devia pôr música *house* alto, ponto.

Pedi a Pete que continuasse a explorar e que me enviasse uma mensagem assim que Janine voltasse ao apartamento. Tomei um duche e vesti-me em menos de cinco minutos, peguei no telemóvel, num carregador e nuns auscultadores e fui até à praia, onde escolhi o café com melhor aspeto e me sentei cá fora debaixo de um guarda-sol, a ver as ondas enrolarem-se à beira-mar. Voltei a dirigir a minha atenção para a filmagem do apartamento de Janine e procurei pelas salas para ver se voltara a haver algum sinal dela. Ainda nada. Pete também ainda não tinha enviado mensagem, por isso mandei vir um café e um *croissant* e sentei-me a olhar para a praia, obrigando-me a não ir verificar o telefone de dez em dez segundos. Mas não fui obrigada a manter esta disciplina por muito tempo. O meu telefone tilintou exatamente enquanto eu acabava as últimas migalhas do *croissant*, e limpei rapidamente as minhas mãos gordurosas de manteiga num guardanapo

antes de abrir a mensagem.

«Ela voltoooooou», escrevera Pete.

Ligo novamente a visualização da câmara e vejo Janine a andar pelo quarto. Pousa uma grande mala *Hermès* em cima da cama, ao lado de um pequeno saco de compras de papel, e tira uma vela com um rebordo dourado que coloca na mesa ao lado da cama. Caminha pelo quarto por alguns minutos, sacudindo um travesseiro com borlas douradas, passando o dedo pelo parapeito da janela e inspecionando-o à procura de pó. Está aborrecida, penso eu. Aborrecida não por ser um dos raros dias livres em que uma pessoa sente que está a desperdiçar o seu tempo. Isto são anos de tédio acumulado, uma vida cheia de almoços e de organização de pessoal e demasiado tempo passado em manutenção física. Comprar uma vela, arranjar o cabelo, fazer uma aula de ioga, viajar para a outra casa e repetir a rotina vezes sem conta. Ela preenchia as suas horas com inúmeras atividades, mas nenhuma delas era realmente importante. Era apenas um carrossel de banalidades. E agora aqui está ela, num dia sem empregados nem amigos por perto, a cirandar pelo apartamento e a tentar arranjar coisas para implicar com Lacey mais tarde. Se tivesse alguma perceção da realidade deprimente da sua vida, talvez se tivesse atirado do seu terraço de ioga.

Pete envia-me uma mensagem: «A chegar: mulher com mala ao ombro — consigo ver na câmara da porta».

Janine entra pelo corredor, *Henry* aparece subitamente atrás dela, latindo ferozmente. Ela enxota o cão com uma palmada e abre a porta. Uma jovem com uma *t-shirt* preta e calças de ganga entra e segue atrás dela em silêncio até à sala de estar. Enquanto ela tira as coisas do saco, percebo que é a manicura, que veio para preencher uma hora do dia de Janine.

Enquanto ela arranja as unhas, Pete e eu conversamos um pouco, escarnecendo da decoração da sala e trocando opiniões sobre qual a pior coisa que lá havia. Eu decido-me pelo pequeno néon na parede que diz «Love» em itálico, uma imitação de uma peça de Tracey Emin de há alguns anos e a única concessão à modernidade em todo o espaço. Pensando bem, talvez fosse mesmo uma Tracey Emin, mas nem por isso menos horrível. Pete mostra-se intransigente quanto à sua escolha da mesa de apoio em vidro,

dizendo-me para ampliar as pernas, onde se veem pequenos querubins em esforço para suportar a carga que pesa sobre eles. Peço outro café, e ficamos os dois à espera e a observar, dois desconhecidos a invadir uma casa sem ter de mexer um dedo.

Passado um bocado, a manicura termina o trabalho e vai-se embora, mas não sem que antes *Henry* arremeta contra ela, derrubando um frasco de verniz vermelho que deixa alguns pingos de verniz na *t-shirt* da mulher. Janine ralha com a rapariga por se ter encolhido quando o cão saltou e diz-lhe que não volte se tem medo de cães.

— Devia ser mais profissional, o verniz podia-me ter manchado o tapete — diz ela enquanto encaminha a rapariga para a saída.

Ao fechar a porta à pobre manicura, Janine solta um suspiro e dirige-se para a casa de banho. Põe a água a correr para o banho e prende cuidadosamente o cabelo com ganchos diante do espelho.

«Podes ligar-me a sauna, sem a alertar com as luzes?», escrevo eu a Pete. Volto a ligar-me à câmara. Janine está a aplicar um creme pegajoso no rosto.

«Feito e feito», responde Pete.

«Boa. Quando ela acabar o banho, liga as luzes na sauna, ela deve levantar-se para ir desligá-las e nessa altura fechamos-lhe a porta.» Ele envia-me uma mensagem de volta com os polegares voltados para cima.

Decido não ver Janine tomar banho, sentindo que ela teria direito a um pouco de privacidade nos seus últimos momentos. Mas Pete não tem semelhantes escrúpulos, descrevendo-me as suas abluções e rindo-se da maneira como ela canta canções de Céline Dion enquanto se reclina e enxagua. Há pessoas que adoram demorar-se no banho, afirmando que se trata de cuidados individuais e pretendendo que isso nada tem a ver com quererem escapar às suas famílias por uma preciosa hora ou assim. Janine é uma dessas pessoas, apesar de não ter ninguém de quem fugir, a menos que contemos com o estúpido do cão. Passa quase uma hora na casa de banho, a encher a banheira de água quente até cima e acrescentando-lhe vários óleos. Enquanto espero, dou-me conta de que estou a ficar ansiosa por causa do café, por isso mando vir um copo de *rosé* para dissipar a cafeína.

Passado um bocado, Pete avisa-me que ela está a sair do banho, e faz uma

piada de mau gosto sobre as suas mamas que quase me leva a retorquir com um comentário grosseiro sobre a fotografia da sua gaita, mas abstenho-me. Pete faz-me ter vontade de defender Janine, um sinal claro de que preciso de eliminar ambos da minha vida rapidamente.

A sauna deve estar a ferver por esta altura. Respiro fundo e peço a Pete para ligar as luzes. Observo o filme da câmara e vejo a sauna subitamente vazia na imagem. Janine não reparou. Enrolou-se numa toalha e está a limpar a cara com um pano.

«Fá-las acender e apagar», escrevo. As luzes acendem-se e apagam-se numa sucessão rápida. Janine para de se limpar e franze o sobrolho. Dirige-se para a sauna com um ar aborrecido.

«Prepara-te para fechar a porta, Pete, por favor, prepara-te.»

«Estou pronto, caramba, eu sou o rei desta casa, filha!»

Ela entra na sauna, e eu sustenho a respiração e coço o pescoço. A porta fecha-se atrás dela silenciosamente. A princípio, parece não reparar. Consigo ver o cimo da cabeça dela enquanto ela se estica para desligar as luzes, abanando a mão ao aperceber-se de que o aquecimento está na potência máxima. Observo-a enquanto ela puxa a porta, com o vidro a oscilar um pouco, mas sem ceder.

«LOL, ela está a perceber que está presa», escreve Pete, mas eu ignoro-o, petrificada por uma Janine cada vez mais em pânico, que está a premir um botão repetidamente. «É o alarme, eh, eh», diz Pete. «Desativei-o, evidentemente. Ninguém a consegue ouvir a gritar, minha senhora.»

Janine acaba de se sentar e coloca-se num ângulo em que deixo de a conseguir ver, mas está a bater no vidro, e *Henry* corre para a casa de banho, alertado pelo barulho. Ela ouve-o e levanta-se, espreitando pela faixa de vidro fosco na porta. Ela diz-lhe para ir pedir ajuda, uma ordem absurda que revela que está a entrar em pânico. *Henry* olha para ela, com as orelhas espetadas para trás e o seu pequeno corpo a estremecer de excitação. Depois, inclina a cabeça, dá meia-volta e afasta-se da casa de banho. Eu faço desandar as imagens e vejo-o deitar-se na sua pequena cama no corredor e adormecer prontamente. Talvez *Henry* seja melhor juiz de carácter do que eu pensava.

Verifico as horas no telefone. Ela está na sauna há 15 minutos.

«Qual é a temperatura lá dentro?», pergunto a Pete.

«Deixa-me cá ver.» Volta dois minutos depois. «Desculpa, tive de fazer a conversão. Estão 110 fahrenheit, isto é, 43 graus celsius. Queres mais alto? Pode-lhe dar um badagaio.»

Eu pondero. Não temos horas para a deixar estar ali a cozer até morrer, mas estou relutante em deixar as coisas chegarem a um ponto em que ela fique muito queimada — um sinal que poderia dar a entender que ela não tinha sido capaz de sair. «Dá-lhe só mais um bocado de gás, não me importo que a cabra desmaie. Até lhe fazia bem.»

Dou um golinho do meu vinho e saboreio a brisa de novo, sabendo que todo o corpo de Janine irá chorar por ela. Distraio Pete de observar o circuito fechado de televisão com demasiada atenção, falando-lhe de uma potencial viagem ao Iowa, e ele morde o isco imediatamente, dizendo-me como seria fixe estarmos juntos na vida real. Falamos profusamente de tudo o que faríamos juntos, com ele a tornar-se cada vez mais galanteador e eu a sugerir atividades salutareas que o líder da sua igreja teria aprovado.

Durante todo esse tempo, mantenho um olho em Janine, presa naquele pequeno tabuleiro quente. Não há movimento que se veja, e eu dou-me conta de que, se quero falar com ela, teria de o fazer agora. Peço a Pete que me ponha em linha, ciente de que aquilo que estou prestes a dizer iria suscitar algumas perguntas depois.

Há uma breve pausa e depois Pete diz-me que posso falar. Eu dou um golinho no meu vinho e olho em redor para me certificar de que ninguém está no meu raio de audição. Levo o telefone ao queixo e falo baixo, mas claramente.

— Provavelmente não estás com disposição para grandes conversas íntimas neste momento. — Ela estica a cabeça para cima diante do vidro fosco e limpa o vapor com a outra mão. — Mas só quero que saibas porque é que isto te está a acontecer. Não é um acidente. Provavelmente já te deste conta disso por esta altura, mas eu não sou um cérebro do crime que queira roubar os teus diamantes. Não há nada que me possas dar que ponha termo a isto.

Ela desata a gritar qualquer coisa, batendo freneticamente na porta de vidro.

— Está quieta. Não tens energia para tanto alvoroço. O teu marido abandonou a minha mãe com uma bebé. Abandonou-a. E rejeitou-me. E a tua família viveu uma vida de inteiro prazer e conforto desde então. Achas isso justo? A mim não me pareceu... ver a minha mãe assumir uma série de empregos miseráveis e enfraquecer a cada novo dia de trabalho. É justo que a tua filha tenha tido tudo o que alguma vez desejou e que eu tenha sido criada por pessoas que só o faziam para se poderem sentir bem consigo mesmas?

Ela está com um ar transtornado, com uma mão a segurar o pescoço.

— É cada vez mais difícil respirar, não é? Pois bem, não vai ser um problema por muito mais tempo, por isso tenta manter-te calma, deve ser pior se entrares em pânico, imagino eu. Vou ser sincera, pensei em nem sequer te contar nada, mas queria que soubesses a história por trás disto mais por uma questão de cortesia do que qualquer outra coisa. O meu pai. O teu marido. É por isso que estás aqui. É bom saber de quem é a culpa, não é?

Pete envia-me uma mensagem. «Super engraçado, mas já passou uma eternidade. Acho que ela está mesmo aflita, bebé, vamos deixá-la sair? Não me importo se ela se passar, mas a bola é tua.»

«Só um minuto. Ela está bem. Aumenta um niquinho e dá-lhe um bocado mais de tempo», respondo eu, fitando Janine, que está a traçar qualquer coisa com o dedo no vidro. Eu esforço os olhos, tentando descortinar o que é. Ela faz um barulho, mas o som é abafado.

— Querias dizer alguma coisa? — pergunto. Ela sussurra de novo. Eu sinto a irritação a crescer. — Mais alto, por favor, provavelmente já não tens muito tempo, por isso, se queres dizer alguma coisa, FALA!

Mas ela não está a ouvir, compenetrada que está em levar novamente o dedo pelo vidro acima. Ela mal é capaz de desenhar mais do que um milímetro até parar. Nós observamos em silêncio, até que a primeira forma se torna mais clara. Uma letra G, pequena e tremida, mas clara quanto baste. Eu sinto-me subitamente nauseada. Pete está completamente absorto. «O que é que ela está a fazer? Uma mensagem de SOS?» A letra seguinte começa a tomar forma, uma linha comprida, e depois, enquanto ela tenta apoiar-se na porta, um semicírculo sobre ela. Acabou de desenhar um R. Oiço as ondas quebrarem-se na areia e a minha visão fica um pouco turva. Ela vai escrever Grace. Ela sabe. Ela sabe de tudo. Provavelmente sempre soube — sobre

mim, sobre a minha mãe, sempre feliz por nos deixar a viver na pobreza enquanto a sua filha tinha direito a tudo. E agora vai denunciar-me. Quando Simon encontrar a mensagem, vai perceber. Talvez não imediatamente, mas vai juntar dois mais dois, refletir sobre as outras mortes e perceber o que aconteceu. Ele e Bryony ficariam em segurança e eu ficaria na cadeia o resto da minha vida.

«AUMENTA-LHE O CALOR», escrevo eu a Pete. «Até ao máximo, a cabra merece.»

«Credo, odeia-la mesmo, hem? Essa história era de loucos, faz com que a minha madrasta pareça um anjo. A aumentar agora.»

Janine está a tentar acabar o R. O seu cabelo perfeitamente penteado está preso ao rosto, que está mosqueado, com algumas partes a tomarem-se de um azul-arroxeadado. Eu fico ali sentada ao sol, com uma mão fincada no telemóvel e a outra a segurar o pescoço com tanta força que sinto os olhos esbugalharem-se-me. Depois, enquanto observo, o dedo dela desliza pelo vidro abaixo, a sua cabeça desaparece de vista e ouve-se um ruidoso baque. Silêncio. Viro um copo de água. Não há movimento.

O meu telefone buzina. «Isto foi DRAMÁTICO! Acho que ela desmaiou. Queres que eu abra as portas?»

Eu faço sinal ao empregado para me trazer outro copo de vinho. «Vamos a isso.» Aquele barulho não foi só o corpo dela a cair no chão. Foi demasiado ruidoso. Ela tinha batido com a cabeça. Verifico o relógio, Lacey só deve chegar daqui a duas horas. Tempo suficiente para que ela sofra danos irreversíveis, se não estiver já morta. A porta da sauna abre-se, e o vapor começa a sair, obscurecendo a visão por um minuto. Enquanto o empregado me traz um novo copo, começo a ver a casa de banho a focar novamente. Os pés de Janine estão estendidos junto à porta da sauna, o seu corpo ligeiramente fora do campo de visão, pequeno e inerte. O G trémulo já estava a desvanecer-se até desaparecer.

Henry esteve a dormir o tempo todo. Sinceramente, não merecemos os cães que temos.

Bem, ela morreu. O calor e o choque e as queimaduras teriam dado conta

dela, mesmo que não tivesse ligeiras complicações cardíacas. Suponho que nenhuma complicação cardíaca é ligeira quando uma pessoa está prisioneira numa fornalha. Deus abençoe Lacey, que não me fez uma única pergunta quando foi ter comigo à *promenade* no dia seguinte. Desconfiaria de alguma coisa? É difícil dizer. Eu fíngi-me chocada e mostrei-me simpática quando ela me deu a notícia. Mas Lacey parecia completamente imperturbada pela cena de horror com que tinha sido presenteada. Quando muito, caminhava mais direita, já não trazia farda, mas sim umas calças de ganga e uma *t-shirt*, com umas sandálias de dedo douradas, deixando ver umas unhas dos pés notavelmente coloridas, pintadas de cor de laranja. Ela pegou em *Henry* e afagou-lhe as pequenas orelhas sedosas.

— Vou dar-lhe algum dinheiro, Lacey, é o mínimo que posso fazer durante este tempo difícil — disse eu, pondo um ar preocupado. — Vai voltar para casa ou a família vai mantê-la?

— O Senhor Artemis deu-me um mês de ordenado e disse-me que eu podia ficar durante uma semana, mas está tudo bem. A Susan, a melhor amiga da Dona Janine, telefonou ontem à noite a pedir-me para ir trabalhar para ela. Tem uma casa muito maior nas colinas e paga-me mais. Disse-me que já há algum tempo que planeava pedir-me para deixar a Dona Janine. — Sorriu radiosamente. — E não é uma cabra como a senhora defunta. E vou levar o *Henry*. Ninguém me vai deter.

Eu despedi-me com um aceno, maravilhada com o extraordinário atrevimento de Susan, uma mulher que contratara a empregada da sua melhor amiga menos de 24 horas depois de ela morrer. Noutra vida, talvez pudéssemos ter sido amigas.

Pete foi um caso um pouco mais complicado. Não ficou destroçado nem entrou em pânico com aquilo que tínhamos feito como eu rezeira que pudesse acontecer. Em vez disso, ficou eufórico, querendo saber de todos os detalhes dos acontecimentos do dia, enviando-me memes de churrascos e perguntando-me quem é que seria o nosso próximo alvo.

«Isto pode tornar-se um negócio, bebé», escreveu ele uma semana depois, enquanto eu bebia um copo de vinho e considerava de que cor pintar as unhas dos pés. As hormonas de um adolescente têm de ser tratadas com algum

cuidado, por isso não atirei o telefone ao rio nem me desconectei dele por completo. O rapaz estava enfeitiçado e eu não queria testar os seus limites tecnológicos, por isso lidei delicadamente com a situação, sobretudo através do encontro com Deus. Uma súbita sucessão de passagens bíblicas de cada vez que ele me enviava mensagens galanteadoras teve o condão de reduzir a frequência dos seus contactos. Nada como um pouco de fustigação para nos livrarmos da ereção espontânea de um adolescente excitado. Mas, três meses depois, ele ainda não tinha desistido por completo. Ainda se sentia um pouco excitado com as emanções da nossa aventura juntos e não me deixava completamente em paz, por isso, optei por uma via mais dura. Fingi tê-lo aliciado com um perfil falso. Quer dizer, eu *tinha-o* aliciado com um perfil falso, mas dobrei a parada. Ciente de que uma busca inversa de imagens seria fácil para ele, juntei-me a um fórum de conversação *online* onde uma pessoa podia conversar por videochamada com qualquer pessoa do planeta e cliquei até encontrar o tipo mais deformado que soubesse falar inglês. Suportei cinco minutos na sua companhia, que consistiu essencialmente nele a fazer-me gestos para mostrar as minhas mamas. Eu pedi-lhe uma *selfie* primeiro, guardei-a no meu telefone e depois apaguei a minha conta. Com a resultante fotografia, que mostrava um mastodonte careca a sorrir e acenar, esperei pela próxima mensagem sugestiva (leia-se, vídeo de masturbação) de Pete. Tão certo como o sol nascer, lá chegou, passado um bocado, mais um vídeo de masturbação. Eu enviei-lhe imediatamente a fotografia.

«Somos um coletivo. Temos os teus vídeos patéticos e temos provas do que fizeste. A menos que queiras que estes ficheiros sejam enviados para a tua família, irás cessar todos estes contactos e voltar à tua vida normal. E dá graças a Deus por nós permitirmos isto.» Ele telefonou 22 vezes nessa noite, mas eu não atendi, reenviando a mensagem com uma adenda de ÚLTIMA ADVERTÊNCIA. Ele respondeu dizendo que jamais contaria a ninguém e implorando-me que não enviasse os vídeos ao pai. Suponho que, apesar de toda a sua fanfarronice, o miúdo não suportava a ideia de o pai pensar que ele tinha enviado vídeos de masturbação a um homem de meia-idade com mais de 130 quilos. Talvez tivesse ajudado a matar uma desconhecida, mas há coisas que nunca mudam. A ideia de um dos nossos pais descobrir que temos vida sexual continuava a ser muito pior. E essa foi a última vez que tive notícias de ColdStoner¹⁷. É assim que as relações entre adolescentes devem

ser. Ardem depressa, mas, caramba, com que chama!

⁵ Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais [TV. *do T.*].

⁶ Abreviatura de «Involuntary Celibates» ou «Celibatários involuntários»: subcultura virtual composta maioritariamente por homens heterossexuais que se declaram incapazes de encontrar um desejado parceiro romântico ou sexual. [TV. *do T*]

Capítulo 13

Kelly tem um telemóvel. Anda a exultar com isto há semanas, mas apenas comigo; deve ser a primeira vez que foi capaz de guardar um segredo em toda a sua vida, imagino eu. E bem, porque se as outras soubessem fariam qualquer coisa para lhe deitarem a mão. Kelly guarda-o ferozmente, como um cão a um osso. Debruça-se sobre ele e está constantemente a escrever, com as suas longas unhas a estalarem no teclado e o pequeno ecrã luminoso quase impercetível debaixo das mantas. Eu não lhe perguntei onde ou como o conseguiu. Imagino que o palerma do Clint lho tenha conseguido dar de alguma maneira, mas não consigo imaginar o que é que poderão ter para dizer um ao outro que requeira tanto vaivém. Espero ardentemente que não seja nada de sexual. Não tenho estômago para partilhar um espaço exíguo com alguém a ter sexo por mensagens com um homem que ponha tanto gel na franja. Normalmente, Kelly é bastante generosa com as suas coisas, mas não se ofereceu uma única vez para me emprestar a sua nova valiosa aquisição. Eu não lho pediria, mesmo que tivesse alguém a quem telefonar. Ela pode ser uma tonta de primeira, mas não hesitaria em cobrar-me um favor. Tento abafar o som com uma almofada sobre a cabeça, desejando ardentemente que pudesse fazer-lhe o mesmo a ela.

Querem saber uma coisa engraçada? A primeira vez que encontrei a minha irmã foi num salão de unhas. Não foi nada planeado, não houve nenhum esquema orquestrado congeminado para que eu pudesse encontrá-la de modo insuspeito. Foi um encontro completamente aleatório, se é que existe tal coisa. Eu não acredito no destino, não acho que seja estranho que duas mulheres mais ou menos da mesma idade cruzem os seus caminhos no centro de Londres. Os encontros fortuitos não significam rigorosamente nada — não têm nada de intrinsecamente interessante, por muito que insista a nossa companheira Sarah, que se interessa muito por horóscopos e cartas de *tarot*. Mas foi engraçado. Foi agradável não ter de ser eu a fazer o trabalho, para variar. Ela pertencia a uma família que viajava em carros com ar condicionado e jatos privados, que tinha portões de segurança e cães de

guarda e um corpo de segurança pessoal. Viviam dez furos acima de todos nós. Incapazes que são, por enquanto, de colonizar outro planeta, os muitíssimo ricos podem ser obrigados a habitar nas circunvizinhanças de todas as outras pessoas, mas nunca estão verdadeiramente ao nosso alcance. Podem estar na mesma rua que nós (mas só se essa rua for Kings Road), mas não a experienciam da mesma maneira. As portas das lojas abrem-se silenciosamente para eles em nanossegundos, os pavimentos são uma mera passadeira para os carros que os aguardam, os restaurantes revelam salas privadas, os museus abrem a horas. A maneira como vemos os sítios não é igual à deles. Enquanto nós ainda estamos a sacudir a água do guarda-chuva e a pedir ao empregado para nos arranjar uma mesa, já eles estão a fazer outra coisa. Não lhes podemos tocar. No entanto, aqui estava ela, sentada ao meu lado, a pedir uma manicura de gel. Sem pedir «por favor».

Bryony Artemis tem uma daquelas caras que uma pessoa acha que já viu em algum lado. Não quero com isto dizer que ela se pareça com uma rapariga que nós conhecemos — não é, de todo, verdade —, mas tem um visual que as redes sociais tomaram onnipresente. Lábios almofadados, uma madeixa de cabelo ondulado e brilhante, um corpo envolto em roupa desportiva de lazer — demasiado magra, mas que o dono se esforçaria por fazer parecer forte, realçando os bíceps, os glúteos. O tipo de pessoa magra com que algumas mulheres dizem não se importar, como se não passassem a vida a pensar nisso. Mulheres como Bryony parecem incrivelmente belas nas fotografias, mas um pouco «vale da estranheza» na vida real. Adoro essa descrição — o especialista em robótica Masahiro Mori cunhou-a em 1970 para descrever a nossa repulsa diante de robôs ou imagens geradas por computador que são muito semelhantes a seres humanos... mas não completamente. As Bryonies deste mundo são imaculadas, as suas feições redondas, insufladas e amaciadas. Em fotografias, resulta. Ao vivo, nem por isso. Faz-me ter saudades dos tempos dos implantes mamários desengonçados e dos terríveis *facelifts* quando pelo menos as inseguranças que faziam com que as mulheres se automutilassem eram visíveis na sua aparência. Uma pessoa podia rir-se da Noiva de Wildenstein ou ficar triste por ela fazer aquilo a si mesma. Mas esta nova tribo não nos consegue transmitir nada com as suas caras, nada que nos leve a sentir empatia, pena ou mesmo irrisão.

Estava a usar um tipo de ténis caros que nunca foram vistos dentro de um

ginásio, umas *leggings* apertadas com riscas azuis fluorescentes de lado e a sua pequena parte de cima estava enfaixada num enorme casaco acolchoado que não estava fechado, mas sim a embrulhá-la, preso por um grande saco a tiracolo. Era igual a todas as outras raparigas do Instagram, a não ser o saco ser *Chanel* e ela estar ornamentada com anéis de ouro, botões de diamantes e um pequeno *Rolex*. Os sinais que nos mostram que nunca seremos capazes de lhe «comprar o visual» porque o visual custa mais do que o que nós ganhamos num ano. O visual custa mais do que os nossos pais pagaram pela casa. O visual custa mais do que alguma vez seremos capazes de juntar para comprar a nossa própria casa. Estou a brincar, vocês nunca serão capazes de comprar uma casa.

Demorei segundos a perceber que era ela. Não passei anos a vê-la crescer na Internet para não saber naturalmente como ela é de todos os ângulos. Que desperdício de espaço cerebral. «O que é que costumavas fazer quando tinhas 20 e tal anos, Grace?» «Bem, costumava ver uma ruiva palerma publicar *vlogues* sobre bálsamos para os lábios e fiquei a saber tudo sobre os seus formatos de óculos de sol preferidos». Talvez me devesse matar também.

Ela estava a olhar para baixo e compenetrada a escrever no telemóvel, com uma mão estendida diante da manicura como se lhe estivesse a dar um presente. Às vezes, pergunto-me o que é que as mulheres que trabalham em salões deste género dizem acerca das clientes ao fim do dia. Será que se queixam das clientes mal-educadas que nem sequer as olham nos olhos? Será que se riem delas? Ou ficam tão indiferentes que nem sequer falam nisso?

Inclinei-me e pedi para me passar a roda de cores de verniz, e ela estendeu-ma sem levantar os olhos. Com um dos *headphones* suspenso da orelha, assinalando que não estava disponível para conversar, uma tática que não irei julgar, visto que a costumo usar. Deus abençoe o homem (estou a tentar adivinhar) que concebeu os *headphones* sem imaginar que as mulheres de todo o mundo os iriam usar para dar a entender que estão indisponíveis para os homens que as tentam abordar. O salão estava barulhento como só os sítios exclusivos para mulheres estão, mas eu abstraí-me por completo e concentrei-me inteiramente nela. Observar Bryony era fácil, ela era como um daqueles cães que se detêm cada vez que se cruzam com um desconhecido, na esperança de que algum deles queira fazer-lhes festas. Estava habituada a que as pessoas a olhassem com admiração, esperava-o, apreciava-o. Ser

ignorada seria mais desconcertante, imagino eu. Isto não quer dizer que ela estivesse a olhar para trás, claro está. Queria apenas dizer que eu tinha carta-branca para a observar sem ser notada. A adrenalina sibilava-me pelo corpo face a esta oportunidade. Sentia-me como se estivesse a desperdiçar cada segundo que passava, tinha de fazer alguma coisa. Ela não tardaria a abandonar o salão e a saltar diretamente para dentro de um carro aquecido, enquanto eu ficava ali à espera que as minhas unhas secassem.

Aquela era a minha meia-irmã! Como é que é suposto ser um encontro com a nossa irmã perdida? Imagino que talvez nos examinássemos uma à outra nervosamente, que disséssemos uma piada parva, que procurássemos hesitantemente a mão uma da outra. Tudo preâmbulos para que finalmente caíssemos nos braços uma da outra — permitindo-nos assim reconhecer que a existência desta pessoa era a última peça que faltava para compor o *puzzle* das nossas vidas.

— ÁUUU! — Bryony puxou furiosamente a mão da manicura, olhando para a sua cutícula e esfregando-a. —

Cortou-me, com mil raios! Não podia ter mais cuidado?

A senhora baixou a cabeça e pediu desculpa, apesar de eu não conseguir ver qualquer indício de sangue. Bryony suspirou e estendeu a mão outra vez, enquanto outra senhora se precipitava em direção a ela vinda da secretária da receção. Esta mulher, que eu presumi que fosse a gerente do salão, curvou-se e observou-lhe os dedos, examinando a lesão.

— Desculpe, Menina, lamento muito. Vou-lhe buscar um pouco de água, sim?

A minha irmã não voltou a olhar para cima, mas assentiu com a cabeça. Estava a percorrer o *feed* do Instagram, fazendo «gosto» em várias fotografias de raparigas loiras sentadas em cadeiras de pele em discotecas sombrias. Depois abriu a aplicação da câmara, ergueu-a em direção à cara e compôs as suas feições numa expressão de desdém. Eu fiquei a vê-la tirar fotografia atrás de fotografia, até parecer finalmente decidir-se por uma, com os seus dedos finos a deslizar e a bater no ecrã. Bryony voltou a suspirar e pousou o telefone. Não parou, no entanto, utilizando a sua mão livre para atualizar repetidamente a aplicação. Eu saquei do meu telemóvel e abri a minha conta do Instagram, onde utilizo um pseudónimo, com uma fotografia genérica de

uma jovem mãe com dois miúdos pequenos. Na minha biografia lê-se: «Mulher de um matulão e de dois pequenos terrores, vive em Hertfordshire e está sempre pronta para uma (aqui inseri um *emoji* banal de uma garrafa de vinho)». Estava bastante orgulhosa do nível básico que tinha conseguido aqui. Ninguém alguma vez irá dar por Jane Field a visionar os seus vídeos em direto mais do que uma vez. Ninguém irá querer segui-la. Clico nas histórias do Instagram de Bryony e estas revelam a fotografia que eu acabei de a ver a tirar — sobrolho franzido de desdém, lábio arrepanhado, muito filtrada para fazer a sua pele parecer quase cintilante. Na mensagem escrita por cima da imagem lia-se: «quando uma pessoa vai fazer uma manicura necessária para relaxar e a desajeitada da mulher quase nos amputa um dedo. #mauserviço #anormab».

Conto-vos isto só para que se tome mais evidente que o cenário de encontro nos braços uma da outra seria altamente improvável. Eu não nutria quaisquer sentimentos em relação a ela para além de um completo, mas distante, fascínio. Seria eu como ela se tivesse crescido no seio endinheirado da sua família? É provável que sim. Quantas pessoas fabulosamente ricas é que conhecem que admiram? Quer dizer, refiro-me àqueles que nascem em berço de ouro, não a Oprah Winfrey. Não me iludo a pensar que teria feito alguma coisa de maneira diferente. O primo dela tinha tentado, Deus o guarde, mas não estava a moldar a sua própria vida com aquelas rãs. Estava apenas a rejeitar a vida que lhe tinha sido dada, uma vida que era poderosa e abrangente — uma vida que ele teria tido de batalhar para protelar o resto da sua vida. E essa luta teria sido esgotante. Um dia, cansado de viver numa lúgubre sucessão de apartamentos partilhados e de ajudar animais que não lhe manifestavam qualquer gratidão, o seu pai tê-lo-ia convidado para jantar. E ele, exaurido, revelaria um ponto fraco na armadura que tinha desenvolvido para o proteger dos males da sua vida anterior. Ser-lhe-ia oferecida uma pequena ajuda — nada de excessivo, estão a perceber a família saberia exatamente até onde poderia ir. Talvez apenas o suficiente para pagar a renda desse mês, por exemplo. E ele teria aceitado, debatendo-se com isso, mas necessitando de uma trégua. A partir daí, a porta estaria aberta. A família Artemis tê-lo-ia resgatado novamente para o seu seio — afinal, o caminho que ele tinha escolhido era uma afronta para eles — e ele abdicaria da sua resistência. Talvez não tivesse maltratado os empregados e namorado com

uma série de modelos cada vez mais novas — pois já teria desenvolvido alguma orientação moral, apesar da sua educação —, mas teria acabado a gerir um ramo da empresa, talvez organizando ações regulares de angariação de fundos para obras de caridade para tornar o processo menos penoso.

Andrew não conseguia escapar-lhes por completo e Bryony tinha-os abraçado por completo. Estou certa de que eu teria acabado algures entre os dois.

A manicura pintou-me as unhas de um vermelho intenso, a mesma cor que a minha irmã estava a mandar aplicar. Não há nada de frívolo nestes pequenos rituais a que se entregam as mulheres de todo o mundo — são uma pequena fuga ao trabalho que fazemos. Uma pequena trégua de uma sociedade que nos obriga a suportar o trabalho emocional e a desbravar uma senda profissional e a dar a entender, ao mesmo tempo, que não somos demasiado emotivas. O verniz das unhas não é uma coisa insípida. É uma laca, uma camada protetora.

Eu estava a ser inútil. Não estava a tirar qualquer proveito deste encontro fortuito. Estava ali sentada como uma incapaz, a observar ociosamente Bryony concentrada no telefone, a bocejar de vez em quando e a alisar constantemente o cabelo. Mas depois apercebi-me de que talvez o problema não fosse meu, que talvez não houvesse mesmo nada para descobrir sobre esta rapariga. Talvez fosse como quando as mulheres entram em parafuso a cismar porque é que o homem com quem iam sair não telefonou, imputando-lhe uma série de razões até se decidirem por uma coisa completamente labiríntica como: «Ele gosta tanto de ti, mas depois de perder o pai, quando ainda era muito novo, tem problemas complexos com a intimidade emocional e não telefonar é um sinal de que está finalmente a apaixonar-se por ti e provavelmente só precisa de algum espaço, mas não demasiado — devias enviar-lhe um presente do teu próprio cabelo», quando, na verdade, ele já se esqueceu completamente delas.

Acho que já não precisava de saber nada sobre ela. Houve uma parte da família que procurei compreender melhor, a fim de me aproximar deles o suficiente para os matar. Mas Bryony passa a vida *online*. Consigo ver tudo, não há grande coisa a dizer sobre ela. Normalmente, as pessoas mais ricas não querem, segundo ouvi dizer, constar em quaisquer listas das grandes

fortunas do ano. Não querem viver na ribalta onde as pessoas normais podem saber o que é que têm e onde vão. Se o clã Artemis fosse assim, o meu trabalho teria sido infinitamente mais difícil. Vem-nos logo à cabeça aquela horrível frase que diz «o dinheiro fala, a riqueza murmura». Felizmente, Bryony não quer falar, quer gritar. Nomeadamente, no Instagram, o tempo todo. Estão a ver aquelas previsões horríveis que toda a gente faz como se fosse uma coisa muito original e não um mero episódio distópico de uma série da Netflix sobre um futuro árido em que todos nos limitamos a existir apenas através dos nossos telefones? Pois bem, isso é a vida de Bryony.

Enquanto a manicura esfregava o óleo nas suas mãos e lhe anunciava que estava pronta, Bryony levantou a cabeça como se isso fosse um tremendo esforço e inspecionou as unhas. Demorou imenso tempo a verificar cada dedo individualmente antes de se endireitar na cadeira e começar a rir. Não era um riso alegre, mas sim uma manifestação destinada a assinalar o mais completo desdém. Semicerrou os olhos e olhou fixamente para a mulher sentada à sua frente.

— Cortou as minhas cutículas. Todas. Você está qualificada para fazer isto? Não, a sério, como é que conseguiu danificar todas as minhas cutículas? Usou um pé de cabra?

A manicura gesticulou freneticamente à sua chefe, talvez emudecida por se encontrar atordoada, talvez privada do vocabulário certo para responder de forma educada. O salão mergulhara em silêncio em poucos segundos, sem que ninguém olhasse deliberadamente para Bryony, mas com toda a gente imóvel para poder ouvir o que se estava a passar. Normalmente este tipo de atenção poderia levar uma pessoa a recuar, mas Bryony tinha claramente um sentimento de pudor muito diminuto. Há uma teoria sobre o colégio de Eton que diz que esta escola não produz os rapazes mais inteligentes, mas sim os mais confiantes. É por isso que todos esses bonequinhos medíocres dotados de sistema nervoso se sentem mais do que capazes de se aventurarem a ser primeiro-ministro. É para isso que se paga. Bryony tinha esse tipo de confiança. Podia comportar-se terrivelmente e estar-se completamente nas tintas.

A gerente veio ver o que se passava e encaminhou Bryony para a receção, claramente ciente de que era uma cliente disposta a fazer uma cena e ansiosa

por afastá-la das outras clientes. Mas não adiantava. Bryony tinha uma voz que entrava no ouvido e fazia questão de a usar em pleno fulgor.

— Isto é simplesmente humilhante; está a querer dizer-me que se orgulha de deixar as clientes sair do seu salão com as unhas despedaçadas? Disseram-me que este sítio era bom, mas a minha amiga devia estar embriagada quanto bastasse, porque eu nunca fiz uma manicura tão terrível. Tenho um vídeo para gravar mais logo. Alguém está à espera de que eu exponha as minhas mãos à câmara neste estado? — A gerente estava a emitir sons calmantes, fazendo ofertas e apresentando pedidos de desculpa, imagino eu. Não preciso de vos dizer que não havia nada de errado com as unhas dela, pois não? Pareciam perfeitamente bem, ótimas, mesmo. Isto era apenas uma jovem enfastiada a usar o seu poder porque a insatisfação é uma moeda de troca mais forte do que a delicadeza. — Escusado será dizer que não vou pagar por isto. — Bryony nem sequer estava a olhar para a mulher, estava a estudar os vernizes para as unhas que estavam em exposição. — E vou levar esta cor comigo para quando as minhas unhas inevitavelmente se lascarem daqui a poucas horas. Têm muita sorte de eu não pôr tudo isto nas minhas redes sociais — e, com isto, arrebatou um frasco de verniz e saiu porta fora, batendo com a porta atrás de si.

Caro leitor, ela pôs tudo nas redes sociais.

Já vos disse que não havia muito para saber sobre Bryony. E é verdade. Com ela, as águas não eram muito profundas. Tanto quanto posso dizer, não era exatamente estúpida, só nunca teve de ser esperta. Vivia uma vida muito agradável com tudo o que alguma vez desejou e, em consequência disso, não era muito simpática. Eu até iria mais longe. Ela parecia ser uma cretina completa. Uma palavra rude, que pode ser enunciada com diferentes graus de ferocidade e que define perfeitamente tantas e tantas pessoas. Não consigo fugir à verdade de qualificar as pessoas como desagradáveis ou inconvenientes. Jane Austen conseguiria engendrar uma expressão suficientemente aviltante para nos deixar boquiabertos sem recorrer ao vernáculo, é certo, mas ela não acabou em Limehouse como eu. Se tivesse acabado, imagino que Wickham teria recebido qualificativos piores do que simplesmente «frívolo e ocioso».

Talvez eu devesse tê-la conhecido melhor. Algumas pessoas poderão perguntar-se porque é que eu a julguei quase inteiramente com base na sua presença *online*, quando é universalmente sabido que ninguém é o seu verdadeiro eu na Internet. Este crime, mais do que outros, poderia fazer-nos sentir um crescente desconforto. «Eu compreendo que ela quisesse matar aqueles avós degenerados, mas esta rapariga é tão nova, provavelmente têm mais em comum do que aquilo que as separa.» Mas isto não é uma história de reconciliação com a família. Não é uma fábula em que alguém descobre que tem um conjunto de familiares à espera de o abraçar. E eu não sou uma ave ferida desesperadamente à procura desse refúgio. O que eu quero é que esta gente desapareça. Com as minhas desculpas a Isabel I, não tenho qualquer interesse em abrir janelas para as almas destas pessoas — ou em explorar a falta delas.

Bryony ainda vivia com os pais. Imagino que quando uma pessoa vive numa casa com 16 quartos e duas escadarias, pode perfeitamente fingir que está, de algum modo, a viver sozinha — presumo que ocupasse um piso, ou uma ala, se é que a mansão Artemis tinha tais pretensões. Ainda assim, continuava a viver em casa, já adulta. Como tinha feito um curso de design de joias em Londres e renunciado à experiência de uma verdadeira vida universitária, nunca chegou a sair. Nem por uma vez. Os pais compraram-lhe uma casa em Chelsea Mews quando fez 21 anos, mas ela nunca lá passou mais do que duas ou três noites. Em vez disso, usava-a para dar festas para os seus amigos jovens e bonitos, mas regressava sempre ao enclave familiar. Isto diz-vos alguma coisa sobre o seu carácter? Uma vez mais, pode ser que eu esteja a procurar encontrar sentido onde não o há, mas rejeitar todo o potencial que a vida adulta nos oferece parece-me ser um desperdício, e permanecer junto dos pais, quando se tem por pais Janine e Simon Artemis, parece-me ser um verdadeiro sinal de perigo para a personalidade seja de quem for.

Bryony não tinha um companheiro, ou, pelo menos, um companheiro de quem falasse. Eu tomei isto como um sinal de que estava sozinha, visto que os seus anteriores interesses amorosos estavam profusamente expostos nas redes e também nas colunas sociais. Referia-se a si mesma como pansexual, mas parecia só ter andado com homens. Pois.

Havia um pequeno cão que figurava amplamente na sua vida a certa altura e que depois, bem... deixou de aparecer. Muito se especulou sobre isto, e o *hashtag* #ONDEESTÁFENDI foi, durante algum tempo, bastante popular no Twitter, obrigando-a a admitir que tinha dado o cão ao seu *personal trainer* por problemas de raiva (por parte do cão, não dela).

Tinha um milhão de amigos, mas não tinha amigos nenhuns. Havia fotografias dela na cidade com outros ricos, mulheres de olhar vazio — bochecha com bochecha, mas sem nunca se tocarem —, mas a maior parte das imagens eram dela sozinha, olhando-se ao espelho, fingindo reagir a um fotógrafo imaginário.

Bryony não tinha emprego. Claro que se tinha aventurado como modelo (isto não quer dizer que tenha sido uma modelo de alta-costura, mas tão-só que foi embaixadora de uma marca para uma velha casa de costura inglesa caída no esquecimento e desesperadamente à procura de um novo impulso no seu perfil nas colunas sociais. Os outros embaixadores incluíam o filho de uma estrela de *rock* da terceira idade e um nobre de segunda categoria — suficientemente secundário para não se assemelhar em nada ao príncipe André), mas nunca fez um trabalho capaz de nos surpreender. «A filha do multimilionário? Ah, trabalha na agência imobiliária local, a fazer das tripas coração para subir na carreira.» Não. Claro que não. Teve um momento particularmente infeliz em que foi anunciado que iria desenhar um linha exclusiva de bandoletes enfeitadas para a Sassy Girl, quando alguém no departamento de relações-públicas, claramente desesperado para não ser despedido, tomou a iniciativa arriscada de a descrever como uma «artista de pedras preciosas» no material promocional. Não podem criticar os jornais por terem investigado a sua breve aventura (leia-se, seis semanas) num curso de design de joias e de lhe terem dado a alcunha de «diamante do papá».

Ainda assim, Bryony não é nada menos do que completamente imune à crítica. Não há como desencorajar uma rapariga branca superprivilegiada. Ela pode não precisar de um emprego a tempo inteiro, mas num mundo onde as mulheres são constantemente exortadas a ser «chefes», ela tinha de fazer alguma coisa para justificar a sua vida de altercações e aulas de ginástica consecutivas (teve uma breve passagem por um ateliê exclusivo para membros em Mayfair chamado Coletivo SS, que queria dizer «coletivo magro e forte», mas que servia para nos mostrar a todos que a História não é

bem ensinada nas nossas escolas). Por isso, Bryony fez aquilo que qualquer pessoa com um mínimo de autoestima faz hoje em dia: tomou-se *influencer*.

Muitas pessoas não sabem o que isso é. Não há razão nenhuma para se ser presunçosamente orgulhosa dessa falta de conhecimento. A única coisa pior do que alguém que devora entusiasticamente toda a cultura popular para depois a regurgitar (usando uma *t-shirt* a dizer «Todas devemos ser feministas» e fazendo, ao mesmo tempo, fila durante três quartos de hora para comprar os últimos ténis fabricados por mulheres numa fábrica sob condições desumanas) são aquelas pessoas que se orgulham de não compreender as novas tendências. Não são nada melhores por isso. Uma pessoa não marca pontos por tentar deliberadamente evitar saber o que se passa à sua volta. E quase de certeza que viram a edição digital do *Daily Mail* no último mês, por isso deixem de ser presunçosos. Um *influencer* é alguém que tem uma grande presença nas redes sociais e que usa isso para promover marcas a troco de dinheiro. Nada de muito diferente dos dias loucos dos anos 90, quando os atores de renome vendiam pastas de dentes noutros países por notas de mil. Bem, a não ser por este novo grupo não ser conhecido por mais nada que não o exercício da sua influência. Não existe qualquer talento por detrás dos seus mentores, nenhum canto, escrita ou arte que lhes tenha servido de trampolim para começar a dizer mal das coisas. Geralmente, são apenas mulheres brancas magras (ou homens brancos encorpados) que têm sorrisos sobrenaturalmente radiosos e casas de um bege desconcertante (tanto melhor para fotografar bugigangas) e que tentam convencer os seus acólitos de que têm um estilo de vida que os outros deviam tentar desesperadamente imitar. Normalmente, os *influencers* também batem na tecla da gratidão, ou do viver o momento, e fingem ter sofrido moderadamente de ansiedade ou terem-se debatido com uma dificuldade não especificada, a fim de se apresentarem como pessoas mais relacionáveis. As banalidades que estas pessoas atiram da boca para fora poderiam fazer rebentar a barreira do Tamisa. Ver algumas destas coisas poderá levar-nos a desejar que isso aconteça.

Era, portanto, um trabalho perfeito para Bryony. «Trabalho» talvez seja um exagero. Era uma ocupação perfeita para Bryony. Ela fazia vídeos diários ilustrando detalhadamente as suas atividades do dia a dia (um vídeo, com 180 mil visualizações, girava inteiramente em torno de uma ida ao osteopata),

publicava fotografias de si própria em várias poses com ar enfastiado, utilizando um conjunto variado de adereços e cenários. Quando digo adereços, refiro-me à sua estúpida alcatifa estupidamente fofa, à sua parede espelhada e ao seu guarda-fatos gigante. Quando digo cenários, refiro-me a destinos de férias exclusivos, muitas vezes acompanhados de *hashtags* que davam a entender que ela precisava desesperadamente de uma pausa — #precisodisto —, como se o carrossel de tratamentos de beleza, aulas de ginástica e discotecas a estivesse a deixar à beira de um esgotamento. Imagino que os seus fiéis seguidores, muitos deles auferindo salários presumivelmente miseráveis com contratos de trabalho intermitente, manifestassem a sua simpatia e aprovação para com isto e elogiassem a sua sensibilidade ao privilegiar os cuidados pessoais.

Ela intercalava fotografias dessas férias com publicações patrocinadas que se assemelhavam a tudo o resto no seu mural — como uma árvore escondida numa floresta. Estes anúncios pretendiam mostrar-nos como poderíamos ser um pouco mais parecidos com Bryony — com *kits* branqueadores de dentes, vestidos fluidos disponíveis para entrega no dia seguinte, um anel com as suas iniciais que ela descreveu como «obrigatório». Este tipo de coisas é devorado pela manada de seguidores do Instagram, ansiosos por se integrarem, desesperados por saberem o que é que é bom, o que é que funciona, o que é que os poderá distrair das suas vidas. Mas tudo não passa de um truque. Bryony estava a rir-se deles — ou talvez estivesse, se conseguisse retirar algum prazer de alguma coisa na sua vida. Talvez não a rir-se, mas a sorrir desdenhosamente. Porque se a minha meia-irmã quisesse branquear os dentes, ia ao melhor dentista de Harley Street. E se quisesse um vestido novo, desencantava uma nota de mil e mandava-o entregar numa caixa debruada a tecido por correio em menos de uma hora. As suas joias jamais lhe deixariam uma marca verde no dedo, eram todas da Cartier. As coisas que ela promove são fotografadas, descarregadas e descartadas. Posso facilmente imaginar que ela as dá à govemanta, mas também não me custa nada acreditar que as atire diretamente para o caixote do lixo.

O seu estilo de vida repugnava-me e seduzia-me em igual medida. Bem, quer dizer, isto não é bem verdade. Fascinava-me mais. Passei horas da minha vida a investigar a sua vida selecionada *online*, a ver os seus entediantes vídeos de maquilhagem e a assistir, às sete da tarde, às suas

sessões de perguntas e respostas, em que passa 15 minutos a responder diariamente a perguntas tão desassombradas como esta: «como é que o seu cabelo é tão brilhante?», a que ela responde com a intensidade e a seriedade de alguém que estivesse a testemunhar no tribunal de crimes de guerra. Apesar de a Internet ser um lugar onde podemos chegar mais perto dos nossos heróis, é também um lugar onde observamos/odiamos pessoas que faríamos tudo para evitar na vida real. Eu sempre disse a mim mesma que aquilo era uma investigação valiosa, mas envolver-me nela durante tanto tempo deixa-nos um sentimento de desmoralização e mácula. É como coçar repetidamente uma ferida e ficarmos muito espantados por acabarmos com uma cicatriz horrível.

A abertura de Bryony às redes sociais tinha-me apresentado muitas opções. Tinha demasiadas possibilidades — elaborava cenários tão complexos que, a certa altura, dei por mim a investigar de quanto tempo necessitaria para tirar uma licença de piloto de helicóptero. Tinha de reavaliar as coisas. Apesar de nem todos os meus planos terem sido elegantes, tinham sido eficazes. Às vezes, a falta de estilo incomodava-me um pouco. Quem é que não prefere despachar alguém com um pouco de inteligência, afinal? Mas seria o cúmulo da vaidade centrar todos os meus frágeis planos em função do aspeto visual da situação. E a vaidade pode fazer com que sejamos apanhados — perguntem aos muitos assassinos que acabaram na prisão porque ficaram perto do local do crime para admirar a sua obra, atraindo, desse modo, as atenções sobre eles.

Na verdade, o plano por que me decidi continha um elemento humorístico. Havia outra coisa que eu sabia sobre Bryony e, inicialmente, quase a excluía como algo que ela tivesse exagerado para impressionar os seguidores. Todos os *influencers* tentam mostrar uma qualquer vulnerabilidade menor. Ajuda a marca. Alguns fazem de conta ter uma doença mental aceitável, como eu já referi — a ansiedade costuma resultar, mas psicose, nunca. Outros insistem em maleitas como a doença de Lyme ou uma dor crónica tão vaga que ninguém possa refutar. Bryony decidiu arriscar algo de novo. Há algum tempo, fez um vídeo muito pessoal (percebi logo que era sério porque estava a usar um fato de treino preto simples e um mínimo de maquilhagem) sobre um diagnóstico recente que tinha abalado o seu mundo. A tremer, falou diretamente para a câmara, explicando que depois de

uma noite no Vardo (um restaurante que tinha aberto recentemente com grande pompa em Chelsea), tinha desfalecido e deixado de respirar. Após análises intensivas, o culpado tinha sido descoberto e foi revelado que ela nunca mais poderia voltar a comer um pêssego na vida. A notícia foi recebida com lágrimas, pois os pêssegos eram a sua fruta preferida. Quando vi esta história trágica, revirei os olhos e passei à frente. Mas ela não parou com os seus conselhos pessoais a si própria sobre os perigos dos frutos de caroço. O Fundo Nacional para as Alergias Alimentares entrou em contacto com ela, e Bryony encontrou aí uma pequena causa que a faria parecer séria e dotada de espírito cívico. Organizou uma noite de gala para angariar fundos para a investigação, persuadindo alguns criadores de moda a pôr o seu talento ao serviço de um evento em que ela e as suas amigas desfilavam por uma sala do Museu Britânico, espojando-se em estátuas de mármore e posando perto de antigos sarcófagos (se não houvera uma maldição de um faraó até então, pois bem, seria certamente agora). Aconselhava frequentemente os seguidores a estarem atentos às alergias dos seus amigos, um serviço que só era manchado por ela se ter associado a uma empresa de testagem de alergias privada e recomendado os seus *kits* de testagem de 79 libras para que pudéssemos ver se uma simples peça de fruta nos poderia matar ou não. #AD.

O seu mural não tardou a encher-se novamente de fotografias de alta-costura e pores do sol, e eu já quase me tinha esquecido da sua cruzada contra os frutos de caroço até uma noite em que ela fez uma transmissão em direto de uma ida às urgências. Para ser justa, ela estava com um aspeto tenebroso, mesmo com filtros, com os olhos muito inchados, a pele manchada, arquejando enquanto sussurrava para a câmara que tinha tido de levar três injeções de adrenalina depois de ter parado de respirar numa discoteca. Alguém lhe tinha dado um *cocktail*, asseverando alegremente que era isento de pêssego, e ela tinha-o emborcado de um só trago, até reconhecer imediatamente o sabor picante e desatar a correr para a saída completamente em pânico. Como os amigos dela eram imbecis, ou, mais trágico ainda, talvez por nem sequer a conhecerem realmente, ninguém juntou dois mais dois e se apercebeu de que ela estava a ter uma reação alérgica grave. Em vez disso, um dos porteiros achou que ela estava a ter um ataque de pânico e o outro desconfiou que ela estava apenas bêbeda. Só quando ela ficou roxa e caiu redonda no chão é que foi chamada uma ambulância. Pergunto-me se a

experiência de uma urgência do Serviço Nacional de Saúde não terá sido mais traumática para Bryony do que o episódio em si mesmo. Ela estava numa enfermaria pública, apenas com uma cortina a resguardar a sua privacidade, enquanto sussurrava para a câmara, confessando quão assustada estava. Não porque estivera quase a morrer, mas antes porque um homem bêbedo coberto de sangue na cama ao lado dela não parava de cantar uma canção de David Bowie. Ela não sabia que a canção era de Bowie, imagino que rejeitasse David Bowie como um excêntrico. Sempre com as prioridades bem definidas, aquela rapariga.

Já sabem o que vou fazer a seguir, não sabem? Deviam saber, pois é mais do que óbvio. Não quero ter de vos segurar a mão enquanto leem isto. Foi uma inspiração, é o que vos digo, apesar de a ideia me ter sido dada de bandeja. Deus enviou-me um barco e tudo isso. Cerca de dez pessoas morrem todos os anos de choque anafilático induzido por alimentos. Mesmo com todo o dinheiro e privilégios do mundo, porque é que ela não haveria de ser uma delas? É difícil detetar uma intolerância mortal aos pêssegos num inimigo distante.

Mas porque é que desta vez não haveria de ser fácil? Alguns destes crimes exigiram um planeamento cuidadoso — não nos esqueçamos das semanas de trabalho aturado com rãs, da imersão profunda na cena noturna das festas sexuais de Londres. Passei meses a tentar descobrir até que ponto conseguiria manipular um miúdo na Internet para chegar até Janine. Difícil quando se tem um trabalho a tempo inteiro, um hábito cada vez mais obsessivo de fazer corridas de longa distância (Lady Macbeth caminhava durante o sono, tentando esfregar sangue imaginário das suas mãos, eu corro durante quilómetros em qualquer direção que me afaste dos meus crimes, é verdade, não é preciso terapia nenhuma, obrigada na mesma) e uma propensão para a ansiedade que não é propriamente uma falha de carácter, mas que não ajuda nada quando estamos a gerir responsabilidades.

Nunca soube exatamente quão próxima era Bryony dos pais. Por muito que tivesse estudado a família e me tivesse aproximado dos seus empregados, eles mantinham-se à parte, vivendo num mundo a que eu nunca teria acesso — por mais que subisse na vida ou por muito que os perseguisse. Aquilo que eu sabia ao certo — que ela era filha única, que ainda vivia com a família em casa, que nunca se referia aos pais nas redes sociais — confundia-se com

certos boatos. A mãe dela passava a maior parte do tempo no Mônaco (coisa que ninguém faz, a menos que esteja muito interessado em evitar impostos), aí tendo vivido pelo menos oito meses por ano nos últimos cinco anos. Simon apanhava um avião para lá de vez em quando, mas parecia estar sediado aqui a tempo inteiro. Bryony, como todas as raparigas do seu mundo, frequentava Saint-Tropez, mas não parecia aparecer *chez maman* muitas vezes. A última visita oficial (oficial por ela a publicar no Instagram) tinha sido dois anos antes de Janine ter tido o seu infeliz acidente. Mesmo depois de Janine morrer, não havia nenhuma referência direta a ela nas redes sociais de Bryony. Fez um intervalo de três semanas nas publicações, depois regressou com uma imagem da sua silhueta sobre um sol poente, complementada com um *emoji* de um coração, e passados dois dias já estava a publicar conteúdos promocionais. Janine foi enterrada em Inglaterra e a casa que ela tinha no Mônaco estava vazia desde então. Não consigo imaginar que tenha sido por razões sentimentais, mas antes porque a casa era onde estava registada a empresa.

Tudo o resto eram suposições com base em toda esta informação. Comecei a desconfiar que Simon e Janine viviam vidas completamente separadas, provavelmente há já muito tempo. Isto não era apenas por causa da situação do Mônaco (apesar de isso ter, evidentemente, fortalecido a teoria — quem é que passa a maior parte do ano longe de um parceiro se não precisar de o fazer?), há já muito que corriam rumores de que Janine se tinha cansado das infidelidades constantes de Simon e que tinha finalmente tomado providências para se proteger, bem como aos seus interesses nos negócios. O rumor (secundado por Tina, que o reiterou num sussurro excitado num dia em que me encontrei com ela depois do trabalho) era que a gota de água tinha sido quando se descobrira que Simon mantivera outro iate para a sua amante e que tinha usado uma lancha para o transportar para ir e vir de lá quando estava a passar férias em família. Ameaçando divorciar-se e tirar-lhe metade do dinheiro, Janine jogou uma carta de mestre e conseguiu, de alguma maneira (com a ajuda de um batalhão de contabilistas a quem deve ter pagado belíssimas quantias), persuadir Simon de que não havia outra opção. Não haveria divórcio nem perda de ativos, mas ele tinha de lhe entregar a direção dos negócios. Simon deve ter feito as contas, tomado consciência de que este acordo o manteria prisioneiro de Janine, e, mesmo assim, assinou os papéis.

Era melhor ser um prisioneiro rico do que sofrer a indignidade de ver os tabloides a vasculhar a sua vida privada e ter de entregar um elevadíssimo quinhão de dinheiro a saque. Havia um ponto positivo — Janine a viver no Mónaco significava que não teria de continuar a pagar impostos. As pessoas ricas olham para os impostos da mesma maneira que algumas pessoas olham para as alterações climáticas — é uma questão de justiça social que merece que as pessoas vão para a rua manifestar-se. Os muito ricos vivem, no essencial, na convicção de que foram eles a ganhar esse dinheiro. Não têm tempo para qualquer discussão teórica sobre se é realmente possível que alguém mereça essa acumulação individual de riqueza quando a têm, tomam-se como Gollum, ferozes na proteção dos seus bens e riqueza.

Por isso, Janine vivia uma vida agradável no Mónaco, onde os almoços eram planeados durante semanas e havia muitas queixas a fazer sobre as responsabilidades dos empregados, ao passo que Simon era livre de fazer o que bem lhe apetecesse em Londres. Na verdade, Bryony não estava minimamente envolvida na equação. Era a filha deles, na medida em que usava o apelido da família e fazia a ponte entre os pais, mas não era de crer que ficasse a jogar Monopólio à lareira no Natal com eles. Não era o tipo de família que reconheçêssemos como funcional ou disfuncional. Em vez disso, a sua unidade parecia uma coisa que tinha todos os atributos de algo invejável, sem que nenhuma das emoções correspondentes estivesse presente.

Talvez eu estivesse enganada. O problema em fazer tudo isto à distância era que eu nunca conseguia conhecer estas pessoas nem os seus pensamentos mais íntimos. Uma vez mais, eu achava que compreendia Jimmy por dentro e por fora, e ele surpreendeu-me. A sua traição tomava-o pelo menos cinco por cento mais interessante. Talvez Janine e Simon amassem mesmo Bryony de forma profunda e real. Eu só podia contar com o que me era dado entrever. Não que isso importasse, eu não estava a tentar absolver-me nem esperava que não doesse a Simon perder a filha. Tê-lo-ia matado primeiro se o quisesse poupar a essa dor. Não, obviamente que a ordem por que eu matei os seus entes queridos era crucial. Foi por isso que ele ficou para último. Tinha de passar por tudo. A revelação seria aquilo que daria cabo dele.

Eu sabia que era um golpe arriscado — não podia confiar numa

abordagem tão negligente — e, no entanto, havia algo dentro de mim que não podia dar o assunto por encerrado sem sequer o tentar, ainda que de um ângulo ligeiramente diferente. Não iria desperdiçar muito tempo com isto — era uma tentativa única e tinha de ser feita depressa, sem pensar demasiado. Fiz uma pausa no trabalho à hora do almoço para comprar em dinheiro seis produtos de beleza de luxo em diferentes lojas. Comprei uma série de cremes faciais, um dos quais com extrato de pêsego. Quando voltei ao escritório, tranquei-me na casa de banho fora de serviço, espalhei-os no chão e pus-me a trabalhar. O frasco mais caro continha uma máscara facial feita de pérolas (há alguma coisa que as marcas de hoje não acrescentem a um produto de beleza para o tornar mais desejável? Há de chegar o dia em que um diretor de *marketing* bem-pensante irá sugerir utilizar antimatéria num sérum noturno e as senhoras ricas de Londres, Moscovo e Nova Iorque vão gostar imenso) e eu arrisquei apostar que Bryony iria, se se desse sequer ao trabalho de abrir a caixa, dar especial atenção ao produto mais caro. Este era o frasco em que eu estava a apostar tudo. Era como uma árvore escondida numa floresta cheia de outras árvores — daí os outros produtos prontos a serem empacotados num embrulho atraente. Tudo coisas boas, mas ela já devia ter experimentado a maior parte. E não há nada como aliciar uma *instagrammer* vaidosa com um novo produto, prometendo um nível de luminosidade nunca visto.

A máscara facial e o creme que continha o extrato de caroço de pêsego eram fabricados pela mesma marca. Isso era importante para qualquer investigação futura. Os outros produtos eram uma mixórdia de marcas. Decantei quatro pingos de creme para o frasco da máscara facial usando uma pipeta que tinha comprado numa clínica veterinária algumas semanas antes (para o problema de vista do meu pobre cão. Os amantes de animais estão sempre loucos para falar de maleitas, e eu tive de me esforçar bastante para explicar o olho inflamado do meu cão fictício à enfermeira que parecia achar esta situação completamente fascinante) e agitei o frasco vigorosamente. Ao abri-lo outra vez, cheirei o líquido. Se cheirasse a pêsego, poderia estar a meter-me num sarilho. O cheiro era idêntico a qualquer vulgar loção facial. Doce, mas não reconhecivelmente frutado. Precisava de me sentir um pouco mais segura, e acrescentei uma gota de essência de amêndoa para bolos só para me certificar. É uma coisa que se sobrepõe a qualquer outra coisa numa receita. Mais uma agitadela e voltei a cheirar. Sucesso. O líquido fazia-me

lembrar uma pastelaria, quente e reconfortante, o que, em vista dos meus objetivos, parecia agradavelmente inapropriado.

Limpei cuidadosamente o frasco com um toalhete de bebê e atirei o extrato de pêssego para o lixo. Os produtos foram então para uma caixa de cartão simples enfeitada com papel de seda. Num cartão apenso lia-se apenas «Bryony, espero que gostes destas delícias — a máscara facial de pérolas é um sonho! Beijinhos». Eu estava ansiosa por dizer que era de MORRER, mas não me permiti ser tão contundente. Depois de embrulhar tudo, escondi a caixa num saco debaixo da minha secretária e tentei esquecer tudo aquilo enquanto o dia de trabalho corria lentamente.

Normalmente, não era pessoa para sair às cinco e meia em ponto. As pessoas que o fazem são geralmente os colegas mais chatos e insuportáveis — daqueles que fazem reuniões intermináveis e inconsequentes e que teimam em estabelecer um sistema adequado para o frigorífico comum, mas que se recusam a envolver-se seriamente no trabalho. São também os empregados mais difíceis de despedir, pois costumam ler atentamente todos os requisitos do contrato e sabem exatamente como passar entre os pingos da chuva. E não é que isso tenha importância, mas este tipo de colegas em particular nunca são carismáticos e atraentes. Não saem às cinco e meia para ir mudar de roupa a caminho de uma festa empolgante.

Mas, às cinco e meia em ponto, arrumei as minhas coisas e saí, referindo vagamente uma consulta médica, para o caso de alguém franzir o sobrolho. Ninguém o fez. As pessoas entravam e saíam a toda a hora para os seus compromissos, e não era raro alguns membros do pessoal tirarem «horas de cuidados», em que se ausentavam do escritório para uma sessão de branqueamento dos dentes ou de depilação das sobrancelhas. «É ótimo para a interação com os clientes», costumava dizer a minha chefe, com o que não pretendia mais do que continuar a ir meter *botox* durante as horas de expediente.

Consegui chegar ao ponto de entrega de encomendas cinco minutos antes de fechar. Enviei o embrulho com correio registado, partindo do princípio de que seria a governanta dos Artemis a recebê-lo, e não dei quaisquer informações sobre o remetente. Ela não iria procurá-las — pessoas como Bryony recebem centenas de caixas com presentes por semana. Enquanto saía

para a luz evanescente do outono, a campainha da loja tocou enquanto a porta se fechava atrás de mim. Eu tomei isto como um sinal. Não iria verificar as redes sociais de Bryony na esperança de a ver sucumbir. Tinha tentado o meu golpe, e agora já não estava nas minhas mãos.

Passei o mês seguinte ocupada no trabalho. Estava a aproximar-se a época dos saldos, e eu estava ocupada a organizar as campanhas nas redes sociais e a certificar-me de que os *e-mails* de desconto eram enviados aos clientes que se haviam inscrito para os receber. Sabia que 95 por cento ficavam por ler, esquecidos nas caixas de *spam* onde iam parar. Era um exercício inútil, mas os dados eram inestimáveis, diziam-nos. O tom das mensagens que enviávamos era suficiente para tornar o mais fervoroso comprador num anticonsumista encartado. A palavra «Fri-yay» tinha sido usada num *e-mail* antes de eu a apagar. E quando não estava a tentar preservar a língua inglesa e a minha própria dignidade no escritório, estava à procura de novas maneiras de matar Bryony.

Tal como acontecera com todas as mortes anteriores, parecia importante que esta tivesse lugar enquanto Bryony estivesse a fazer algo de normal para *ela*. Isso conferia mais credibilidade à hipótese accidental e requeria menos planeamento elaborado. Eu quero ver estes crimes executados — bem executados, sim, mas não sou uma adepta entusiástica do homicídio, empenhada em investigar as formas mais horrendas e fascinantes de matar. Um bom crime exige uma certa arte. Admito que fico impressionada pelo trabalho a que algumas pessoas se dão, mas não quero ser apanhada em planos cada vez mais extravagantes que ainda acabem comigo a pendurar uma tirolesa no centro de Londres para decapitar alguém com uma espada de samurai para maior efeito dramático.

Depois de muitas falsas partidas, surgiu uma potencial oportunidade. Existe um homem, de que alguns de vocês já terão ouvido falar, que se tornou um esteio da indústria do bem-estar. Chama-se Russell Chan e fez milhões com um programa nutricional chamado «Manifestar e manter». Se ainda não ouviram falar neste disparate, poderiam passar mil anos a tentar adivinhar o que é que esta empresa faz com base no seu nome, por isso vou poupar-vos o trabalho. A sua marca, ou «inovação», como ele lhe chamou

numa conferência TED a que eu assisti durante três minutos antes de decidir que preferia cortar os pulsos, consiste essencialmente em duas coisas. A primeira é fazer-nos copiar afirmações positivas em pequenos papeluchos coloridos que ele nos enviará assim que nos inscrevermos e que deveremos depois afixar pela nossa casa. A segunda é dizer-nos para fazermos 85 minutos de exercício por dia e dar-nos receitas de sumos todas as manhãs. A criatividade requerida para apresentar diferentes combinações de fruta e vegetais 365 dias por ano (não se pense, de maneira alguma, que se pode abrir uma exceção no dia de Natal) é surpreendente — e por surpreendente quero dizer um desperdício de um diploma de um nutricionista qualquer. As notas de afixar escondem que isto é um plano de dieta. O *download* da aplicação MM custa 8,99 libras e ainda temos de pagar mais 4 paus por mês para o resto da vida. Há pessoas que tentaram cancelar as subscrições, mas nunca conheci ninguém que o tivesse conseguido. Mas a maior parte das pessoas não o faz, porque os idiotas ADORAM Russell Chan. Parecem incrédulos quando perdem peso, como se tivessem acabado de descobrir uma ciência oculta e não um plano de substituição de refeições que elimina todas as opções calóricas. Falam repetidamente da confiança que retiram de (presumo eu) citações inspiradoras geradas por computador que colam pelas paredes das suas casas desprovidas de livros, onde, presume-se, lutam pelo espaço entre a placa de madeira recuperada que diz «Amor» e os cestos de plantas rosa-*gold*.

Eu admiro Chan. É um monstro terrível, mas não faz mais do que extorquir dinheiro a quem quer. Abandonou o mundo financeiro bem antes da grande queda da Bolsa há alguns anos, e entrou imediatamente para o mercado do bem-estar — usando o cérebro do banqueiro para especular com o que as massas desejam num tempo de insegurança financeira. E fez milhões com isso — apostando, e bem, que a multidão iria querer tratar-se de maneiras modestas, mas reconfortantes, encontrar paz de espírito em banalidades e, ponto crucial, melhorar o aspeto. Uma pessoa já não consegue contrair um empréstimo para a casa, mas pode usar *leggings* lustrosas com essa confiança recém-descoberta.

Por isso, a ideologia MM está disponível para as massas, mas assenta num aspeto exclusivo. Chan sabia desde o primeiro momento que o esquema só resultaria se as pessoas bonitas representassem para ele. Todos os anos,

por volta de maio, convida 100 das personagens mais influentes para o seu retiro privado em Ibiza, onde dá um fim de semana de aulas de exercícios, *workshops* de sumos e seminários de positividade. Todos os anos, sem exceção, o *Daily Mail* e outras publicações sempre atentas às celebridades puxam incansavelmente o lustro às contas de Instagram das ditas personagens, fazendo capturas de ecrã das pessoas bonitas a fazer saudações ao Sol em piscinas infinitas, abraçadas umas às outras num emaranhado confuso de membros bronzeados subnutridos e falando efusivamente do quanto aprenderam sobre a sua própria alma naquela visita de três dias. Na última noite, há uma festa onde, de acordo com uma rapariga minha conhecida que trabalha em relações-públicas de produtos de beleza, são misturadas doses copiosas de álcool e drogas com os batidos de fruta, deixando toda a gente desfigurada, e onde não são permitidos telefones. Suponho que os atos de arromba desta última noite funcionam como uma compensação por todos os passeios fastidiosos que as pessoas foram obrigadas a fazer ao longo dos dois dias anteriores.

Adivinhem quem é que iria a este retiro...

Soube dos planos de Bryony porque a mãezinha chata da minha conta de Instagram segue quase toda a gente que ela segue e eu vejo tudo. Meses antes já Chan se dedicava a aliciar os seus oito milhões de seguidores com fotografias do projetado fim de semana em Ibiza, utilizando o duvidoso *hashtag* #hedonismolimpo sob as fotografias dos tapetes de ioga cuidadosamente alinhados no terraço e vídeos de empregados com fatos de linho branco a aparar a relva. Por baixo de uma imagem de balões de néon atados a uma árvore, Bryony tinha publicado um comentário: «Ansiosa por me juntar à minha tribo espiritual».

Meti mãos à obra. O fim de semana propriamente dito seria inacessível, mas a festa parecia ser algo em que eu poderia tentar trabalhar. Fiz uma pesquisa para tentar descobrir quem é que tinha organizado a última festa — não era impossível, visto que toda a gente identifica toda a gente nas redes sociais como forma de obter descontos por trabalho genuíno. Como seria de esperar, o evento foi organizado por uma empresa sediada em Watford chamada Bespoke Bangers. A verdadeira onda balear. Eu tinha feito serviço de atendimento em muitos eventos quando tinha 20 e poucos anos e sentia-me confiante para servir um grupo de modelos cheios de cocaína. Havia um

formulário na página deles e eu preenchi-o, enfatizando as muitas festas exclusivas (e imaginárias) em que já tinha trabalhado. Sublinhei que iria estar a trabalhar em Ibiza por volta da data da festa, e expliquei que tinha ouvido dizer que tinham clientes na ilha e que estava à procura de turnos extra. Alguém chamado Sasha respondeu passadas 24 horas, convocando uma videochamada que eu assumi que serviria para se certificarem de que eu era suficientemente atraente para o evento. Por mim, tudo bem — tinha um nome fictício para me encobrir, e não iria cometer a estupidez de enviar uma fotografia que poderia ser facilmente recuperada.

Maquilei-me para a conversa, escurecendo as sobrancelhas e aplicando batom vermelho, duas coisas que alteram subtil, mas eficazmente, o rosto. Sasha ligou uma hora e meia mais tarde do que o combinado, o que fez com que eu tivesse de saltar de um autocarro e entrar à pressa num café para atender a chamada. Foi brusca e determinada, pedindo-me para fazer alguns turnos em Londres ao longo da semana seguinte para terem a certeza de que eu seria uma boa colaboradora para a empresa. A chamada demorou menos de cinco minutos, o que confirmou a minha ideia de que o seu principal propósito era avaliar a minha aparência. Acordámos que eu iria trabalhar num evento no Shard na terça-feira seguinte. Os pormenores eram vagos, mas era um evento de um *YouTuber* bem conhecido que estava a lançar um autobronzeador. Eu devia lá estar às cinco da tarde e usar calças pretas — ser-me-ia dada uma camisola.

«Não olhe para os convidados a não ser que lhes esteja a oferecer uma bebida — ninguém quer ver os olhos deslumbrados de uma empregada arrepiante», dissera Sasha enquanto escrevia no teclado, pondo em prática a sua própria recomendação em relação ao contacto visual.

O evento correu calmamente. Tive de sair a correr do trabalho, era mais um dia a sair mais cedo, mas que mais podia eu fazer? A sala era banhada por uma luz aveludada, com arranjos de flores espalhados a toda a volta e sacos com guloseimas enfiados debaixo das mesas peçadas de bolachas com o logótipo da empresa em *glacé*. Estava longe de estar cheio, mas toda a gente estava a tirar *selfies* avidamente com o anfitrião, que parecia satisfeito com os convidados entretidos a fazer vídeos em direto da parede de balões. Eu servi o champanhe e mantive a cabeça adequadamente inclinada para baixo. Não é que reconhecesse uma única destas pessoas. A previsão de Warhol sobre o

futuro da fama foi completamente ultrapassada pela ascensão das personalidades *online*. Um quarto de hora parece singularmente estranho quando vemos estes miúdos de cabeça oca a tentarem desesperadamente fazer com que um vídeo se torne viral de manhã à noite.

As reações foram obviamente do agrado de Sasha, e eu fui recrutada para mais três eventos em Londres. Eram pagos em dinheiro, o que foi um alívio, e geralmente acabavam ao fim de duas horas — a juventude londrina não se alonga por aí além, preferindo ir para casa aplicar uma máscara facial ao mesmo tempo que assiste à última novidade da Netflix.

Um mês depois, recebi uma mensagem de Sasha a dizer que tinha três eventos programados em Ibiza em que eu podia trabalhar. Enviou as datas, e uma delas coincidia com a última noite do retiro de bem-estar. Não havia mais informação, mas eu sentia-me bastante confiante de que não haveria duas festas a acontecer na mesma noite organizadas pelos Bespoke Bangers. Respondi imediatamente, confirmando a minha disponibilidade, e marquei voos e alojamento para a minha estadia em Ibiza nessa noite. Não iria afastar-me muito da minha ideia original. Bryony gostava de beber, e uma festa tão hedonística como a da MM iria provavelmente tornar-se rapidamente confusa. Nada como um jejum de sumos de três dias para uma pessoa ficar embriagada com um *cocktail*. Algumas gotas de puré de pêssego num copo e ela acabaria estendida na pista de dança ao fim de alguns minutos. Teria um grupo de gente obcecada com a saúde à volta dela, mas eu era capaz de apostar a minha própria vida que nenhum deles teria preparação médica para a ajudar. Tinha seis semanas de espera pela frente.

Só que afinal não foi preciso, porque Bryony morreu nessa mesma noite.

Nem sequer soube de nada até às oito da noite do dia seguinte. Por mais que sejamos bombardeados com notícias durante todo o dia, é incrivelmente fácil ignorar tudo se nos acontecer uma coisa tão simples como esquecermos de carregar o telemóvel. Eu estava fora do escritório nessa quarta-feira, um dia de formação destinado a «empoderar as mulheres nas empresas». Era obrigatório, o que dava a entender que tinha mais a ver com o aprofundamento das recentes alegações de assédio sexual contra um chefe de equipa do que com a promoção das mulheres nas empresas. Ao fim de oito

horas passadas em sessões em que 14 de nós nos sentávamos num círculo e nos confrontávamos com cenários de trabalho umas às outras, esquivei-me ao convívio no final e precipitei-me para o metro. O meu telefone estava sem bateria, por isso passei a viagem a ver um jovem casal a discutir se o seu êxito em manter uma planta viva em casa significava se já estavam ou não prontos para ter um cão. Ela revirava muito os olhos, e ele ainda desviava mais o olhar. Fiquei preocupada com aquele cão imaginário. Até tive um bocadinho de pena da planta.

Enquanto saía da estação do metro, peguei num *Evening Standard* e enrolei-o, enfiando-o na mala. Vinte minutos depois estava em casa, e fui desembulhar a comida que tinha comprado na loja de alimentação saudável do bairro e ligar o aquecimento. Foi só então que tirei o jornal da mala e me sentei na mesa da cozinha. O artigo principal era uma coisa tipicamente aborrecida sobre a escassez de habitações sociais, que saltei imediatamente, pois toda a gente sabe que o *Standard* só faz destaques com este tipo de notícias para que o resto do jornal possa ser preenchido com a divulgação de uma nova casa de gelados de dez paus em Kensington ou com uma peça elogiosa sobre uma aula de ginásio onde são utilizados pesos de ouro. Ao lado, estava uma pequena fotografia de uma rapariga, uma *selfie* tirada de um ângulo oblíquo, com 75 por cento de boca. Senti o habitual silvo da adrenalina a correr-me pelas veias. A adrenalina aumenta os nossos níveis de energia até 100 ao mesmo tempo que congela o tempo. Tudo fica mais lento, tudo se torna difuso, as nossas reações ficam embotadas. Eu percebi intuitivamente para quem estava a olhar, mas o nevoeiro que tinha envolvido o meu cérebro impediu-me de registar plenamente o que estava a acontecer por um breve instante. «Herdeira morta aos 27». Abri o jornal, e ali, na página 3, estava outra fotografia dela, desta vez muito mais nova, a posar entre os pais num evento qualquer.

Bryony.

Os pormenores eram escassos. Tinha sido encontrada inconsciente no seu quarto às sete e meia da tarde por um membro do pessoal (leia-se, empregada doméstica). Foram chamados os paramédicos, mas ela foi dada como morta no local. Este artigo referia a morte trágica da sua mãe escassos meses antes, sugerindo a hipótese de suicídio. Eu sabia que isso era um disparate. Bryony nunca se teria suicidado numa situação de luto. Ela não atingia esses níveis

emocionais, para ela tudo era tédio, escárnio ou desejo. Só coisas básicas. O representante da família apelara à privacidade naquele momento difícil, e para além das coisas básicas sobre Simon e a sua vida dourada, não eram dadas mais informações.

Eu passei uma hora frenética a consultar o Instagram, *sites* de notícias e blogues de mexericos. A sua última publicação tinha sido feita às quatro da manhã, uma fotografia dela embrulhada numa manta a olhar para um cão salsicha (felizmente, esta era apenas uma partilha intitulada #ONDEESTÁFENDI, que estava sentado ao seu lado). Na legenda, lia-se «quando o meu bebé quer mimo». Por isso não havia quaisquer indicações para ajudar a imprensa a desenvolver a sua narrativa trágica da menina rica. Noutras páginas, alguns amigos do Instagram professavam o seu choque com *emojis* de mãos a rezar e caras a chorar. Havia mensagens com RIP espalhadas por toda a parte, uma expressão que sempre detestei. Descanse em paz. Por muito viva ou engraçada ou ansiosa por viver que a pessoa estivesse. Agora descansa. Um comentário genérico e sem sentido. Mas não havia pormenores, nada de palpável. Onde estava Simon? Estaria em casa quando aconteceu ou estaria fora com uma nova conquista, a jantar num bar para membros exclusivos, a fechar um negócio qualquer? Como é que ele soube? Teria sido a empregada a telefonar-lhe ou a polícia? Sentir-se-ia sozinho, sem a sua mulher, sem a sua filha? A sua única filha reconhecida, com os seus pais desaparecidos. O seu irmão morto. Teria já alguma vaga suspeita do que se estava a passar? Como poderia tê-la? Tinha conseguido negligenciar a minha existência da mesma maneira que lidava com qualquer outro pormenor indesejável da sua vida privilegiada.

Mas eu também me sentia sozinha. Em todas as outras mortes, tinha sido eu a precipitar as coisas, estivera lá para escutar o último fôlego, sentia que tinha as coisas sob controlo. Agora, estava como toda a gente que tinha pegado num jornal. Não sabia nada e não podia contar a ninguém. Pela primeira vez em muito tempo, desejava ter a minha mãe comigo. Queria que ela soubesse que a sua filha era a que estava viva, que estava a fazer isto por ela, que nunca iria permitir que a sua vida tivesse sido descartada e esquecida por esta gente. Mas não iria ser uma dessas pessoas que julgam que conseguem sentir os seus entes desaparecidos sorrir-lhes do alto, e não iria deixar-me arrastar para um ritual de autocomiseração lamechas. Abri uma

garrafa de vinho e pus água a correr para um banho. Bryony estava morta, os pormenores podiam esperar. O seu desaparecimento significava muito mais do que a simples supressão de mais um nome da minha lista. Só faltava mais um. Meu querido pai, estava pronta para ir atrás de ti.

Capítulo 14

Escrever tudo isto fez-me rir. Que final tão dramático e pleno de *suspense*. Mas eu tinha acabado a história do falecimento de Bryony às duas da manhã, no meio de um silêncio e escuridão totais. Nem sequer ouvia Kelly ressonar. Estava um pouco nervosa quando acabei, recordando o momento em que me dei conta de que me restava um único alvo. Tinha estado tão perto e tinha sido tudo tão monumental. Dos confins desta cela, quem me dera ter usufruído um pouco mais desses momentos. Devia ter ido dançar depois de cada crime, ou ter comprado joias preciosas por cada alvo que tivesse assinalado com uma cruz na minha lista. Sim, eu tinha uma lista, já vos tinha dito? Uma lista física, quero eu dizer. Estava escrita a lápis no verso de uma fotografia minha com a minha mãe. Os Latimer tinham-ma dado no Natal, pouco depois de eu me ter mudado para a sua casa. Não foi uma surpresa por aí além, visto que a fotografia era minha. Mas Sophie tinha-a encontrado na gaveta da minha secretária e mandado fazer uma moldura para poder ser convenientemente exposta.

— Tens de ver isto todos os dias, minha querida — disse ela quando abri o embrulho. — A tua mãe gostava tanto de ti. — É claro que eu já sabia disto, e não precisava que Sophie mo viesse dizer. Para além disso, não estou certa de que Sophie alguma vez tivesse falado realmente com a minha mãe, para além de breves combinações sobre encontros para brincar (que tinham sempre lugar em casa dos Latimer, por ser «muito mais fácil para os miúdos brincarem com este espaço todo», dizia ela a Marie), por isso, a sua insistência em me recordar constantemente que eu tinha sido muito amada costumava tornar-se ligeiramente irritante. Jimmy costumava revirar os olhos sempre que Sophie se punha a cantarolar como Marie teria ficado orgulhosa dos meus resultados nos exames ou dos meus «excelentes» bolinhos com cobertura. Graças a Zeus por Jimmy.

Mas era uma moldura bonita, e eu pendurei-a sobre a minha cama em casa dos Latimer. Quando saí, ficou sempre exposta onde eu a pudesse ver quando me levantava. Quando estava a planear como matar Kathleen e Jeremy, tinha-a tirado da parede e pegado nela, olhando por momentos para a

cara de Marie, perguntando-me o que é que ela acharia das minhas intenções. Provavelmente, teria ficado horrorizada e angustiada, devastada por eu ter decidido passar a minha vida a tentar vingá-la. Mas ela não estava aqui para me dizer isso, por isso não tinha de dar demasiada importância à sua opinião. Para além disso, estava a fazer isto também por mim. Marie estava morta e enterrada. Em vida, nunca quisera corrigir os males que lhe foram infligidos. Ambas sofremos porque ela era demasiado fraca para exigir o que era justo. Eu tinha acabado como um extra numa família que não era a minha, sem qualquer amparo ou rede de segurança. Sofrendo o golpe de perder a minha mãe e de ver o meu pai desfilar com a sua família legítima pelos quatro cantos da cidade. Se eu queria repor o equilíbrio, ela não teria pelo que protestar.

Antes de voltar a pôr a fotografia na parede, tinha tirado o lápis com que estava a tomar notas e rabisquei os nomes de todos os Artemis que achei que devia matar nas costas da moldura. As marcas eram suficientemente ténues para que uma pessoa não desse por elas, a menos que estivesse a olhar com muita atenção, mas de cada vez que riscara um dos nomes, tinha inclinado o lápis, passando por cima de cada letra até estas ficarem completamente rasuradas. Era um marcador pequeno, mas importante. Mas também podia ter comprado algumas joias.

Depois de ter acabado de contar a história de Bryony e o seu triste encontro com o sêrum de pêssego, adormeci, acordando em pânico quando ouvi a campainha. Ainda estava a segurar o meu bloco de notas, e Kelly estava a cirandar pela cela, a entoar uma interpretação horrível de uma canção dos One Direction. Presumo que o original já fosse bastante mau, mas o seu timbre tomava-a infinitamente pior. Enfiei o caderno entre o colchão e a armação da cama e disse bom dia. Arriscar-me a que Kelly visse o meu trabalho era um erro estúpido e negligente. Fiquei a vê-la escovar os dentes e aplicar uma base escura demais para o seu tom de pele. Quando aqui cheguei, surpreendeu-me ver quantas mulheres fazem um esforço para cuidarem do seu aspeto enquanto estão aqui trancadas, mas agora percebo melhor. Se não tivermos cuidado, a prisão tenta dominar todas as partes de nós. Desde coisas tão prosaicas como quantos pares de meias uma pessoa pode ter, até outras mais íntimas, como mudar as coisas com que sonhamos. Antes de vir para aqui, tinha sonhos vívidos e surreais quase todas as noites. Agora, sonho

apenas com uma única coisa. Vou a correr à beira-rio com o vento a soprar atrás de mim e o céu a toda a volta. Não é preciso Freud para analisar isto. Por isso, um toque de maquilhagem ajuda a equilibrar-nos um pouco, compreendo. Mas mistura-a melhor, Kelly, é só isso que falta.

Sentia-me bastante confiante de que ela não tinha visto o meu bloco de notas. O seu comportamento era tão leve e jovial como sempre, e estava a tagarelar sobre uma visita que iria ter nesse dia.

— Um amigo — disse ela, enquanto aplicava camada sobre camada de máscara —, mas talvez ele queira algo mais. Não o censuro. — Kelly olhou para mim através do espelho, e eu percebi que a rapariga estava ansiosa que eu lhe perguntasse algo mais sobre este visitante. Mas eu não estava com disposição para ouvir um monólogo ligeiramente desiludido em como ela era desejável para o sexo oposto, por isso vesti o meu fato de treino, disse-lhe que esperava que corresse bem e dirigi-me para a biblioteca.

Tenho de acabar de explicar o que aconteceu com Caro, visto que é por isso que aqui estou, vestida com um fato de treino de poliéster, em vez de uma coisa gira da MaxMara. É por isso que Kelly é a pessoa mais próxima de mim, visto que Jimmy não responde às minhas cartas e eu já me dei conta de que tenho muito poucos amigos. Eu já sabia disso antes, na verdade, não se pode dizer que tenha passado a minha vida a cultivar essas relações antes de tudo isto acontecer. Estava possuída, agora apercebo-me disso. Foquei-me apenas no meu plano para derrubar a família Artemis e nem sequer tive a providência de construir uma vida que estivesse à minha espera quando tudo terminasse. Estúpido, claro está. Contei que Jimmy estivesse à minha espera quando concluísse os meus crimes, julgando que ele seria suficiente e que o resto viria facilmente. E a maior parte das pessoas são terríveis. Burras ou chatas, ou então uma combinação das duas coisas. Eu não conseguia suportar isso, por isso nunca tentei fazê-lo. A minha presente situação também não serviu para modificar esta minha atitude.

Mas Jimmy não foi a presença constante que eu esperava que ele fosse na minha vida. Dois dias depois de Gemma Adebayo me dizer que eu podia sair em liberdade, fui acordada por alguém a martelar à minha porta. Quando a abri, ainda estremunhada, fui imediatamente detida pelo homicídio de Caro Morton. Fui levada para a esquadra da polícia, desta vez com menos

preocupação com o meu conforto ou bem-estar, e fui acusada. Nesse dia, enquanto estive sentada durante várias horas com os inspetores, tudo começou a ficar claro. Jimmy tinha dito imediatamente à polícia que achava que tinha sido um crime, gritando que eu odiava Caro. Os meus ciúmes, sugeri, tinham-me levado a empurrá-la violentamente da varanda, na esperança de que tudo parecesse um acidente trágico. A outra rapariga que ficou na festa fez um depoimento a dizer que eu tinha discutido com Jimmy sobre o seu noivado e que depois pedira a Caro para vir fumar comigo lá fora. Esta rapariga tímida, que eu depois vim a descobrir chamar-se Angelica e que era decididamente menos inofensiva do que a sua aparência frágil poderia dar a entender, foi decisiva na acusação contra mim. Quem diria que uma rapariga com uma coleção de bandoletes na cabeça tinha coragem para tanto?

Foi-me recusada a caução, depois de ter sido arrebatadamente defendido que eu era um risco para a sociedade, o que me fez contorcer a cara de incredulidade e praguejar alto e bom som, coisa que o juiz não apreciou por aí além. O advogado que me foi designado, um recém-licenciado gesticulador que nem sequer lera as minhas notas antes de entrar na sala de audiências, não fez nada para reverter isto e foi despedido no preciso momento em que saí do edifício e fui detida.

Foi então que tive o meu primeiro contacto com a prisão. Ao início, foi um choque terrível. O centro para onde fui enviada era um edifício lúgubre em betão por detrás de um grande muro no Sul de Londres. Fui revistada, aliviada das minhas possessões e enviada para uma cela. Estava um frio horrível e eu passei três dias obcecada a tentar lembrar-me do que é que poderia ter ou não deixado no meu apartamento que pudesse servir de indicação à polícia sobre os meus verdadeiros crimes. Visualizei cada canto da minha casa, caminhando mentalmente pelo apartamento para tentar recordar-me de alguma coisa que eu tivesse sido suficientemente descuidada para deixar à vista. Não conseguia dormir, e a minha cabeça não parava de distorcer as imagens que eu tentava convocar, levando-me a tentar de novo uma e outra vez, até acabar a chorar de frustração. Ao terceiro dia, senti-me mais calma, depois de me obrigar a respirar fundo durante uma hora. Por esta altura, já estava confiante de que nada me incriminaria em relação às mortes dos Artemis. Este sentimento foi reforçado pela convicção de que a polícia não estava à procura de nada que não estivesse relacionado com Caro, e de

qualquer maneira ninguém sabia da minha relação com os crimes. Tanto quanto lhes era dado pensar, eu tinha empurrado espontaneamente uma rival amorosa de uma varanda num acesso de ciúmes. A menos que julgassem que eu era o tipo de pessoa capaz de manter um diário confessional, quaisquer indícios para isto seriam escassos. Que ridículo que eu só tenha decidido começar a escrever um diário profundamente confessional depois de ter caído nas entranhas do sistema de justiça criminal.

Contratei uma nova advogada, Victoria Herbert, e rezei para que ela fosse o *rottweiler* que prometia ser. Um *rottweiler* com lenços *Hermès* e sapatos de salto alto *Louboutin*. Como eu gostava. Herbert mostrou-se resolutamente confiante nas minhas hipóteses de ser libertada. Não havia prova forense contra mim, para além de algum contacto que eu e Caro tivéramos ao longo dessa noite, e o grosso da acusação baseava-se nos testemunhos de Angelica Saunders e de Jimmy. Jimmy, a prestar declarações contra mim... Jimmy, a única pessoa de quem eu verdadeiramente gostava, a dizer ao tribunal que acreditava que eu tinha empurrado a sua noiva de uma varanda sem olhar uma única vez para mim durante o julgamento... Jimmy, retratado no *Sun* na sexta-feira, a entrar no tribunal de mão dada com Angelica... Ela com uma horrível saia justa de fazenda e sabrinas de *ballet*, parecendo bastante orgulhosa. Jimmy pode ter-me deixado num estado de completa confusão, mas eu começava a respeitar o jogo de Angelica.

O júri deliberou durante seis horas. Victoria ficou sentada comigo durante a espera, que pareceu durar um ano. Quando nos disseram que o júri estava pronto para pronunciar o veredicto, ela estava excitadíssima, asseverando-me que uma reviravolta rápida era sem dúvida um bom sinal. Apesar de toda a sua prosápia, estava completamente enganada em relação a esta decisão. Culpada, culpada, culpada. A palavra ecoou pela sala do tribunal enquanto as pessoas suspiravam e um homem gritava qualquer coisa furiosamente da galeria. Eu fiquei ali, com a mão a subir-me para o pescoço, tentando não me esquecer de respirar, mas sem conseguir. Olhei para Jimmy, que estava sentado com a cabeça no ombro de Sophie, enquanto John lhe afagava o braço mecanicamente. Só Annabelle olhou para mim, inclinando a cabeça como se me estivesse a avaliar pela primeira vez.

E foi assim. Fui condenada a 16 anos e levada para Limehouse uma semana depois. Deixei passar a data para apresentar recurso, paralisada pelo

choque e sem saber o que fazer a seguir. Mas foi então que apareceu George Thorpe, um homem branco de meia-idade que estava aqui para me salvar como ele imaginava ser a sua missão especial neste mundo. Tinha conseguido interpor um recurso, argumentando que havia mais testemunhas que não tinham sido ouvidas pela polícia na altura.

Eu designei Thorpe com consideráveis custos depois de ter vindo para aqui, dando-me conta de que Victoria Herbert estava muito mais interessada em se promover a si própria como cão de ataque glamoroso do que em sê-lo efetivamente. Apareceu na revista *Grazia* na sequência do meu caso, mal se esforçando por renunciar aos elogios e usando a palavra «empoderado» demasiadas vezes. Os honorários que o meu novo advogado exigiu tornaram-se possíveis porque ele se ofereceu para me deixar pagar depois. Eu percebi as suas razões — queria obter alguma notoriedade e eu podia proporcionar-lha, e de que maneira. Imagino que ele aspirasse a ser nomeado conselheiro da rainha e achasse que o seu interesse num caso de homicídio poderia reforçar as suas possibilidades. Era um verdadeiro artista. Nos muitos julgamentos de personalidades importantes em que trabalhara, os *media* reportavam servilmente os seus argumentos, a sua linguagem floreada, o seu hábito de bater com a mão na mesa enquanto defendia apaixonadamente os seus clientes. Thorpe tinha uma taxa de sucesso fabulosa, o que significava que eu podia estar descansada em relação à sua conta final. Acontecesse o que acontecesse, teria dinheiro suficiente para o pôr a meu soldo permanentemente assim que deitasse as mãos ao império Artemis. Mérito de Thorpe, que expôs todas as falhas possíveis no julgamento, e usou a imprensa para dar destaque a essas falhas, sabendo que eles não hesitariam em contar o que quer que fosse sobre a homicida de Morton. Durante o julgamento, tinham-me pintado como uma rapariga amarga e perturbada, apaixonada pelo seu meio-irmão (coisa que não era, claro está, mas os tabloides adoram tudo o que tenha um leve sabor a incesto), mas depois de ter sido condenada era preciso dar outra perspetiva ao caso. Agora era perturbada, mas já não amarga. A minha fragilidade foi exagerada — «Ela não tinha mais ninguém, na verdade, para além de Jimmy» —, e foram impressas imagens de mim onde eu parecia tímida e vulnerável, em vez de dura e arrogante. A julgar pelas roupas que eu estava a usar, estas fotografias terão sido fornecidas por antigas colegas de trabalho, e eu só as trazia vestidas porque era obrigatório.

É incrível como uma pessoa pode ser julgada a partir de uma simples fotografia. Thorpe pediu a um velho amigo da escola que trabalhava em relações-públicas que plantasse algumas histórias sobre os problemas mentais de Caro e foram avançadas algumas sugestões sobre as suas perturbações alimentares, a sua predileção por festas (leia-se: drogas) e o seu temperamento. Uma estratégia horrível, na verdade, mas isto não é uma discussão sobre a ética dos *media* e, para além disso, eu teria aceitado uma centena de histórias a darem cabo de Caro se isso favorecesse a minha causa. Mesmo que não favorecessem a minha causa, tê-las-ia lido na mesma.

Faz agora 14 meses que estou a apodrecer em Limehouse, metade dos quais a aguardar a resposta ao meu recurso. Ao princípio, quando o designei meu advogado, chamava George Thorpe diariamente, e escrevia-lhe longas cartas rogando-lhe que voltasse a explorar a varanda ou obrigasse o terapeuta de Caro a atestar o seu estado mental. Estava ansiosa por sair num espaço de alguns dias, não de semanas, e ficava furiosa de cada vez que o advogado me dizia para ser paciente. Quando se tomou claro que iria ficar aqui por uns tempos, caí numa espécie de depressão. Não sou uma pessoa de ficar deprimida. Às vezes, sinto um pânico subir-me até ao pescoço e sinto que preciso de fugir, mas nunca compreendi as pessoas que ficam tristes ao ponto de renunciarem à vida. Talvez a prisão nos torne a todos mais empáticos, ou talvez seja natural uma pessoa ficar deprimida num sítio com luzes fluorescentes e chuveiros comuns. Comecei a dormir mais e, durante algum tempo, sentia-me como se o meu cérebro estivesse a nadar em melaço. Os meus pensamentos abrandaram, parei de fazer exercício e, num dia particularmente noturno, assisti à série *Emmerdale Omnibus* até ao fim, com Kelly a explicar-me constantemente quem era toda a gente, sem ficar com vontade de lhe martelar a cabeça contra a parede uma única vez.

Um dia, ao fim de oito meses cá dentro, acordei e fiz 500 flexões. Estava farta desta atmosfera alienígena e com medo de me afundar nela para sempre se não me obrigasse a trepar daqui para fora. Por isso iniciei um regime rigoroso, acordando todos os dias à mesma hora, puxando pelo meu corpo cada vez mais com exercícios na cela e caminhadas à volta do pátio. Passava horas na biblioteca a ler qualquer coisa que me ajudasse a tirar a cabeça deste sítio, e voltei a incomodar o meu advogado, mas desta vez com mais foco.

Agora estou perto de saber a decisão sobre o meu recurso, e a escrever

estas coisas para não pensar demasiado nisso. Estou confiante de que irei ser libertada e já escrevi um discurso para ler à saída do tribunal.

Acho que adotei o tom certo — magoada, mas magnânima — e vou usar maquilhagem suficiente para ficar atraente, mas não tanta que dê a impressão de que estive 14 meses a divertir-me. Quero que sejam capazes de ver as minhas olheiras escuras e que percebam imediatamente que estive quase a sucumbir (mas não completamente!) no meu calvário. Irei falar de como nos devemos lembrar de que, apesar do trauma do encarceramento, há uma outra vítima em tudo isto. «Caro», direi, olhando diretamente para as câmaras. «Perdi quase dois anos da minha vida para esta injustiça, mas Caro perdeu a sua vida toda nessa noite, e não nos devemos esquecer disso.» Talvez acabe a anunciar que irei estabelecer um programa de aconselhamento para prisioneiras do sexo feminino com perturbações alimentares em sua honra, na esperança de assim poder ajudar nem que seja uma só mulher vulnerável. Ela iria detestar que lhe chamassem vulnerável.

A propósito, não creio que a minha confiança em vir a ser libertada seja deslocada. A polícia, com a ajuda da ignóbil Angelica, limitou-se a decidir que tinha sido um crime e não fez nada para testar a sua suposição. Não posso declarar-me completamente inocente em todas as áreas da minha vida, mas neste caso sou verdadeiramente vítima de um enorme malogro da justiça. Que caminho tão tortuoso para percorrer. George Thorpe viu imediatamente como o caso tinha sido mal conduzido, e expôs falhas em quase todas as fases do processo. Isto poderia bastar, e bastou certamente para garantir que o recurso fosse aceite, mas não era uma fórmula mágica. Isso só chegou há poucas semanas, mas é suficiente para quase garantir que a minha condenação será anulada. Thorpe tinha-me vindo visitar para uma reunião há muito marcada, e eu não estava à espera de quaisquer notícias importantes. Mas assim que o vi entrar percebi logo que tinha acontecido algo de relevo. O pescoço dele estava vermelho, e parecia elevar-se-lhe em direção ao rosto enquanto ele caminhava resolutamente em direção a mim na sala de visitas, esbarrando impacientemente pelas outras pessoas, com o seu longo casaco de fazenda a esvoaçar atrás de si. Era, disse ele, o resultado de dois meses de investigações incansáveis por parte da sua equipa.

— Na noite em que a Ms Morton teve a sua infeliz queda, a polícia fez inquirições em todos os outros apartamentos do bloco. — Aqui, puxou de

uma lista das outras propriedades no edifício. — Há cinco apartamentos em cada piso, dispostos de forma quase pentagonal, mas só três deles dão para os jardins, ao passo que os outros dois dão para a estrada. O apartamento da Ms Morton era, das três propriedades que davam para o jardim, o que ficava no meio. Os vizinhos da direita são um casal na casa dos 60 anos que estão no prédio há 30 anos, muito antes de os profissionais de grandes rendimentos terem começado a comprar em Clapham, e estavam em casa na noite do incidente. — Thorpe nunca usava a palavra morte quando podia encontrar uma descrição mais delicada.

— Eles estavam habituados às festas da Ms Morton e, talvez por isso, mostraram uma notável falta de simpatia para com o seu trágico acidente. Foram muito claros quanto a não terem visto nem ouvido coisa alguma porque foram para a cama às dez da noite munidos de tampões nos ouvidos. — Thorpe franziu o sobrolho, mas eu percebia muito bem como devia ser aborrecido ter aquela rapariga privilegiada como vizinha. — A polícia tentou fazer inquirições no apartamento à esquerda da casa da Ms Morton, o número 22, mas não houve resposta nem nessa manhã nem mais tarde nesse mesmo dia. Investigaram um pouco mais o apartamento e os proprietários, mas foi-lhes dito pela empresa do condomínio que os proprietários viviam no estrangeiro e nunca estavam no país, por isso a polícia deixou as coisas por aí. — Usou a sua caneta de tinta permanente dourada para bater no papel à sua frente. — Isto foi uma ENORME negligência, mas deploravelmente típica das nossas forças policiais. A razão por que não vimos isto mais cedo é porque o relatório dá a entender que foram estabelecidos contactos com os proprietários do n.º 22 e que tinham sido dadas garantias de que eles não se encontravam no país. Não tínhamos razão nenhuma para duvidar de que a sua anterior advogada tinha investigado isto exaustivamente, mas um tipo espertalhão do meu escritório esteve a rever os relatórios da noite em questão e descobriu que ela não tinha procurado mais informações no apartamento do lado. — Eu pensei novamente nos saltos altos vertiginosos de Victoria Herbert e desejei ardentemente que ela caísse de umas escadas rolantes com eles. Talvez eu pudesse dar uma ajudinha a que tal acontecesse quando saísse deste lugar. Thorpe olhou para mim com um ar inquiridor e eu restituí-lhe imediatamente a minha atenção. — Foi aqui que as coisas se tomaram interessantes. Este nosso amigo, um membro da minha equipa, como eu

estava a dizer, fez algum trabalho de sapa e descobriu que o apartamento está registado no nome de uma empresa sediada nas Ilhas Caimão. Sabe o que é uma empresa *offshore*, Grace? — Eu revirei os olhos e segui a explicação rapidamente com um leve sorriso, enquanto lhe asseverava que sim, que sabia o que era. Que paternalista idiota. — Bom, segundo a atual lei do Reino Unido, as entidades estrangeiras podem comprar propriedades aqui sem revelarem quem são. É escandaloso, claro está, e um sistema que permite toda a espécie de negócios obscuros, sobretudo lavagem de dinheiro, claro está. O governo está a planear obrigar estes proprietários anónimos a revelarem as suas identidades, mas é complicado e provavelmente irá levar algum tempo.

Eu interrompi-o.

— Muito bem, acho que já ouvi o suficiente sobre leis prediais. O que é que ele descobriu então, esse seu colega?

Ele clareou a garganta e pareceu bastante sentido, mas isso poderia muito bem ser aquela falta de expressão característica dos homens finos, por isso era difícil de dizer.

— Bem, tem sido um trabalho árduo, como eu dizia. Uma rede intrincada. O David, é como se chama o meu associado, passou dois meses a trabalhar nisto, a tentar estabelecer contacto com a empresa, mas um número de telefone nas Ilhas Caimão que não funciona não serve de muito. Por vezes, estas empresas nem sequer têm um escritório verdadeiro no local, limitando-se a arrendar uma sala para terem uma morada. Por fim, contratou um investigador que lida com este tipo de coisas para investigar quem são os donos da empresa e onde estão.

Eu estava a começar a ficar impaciente, e a hora de visita estava a escoar-se rapidamente.

— Com todo o respeito, George, contratei-o para tratar disto tudo e parece-me que está a fazer um excelente trabalho, mas uma pessoa às vezes não precisa de saber com que ingredientes é feito o chouriço, e eu tenho vários tratamentos de *spa* seguidos marcados para esta tarde, está a perceber?

— Sim, certo, desculpe. Bem. *Bem*. Finalmente, o David, após muitas pistas falsas e informações abafadas, encontrou os donos do apartamento. Vivem em Moscovo e não são propriamente solícitos a responder aos e-

mails, por isso ele foi lá na semana passada e entrou em contacto com eles na quinta-feira. Explicou-lhes a nossa situação e perguntou-lhes se havia alguma maneira de eles poderem ajudar — uma mulher a dias que pudesse ter estado no apartamento, por exemplo, ou uma câmara de circuito fechado de televisão. Era uma aposta arriscada, claro, mas valia a pena tentar. E sabe que mais? — Thorpe parecia tão contente como um menino de escola. — Disseram ao David que tinham uma série de câmaras! Disseram que as tinham em todas as suas propriedades. O David mal conseguiu manter a suposta calma e profissionalismo quando lhe disseram que tinham uma na varanda, escondida atrás de um pequeno arbusto. E tinham guardado as fitas?, perguntou o David. Sim, responderam os russos. Tinha tudo guardado numa base de dados, claro está. Disseram que era melhor assim, embora não tenham explicado porque é que era melhor assim. — Thorpe parou para recobrar o fôlego, enquanto eu sustinha a respiração. — O David tem uma cópia, Grace. Ele viu as imagens e elas irão chegar ao escritório assim que tiverem sido verificadas por um perito. Não se vê a varanda toda, mas vê-se o suficiente: a Grace não está em cena quando a Caro se curva para a queda final.

Quase me atirei para o chão de alívio. Um sentimento como o do Sol a aquecer-nos o corpo no primeiro dia de verão a envolver-me o corpo, e agarrei a mão de Thorpe sem pensar no que estava a fazer.

— Obrigada. Obrigada. Não sei o que é que devo dizer, mas obrigada. E ao David. E aos russos. Obrigada. — Ele pareceu satisfeito, com um rubor a subir-lhe uma vez mais pelo rosto.

— Bem, fizemos o nosso trabalho e são muito boas notícias. Não a posso libertar hoje, infelizmente, mas a Grace só vai ficar aqui mais duas ou três semanas, e não restam dúvidas de que estas filmagens vão exonerá-la completamente. — A campainha tocou. Ele olhou para o relógio e juntou os seus papéis. — Entrarei em contacto consigo assim que tivermos notícias. Enquanto isso, mantenha-se firme. E guarde silêncio sobre tudo isto até estar oficializado.

Agradei-lhe outra vez e apertei-lhe a mão. Enquanto se encaminhava para a porta, George Thorpe voltou-se para mim e perguntou-me, parecendo um tanto embaraçado:

— Vocês têm mesmo um *spa* aqui dentro?

E foi assim, como se costuma dizer. Voltei para a minha cela com os punhos cerrados de excitação, incapaz de me concentrar no que estava a fazer ou para onde ia. Kelly estava sentada na cama de baixo do beliche, usando uma linha para depilar as sobrancelhas e a cantar canções de Beyoncé numa escala que nem a própria senhora devia conhecer.

— Estás branca que nem cal, companheira — disse ela, levantando os olhos para mim. — Más notícias do advogado?

Eu contei-lhe o que Thorpe tinha revelado. Estava demasiado excitada para não o fazer, toda a minha pose desaparecera. Era estúpido contar a Kelly o que quer que fosse, na verdade, mas que mal poderia fazer agora? Ela foi genuinamente amorosa, segurando-me na mão e oferecendo-se para me pôr em contacto com uma amiga dela no Angel que arrendava quartos sem exigir referências. Eu tinha conseguido conservar o meu apartamento enquanto aqui estivera, foi um sacrifício, mas era importante para mim saber que havia alguma coisa à minha espera quando saísse, apesar de saber que não iria continuar a ser a minha casa por muito mais tempo. Quando o dinheiro chegasse, iria querer subir a fasquia o mais cedo possível. E mesmo que não quisesse, nada me faria arrendar um quarto a nenhuma amiga desonesta de Kelly. Nada era assim tão desesperado na minha vida. Ela puxou do seu telefone secreto e começou a escrever, presumivelmente a procurar alertar a sua amiga senhoria de bairro de lata para a possível chegada de uma nova inquilina antes de eu ter tempo de a dissuadir. Eu só esperava que a sua oferta não significasse que ela estivesse convencida de que a nossa relação iria continuar no mundo lá fora. Kelly era uma lapa de que eu já tinha dificuldade em me libertar aqui dentro. Se ela tivesse liberdade de viajar e de usar um telemóvel, eu estaria completamente à sua mercê. As visões dela a aparecer em minha casa com máscaras faciais e uma garrafa de vinho barata começaram a formar-se ameaçadoramente no meu espírito. Não era bem essa a nova vida que eu tinha em perspectiva.

Ah, mas tenho de recuar um pouco. O tempo é estranho na cadeia. Passa tão lentamente que ao princípio pensava mesmo que ia enlouquecer, depois o recurso foi aceite e, de um momento para o outro, eis-me a passar a correr

sobre as coisas na minha pressa de acabar esta história e começar a viver uma vida nova, uma vida que não seja dominada por coisas boas, mas necessárias, como o homicídio.

Assim que a minha condenação foi revogada, Jimmy contactou-me. Quer dizer, na verdade os Serviços Judiciais da Coroa já estavam em contacto com ele uma semana antes da decisão final para o informarem das novas provas. Ele tinha escrito uma carta quase de imediato para Thorpe me dar. Não irei relatar a coisa na íntegra, visto que se prolongava por três páginas. Jimmy não é um escritor nato. O constante mau uso e, creio eu, deliberado, que faz da gramática sempre fez com que me fosse difícil ler os seus *e-mails* e mensagens. Penso que o *Guardian* é mais descontraído em relação a erros gramaticais do que outras publicações. Um dilúvio de pequenos erros pejava uma carta que, de outro modo, poderia ter sido bastante comovente. Tal como estava, fez-

me pestanejar a cada linha. Escusado será dizer que ele estava cheio de remorsos. Tinha-me falhado da forma mais monumental que se pode imaginar, o que era verdade, e mal tinha conseguido dormir desde que eu tinha sido condenada, o que era uma treta. O homem tem um dom para adormecer nas alturas mais difíceis, mas eu apreciei a sua boa intenção. Após inúmeros pedidos de desculpa, dizia-me que se tinha mudado novamente para casa dos Latimer e que tinha tirado dois meses para fazer o luto de Caro. Não havia qualquer referência a Angelica, que eu presumo que teria sido afastada quando se tornou óbvio que ela era uma cobra traíçoira a tentar saltar-lhe para a cueca. Presumo que tenha conseguido, efetivamente, entrar nessa zona antes de ser desmascarada, mas a verdade é que o desgosto torna as pessoas estranhas, como se sabe. Para além disso, Jim estava a canalizar a sua tristeza para outra direção. Um curso de estofador, por muito improvável que pareça. Imagino que isso queira dizer que vamos todos receber poltronas ligeiramente desengonçadas pelo Natal. Daí, a morte de Caro não foi em vão. Mesmo sem a mobília grátis, a sua morte não foi em vão. Significava que não havia mais Caro, e isso era uma dádiva por si só.

Jimmy acabava a carta com uma passagem bastante vulgar, dizendo que não esperava que eu o perdoasse (porque é que as pessoas dizem isto, se o simples facto de terem entrado em contacto connosco nos diz claramente que esperam o nosso perdão?), mas que passaria o resto da vida a tentar

compensar-me e que viria à prisão no dia em que eu fosse libertada. «Adoro-te, Gray, em breve ajudar-te-ei a adormecer outra vez», terminava ele. Eu perguntava-me se Sophie insistiria em vir com ele, ansiosa por tirar partido da minha história, tal como já tinha feito quando eu era mais nova. Talvez fôssemos todos à pastelaria mais próxima para um pequeno-almoço celebratório. Jimmy iria inevitavelmente esquecer-se da carteira e Sophie pagar-nos-ia a conta, abanando a cabeça, exasperada, e dizendo ao dono do café que os seus filhos eram, para usar a sua expressão preferida, uns «biltres completos». Eu estava na cadeia há tempo demais, pois, enquanto pensava nisto, senti uma pontinha de calor no peito. Era uma imitação barata de uma família, mas era o que eu tinha.

Depois da carta, reatámos a nossa antiga relação com estranha facilidade. Eu telefonei-lhe dois dias depois de a ter lido, deixando-o levemente em pânico. Desde então, falámos sempre que tivemos oportunidade. Fui magnânima. Ele tinha ficado destruído pela culpa, e arranjou um plano para me levar para o apartamento dele e cuidar de mim no meu regresso à vida, como se eu tivesse sido abandonada durante meses numa colónia de leprosos e não na prisão por ele me ter acusado de assassinar a sua sinistra noiva. Eu rejeitei a ideia com firmeza. Queria estar no meu espaço habitual enquanto preparava a minha próxima ação, e ter Jimmy a trazer-me chávenas de chá dificultaria um pouco as coisas. Haveria tempo para a coabitação mais tarde, quando pudéssemos viver numa casa suficientemente grande para passarmos tempo suficiente agradavelmente afastados um do outro.

Thorpe também estava a receber bastantes telefonemas da comunicação social, sobretudo dos tabloides, que tinham feito uma viragem de 180 graus em relação ao meu caso de maneira tão rápida que os jornalistas deviam ter feito vários estiramentos musculares. A narrativa da «homicida de Morton» estava prestes a ser substituída por uma coisa igualmente terrível, pelo menos no meu espírito. Pus-me a especular sobre qual seria a minha nova alcunha. Se tivesse acesso a uma casa de apostas, teria apostado em que «Cheia de Graça»⁷ seria pelo menos um dos títulos utilizados para noticiar a minha libertação, acompanhado de uma imagem de mim a ler o meu comunicado. Composta, a recuperar de um longo sofrimento, dignificada. O plano a seguir era bastante fácil. Não iria falar com nenhum deles no imediato, claro está. Não era uma noviça desesperada que não percebia como é que estas coisas

funcionavam e que aceitava o primeiro cheque que lhe ofereciam. A minha narrativa seria feita por mim. Para além disso, a atenção da imprensa podia esperar até que eu revelasse ser não apenas uma vítima inocente, mas também uma filha a chorar a morte do seu pai. Isso, sim, é um assunto de elevado interesse humano, do género que nos garante que o nosso nome será lembrado durante as próximas décadas.

Quando a poeira tiver assentado um pouco, farei algumas propostas iniciais a Thorpe em relação ao meu pai e às suas propriedades. Claro que não irei apresentar as coisas de modo assim tão direto. Direi apenas que esta experiência me fez reavaliar a minha vida e explicar-lhe-ei que quero explorar a ligação com esse lado da minha família. É demasiado tarde para conhecer o meu pai, direi eu a esfregar os olhos com um lenço de papel, mas quero saber de onde venho e quem ele era. Não resta ninguém naquela família, exceto Lara. E Lara nem sequer é um parente de sangue. É uma mulher separada, e que eu misericordiosamente poupei, aliás. Soube logo a partir do momento em que decidi não a matar que ela seria a minha porta de entrada. Irei abordá-la com tal encanto e graça (ah!) que ela ficará para sempre do meu lado. As duas mulheres maltratadas pelos homens Artemis, ambas tentando viver as suas vidas longe do peso da sua presença. Mulheres a apoiarem-se mutuamente, é isso que nós gostamos de ver. Talvez até nos tomemos amigas, ainda que uma ligação feita apenas com base no facto de termos sido ambas prejudicadas pelos dois irmãos parecer um fundamento pouco sólido para uma afinidade para toda a vida. Mas, mais uma vez, um vínculo forjado a partir do ódio pode ser mais forte do que qualquer outro. Mais forte do que uma ligação feita com base no amor pela cerâmica ou por uma paixão por ópera de vanguarda. Teríamos um vínculo muito mais robusto. O dinheiro era importante, mas o objetivo era a aniquilação da família. O que não significa que eu me contentasse em ficar sem nada. E se ela não entrasse no jogo, havia outras opções. Ela tinha sido poupada, mas isso era sempre negociável. E agora já estão a par de tudo.

Passei mais oito dias em Limehouse e ainda me falta mais um. Hoje foi-me dito por uma guarda de ar enfastiado que eu nunca tinha visto (a rotatividade do pessoal é elevada, provavelmente porque quase ninguém no seu perfeito juízo quer tomar conta de um bando de mulheres zangadas 12 horas por dia a troco do salário mínimo, quando pode trabalhar no Starbucks

e tomar conta de um grupo de mulheres zangadas ligeiramente mais pequeno e ainda ter direito a café com leite de graça...) que seria libertada às três da tarde em ponto do dia seguinte. Como a guarda não se importava nada com a minha privacidade, disse-me isto na presença de Kelly, que teimava em fazer uma espécie de festa em minha homenagem na sala de jogo. Como parte dos preparativos, obrigou-me a ir para a cela da sua amiga Dionne para esta me maquilhar, coisa que não consegui evitar, apesar de todos os meus protestos.

Acabo de escrever isto a partir da minha cela, incapaz de dormir. Recordo-me vagamente deste tipo de excitação na minha infância, quando Marie atravessava furtivamente a sala na véspera de Natal com uma meia de Natal para mim. Tal como todas as crianças, tentava ficar acordada, à espera de que o Pai Natal me trouxesse os meus presentes. Ao contrário da maior parte das crianças, consegui e apercebi-me da mentira desde cedo. Não me perturbou por aí além. Recebia os presentes na mesma, apesar do subterfúgio. Amanhã irei passar a manhã a preparar-me — mantendo-me calma e guardando a minha energia. Mas esta noite ando numa roda-viva, com a adrenalina a subir. Tal como previra, a minha maquilhagem foi uma experiência que não irei repetir. Após 20 intensos minutos, saí da cela de Dionne com um semblante que se assemelhava vagamente a uma boneca insuflável e um cabelo que tinha sido escovado para trás até mais não ser possível. A única desculpa que tenho para ter permitido isto é que estava inebriada pelos eflúvios da minha liberdade e sabia que não iria haver fotografias da noite em questão. Apesar do pleno sucesso que tive em não fazer amigas durante a minha estadia, mesmo assim, houve um razoável número de mulheres a aparecer na festa, seduzidas pela distração e pela promessa de refrigerantes e bolo. Afinal, acabou por não haver bolo, mas a coisa arrastou-se por 45 minutos, porque Kelly disse a toda a gente o quanto iria sentir a minha falta, ao passo que eu tive o cuidado de não retribuir. Duvido que a mensagem tenha chegado ao destino, pois Kelly tem uma couraça dura como uma mala *Birkin* de contrafação. Quando me retirei para a minha cela, meti-me na cama e fingi estar a dormir às oito e meia. Estou a escrever isto debaixo dos lençóis. Mesmo a escassas horas de me ir embora, não posso arriscar encorajar Kelly a tentar um último gesto profundo e sentido. Amanhã de manhã, irei arrumar os meus parques pertences e preparar-me para voltar a entrar no mundo. Um mundo que será muito diferente para

mim a partir de agora.

⁷ «Graça» seria o nome da personagem e protagonista da história («Grace») em português. (*N. do T.*)

Capítulo 15

Na noite passada sonhei com a minha mãe. Não foi um sonho agradável, nem sempre tenho sonhos agradáveis. Também nunca tenho pesadelos horríveis, normalmente sou simplesmente transportada para momentos difíceis ou tristes da minha vida e revivo-os quando acordo. Suponho que não devo ter uma grande capacidade de imaginação, mas respeito o meu cérebro prático por não me desviar para aventuras noturnas. Não vou maçar-vos com a recordação que a minha mente onírica foi buscar, mas acordei com mais saudades de Marie do que alguma vez tinha tido nos últimos anos e a sentir-me mais distante dela do que o habitual. Todos os meus planos e todos os meus crimes me fizeram sentir-me ligada a ela, como se ela estivesse sempre ao meu lado a dar-me força. Mas ela não está aqui comigo. Não é que eu ache que ela seja responsável por isso. Isto não é lugar para almas errantes. Um fantasma poderia olhar para Limehouse e reaparecer do outro lado do muro imediatamente. Se Marie estiver a pairar por aí, presa entre este mundo e o outro, espero que esteja a assombrar a Fortnum & Mason ou a pairar sobre a Harvey Nichols a experimentar macacões e a retocar os manequins.

Devo dizer que não acredito em semelhantes disparates. Não existem fantasmas a assombrar estes corredores, e a minha mãe não estava a sibilar com o vento enquanto eu a vingava. Mas a sua memória ainda estava viva enquanto a minha raiva era alimentada, e agora, que tudo acabou, dou por mim a pensar menos nela. O seu rosto começa a esbater-se e a desvanecer-se. Talvez um terapeuta chamasse a isto fechamento. Imagino que matar pessoas e escapar incólume é uma espécie de fechamento, mas possivelmente não é um tipo de fechamento que um médico profissional possa, em boa consciência, recomendar.

Tenho de explicar como é que Simon morreu. Eu sei que a morte final é normalmente a cereja no topo do bolo dos romances, a maior e mais dramática de todas. Em parte, é por isso que tenho estado a protelar escrever sobre isso. Porque isto não é um romance. Não planeei as coisas para que a sua morte fosse a mais chocante. Não o empurrei de um balão de ar quente

nem o atirei da ponte de Waterloo ao pôr do sol. Talvez devesse ter tentado um plano assim, só para dar um efeito mais dramático, mas nunca fui dada a malabarismos desnecessários.

A partir do momento em que o último membro importante da família de Simon foi despachado, o meu sentido de urgência diminuiu. Como um maratonista que soubesse que só lhe faltava um quilómetro para a meta, decidi desfrutar do percurso durante um bocado. Isto significava ir espreitando como é que estavam as coisas com Simon. E, dadas as circunstâncias, o funeral de Bryony parecia ser o melhor sítio para o observar. Era um passo arriscado, e eu tinha passado as últimas semanas a ponderar se devia ou não comparecer, até concluir que haveria certamente mulheres da minha idade em número suficiente para que eu passasse despercebida. Se havia uma altura ideal para observar o sofrimento de Simon de modo cru e de perto, era ali. Só teria de me certificar de que iria adequadamente arranjada. No dia anterior ao funeral, fui ao armário da empresa, que continha roupas e acessórios prontos a serem emprestados a clientes importantes para eventos especiais. A quantidade de coisas que mantínhamos neste compartimento sombrio era de se ficar boquiaberto — sapatos de marca empilhados uns em cima dos outros, malas que valiam para cima de 2000 paus abandonadas no chão. Por cima, havia vestidos com lantejoulas e macacões coloridos pendurados de uma prateleira, ao lado de uma placa onde se lia: «Quanto mais alto o salto, mais próxima de Deus». Se os olhos pudessem chorar sangue, as placas que vejo neste escritório todos os dias seriam o meu principal motivo.

Sabia como me vestir para um evento deste tipo. Tinha passado a minha vida adulta a aprender como me integrar em qualquer tipo de situação. No trabalho, isso significa usar roupas que observem a necessária falta de graça, mas evitando ser ativamente desenxabidas. No mundo mais lato, significa fazer viagens regulares à Zara como qualquer outra mulher da minha idade para adquirir o uniforme regulamentar de calças de ganga, camisolas *oversize* e botas robustas. Mas no meio de uma multidão de palermas do Instagram podres de ricas, a integração significava algo completamente diferente. Estas raparigas não se limitavam a gastar quantias obscenas em roupa; isso qualquer pessoa rica pode fazer. Experimentem descer a Bond Street e riam-se das idiotas que pensam que sapatos forrados a pele de carneiro da *Gucci* e

blusões almofadados com enfeites de pele são o cúmulo do estilo e verão o que quero dizer. Não, estas mulheres eram maliciosamente argutas e criteriosas com o que vestiam, e aí de nós se não apanhássemos a ideia. Não bastava ter uma mala *Prada*, teria de ser aquela que uma estrela italiana do Instagram recebera de presente três meses antes de o modelo chegar às lojas. Eu não me importava nada com a opinião delas, claro está, mas não queria provocar reações de reprovação ou desafiar quem quer que fosse com a minha presença. Por isso, surripiei um fato de seda cor de vinho novinho em folha feito por um estilista italiano em ascensão que eu sabia estar a ser impulsionado pela *Vogue* e fanei uma mala de mão *Céline* em pele de cobra cuja ausência, caso fosse notada, me teria certamente valido o despedimento. Quanto a sapatos, decidi-me por um par de sapatos *mule* em pele e passei o resto do dia a rezar fervorosamente para que o funeral de Bryony não fosse um daqueles em que toda a gente se veste solenemente de preto.

O enterro foi uma cerimónia privada, e eu não me permiti sequer considerar a possibilidade de forçar a entrada num tal evento. Mas as cerimónias de homenagem fúnebre eram abertas ao público, anunciadas no *Evening Standard* como se fosse a abertura de um novo bar. Nada como um evento lúgubre em memória de uma mulher defunta para tirar algumas fotografias para as colunas sociais. E, quem sabe, um bocejo ensaiado para as câmaras para que os nossos seguidores possam ver ao final do dia. O ponto de encontro era uma igreja antiga numa saída de Marylebone Road, mas aquele lugar não tinha nada de sagrado. Há anos que tinha sido convertido num espaço para uso privado que podia ser arrendado por milhares de libras e que já tinha servido para tudo, desde um casamento real de nível inferior até à festa do 21.º aniversário de uma filha de um oligarca russo que teve de ser cancelada depois de os organizadores a terem autorizado a entrar no evento montada num cavalo pintado com um *spray* rosa-claro. Nem os nossos amigos equinos conseguem escapar à proliferação do cor-de-rosa entre as novas gerações.

Entrei na igreja ensanduichada por hordas de outras pessoas, com os seus óculos escuros a refletirem outros óculos escuros, os diamantes a cintilar ao sol e a projetar sombras em forma de joias no chão de pedra. A cerimónia fúnebre foi interminável. Noventa minutos de leituras, cânticos, e até mesmo uma projeção de *slides* dos momentos mais memoráveis de Bryony — se é

que as *selfies* podem ser consideradas memórias. O momento mais baixo foi quando uma menina muito magra com um vestido de alças transparente, que deixava ver a roupa interior fluorescente, se encaminhou para o atril e começou a ler um excerto do livro preferido de Bryony — *O segredo*. A fritura vocal trepidante quase me fez cair por terra, e a leitura seguinte não ajudou, um poema de e. e. cummings — «I carry your heart with me (I carry it in my heart)» — o santo padroeiro das raparigas que querem parecer profundas, mas não conhecem mais nenhum poeta. Felizmente, a coisa acabou pouco depois. Um coro de *gospel* cantou «Stand by Me» maravilhosamente, enquanto as pessoas de luto pranteavam e se abraçavam umas às outras. Reparei que não houve muitas lágrimas a sério — expressões de tristeza cuidadosamente ensaiadas, caras secas.

Eu estava, acima de tudo, à procura de Simon. O mestre de cerimónias (claramente não é o termo adequado para uma ocasião tão solene, mas o homem estava a usar um fato com entrançados dourados e parecia um empregado de casino, por isso vou mantê-la) anunciou no início da cerimónia que se alguém se sentisse demasiado comovido poderia estar à vontade para sair para apanhar ar puro. Consequentemente, houve um fluxo constante de pessoas a dirigir-se para a porta durante a cerimónia, voltando depois a exalar fumo de tabaco no corredor. O vaivém constante fez com que Simon só estivesse visível metade do tempo. Tive uma boa visão dele durante a interpretação de uma canção de Adele, enquanto ele levantava os ombros e abraçava o pescoço de um jovem sentado ao seu lado de uma maneira bastante agressiva, que fez com que o rapaz parecesse vagamente desconfortável. Isto é um grande *cliché*, sem dúvida, mas o desgosto não faz nada bem à pele. Ele parecia dez anos mais velho. Só consigo olhar para Simon de uma maneira distanciada, não existe qualquer ligação humana entre nós, mas quase senti uma pontinha de simpatia por ele. Mais uma vez, vê-lo desfeito pela perda de um ente querido também me provocou um novo sentimento de raiva. Os homens dizem muitas vezes que são feministas apenas quando têm uma filha e são obrigados a ver as mulheres como seres iguais. Simon só conseguia experimentar a tristeza e a vulnerabilidade quando alguém que ele amava lhe era roubado. A minha mãe morreu, e ele sabia que eu tinha sido deixada sozinha no mundo. Para mim, não houve nada. Tinha-se dado ao luxo de escolher quem é que tinha perto de si. Pois

bem, agora já não o podia fazer.

Uma semana depois, estava sentada em casa a ler os jornais e a comer um bolo de pastelaria dinamarquês. Um bolo por semana, um regra estúpida que impusera a mim própria para testar a minha capacidade de renúncia. Abri os suplementos de sábado e encontrei um artigo num diário sobre Simon, que falava da preocupação dos seus amigos com a sua saúde mental. Ah, saúde mental. A desculpa perfeita para todo o mau comportamento. Os amigos não se identificavam, claro está, mas as citações eram reveladoras. Simon andava «paranoico e reclusivo, queixando-se de inimigos que andavam atrás dele». Não era mentira, mas fazia-o parecer tão satisfatoriamente desequilibrado. Ao que parece, passava a vida a dizer às pessoas que a filha tinha sido assassinada, apesar das garantias da polícia de que se tratara de um trágico acidente. Como deve ser horrível saber que as pessoas à nossa volta estão a ser abatidas uma a uma e que, portanto, o próximo seremos nós — uma experiência terrível para um homem branco poderoso. Eu não tinha antecipado o meu pensamento o suficiente para saborear a perspetiva de Simon vir a recear pela sua própria segurança. Durante todo este tempo, tinha-me concentrado apenas na tristeza que ele enfrentaria quando perdesse os seus entes queridos. Este pânico com paranoia era um bónus. Fez-me pensar se o seu egoísmo inato significaria que este medo era ainda mais forte do que qualquer sentimento de pesar. Aprofundando um pouco mais o assunto, cheguei à conclusão de que era mesmo. Um homem como o meu pai sentiria a perda da sua família, mas ficaria absolutamente abalado com a ideia de poder estar em perigo. Uma mulher e uma filha podiam ser substituídas — não seria o primeiro homem na casa dos 50 a construir uma nova família na meia-idade —, mas o seu sentimento de segurança estava a ser posto à prova pela primeira vez. E eu senti-me tão contente ao constatá-lo que comi um segundo bolo para celebrar.

Na altura, pensei que este era um momento de glória na minha vida. Agora, olho para trás e vejo quão terríveis as coisas estavam prestes a tomar-se. Tinha eliminado seis nomes da minha lista. Seis já estavam, faltava um. A pressão tinha aliviado e eu comecei a cultivar aquilo a que se pode chamar uma vida. Voltei a correr, arranjei tempo para ler alguns livros que tinha deixado empilhar na mesa de cabeceira e até tive alguns encontros. Não havia

muito a assinalar nesse departamento, pois quem é que quer continuar a estar com um homem que tem pôsteres *vintage* da *Playboy* na sala de estar? As pessoas pensam que comprar uma coisa e dizer que é *vintage* as coloca num patamar superior. Mas as *Playboy* antigas não são mais do que revistas de masturbação, ainda que em tons desbotados. E os homens que pedem *dirty martinis* não são homens que eu esteja disposta a ver incorrer em semelhantes brincadeiras perto de mim.

Em todo o caso, esses encontros também não foram o ponto alto desse período. A sensação maravilhosa foi sentir que estava a levantar um peso. Eu sou teimosa. É bom admitirmos as nossas falhas. E essa teimosia significava que o plano que tinha concebido em criança era um plano que me sentia obrigada a levar a cabo já em plena idade adulta — em detrimento de tudo o resto. Se não tivesse decidido que a vingança era o caminho que eu tinha de seguir, sei que a minha vida teria sido inimaginavelmente diferente. Inimaginável, acima de tudo, porque pensar no que poderia ter sido é bastante doloroso. Pode parecer uma fraqueza admiti-lo, mas nem por isso deixa de ser verdade. Por isso, não costumo pensar muito no assunto. Não penso na carreira que poderia ter tido. Houve uma altura em que queria ser jornalista, o que acabaria, imagino eu, por significar uma vida idêntica à que tenho agora — de bebida e engano. Não penso na possibilidade de eu e Jimmy termos construído uma vida juntos sem que eu tivesse de o manter à distância enquanto terminava a minha demanda pessoal. Não penso em quão deliberadamente pequena se tomou a minha vida, sempre cheia de raiva dirigida a pessoas que nem sequer se lembram de mim.

Apesar de eu saber de tudo isto, a raiva arde em chama viva. Sentia-a borbulhar de cada vez que passava pelos grandes portões da casa de Simon (e passei por lá muitas vezes na adolescência, visto que ficava a 15 minutos e a todo um mundo de distância do enclave dos Latimer), de cada vez que via um alerta do Google a avisar-me que Bryony aparecera na coluna da vergonha do *Daily Mail*, de cada vez que Janine dava um baile de caridade que era noticiado nas colunas sociais. De cada vez que eles eram projetados no meu mundo, sentia um novo acesso de raiva, como se um novo rebento tivesse despontado e crescido.

Mas durante este interlúdio senti a raiva esmorecer. Não por completo, como imaginam, não ia agora dar tudo por terminado e sair de cena. Mas

Caro tinha acabado de entrar em cena, e eu estava a lidar com esse rancoroso grão na engrenagem. A diluição do meu foco levou-me a dar-me conta de que estava a passar muito menos tempo a pensar no clã Artemis (talvez isto seja bater no ceguinho, pois já não havia clã nenhum de que falar) e mais tempo a pensar no mundo mais amplo e no que nele poderia vir a fazer.

O plano que eu sempre tivera na cabeça era mais ou menos assim:

— *Matar a minha família*

— *Reclamar a respetiva fortuna (isto era bastante vago no meu espírito, não queria todo aquele império tóxico, mas tão-só alguns milhões para poder viver a minha vida como muito bem me apetecesse);*

— *Juntar-me com Jimmy (claro que isto foi praticamente impedido por Caro, mas o seu conveniente falecimento e a minha condenação indevida significavam que estava novamente em cima da mesa)*

— *Comprar uma casa, viajar, fazer alguns amigos, adotar um cão*

— *Conseguir fazer tudo isto sem ser apanhada*

Era o plano de uma criança, ridículo e presunçoso, sem metas específicas nem cláusulas de salvaguarda incluídas. O dinheiro era um bónus que eu acreditava cada vez mais estar ao meu alcance. Mas o plano, que se formou quando eu ainda não tinha consciência das riquezas a que teria acesso, era todo ele um ato de vingança. Eu mantive-o sempre aceso, mesmo quando, em certos momentos, admiti a mim própria que se tratava de uma obsessão prejudicial. Mas, de alguma maneira, tinha-o seguido de forma bastante fiel — avós, canja; Andrew, doloroso, mas bem executado; Lee, pffft; Janine e Bryony, um triunfo — e agora hesitava em acreditar que fosse capaz de o cumprir até ao fim. Este sentimento, após anos de adrenalina, era intoxicante. Por isso, em vez de me aplicar e acabar com tudo, passava horas em *sites* de agências imobiliárias a ver casas. St John's Wood era demasiado espalhafatoso, cheio de casas maravilhosas habitadas por pessoas untuosas convencidas de que os corrimãos cromados são o cúmulo da elegância. Primrose Hill era exatamente a mesma coisa, só que as pessoas que lá viviam compravam quinquilharia *vintage* e achavam-na melhor do que os cromados.

Kensington é um sítio absolutamente horrível e eu nunca consideraria a hipótese de viver em Clapham ou Dulwich, ou em qualquer outro sítio em que houvesse mais carrinhos de bebé do que adultos. Levei três dias até me decidir por Bloomsbury para a minha casa nova imaginária e mais dois dias a aprender a fazer gravuras em linóleo, até me dar conta de quão malditamente ociosa me tinha tornado.

Tinha resvalado para a zona perigosa da autocomplacência e banhava-me gloriosamente nessas águas, reclinada a mexer os dedos dos pés à superfície. Dei uma severa reprimenda a mim própria, apaguei as aplicações de encontros, empacotei os livros, o verniz das unhas e qualquer outra coisa que me pudesse distrair e limpei o meu apartamento até estar tudo em ordem. Depois, fixei uma folha de papel A3 na parede do meu quarto e voltei à carga.

Uma hora depois, tinha anotado dez ideias e eram todas ridículas. Esta parte do plano parecia subitamente a mais cansativa, quando eu sempre pensara que iria ser a melhor parte. Matar os membros da lista Z da família para chegar a Simon. Despachar os aperitivos para chegar ao prato principal. Em vez disso, sentia-me como se estivesse a marcar passo. Por isso, enfiei a minha roupa de corrida e dirigi-me para Hampstead, escolhendo um caminho que conhecia como a palma da minha mão. Acabei à entrada dos portões dos Artemis à espera de inspiração. A rua estava sossegada, com exceção de um segurança privado com um colete amarelo que passou por mim a fumar um cigarro. Mal olhou para mim, o que confirmou a minha velha suspeita de que os seguranças privados só lá estão para dar uma falsa sensação de segurança a pessoas ricas paranoicas e que seriam tão capazes de desarmar um assaltante normal como a nossa avó. Dependendo da avó, talvez ela até tivesse mais oportunidades de o conseguir.

Eu permaneci fora do alcance das câmaras de filmar fixadas no portão e olhei para a casa, afastada da rua e rodeada por um jardim que envolvia a propriedade. As persianas estavam corridas em todas as janelas, fechando o mundo exterior. A porta da frente, parcialmente obstruída por um enorme *Range Rover*, estava firmemente fechada. Não era apenas uma casa de luto, as casas dos muito ricos parecem muitas vezes desabitadas, o que muitas vezes é verdade. Quando se tem quatro ou cinco casas, não passamos muito tempo no mesmo sítio. Se Simon decidisse fugir para o seu refúgio em

Barbados ou passar meses a fazer caminhadas à volta da casa do Mónaco a chorar por Janine, eu estaria em maus lençóis. A última possibilidade era mais remota, visto que ele não parecia ter passado muito tempo a chorar pela mulher, e eu não imagino que ele tivesse vontade de ficar no sítio onde ela tinha conhecido um final tão grotesco. Mas foi então que os portões vibraram ao entrar em movimento, e um carro desportivo descapotável surgiu ao fundo da estrada, conduzido por um jovem que eu supus ser um assistente. Isto devia querer dizer que Simon estava em casa, o que me deu alguma esperança.

De volta a casa, risquei todos os planos que tinha tido na cabeça ao longo dos anos para ele. Alguns eram tontos, fantasiosos, inexecutáveis. Um dos primeiros, que era fazer-me passar por uma tripulante de cabine do seu avião privado, deixou-me especialmente envergonhada. Quanto tempo teria de treinar até chegar a esse ponto? Que estupidez, Grace. Alguns eram mais realistas e eu não descartara a ideia de enviar um envelope de condolências para o seu escritório que contivesse uma substância capaz de o matar em poucos segundos. Mas, acima de tudo, sentia que me estava a afundar, que tinha feito tudo errado, que o devia ter matado antes do resto daquela horrível família. Tinha feito com que ele ficasse paranoico e propenso a esconder-se. Na minha excitação e na minha insistência em querer preparar tudo, tinha tomado o alvo final praticamente impossível de atingir.

A minha melancolia afetou a minha confiança e fez-me recuar de todos os planos parciais que tinha proposto a mim própria. Depois, as coisas tinham-se tomado infinitamente mais difíceis quando Jimmy ficou noivo de Caro, enegrecendo o meu espírito e fazendo com que eu acordasse a meio da noite, agarrada à pele do pescoço, a respirar de forma ofegante, a transpirar através da *t-shirt*. Sentia-me como que condenada, como se as coisas se estivessem a precipitar à minha frente, já fora do meu alcance.

E estava triste e terrivelmente certa. Já voltaram a olhar para o início deste texto e repararam que eu matei seis membros da minha família? Já viram que parecemos já ter alcançado este número mágico? Pois bem, não temos prémios para semelhantes olhos de falcão. Não sejam presunçosos nem me tomem por tão tola. Eu já passei meses a lidar com o meu fracasso, a tentar espantar o sentimento de que foi tudo em vão.

Para aqueles que têm um processo cognitivo mais lento, vou soletrar: eu não matei Simon Artemis. O meu único objetivo na vida e nunca o irei alcançar. E porque não? Porque ele está morto. Morto por um terrível acidente e não pela minha mão. Preferia que ele tivesse vivido mais 50 anos de tristeza e de ignomínia a ter morrido num maldito acidente. Que anedota cruel.

Três dias depois de eu ter sido presa pela morte de Caro Morton, Simon foi dado como desaparecido pelo *The Times*. Ao princípio, não foi notícia de primeira página, ocupando metade da página 3 (a minha detenção inicial só apareceu na página 6). Mas, no dia seguinte, a sua cara estava na primeira página de todos os jornais. Porque não haveria de estar? A história tinha tudo: dinheiro, poder, morte, escândalo e um mistério intrigante. Os *media* revisitaram as suas notícias sobre o trágico ano da família Artemis. Lee, cuja morte tinha sido abafada com razoável êxito na altura, foi exposto como um depravado sexual. Um repórter de um tabloide conseguiu entrar no apartamento de Janine e tirou fotografias da sauna, sinistramente acompanhadas de uma legenda em que se lia: «Queimada viva, terá Simon posto fim à sua própria vida após a horrível morte da sua mulher?» Antes de haver reais certezas quanto à sua morte, algumas amigas de Bryony usaram a história como desculpa para publicar fotografias dela com o *hashtag* #reunidosnocéu. Se o Céu acolhia magnatas corruptos e fingidoras maliciosas, então, era porque algo de muito errado se estava a passar no departamento de recursos humanos do Elísio.

Simon tinha desaparecido no mar. Isto fá-lo parecer um velho marinheiro, quando, na verdade, tinha arrancado no seu barco a motor embriagado, apesar dos avisos da tripulação. Aparentemente, tinha fugido para a sua vivenda em St Tropez. Eu nem sequer sabia que ele lá tinha uma casa, visto que é mesmo ao virar da costa do Mónaco, mas talvez Janine quisesse ter uma casa de campo para um muito necessário repouso. Os ricos são manhosos. Estas propriedades nunca estão em nome desses milionários corruptos. É para isso que servem as sociedades anónimas *offshore*. Ia acompanhado de um assistente não identificado, por receio de que ele pudesse colocar-se em perigo, o que foi bastante providente, como se veio a verificar.

De acordo com o assistente, Simon estava a conduzir demasiado rápido, inclinando demasiado o barco. Alarmado, o assistente decidiu assumir o

comando da embarcação e, ao passar pelo meu embriagado pai, este tropeçou borda fora. O barco estava a deslizar muito depressa e o assistente levou algum tempo a perceber como o controlar. Quando conseguiu abrandar e inverter a marcha, Simon estava debaixo das ondas. O assistente andou às voltas durante meia hora, procurando em vão qualquer sinal do patrão antes de voltar ao iate para pedir ajuda. A guarda costeira foi chamada e as buscas tiveram lugar, mas o céu noturno e a vastidão das águas dificultaram demasiado as coisas e Simon Artemis foi dado como presumivelmente morto. Presumivelmente morto significa apenas morto, não é verdade? Ainda não tinham encontrado um cadáver inflado, mordiscado por criaturas marítimas, mas talvez fosse apenas uma questão de tempo. Ou talvez este corpo tivesse caído para o fundo do mar, decompondo-se rapidamente para nunca mais reemergir. Ia tudo dar ao mesmo. À hora em que escrevo isto, as autoridades ainda não encontraram vestígios dele. Nem um botão de punho resta. Desapareceu. Nunca chegou a saber o que eu tinha feito.

Eu chorei. Chorei durante dois dias seguidos. A dor que senti era pior do que quando a minha mãe tinha morrido. Não por Simon, mas por tudo o que eu tinha planeado para o matar. Isso daria algum sentido à minha vida. Vingaria a memória de Marie e provaria que era capaz de me elevar acima das minhas circunstâncias.

Tomaria as coisas justas. Agora, tudo o que tinha para aplacar os meus problemas era saber que tinha sido bem-sucedida em matar um casal de pensionistas, em afogar um rapaz simpático que queria ajudar criaturas anfíbias, em aliciar o meu tio a entrar num clube de sexo mortífero, e em limpar o sebo a duas mulheres mimadas de que o mundo não sentiria falta nenhuma. Não era bem a vitória gloriosa que eu tinha em vista.

Nem sequer tive oportunidade de beber vinho da garrafa e caminhar pelo meu apartamento a ouvir The Cure no auge da dor. Nada disso. Fui acusada do homicídio de Caro Morton e levada a julgamento. Que agora tivesse de enfrentar um julgamento por um crime que não cometi parecia uma anedota surreal. Tinha sido ultrapassada pelo universo, e para quem acredita no *karma*, coisa em que eu não acredito, porque é para pessoas que também dão grande importância aos cristais, pois bem, eu tinha acabado de levar com uma mala cheia dele em cheio na cara.

Já aqui referi que caí numa espécie de depressão no início da minha estadia na prisão. Talvez agora seja um pouco mais evidente porque é que me afetou tanto. Não achava que fizesse sentido dar-me ao trabalho de lutar pela minha causa porque não sabia que tipo de vida me esperaria e se seria algo por que valesse a pena alimentar as minhas esperanças. Olho para trás e vejo uma amostra de mim mesma de olhos vazios a cambalear pela prisão. Estava a ser completamente patética. Felizmente, o choque passou. Em parte, a rotina tornou-se menos intolerável, é incrível a velocidade a que uma pessoa se deixa institucionalizar. Comecei a achá-la menos assustadora e mais aborrecida e, à medida que o meu cérebro baixava os níveis de ameaça, comecei a pensar noutras coisas que não em respirar normalmente quando as portas se fechavam à noite. Isto significava interessar-me pelo meu processo e despertar para as suas debilidades. Tinha passado pelo julgamento como uma *zombie*, mal me envolvendo no processo, vergada pelo peso dos meus fracassos. Mas depois comecei a ver como o meu veredicto podia ser contestado. Foi então que chamei George Thorpe. Tal como acontece em tantas áreas da vida britânica, se uma pessoa quiser ser levada a sério e tratada com respeito, a solução é contratar um homem branco fino para a representar. Se for de meia-idade, melhor ainda. E esse o verdadeiro *jackpot* dos privilegiados.

Thorpe fez-me ver que não tinha de encarar uma decisão do júri como definitiva.

— Grace, os jurados não são, digamos, sempre o tipo de pessoas a quem devamos dar ouvidos. Enganam-se muitas vezes, são largamente motivados pelas suas próprias animosidades pessoais e têm uma compreensão extraordinariamente limitada dos factos em si mesmos. Há muitas opções em aberto para nós, por isso olhemos para o seu veredicto simplesmente como uma primeira oferta, de acordo? — Eu teria sido capaz de beijar o homem se ele não estivesse a usar suspensórios debaixo do fato.

O que realmente mudou a minha atitude foi ler que Lara anunciara que iria estar na inauguração da Fundação Artemis para ajudar crianças migrantes. Eu apreciei muito isto, imaginando que fosse o derradeiro «vão-se lixar» a uma família que se preocupava menos com a condição dos menores mais vulneráveis do que a bruxa que vivia na casa de gengibre. Mas também me inquietava. Quão boazinha é que Lara estava disposta a ser? Se o dinheiro

estivesse a ser empatado em fundos de caridade, eu teria grandes dificuldades em aceder a uma parte dele. Talvez eu ter sido impelida a agir por receio de que o meu dinheiro fosse oferecido a refugiados atemorizados não seja muito abonatório do meu carácter, mas enfim, as coisas são o que são. Matei seis pessoas, por isso, agora já não adianta muito inquietar-me com a minha fibra moral. Volto então a trabalhar, e a minha persistente depressão desvanece-se com notável rapidez. Consegui reformular os meus fracassos. Não cheguei a matar Simon, não adianta agora tentar iludir a severidade desse golpe, mas eliminei seis membros da sua família sucessivamente num curto período, causando-lhe grande temor, confusão e dor que o perseguiram para sempre, até aos seus derradeiros momentos. Consolo-me com a ideia de que ele nunca teria chegado tão bêbedo e obstinado ao seu barco a motor se não fossem as minhas ações, por isso é verdade que desempenhei um papel crucial na sua morte, mesmo que não pudesse estar lá para testemunhar a sua gloriosa queda. A verdade é que não gosto de barcos por aí além, por isso, estranhamente, talvez tenha sido melhor assim. Tinha um bom jogo, mesmo que não fosse a sequência real com que eu estava a contar.

Capítulo 16

Suponho que devo começar por me apresentar, de outro modo, isto será ainda mais bizarro para ti do que já é. Chamo-me Harry e sou teu irmão. Meu Deus, isto soa ridículo, não é? Se calhar, estou a criar uma impressão de que sou uma espécie de Darth Vader. Seja como for, é verdade. Não somos filhos da mesma mãe, claro está, isso seria absurdo. Somos do mesmo pai, mas isso provavelmente é óbvio. Desculpa, não tenho muito jeito para explicar tudo isto.

Talvez seja melhor começar pelo princípio. Não soube quem era o meu pai até aos 23 anos. Quer dizer, isto não é bem verdade. Passei 23 anos com um pai maravilhoso. Christopher era um companheiro fantástico, sempre pronto para me levar aos treinos de rãguebi, ensinou-me a atirar quando ainda mal tinha idade para segurar numa arma. Costumava subir as escadas quando a Avó acabava de me dar banho e vestia-me o pijama. Segurando num copo de *whiskey*, instalava-se à cabeceira da minha cama e lia-me uma história todas as noites. Não era um fã dos livros para crianças modernos, preferindo as histórias de Arthur Ransom e de John Buchan. Tinha uma voz grave e profunda e costumava gesticular com as mãos enquanto lia para mim, com o seu *whiskey* a clarear até as pedras de gelo se unirem com um estalido. É um som que ainda hoje adoro ouvir.

Os meus pais tiveram duas filhas depois de mim. Havia uma diferença de idades bastante grande, cinco anos entre mim e Molly e mais dois entre Molly e Belle. Sempre me disseram que era por me dedicarem tanta atenção que tinham esperado tanto tempo. Foi uma coisa que fiz questão de relembrar muitas vezes às minhas irmãs, acredita. É bom ter irmãos, mesmo com essa diferença de idades. Tu foste filha única, não foste? Não consigo imaginar como seria não ter companheiras de conspiração à minha volta o tempo todo. Ter sempre alguém para formar um bando. Ter sempre alguém com quem brincar.

A minha mãe sempre foi bastante nervosa, mas é uma mulher maravilhosa, apesar de tudo isso. Já trabalhava antes de me ter, era professora da escola primária, mas acho que o que ela realmente queria era criar uma

família e viver no campo. Eu sei que já não está muito em voga dizer isto, mas para a nossa família funcionou muito bem. E o nosso pai ficou bastante contente por contribuir para que isso acontecesse. Acho que a minha mãe não era suficientemente forte para trabalhar. Provavelmente achas isto ridículo. Eu sei como tu és forte. Mas se calhar também achas isto ridículo, visto que nunca nos conhecemos como deve ser. Mas tenho razão, não tenho?

Oh, diabo, já me perdi um pouco, não foi? Como eu estava a dizer, só soube quem era o meu pai biológico quando já era adulto. Tinha-me formado em Exeter com um curso de Filosofia, Política e Economia, e tinha-me mudado para Londres para trabalhar na cidade e divertir-me um bocado. Ter crescido no Surrey fazia com que Londres me parecesse uma cidade crua e empolgante. Ainda hoje me parece, aliás. Tu nasceste lá, não foi? Imagino que estejas farta da cidade, demasiado habituada a ela. Sorte a tua! Acima de tudo, queria fazer dinheiro. Nós vivíamos bem, é certo, mas eu via as coisas que os outros rapazes da minha escola tinham, e sempre senti um verdadeiro desejo de conseguir ter as mesmas coisas. Christopher era diretor de uma empresa de contabilidade de média dimensão, e fazia bom dinheiro. Sempre foi suficiente. Até que, um belo dia, deixou de ser. Foi no dia em que um rapaz da minha turma veio a minha casa tomar chá durante as férias, quando eu tinha à volta de 8 anos, e perguntou se o motorista o podia levar a casa mais tarde. A minha mãe sorriu-lhe e disse que ela própria o levaria em segurança, mas ele parecia confuso. Foi então que percebi o que andava a perder. É engraçado... uma pessoa perceber que quer ter um motorista aos 8 anos. Imagino que a maior parte dos miúdos de 8 anos queira ter uma consola de jogos.

O treino para ser corretor da bolsa foi extenuante. Ao cabo de 18 meses, recebi um telefonema durante a hora de almoço, estava eu a empurrar uma sanduíche pela boca abaixo e a tentar ler os números do dia. Era a minha mãe, que se chama Charlotte — toda a gente na família lhe chama Lottie. O meu pai tinha tido um ataque cardíaco e ela estava no Hospital Royal Surrey com as minhas irmãs. Eu mandei parar um táxi em Liverpool Street e pedi ao taxista que me levasse lá o mais rápido possível. Mas foi demasiado tarde. Ele morreu antes de eu chegar. Eu sei que compreendes como me senti nesse dia, pois também perdeste a tua mãe muito nova. Estávamos todos inconsoláveis. Tirei três dias de folga para estar com a minha mãe e as

minhas irmãs, apesar de a minha mãe ter caído de cama e se ter recusado a falar normalmente durante esse período. Mas eu tinha de voltar ao trabalho, e consegui que a minha avó viesse de Nova Iorque para ficar com elas. O funeral teve lugar uma semana depois. A igreja estava cheia de amigos de Christopher — amigos dos seus tempos de escola em Eton, amigos que fez no trabalho e todos os que tinha feito entre uma coisa e outra. O coro cantou «Jerusalém» e toda a gente recordou o verdadeiro cavaleiro que era o meu pai. A minha mãe tomou um calmante para aguentar a cerimónia, e as minhas irmãs choraram muito. Mas foi uma despedida como deve ser, um dia encantador, apesar da tristeza. Ou pelo menos estava a ser, até às cinco da tarde. A vigília voltou a ser em nossa casa. Tínhamos mandado vir comida, pois a minha mãe não estava, evidentemente, em condições de servir um banquete. Por isso, a única coisa que havia para fazer era andar por ali e aceitar o maior número de palavras de simpatia que conseguíamos por parte das pessoas presentes. A minha mãe tinha-se retirado para o quarto uma meia hora antes, e eu estava a tentar falar com tanta gente quanto me era possível. As miúdas estavam sentadas na sala de estar com a Avó. Pareciam esgotadas. A responsabilidade agora era minha. Estava eu a acabar de me desembaraçar de um homem aborrecido com um fato cinzento aos quadrados que tinha trabalhado com o Pai e a dirigir-me para a casa de banho quando senti alguém tocar-me no ombro. Era a minha tia Jean. Eu chamava-lhe tia, mas, na verdade, era a amiga mais antiga da minha mãe. Eram como irmãs, e uma relíquia da minha infância, apesar de pouco a ter visto nos últimos anos. Parecia envelhecida, com umas grandes olheiras e uma estranha mão ossuda com que apertou a minha.

— Lamento o que aconteceu ao nosso querido Christopher — fungou ela. Eu murmurei «obrigado» e fizemos um pouco de conversa de circunstância sobre o dia. — Ele sempre te tratou como a um filho. Sempre. Era um homem maravilhoso.

Vais achar que sou um palerma, mas eu nem sequer me teria apercebido do que ela dissera, não fora o facto de, assim que as palavras lhe saíram da boca, ela ter recuado, deixando cair a minha mão, ficando com os olhos inchados. Apenas durante alguns segundos, percebes? Mas eu via que ela se tinha assustado a si própria. Jean começou a despedir-se de mim, que tinha de ir, que era uma longa viagem. Eu assenti, dei-lhe um abraço e disse-lhe que

dizia adeus à minha mãe por ela. Mergulhei na casa de banho lá de baixo e revolvi o bolso do casaco à procura do maço de cigarros que tinha feito questão de levar para o caso de precisar de um minuto a sós nesse dia. Sei que também fazes isso, não fazes? Não o tempo todo, não és uma rapariga de cigarro a seguir ao primeiro café da manhã. Só de vez em quando, quando precisas de fazer uma pausa do mundo exterior. Eu pedi-te o isqueiro emprestado uma vez no *pub* ao virar da esquina do teu escritório. É uma boa tática quando se quer passar um segundo ou dois a olhar para alguém sem que a pessoa se importe ou entre em paranoia. Fui até à porta lateral e entrei no jardim da cozinha, onde não havia convidados. Agachando-me, com as costas encostadas à parede, reproduzi o comentário de Jean na minha cabeça uma e outra vez. Um comentário feito por uma mulher pesarosa que, em condições normais, eu teria rejeitado como um simples disparate. Mas ela parecia de tal maneira tomada de pânico quando acabou de o dizer. Não havia como confundir aquilo. Eu sou uma pessoa racional, Grace.

O treino para ser corretor da bolsa foi extenuante. Ao cabo de 18 meses, recebi um telefonema durante a hora de almoço, estava eu a empurrar uma sanduíche pela boca abaixo e a tentar ler os números do dia. Era a minha mãe, que se chama Charlotte — toda a gente na família lhe chama Lottie. O meu pai tinha tido um ataque cardíaco e ela estava no Hospital Royal Surrey com as minhas irmãs. Eu mandei parar um táxi em Liverpool Street e pedi ao taxista que me levasse lá o mais rápido possível. Mas foi demasiado tarde. Ele morreu antes de eu chegar. Eu sei que compreendes como me senti nesse dia, pois também perdeste a tua mãe muito nova. Estávamos todos inconsoláveis. Tirei três dias de folga para estar com a minha mãe e as minhas irmãs, apesar de a minha mãe ter caído de cama e se ter recusado a falar normalmente durante esse período. Mas eu tinha de voltar ao trabalho, e consegui que a minha avó viesse de Nova Iorque para ficar com elas. O funeral teve lugar uma semana depois. A igreja estava cheia de amigos de Christopher — amigos dos seus tempos de escola em Eton, amigos que fez no trabalho e todos os que tinha feito entre uma coisa e outra. O coro cantou «Jerusalém» e toda a gente recordou o verdadeiro cavalheiro que era o meu pai. A minha mãe tomou um calmante para aguentar a cerimónia, e as minhas irmãs choraram muito. Mas foi uma despedida como deve ser, um dia encantador, apesar da tristeza. Ou pelo menos estava a ser, até às cinco da

tarde. A vigília voltou a ser em nossa casa. Tínhamos mandado vir comida, pois a minha mãe não estava, evidentemente, em condições de servir um banquete. Por isso, a única coisa que havia para fazer era andar por ali e aceitar o maior número de palavras de simpatia que conseguíamos por parte das pessoas presentes. A minha mãe tinha-se retirado para o quarto uma meia hora antes, e eu estava a tentar falar com tanta gente quanto me era possível. As miúdas estavam sentadas na sala de estar com a Avó. Pareciam esgotadas. A responsabilidade agora era minha. Estava eu a acabar de me desembaraçar de um homem aborrecido com um fato cinzento aos quadrados que tinha trabalhado com o Pai e a dirigir-me para a casa de banho quando senti alguém tocar-me no ombro. Era a minha tia Jean. Eu chamava-lhe tia, mas, na verdade, era a amiga mais antiga da minha mãe. Eram como irmãs, e uma relíquia da minha infância, apesar de pouco a ter visto nos últimos anos. Parecia envelhecida, com umas grandes olheiras e uma estranha mão ossuda com que apertou a minha.

— Lamento o que aconteceu ao nosso querido Christopher — fungou ela. Eu murmurei «obrigado» e fizemos um pouco de conversa de circunstância sobre o dia. — Ele sempre te tratou como a um filho. Sempre. Era um homem maravilhoso.

Vais achar que sou um palerma, mas eu nem sequer me teria apercebido do que ela dissera, não fora o facto de, assim que as palavras lhe saíram da boca, ela ter recuado, deixando cair a minha mão, ficando com os olhos inchados. Apenas durante alguns segundos, percebes? Mas eu via que ela se tinha assustado a si própria. Jean começou a despedir-se de mim, que tinha de ir, que era uma longa viagem. Eu assenti, dei-lhe um abraço e disse-lhe que dizia adeus à minha mãe por ela. Mergulhei na casa de banho lá de baixo e revolvi o bolso do casaco à procura do maço de cigarros que tinha feito questão de levar para o caso de precisar de um minuto a sós nesse dia. Sei que também fazes isso, não fazes? Não o tempo todo, não és uma rapariga de cigarro a seguir ao primeiro café da manhã. Só de vez em quando, quando precisas de fazer uma pausa do mundo exterior. Eu pedi-te o isqueiro emprestado uma vez no *pub* ao virar da esquina do teu escritório. É uma boa tática quando se quer passar um segundo ou dois a olhar para alguém sem que a pessoa se importe ou entre em paranoia. Fui até à porta lateral e entrei no jardim da cozinha, onde não havia convidados. Agachando-me, com as

costas encostadas à parede, reproduzi o comentário de Jean na minha cabeça uma e outra vez. Um comentário feito por uma mulher pesarosa que, em condições normais, eu teria rejeitado como um simples disparate. Mas ela parecia de tal maneira tomada de pânico quando acabou de o dizer. Não havia como confundir aquilo. Eu sou uma pessoa racional, Grace.

Orgulho-me de não embarcar em lérias e de não me permitir entrar em autonegação. Por isso, a única conclusão sensata a retirar, por muito dolorosa que fosse, era que, de algum modo, Christopher não era o meu verdadeiro pai.

Esperei até o último convidado se ir embora, certifiquei-me de que as minhas irmãs estavam bem instaladas em frente à televisão e subi a escadaria estreita que levava ao quarto da minha mãe. A tua mãe era fraca, Grace? Imagino que sim. Aposto que era muito semelhante à minha em vários aspetos. A única diferença é que a minha mãe tinha um marido para a proteger do mundo, e a tua, não. Eu não queria desferir um golpe duro sobre ela, muito menos naquele dia. Mas subitamente senti-me tão cansado de andar em bicos dos pés à volta dela, de me esforçar para que ela não tivesse de enfrentar nenhuma pressão ou situação desagradável, como ela costumava dizer. Queria ser franco, uma vez na vida. E fui.

Lottie não estava a dormir. Estava apenas deitada na meia-luz, agarrada a uma almofada como se fosse um ursinho de peluche. Parecia pequenina, com o seu cabelo loiro fino espalhado sobre as almofadas como se fosse uma criança. Eu sentei-me do outro lado da cama e disse-lhe que sabia que Christopher não era o meu pai biológico. Não fazia sentido dar-lhe sequer a oportunidade de mentir. Se eu estava à espera de a ver transtornada e a implorar o meu perdão, estava enganado. Ela negou tudo com uma energia que nunca lhe tinha visto. Era uma energia que eu nem sequer sabia que ela tinha dentro dela, para ser franco.

Demorámos dez minutos a passar da fase do ultraje, em que ela dizia não poder crer que eu pudesse afirmar tal coisa. Foram mais 20 minutos para passar da fase do choro e da reiterada insistência em que não era possível falarmos sobre tais coisas, e muito menos naquele dia. E meia hora depois, Lottie estava a abraçar-me, dizendo-me que Christophe *era* o meu pai, dissessem as pessoas o que dissessem. Doze minutos depois, começou a

contar-me a verdade.

A minha mãe teve uma educação bastante protegida em Somerset, com uma família que tinha uma pequena e bela casa antiga e um nome respeitado. Não houve muito dinheiro para ela, visto que o primeiro filho era o filho predileto, mas foi feliz quanto baste. Foi para Londres aos 20 anos, com o pretexto de ir trabalhar para uma galeria de arte perto de Savile Row, mas, acima de tudo, disse-me ela, para ter uma aventura. Para a minha mãe, isto significava ir a muitas festas, discotecas e excursões ao Sul de França com amigos ricos. Eu sabia que ela tinha vivido em Londres antes de me ter, mas fiquei um pouco surpreendido com aquela vida em roda livre de que agora me estava a falar. A minha mãe usou casacos de lã e galochas a vida toda. Ainda é difícil para mim imaginá-la a ir a alguns dos clubes da cidade que eu frequento. Já conhecia Christopher, contou-me ela, mas eram apenas amigos. Ele era tímido, coisa que eu sabia que toda a vida tinha sido, e ela não reparava muito nele quando estavam em grupo.

Uma noite, numa discoteca chamada Vanessa's, ela estava sentada num banco com um grupo de amigas quando um empregado lhe levou uma taça de champanhe e lhe disse que era do cavalheiro que estava ao balcão. Quando olhou, viu um homem de cabelo escuro com uma *t-shirt* e calças pretas, a olhar fixamente para ela. Com uma respiração trémula e ofegante, a minha mãe explicou-me que ficou intrigada. A maior parte dos homens que ela conhecia já eram fotocópias dos próprios pais. Corretos e reservados, à procura do tipo de esposa certa. Este era diferente, e as amigas dela fizeram um grande alarido em torno da sua abordagem, instando a minha mãe a ir falar com ele. E ela assim fez. A minha mãe ansiosa, que se vai deitar sempre que a vida a deita abaixo, abeirou-se deste desconhecido e entabulou conversa.

Não preciso de te contar o resto, pois não, Grace? Tu já sabes. Não é a tua história, no entanto, é como se fosse. Quando Lottie descobriu que estava grávida, já este homem tinha passado à fase seguinte. E ela não era forte como a tua mãe. Horrorizada com o que os pais iriam pensar, continuou a trabalhar em estado de negação.

Até que, um dia, o meu pai apareceu no apartamento que ela partilhava com algumas amigas perto de Kings Road e disse-lhe que sabia o que tinha

acontecido. Eu não sei se ele tinha adivinhado ou o que é que se passou ao certo, mas Lottie estava a chorar bastante nesta parte da história e eu não quis pressioná-la, mas ele foi muito generoso e disse-lhe que se deviam casar. Dou por mim a sorrir só de pensar nisso. Que gesto de heroísmo vitoriano por parte do meu velho pai. Estávamos nos anos 90, valha-me Deus! Mas os meus avós eram antiquados, e estou certo de que teriam execrado qualquer tipo de falatório. Tal como a minha mãe, aliás. Há uma parte da classe alta britânica que aprecia o escândalo, ou pelo menos acha que tudo é uma anedota. A minha família, apesar da nossa boa fortuna, não estava bem nesse nível. Ela sorriu ao recordar a sua reação à proposta, ainda com a almofada apertada contra o corpo.

Não sei se Lottie tinha alguma paixão romântica por Christopher nessa altura. Talvez nunca tenha tido. Mas eles foram felizes, Grace. Verdadeiramente felizes. E isso pode significar mais do que os fogachos da paixão que os homens estão sempre a ouvir dizer que as mulheres querem. O príncipe Carlos, que parece ser um tipo decente, meteu-se numa grande alhada quando respondeu a um jornalista que lhe perguntou se amava Diana, ao dizer: «seja lá o que for o amor».

Eu não sabia o que fazer nessa noite. Ver a Mamã a chorar foi horrível. Por isso, abracei-a, dei-lhe um calmante que o nosso médico de família lhe tinha receitado e deixei-a a dormir. O resto da história revelou-se ao longo das semanas seguintes. Voltei ao trabalho e ia para casa da minha mãe todas as sextas-feiras à noite, passeava o cão durante quilómetros com as minhas irmãs e certificava-me de que a minha mãe comia (coisa que tem tendência para se esquecer de fazer quando está ansiosa). De vez em quando, fazia uma ou outra pergunta sobre o meu pai, e ela corava e desfalecia. Às vezes, respondia, outras vezes, não — talvez não conseguisse. Mas eu não conseguia deixar de insistir. Olhava para as minhas irmãs e, de um momento para o outro, via como as suas feições não eram nada parecidas com as minhas. Perguntava-me que partes de mim eram da minha mãe e quais não eram. O meu temperamento sempre tinha sido tema de conversa na minha família — sou capaz de explodir de uma maneira que mais ninguém faz. Christopher era demasiado doce, Lottie demasiado fraca. Agora sabia que esse temperamento me tinha sido dado por outra pessoa. Os laços de sangue são importantes para mim, Grace. Não de uma maneira limitada e obcecada

com o sangue azul, como alguns dos meus colegas de escola que queriam saber que terras é que as nossas famílias detinham no século xvi, mas porque nos dizem coisas sobre nós mesmos que nada mais pode dizer. Eu julgava que era o filho de Christopher e de Lottie Hawthorne e sabia o que isso significava. Sabia quem era e quem é que seria. E agora tinha de descobrir onde e de que maneira é que me tinha enganado sobre tudo isso.

Ela deu-me o nome do meu pai num domingo, estava eu estava a carregar o meu carro para voltar para Londres. Enquanto eu pegava no último saco do quarto das roupas, ela veio ter comigo, envolvendo o seu próprio corpo com os braços, como se se estivesse a proteger de mim, e beijou-me a face.

— Simon. Simon Artemis — sussurrou ela, enquanto se afastava de mim e se encaminhava decididamente para a cozinha onde as minhas irmãs estavam a fazer bolinhos.

Eu não ando a par do mundo das celebridades. Se me perguntares pela família Kardashian, eu dir-te-ei, orgulhosamente, que, até há dois anos, pensava que era uma dinastia do Médio Oriente. Mas conheço o mundo dos negócios e aquele nome bateu-me em cheio como um murro no estômago. Durante toda a viagem puxei pela cabeça a tentar lembrar-me de todos os pormenores que sabia sobre ele. Os seus pais eram retalhistas de classe média. Ele começou por abrir uma tenda no mercado a vender saias feitas de desperdícios aos 16 anos e fez dinheiro suficiente para comprar a sua primeira loja aos 19. O olho para as tendências e a insistência em ter produtos novos à venda todas as quintas-feiras (imediatamente antes do fim de semana, perspicaz) fê-lo ganhar o seu primeiro milhão aos 24 anos de idade. Desde então, o império Artemis não tinha parado de crescer, fazendo dele uma presença permanente na lista dos grandes milionários. Simon Artemis era conselheiro do governo para o mercado e comércio, um papel essencialmente simbólico, mas que lhe conferia uma aura de respeitabilidade que, para sermos sinceros, ele não merecia. Não sei quanto é que tu sabes (ou se queres saber) dos seus negócios, mas ele foi sempre um homem de negociatas desde o primeiro dia e nunca deixou de o ser ao longo das últimas décadas. A sua empresa de moda funcionou quando as outras se afundaram porque ele manteve sempre uma atitude agressiva em relação às margens de lucro e explorava todos os vazios legais em seu benefício. Comprou a Sassy Girl com dinheiro de investidores privados e depois pagou-lhes com ativos

que retirou do negócio. Não lhe custou nem um centavo! Os seus tecidos eram abaixo da média, as suas fábricas ficavam em países longínquos onde as leis laborais eram inexistentes. Isto mudou quando houve um clamor geral em relação às condições de trabalho nas fábricas em meados dos anos 90, mas ele limitou-se a deslocar as operações para outro país mais ansioso por fechar os olhos e mais capaz de manter os jornalistas e os ativistas à distância. Simon contratou uma equipa de contabilistas e advogados para assegurar que pagava o mínimo de impostos possível no Reino Unido, e mantinha o pessoal com contratos muito duvidosos, que acabavam muitas vezes antes de ele ser obrigado a pagar quaisquer benefícios. Os contratos de confidencialidade eram generalizados na sua empresa — sabe Deus o que é que encobriam. Houve pelo menos oito casos de mulheres despedidas quando engravidaram, e apesar de os seus representantes terem sido capazes de defender com êxito que tinha havido razões legítimas para os despedimentos, toda a gente sabia que o grupo Artemis era gerido por tubarões.

Devo dizer que não tenho quaisquer problemas com isto. Acredito que os negócios se devem autorregular, e que a legislação destinada a proteger os trabalhadores asfixia a inovação e o crescimento. Se se amarrar demasiado as mãos de uma empresa, ela não terá outro remédio senão mudar o seu quartel-general para outro sítio — o que é um verdadeiro desastre para a economia do Reino Unido. Simon jogava com a lei, e eu não o censuro por ter explorado os seus limites.

Eu tinha dificuldade em aceitar quem o meu pai era por uma razão diferente, e estou ciente de que isso me pode apresentar a uma luz pouco favorável aos teus olhos, Grace. Mas estou a ser completamente honesto, e também não há nada que tu possas fazer com isto, por isso sinto-me livre para ser franco. A minha principal reação quando descobri quem era o meu verdadeiro pai ao fim de 23 anos foi de um grande embaraço. Christopher era um homem que sabia quais os botins que tinham o tom de verde adequado para não dar nas vistas. Usava fatos de fazenda de tons discretos e jamais teria aceitado um cartão dourado por receio de parecer deselegante. Eu cresci numa família em que o bom gosto e a etiqueta eram inatos, eram-nos naturalmente incutidos, nunca eram discutidos porque nunca precisávamos de verbalizar nada sobre isso. Mas este homem era o oposto de tudo o que eu entendia. Passei alguns dias na Internet à procura do máximo de informação

que consegui encontrar sobre ele e todas as páginas em que cliquei me deixaram horrorizado. Simon era proprietário de uma frota de automóveis com chapas de matrícula personalizadas. Usava um anel no dedo mindinho com um escudo de armas que tinha mandado desenhar para a sua família a um joalheiro cujos principais clientes eram russos. Havia várias colunas da *Hello!* que mostravam a casa de família dos Artemis e a quantidade de creme e dourado em exposição faziam-me gemer em voz alta. Era tudo indescritivelmente pegajoso. Era dinheiro novo, mobília nova, arrivismo. Tudo o que eu sabia não ser, sem que alguma vez tivesse tido de explicar porquê.

Não conseguia tirar da cabeça como é que Lottie podia ter sido seduzida por semelhante personagem. Ela era nova e fraca, é certo, mas, valha-me Deus, este homem era a antítese de tudo o que ela alguma vez conheceria.

Repugnava-me, verdade seja dita. As minhas irmãs tinham nascido numa família feliz, em que as convenções e as tradições tinham bastante significado. Eu pensava que também era. Mas, em vez disso, tinha aterrado aqui depois de a minha mãe ter sido suficientemente tonta para se entregar por uma noite a um *playboy* que passava férias em Marbella e de vez em quando aparecia num programa de televisão sobre novas ideias de negócios chamado *Mogul Wars*.

A classe importa, Grace. Eu sei que nem sempre é conveniente dizer isto, mas acho que é uma perfeita loucura negar uma realidade apenas porque é desconfortável. Não sei o que é que pensas das origens de Simon ou da sua predileção por relógios tão grandes que podiam servir de despertador na mesa de cabeceira, mas imagino que tenhas reservas idênticas. Não quero dizer que tenha sido pior para mim, mas convenhamos que foi pior para mim. Cresci mesmo no meio de um sistema de classes rígido que os britânicos habilidosamente criaram há mil anos. É sempre pior para aqueles que oscilam precariamente entre as categorias — pelo menos tu sabias qual era o teu lugar na hierarquia.

Passei alguns meses num vaivém entre o trabalho e a casa de Lottie, tentando transmitir às minhas irmãs um sentimento de normalidade e, para ser sincero, para dar um sentimento de normalidade a mim mesmo. Em Londres, estava a progredir no trabalho e a ganhar um ordenado decente, mas

em Surrey começava a tornar-se cada vez mais óbvio que Christopher não tinha vivido tão confortavelmente como nós julgávamos. O seu testamento deixava tudo a Lottie — a casa, o carro, os seus investimentos e a sua pensão —, mas ele tinha feito uma nova hipoteca sem que nenhum de nós soubesse, três anos antes, e tinha andado a tirar dinheiro da pensão para pagar as propinas do colégio das miúdas e cobrir as despesas de estilo de vida. Nada de especial — Christopher não era um esbanjador -, mas, como eu estava a dizer, o nosso círculo social tinha padrões bastante exigentes e o meu pai empenhava-se tanto em estar ao nível dos Jones⁸ — como se costuma dizer — como qualquer outra pessoa. Só que, no nosso caso, em vez dos Jones, eram os Guinness, os Montefiore, os Ascot...

Lottie preferia enterrar a cabeça na areia, distraíndo-se de quaisquer questões imediatas suscitadas pela morte do marido, jardinando quase obsessivamente de manhã à noite. De cada vez que eu tentava abordar o assunto com ela, enfiava-me bolbos nas mãos ou atirava-me mãos-cheias de ervas daninhas para cima. Uma vez, enfiou-se numa sebe de espinhos só para não ouvir a conversa. Mas eu tinha andado a estudar as contas e sabia que precisávamos de uma injeção de capital urgentemente. Perder a casa seria uma indignidade de que nenhum de nós recuperaria facilmente. A nossa família é tradicional, e agora era eu o chefe de família, independentemente das normas modernas. Lottie não conseguia ou não queria enfrentar os factos, por isso, era eu que tinha de assumir as rédeas.

Sou uma pessoa prática, Grace. Fui muitas vezes censurado pelo meu professor de inglês por não ter a imaginação necessária para compreender as grandes obras de ficção. Não conseguia ver por mim próprio qual era o interesse da maior parte das coisas. Se tiver de ler um livro, prefiro que seja uma autobiografia, de preferência, relacionada com desporto. Nunca senti que isso me prejudicasse na vida. Não sou um sonhador. Sei o que quero e do que preciso para ter uma vida boa, e sou capaz de trabalhar que nem um louco para o conseguir. Mas não tinha tempo suficiente para assegurar o futuro da minha família se continuasse a ter uma posição menor na *city*. Por isso, adotei uma nova linha de ação.

Consegues ver o que aí vem? Imagino que seja bastante óbvio. Decidi que Simon seria a nossa tábuia de salvação. A ideia ocorreu-me pela primeira vez numa noite no meu quarto, enquanto revia as notas do contabilista sobre a

hipoteca, as propinas, a manutenção da casa. As despesas eram enormes e não havia rendimentos suficientes para as acomodar. *Fala com o teu verdadeiro pai*, sussurrava uma voz dentro de mim. Quase me dava vontade de rir. Eu, contactar aquele homem assim, de um momento para o outro, e pedir-lhe para financiar a minha família, sobre a qual ele não sabia rigorosamente nada. Que disparate. E mesmo que pudesse, era claro que não queria envolver-me com aquele homem. Não por quaisquer escrúpulos morais — dinheiro é dinheiro, e ele decerto que tinha muito —, mas sim porque era tudo demasiado sujo e de mau gosto. Um pai recém-descoberto, um homem que se fazia fotografar com oligarcas em clubes privados vagamente sórdidos. Um motorista num *Bentley*.

Tentei repudiar a ideia, mas ela não deixava de me perseguir. De cada vez que olhava para as contas, o nome dele bailava no meu espírito. Finalmente, depois de uma conversa algo atormentada com o contabilista, que me explicou categoricamente que as miúdas teriam de abandonar o colégio no final do ano, a menos que fizéssemos alguma coisa, a minha resolução caiu por terra.

Não se envia um *e-mail* a um homem como Simon Artemis. Aprendi isso nos poucos meses em que estive no mundo da finança. Pessoas assim são demasiado importantes. Têm cinco assistentes e a sua caixa de mensagens é monitorizada, selecionada, as mensagens prioritárias são acionadas em minutos. Qualquer coisa que eu enviasse seria relegada para a pilha dos «malucos» e irremediavelmente esquecida. Por isso, resolvi aparecer no seu escritório. Era um passo arriscado, mas eu sentia que a abordagem direta me assentava bem. Como costumava ler as páginas da imprensa financeira todos os dias, sabia que o grupo Artemis estava de olho numa empresa de vestuário mais pequena chamada «Re'belle», com excelentes propriedades em Kensington e no Soho. O antigo dono não estava a querer ceder, teimando que a empresa seria sempre um negócio familiar. Eu utilizei o nome do seu filho na receção, e disse que estava ali para abrir um novo canal de comunicação. Podia ter corrido mal, mas a assistente parecia saber quem eu professava ser (suponho que Benny Fairstein é um nome bastante memorável para quem está no negócio da moda) e pôs-se imediatamente ao telefone. Só tive de esperar dez minutos até ser conduzido ao gabinete de Simon. Os seus olhos semicerraram-se quando eu entrei, e eu percebi que tinha pouco tempo

para explicar quem realmente era.

Grace, és a única pessoa no mundo com quem desejo partilhar isto. Sei que vais achar isto fascinante, que não estarás interessada nos aspetos mexeriqueiros da história. Fui direto ao assunto, não pedi desculpa pelos meus falsos pretextos. Sentei-me numa poltrona diante dele, olhei-o nos olhos e disse-lhe que era seu filho. Antes mesmo de continuar a explicar o que quer que fosse, tenho de dizer que ele não pareceu muito surpreso. Talvez já estivesse à espera de que um ou dois filhos extraviados lhe aparecessem um dia. O que, a confirmar-se, era muito prudente da parte dele.

Falei-lhe de Lottie, pedi-lhe que tentasse puxar pela memória. Esperei. Ele examinou-me o rosto com o olhar, e eu examinei o dele. Demo-nos conta dos nossos narizes idênticos ao mesmo tempo. Suponho que num filme este seria o momento em que a música de fundo começaria a tocar. Mas nós permanecemos em silêncio. Depois ele perguntou-me o que é que eu queria. Ora, quando se faz um negócio, há duas maneiras de abordar uma pergunta destas. Uma delas é disfarçar a resposta, lisonjear o interlocutor e atirar ideias vagas e inacabadas para o ar, a outra é ir direto ao assunto. Eu não tenho tempo para a primeira opção. Disse-lhe que não tinha intenção de lhe causar qualquer embaraço, que não pretendia ser o filho perdido ansioso por se juntar ao seu novo império. Assegurei-lhe que o respeitava, mas agora tinha uma família para sustentar e ele era a única pessoa a quem eu podia recorrer. Propus-lhe um acordo único, apresentei um valor fechado num envelope em cima da mesa, e voltei a reclinar-me na poltrona. Ele abriu-o e riu-se. Não sei bem do que é que estava à espera, mas o riso não seria a minha primeira aposta. Olhando para trás, acho que o valor o impressionou. Talvez ele pensasse que era um jogo de poder. Não era — eu só queria dinheiro, pura e simplesmente —, mas talvez a minha motivação fosse suficientemente forte para me tornar mais arrojado.

O que foi estranho foi que serviu para quebrar o gelo. Imagino que quando se é assim tão rico devemos passar o tempo todo a desconfiar que toda a gente quer obter alguma coisa de nós. Se uma pessoa se limitar a confirmar isso sem rodeios, então, podemos passar à fase seguinte. Em vez de atender ao meu pedido, reclinou-se na cadeira, carregou no intercomunicador e pediu à secretária que cancelasse a reunião seguinte. Depois perguntou-me pela minha vida — onde eu vivia, o que fazia, qual era o meu clube de

futebol. Ao princípio, foi um pouco estranho, mas eu alinhei na conversa. Abanou a cabeça quando lhe contei da morte de Christopher, e sorriu-me quando lhe disse que estava a trabalhar na *city*. Viemos a descobrir que ambos éramos adeptos do Queens Park Rangers e trocámos algumas opiniões sobre o treinador, com ele a meter-se comigo por ter falhado o último grande jogo da equipa. Para alguém de fora, poderia parecer um encontro normal entre pai e filho. Eu não parava de pensar nisso. Não parava de pensar que este homem era meu pai. Este homem bronzeado, de corpo trabalhado no ginásio, com um fato cinzento-metalizado e que usava um relógio de ouro que refletia a luz do sol nos meus olhos quando mexia o braço.

Meu Deus, estou-me a tornar aborrecido, Grace, desculpa. Mas toda esta situação tem sido uma verdadeira loucura para mim, e eu não sou do género de deitar tudo cá para fora com um terapeuta. Mais vale estostrar, é o que eu penso sempre. E não tenho muito de que me queixar, na verdade. Tenho uma boa família, um bom trabalho e estabilidade financeira. Ah, sim — era aí que eu queria chegar. Simon deu-me o dinheiro. Foi necessária alguma alteração, que foi surpreendentemente bem-humorada. O meu valor inicial foi liminarmente rejeitado, mas acabámos por concordar numa quantia simpática de seis dígitos para amparar a minha mãe até eu estar em melhores condições para fazer face à situação. O dinheiro vinha sob condição de eu fazer um teste de ADN, o que era compreensível, mas fez-me ficar a ferver por dentro. Sentia que a honra de Lottie estava a ser posta em questão. Mas a honra é pouca quando estamos em presença de um homem de negócios como Simon, não é verdade?

Nas seis semanas que foram precisas para negociarmos o acordo, encontrei-me com Simon algumas vezes. A maior parte das vezes no seu gabinete, mas uma ou outra vez num clube privado perto de Berkeley Square. Numa ocasião, fomos a um jogo juntos, evitando o seu camarote privado — imagino que ele não me quisesse apresentar aos amigos, o que era compreensível. Como é que uma pessoa apresenta o filho secreto a um bando de magnatas que adorariam explorar essa vulnerabilidade enquanto almoçavam num *buffet* pago por nós? O Queens Park Rangers ganhou 2-1 e a nossa relação subiu mais um patamar. Não era preciso ser-se um génio para perceber que ter um filho era algo que agradava a Simon. Podia não ser um filho criado por ele, ou que ele sequer conhecesse muito bem, mas dava-lhe

bastante gozo na mesma. Gracejava comigo, zombava do meu *blazer*, oferecia-se para me apresentar aos seus amigos da *city*. Às vezes, combinava encontrar-se comigo sob pretexto de rever os termos do nosso pequeno pacto, para depois nem sequer me referir quando estávamos cara a cara, preferindo oferecer-me um copo, contar-me o seu último negócio, desafiar-me para um jogo de cartas.

Havia uma certa presunção no nosso velho pai. Não era exatamente charme, mas sim um sorriso de dentes arreganhados, uma confiança que subjugava os outros, um sentimento de que as coisas nos podiam correr bem, mas só se ele assim desejasse. O seu aperto de mão transmitia uma força séria, mas parecia um pouco artificial — como se ele tivesse lido um manual sobre como mostrar a sua dominância através do contacto físico. Sabia os nomes dos porteiros, das criadas, da senhora da limpeza do seu escritório, e mais do que uma vez o vi meter-lhes dinheiro nas palmas das mãos com uma espécie de galanteria agressiva. No entanto, toda a gente que passava por ele parecia vagamente intimidada pelo homem. Verdade seja dita, sabia bastante bem ser a pessoa que estava na sua companhia. Sentíamo-nos respeitados, e era isso que eu sentia. As pessoas acenavam-me com a cabeça como se eu também fosse alguém, como se fizesse parte do círculo íntimo de Simon Artemis.

Mas quando não estava deslumbrado com o poder que ele irradiava da pele, lembrava-me de que ele não era inteiramente respeitado da maneira que ele próprio gostaria de imaginar que era. As pessoas na *city* tinham uma opinião negativa sobre as suas táticas de valentão — as coisas ficaram bastante negras quando o *Evening Standard* fez mais uma parangona com ele a repreender uma ajudante de loja por não ter os varões em condições quando ele fez uma das suas visitas surpresa. Simon telefonava aos jornalistas que escreviam essas peças, a censurá-los por escreverem semelhantes «parvoíces» e a desconsiderar as histórias como sinal de inveja. Uma vez, depois de ter organizado uma festa pelo 50.º aniversário da mulher no Coliseu (ele reservou mesmo o raio do Coliseu, Grace), um tabloide publicou uma história a explorar o alegado custo de 500 mil libras, e ele enviou à jornalista em questão um bilhete de primeira classe para Roma com um bilhete a dizer «Desculpe, vai ter de ir para a fila com as outras sacanas imundas. Aposto que teria gostado de o ver ao pôr do sol com uma taça de champanhe na mão,

como nós». Pergunto-me se ela terá aceitado a oferta...

Ele queria ser parte do *establishment*, mas não conseguia esconder inteiramente a sua proveniência. Uma vez, olhei para as suas mãos enquanto ele estava a falar e reparei que tinha umas unhas polidas e brilhantes, quase como se tivesse ido a uma manicura. Suponho que terá ido mesmo. Eu não sou metrossexual, mas sei que há tipos a quem dá para aí. Mas é uma coisa que nunca vai ser bem aceite pela velha guarda, pois não? Ele também devia saber disso, mas continuava a manter aquele toque extravagante. Era como se ele percebesse que nunca iria ser aceite e por isso se visse compelido a dobrar a parada. Chegava a um jantar de caridade com um carro tão vistoso que deixava as pessoas incomodadas, mas depois gastava mais dinheiro do que qualquer outra pessoa no leilão do jantar, sabendo que, desse modo, a alta sociedade seria obrigada a falar com ele. Para lhe agradecer. Para gravar o seu nome na parede de uma galeria.

Meu Deus, estou outra vez a divagar. Tudo isto é para tentar resumir como me sentia dividido em relação a tudo aquilo. Ele era encantador e interessava-se por mim, e eu tenho de admitir que me sentia algo cativado por isso. Mas nunca me senti completamente à vontade na sua companhia e senti-me aliviado quando as negociações se aproximaram do fim. Da maneira como eu via as coisas, ele iria pagar para me sustentar durante 18 anos, e eu poderia assim zelar pela minha família. Dito e feito. Eu jamais teria sido capaz de o chantagear ou de fazer algo de ignóbil desse género. Se ele tivesse rejeitado o meu pedido, ter-me-ia ido embora. Sou bastante orgulhoso e não teria sido capaz de implorar. Esperava que ele se portasse como um cavalheiro e, em certa medida, foi isso que aconteceu. Mas tinha de haver algum benefício para Simon. Ninguém consegue enriquecer daquela maneira se não estiver constantemente em busca de compensações, suponho eu. Eu pensava que iria comprá-lo com o meu silêncio, mas estava completamente enganado.

Depois de ter feito a transferência bancária (da sua conta para a minha, complementada com um acordo de confidencialidade tão rigoroso que nos deixava os olhos em lágrimas), apertou-me a mão e mandou vir uma rodada. Nessa noite, passámos quase seis horas juntos, na sala privada de um dos restaurantes mais finos do Soho, onde o bife que ele pediu para mim custou 68 libras e cujos empregados nunca olhavam diretamente para nós. Era como

um encontro de namorados, e de cada vez que ele pedia mais uma garrafa, eu pestanejava face ao absurdo de tudo aquilo. Tentei ir-me embora várias vezes, mas Simon repudiava as minhas tentativas com irritação.

— Estamos a conhecer-nos melhor, filho meu! O que é que pode haver de mais importante?

Depois, mergulhava em mais uma história sobre a sua brilhante estratégia de negócios, ou explicava-me como tinha conseguido esmagar um rival por ter sido mais cruel. Eu cheguei a casa e enfiei-me na cama às três da manhã, sabendo que teria de voltar a levantar-me daí a três horas. Acordei às seis da manhã, com a cabeça a latejar de dor e as mãos a tremer. Peguei no telefone e vi que ele já me tinha enviado uma mensagem. «Futebol este fim de semana. Vemo-nos ao pequeno-almoço antes do jogo». Apesar de a minha cabeça estar envolta em nevoeiro, compreendi então que não iria haver uma saída fácil para isto. Simon pagou e agora queria-me à sua mercê. Seria por gostar de mim e estar contente por ter encontrado o seu filho perdido? Podia ser. Mas o mais provável era que quisesse apenas ter o controlo da situação, ter controlo sobre mim. Se ele tinha de se resignar a ser colocado numa posição vulnerável, iria extrair alguma coisa daí, fosse lá o que fosse, mesmo que eu não quisesse entrar no jogo — especialmente se eu não quisesse entrar no jogo.

Não sei o que teria feito se tivesse de continuar assim durante anos, representando o papel do filho que ele desejava. Poucas semanas depois de ele me ter entregado o dinheiro, já a coisa era bastante insuportável, Grace. O fascínio comigo desvaneceu-se rapidamente, e Simon começou a tratar-me como tratava toda a gente. Significa isto que esperava que eu fosse ter com ele a correr quando me chamasse. Telefonava-me quando eu estava no escritório, e se eu não atendesse, telefonava logo outra vez. Um dia pus o meu telefone em modo de avião só para evitar ver a luzinha a piscar pelo canto do olho. Quando o voltei a ligar, tinha três mensagens dele, uma das quais a chamar-me «imbecil preguiçoso». A mensagem vinha envolta nos seus gracejos habituais, mas era evidente que aquilo era intencional.

Continuei a ir a casa tanto quanto possível. A minha mãe estava um pouco melhor, apesar de continuar a jardinar obsessivamente. Claro que não contei a Lottie que andava a passar tanto tempo com Simon. Não lhe contei

nada. As propinas do colégio foram pagas e a hipoteca saldada. Lottie não me perguntou como é que eu tinha conseguido, o que me deixou momentaneamente zangado. Estava habituada a que lhe tratassem de tudo e não se dava ao trabalho de pensar no que era preciso para o resolver. Mas era uma atitude pouco generosa da minha parte. Ninguém podia esperar que a minha mãe soubesse o que eu tinha feito para salvar a nossa família. Não estava suficientemente forte. Talvez nunca viesse a estar.

Simon apenas se referiu à minha mãe uma única vez na minha presença. Depois do nosso primeiro encontro, eu perguntei-me se ele realmente se recordaria dela. Era evidente que ela não era propriamente a única mulher a ter recebido o tratamento Artemis completo. Seria compreensível se ela fosse apenas uma imagem esbatida na sua memória. Mas um dia olhou de relance para o meu telefone quando este se iluminou com um alerta de mensagem e reparou na minha imagem de fundo.

— Essa é a tua mãe? — Perguntou ele, com os olhos focados numa fotografia de Lottie abraçada às minhas irmãs no relvado à porta de nossa casa. Eu assenti com a cabeça, mas fiquei ligeiramente tenso, não querendo que ele visse a minha família ou que conspurcasse o nosso espaço. — Credo, o tempo não é nada amigo das mulheres — disse ele. — Uma pessoa vai para a cama com uma bomba aos 25 e aos 50 acorda ao lado da avó.

Senti uma raiva cega invadir-me o corpo, um acesso de calor inundar-me as faces. Derrubei o pequeno banco do bar de um modo um tanto dramático, e irrompi porta fora. Simon enviou-me uma caixa de vinho nessa noite, caixa essa que Ben, o meu colega de casa, veio trazer ao meu quarto, perguntando-me quem é que me andava a comprar um tintol de cinco mil paus. Pelo menos, era vinho bom e não a zurrapa que ele vendia com a sua própria marca. De qualquer maneira, com vinho ou sem vinho, era demasiado tarde. Tinha decidido que não queria ter mais nada a ver com este pai tardio. Ia escrever-lhe uma carta a explicar que estava grato pela sua ajuda, mas a sublinhar que tinha passado 23 anos com um pai maravilhoso e que não estava interessado em substituí-lo. Senti um alívio espantoso quando a escrevi ao computador nessa noite. O mundo dele subjugava-me, e eu queria voltar ao meu próprio mundo.

Podia ter ficado tudo por aí. Ele podia espernear um pouco, mas, na

realidade, que poderia fazer? A minha existência era potencialmente uma granada na sua vida, e eu não via como é que isso poderia mudar. Nunca poderia falar de mim à sua mulher ou filha. E eu não queria que ele o fizesse. O melhor era darmos um aperto de mão e seguir cada um o seu caminho — eu estava confiante de que ele acabaria por ver as coisas assim.

Mas nessa noite os pais de Simon morreram num acidente de carro. Descobri quando ele me telefonou aos soluços na manhã seguinte. Tinha a carta na minha mala, pronta para pôr no correio a caminho do trabalho. Em vez disso, dei por mim a sair mais cedo do trabalho (desculpei-me com uma emergência familiar, o que não era totalmente mentira) e dirigi-me para a casa de Simon em Hampstead. A sua mulher e filha estavam no Mónaco, dissera ele. Poderia eu aparecer? Não sou um monstro, não podia deixar aquele homem a chorar sozinho. Por isso, sentei-me na sua mansão sinistra, enquanto uma mulherzinha vietnamita nos servia chá gelado e nos oferecia uma quantidade interminável de bolachinhas. As bolachas continuaram por comer, apesar de eu estar esfomeado. O chá gelado foi rejeitado e trocado por uma garrafa de *whiskey* que Simon não parava de alcançar, enchendo um copo dourado no chão junto aos pés. Simon estava afundado num sofá rodeado de almofadas com borlas que ameaçavam fazê-lo desaparecer. Eu posicionei-me diante dele, empoleirado num grande pufe, desejando ardentemente estar noutro sítio qualquer do planeta que não ali.

Por entre telefonemas ao seu irmão, a um advogado e à sua assistente, falou mais ou menos na minha direção sobre como Kathleen e Jeremy eram «diamantes». Eu ofereci-lhe algumas palavras de pesar e disse-lhe que sabia como era duro perder um pai. Ele não apreciou muito isto, murmurando que eu estava a tentar fazê-lo sentir-se mal por não assumir as suas responsabilidades. Pedi-lhe desculpa, tentando minimizar a minha perda e sentindo-me aborrecido comigo mesmo por o fazer.

O dia arrastou-se, e eu fiquei basicamente sozinho na sala de estar enquanto Simon atendia mais telefonemas e bebia mais *whiskey*. Às quatro da manhã, murmurou qualquer coisa sobre Bryony estar a caminho de casa, o que eu agradeci como a minha deixa para me ir embora. Enquanto me dirigia ostensivamente para a porta, Simon agarrou-me pelo braço e puxou-me para uma espreguiçadeira cor de pêssego que estava no átrio. E foi então que, de uma maneira algo distorcida e não totalmente coerente, ele me contou uma

coisa que mudaria o resto da minha vida. Falou-me sobre ti, Grace.

Até esse momento, acho que nunca tinha considerado a ideia de ter toda uma outra família. Simon era um meio para atingir um fim — eu tinha a minha família e não tinha a menor vontade de conhecer Bryony ou a sua horrível mãe. Não queria ter nada a ver com a maneira como elas viviam e desconfiava de que elas sentiriam o mesmo em relação a mim, se tivessem alguma ideia da minha existência. Mas tu eras diferente. Tu estavas de fora, eras alguém que também não tinha voto na matéria. Enquanto Simon divagava sobre a forma como desmerecera o exemplo que lhe havia sido dado pelos seus próprios pais, eu via as semelhanças entre as nossas histórias. Ambos nascidos de mulheres novas e tontas, deslumbradas por este homem importante, e depois postas de lado quando ele se começou a aborrecer e a considerar a sua presença inconveniente. Apesar de eu achar que ter dois filhos ilegítimos de duas mulheres diferentes estende um pouco o sentido da palavra «inconveniente».

Não sei porque é que ele me falou sobre ti, Grace. Estava embriagado, mas já devia ter estado embriagado mais de mil vezes e não tinha andado a contar às pessoas que tinha uma filha secreta. Só posso supor que tenha sido o desgosto. Diz-se que faz coisas estranhas às pessoas, não é? Como a minha velha tia Jean, que guardou o segredo sobre a minha paternidade durante 23 anos para o soltar da boca para fora no funeral, como se não conseguisse guardá-lo por mais tempo. Ele disse-me que ainda era novo, que os pais lhe tinham dito que resolvesse o problema e que tinha tido medo de perder tudo. Era tudo treta, claro. Um homem como deve ser não abandonaria uma criança, muito menos duas, mas eu não lhe podia dizer isso enquanto ele estava ali bêbedo a chorar. Disse-lhe apenas que tinha feito o que lhe parecera melhor, ao mesmo tempo que lhe fazia perguntas sobre ti com a maior delicadeza possível.

No seu estado algo destroçado, baixara a guarda apenas o suficiente para me manter interessado. Vou ser honesto contigo. Ele não sabia grande coisa. A sua tristeza com a situação toda era bastante teatral, e não imagino que ele estivesse muito a par da tua vida. Espero que isto não seja demasiado aborrecido para ti. A julgar pelo que sei de ti, suponho que não será. Ele sabia o teu nome e onde tinhas crescido. Sabia até que trabalhavas em moda, o que queria dizer, aparentemente, «que a maçã não tinha caído muito longe da

árvore». Eu mantive uma expressão inalterada, sem mostrar o que aquela informação significava para mim, e consegui escapulir-me meia hora depois, numa altura em que ele estava ao telefone aos berros com o seu irmão sobre a casa de família em St John's Wood. Tinha-se esquecido de tudo o que tínhamos falado.

Mas eu não. Passei as duas horas seguintes num *pub* a tentar descobrir o máximo que conseguisse encontrar sobre ti a partir do Google. Devo dizer-te, Grace, que a tua presença *online* é mínima. Tão reduzida que até se torna suspeita, na verdade. É quase como se estivesses a tentar esconder-te do mundo. Seja como for, não há como evitá-lo completamente, pois não? Há de haver sempre uma pegada, mesmo que tenhas jurado renunciar às redes sociais e nunca tenhas sequer olhado para o LinkedIn, como parece ser o caso. E fizeste tu muito bem, aliás, pois não passa de um sorvedouro de agentes imobiliários e outros empresários de treta.

Foi preciso um bocado, pois Simon não me tinha dado o teu apelido e pedi-lo teria sido demasiado direto, apesar do nevoeiro da embriaguez. Mas acabei por te encontrar, depois de ter passado horas a selecionar raparigas chamadas Grace que trabalhavam em relações-públicas de moda. O meu procedimento foi procurar informação sobre as outras raparigas, a maior parte das quais me davam informação suficiente sobre as suas vidas nas redes sociais para que me fosse fácil eliminá-las. Fotografias felizes em família? Fora da lista. Idade errada, etnia errada, já tinha vivido noutro sítio? Eliminada. Até que acabei por me cruzar com Grace Bernard. Não havia fotografia no *website* da empresa, o que parecia ser um sinal, pois toda a gente gostava de posar para a fotografia. Com o apelido, segui algumas pistas falsas até me deter num pequeno artigo sobre ti na *Islington Gazette* de há mais de uma década. Quer dizer, na verdade, não era nada sobre ti. Uma mulher chamada Sophie estava a protestar por causa de uma onda de assaltos perto da escola do bairro. Uma fotografia granulosa mostrava-a a segurar uma placa a dizer «ruas seguras!», e atrás dela estava uma adolescente carrancuda e um rapaz da mesma idade com um ar ligeiramente divertido. A fotografia, bem... foi aí que o meu coração começou aos pulos. A legenda trazia o teu nome. O rapaz chamava-se Jimmy. A mulher revoltada referia-se a vocês como seus filhos, o que me deixou momentaneamente confuso. Simon tinha dito que a tua mãe tinha morrido. Desculpa, estou a ser metedigo. Mas havia

falhas que eu não consegui suprir e a cabeça precisa de respostas! Não importa, obtive-as mais tarde.

Seja como for, fui ao teu escritório. Estou certo de que isto te deve parecer assustadoramente arrepiante, mas eu estava mais nervoso do que tu estarias se soubesses! Esperei desde as cinco da tarde, uma sexta-feira, convencido de que as raparigas das relações-públicas, tal como nós, malta da *city*, saíam mais cedo para ir beber uns copos. Um bando desordenado de mulheres saiu às cinco e um quarto, formando uma corrente humana ao descer a rua. Tu saíste às 17h32. Eu soube imediatamente que eras tu; olhaste para mim. Bom, talvez isto não seja inteiramente justo para ti. Já parti o nariz duas vezes em jogos de rãguebi e tenho umas mãos do tamanho de pratos de mesa, segundo a minha mãe. Mas eu conhecia a tua cara. Era como se já a tivesse visto um milhão de vezes. És baixa e tens um tom de pele muito mais escuro do que o meu, e tens os olhos com um tom esverdeado que nem eu nem as minhas irmãs temos. Os meus são de um cinzento-azulado de que por acaso sempre gostei. Mas tu eras inequivocamente Grace Bernard. Eu estive quase para atravessar a rua a correr para te dizer olá, como grande idiota que sou, mas contive-me. É difícil fazer apresentações destas no meio da rua!

Não sei o que é que queria de ti na altura. Talvez só ver-te em carne e osso... Acho que tinha uma profunda necessidade de informação. Não saber a minha paternidade tinha-me abalado, e eu acredito firmemente que conhecimento é poder. Saber tudo sobre nós próprios ajudar-me-ia a controlar melhor as coisas, que era algo que já não sentia desde que Christopher tinha morrido. Por isso segui-te. Devo dizer que não estou nada orgulhoso disso, aliás. Não é bonito os homens andarem por aí a seguir as mulheres. Sentia-me ignóbil, na verdade. Tu sentaste-te no metro à minha frente, olhando por cima do meu ombro para coisa nenhuma em especial. Eu tentei não fitar o teu rosto por muito tempo, mas bebi-o o mais que pude. Calças pretas, um casaco de cabedal cortado e um estranho *top* aveludado que eu presumo que estivesse em voga. Uns sapatos de fivela robustos que eu imagino que usasses para fazer com que homens como eu se sentissem intimidados, e com êxito. Caminhei atrás de ti da estação até tua casa, e fiquei a olhar para o primeiro andar quando a luz se acendeu. Depois disse uma palavra severa a mim mesmo e fui para casa. Uma loucura, realmente. Sou um homem que nem ao Norte de Londres vai, mesmo que tenha um encontro escaldante.

Não podia deixar as coisas assim. Eu bem queria, mas, ao longo das semanas seguintes, dei por mim a caminhar pela tua rua sempre que tinha algum tempo livre, esperando apanhar-te a sair de casa. A ver se tu me conduziás a qualquer sítio que me dissesse mais sobre quem eras. Algumas vezes vi-te sair a correr, o que queria dizer que eu também teria de usar ténis, para o que desse e viesse. Uma vez, segui-te até a um café das imediações onde pediste um café ridiculamente específico. Não és lá muito sociável, pois não, Grace? Uma visita em duas semanas — um homem muito parecido com o adolescente do artigo do jornal local.

Por esta altura, já estava a ficar aborrecido com tudo isto. Estava pronto para parar de te seguir e a ponderar se te devia enviar um *e-mail* a explicar quem eu era. Nem sequer tinha bem a certeza se queria abrir a caixa de Pandora, na verdade. Era, sem dúvida, mais sadio do que andar por aí a espiar-te, sem ficar a saber nada sobre ti. Mas uma noite as coisas ficaram todas viradas de pernas para o ar. E se alguma vez pensei que eras algo aborrecida, Grace, nunca mais voltaria a pensar o mesmo.

Foste a um *pub* e estiveste a beber com um grupo bastante heterogéneo. Um tipo ainda novo que parecia o exemplo acabado de um *hippie*. Um velhote e uma rapariga simples que não era filha dele, mas que claramente também não era namorada. Tu também não parecias especialmente ligada ao tal *hippie*. Mas passaste a maior parte da noite a falar com ele. Eu fui beberricando da minha caneca e tentei sentar-me suficientemente perto para apanhar a conversa. Não é que valesse a pena ouvir. Tritões, Grace? Fiquei mesmo a pensar como é que serias, depois de ouvir aquela discussão arrebatada sobre anfíbios.

Saíste com o maltrapilho, e eu fiquei intrigado. Quando te vi descer a rua e ir para um centro de vida selvagem, fiquei pasmado, mas segui os teus passos e saltei a vedação poucos minutos depois de teres entrado. Comecei a desconfiar de que estavas à procura de um sítio para ficares a sós com o rapaz, e receei apanhar-vos em flagrante — coisa em que um irmão nunca deve ver uma irmã envolvida. Por isso, permaneci à distância enquanto vocês foram até ao passadiço à beira da água. Não estava suficientemente perto para ouvir o que diziam, mas estava perplexo. Algo de estranho aconteceu quando ele acendeu um fósforo junto ao teu pé, mas eu não conseguia ver grande coisa na escuridão. E depois, no preciso momento em

que comecei a sentir as pernas entorpecidas por estar agachado e a pensar se deveria mandar vir um Uber a um centro de vida selvagem recôndito, tu empurraste-o para dentro de água. Eu levantei-me, chocado, Grace. Tu olhaste rapidamente em redor, mas eu estava protegido pela escuridão. Não sabia o que fazer. O meu cérebro gritava-me que corresse para a água para puxar o rapaz de lá para fora, mas as minhas pernas não se mexeram. Parecia tudo uma perfeita loucura. Estavas a beber uma garrafa de vinho com este homem aparentemente inofensivo, e de um momento para o outro mataste-o. Porquê? Enquanto limpavas tudo à tua volta (com uma calma impressionante, agora que penso nisso), marquei o número de emergência, mas não carreguei no botão para ligar. Disse a mim próprio que o faria quando tu te fosses embora, mas, quando foste, tinha a cabeça mais calma e percebi que não o podia fazer. Como poderia eu explicar o que estava a fazer? «Ah, sim, senhor Agente, é tudo muito simples: estava a seguir a minha irmã (que não sabe que é minha irmã) e escondi-me atrás deste lindo arbusto enquanto ela afogava um amigo. Depois, fiquei a vê-la lavar umas chávenas e meti-me num táxi.» Isto nunca iria resultar. Por muito boas que fossem as minhas intenções, seria arrastado para uma história sórdida, e Lottie e as miúdas também ficariam marcadas por ela. Fosse lá o que fosse que tinhas feito, era um assunto teu. Mas fez com que eu me desse conta de que talvez a vaga ideia que eu tivera de vir a estabelecer uma relação contigo estivesse condenada ao fracasso. É difícil uma pessoa aproximar-se de uma mulher que anda por aí a afogar pessoas em lagos, por mais fortes que sejam os laços de sangue.

Fiquei a saber por Simon quem é que tinhas matado dois dias depois. Com menos *whiskey* desta vez, pois era evidente que ele não gostava assim tanto deste sobrinho. Mas não deixou de ser um choque. Um acidente, disse ele. Andrew andava perturbado e tinha tentado procurar uma nova vida, mas estava sempre a afundar-se. A família fazia os possíveis por manter tudo na maior discrição, e eu sabia que a razão para isso era o potencial escândalo que o caso poderia desencadear. O que só me fez sentir que tinha tomado a decisão certa ao manter-me de bico calado.

Portanto, tinhas matado o nosso primo. Mas porquê? Tanto quanto me era dado a perceber, tratava-se de um rapaz simpático, sem qualquer relação contigo. Não irias beneficiar financeiramente da morte dele, e eu não conseguia ver o que é que podias retirar daí em termos emocionais. Aquilo

não me saía da cabeça, e era cada vez pior porque não podia contar a ninguém o que sabia.

Suponho que um terapeuta que me estivesse a acompanhar nessa altura diria que eu ainda estava a processar a morte de Christopher, e por muito que eu não alinhe nesse tipo de coisa, é provável que tivesse acertado em cheio. Para além disso, estava a ser bombardeado por Simon, que tinha reforçado a sua exigência de contacto; pior: tinha Lottie a pedir-me que fosse a casa de cada vez que me telefonava. Sentia-me a dar em doido. Para me abstrair disso tudo, continuei a seguir-te, ansioso por compreender o sucedido, por perceber porque é que o tinhas feito. Tornei-me um homem vagamente possuído. Durante uns tempos, as coisas acalmaram e eu coçava a cabeça a perguntar-me porque é que tinhas matado o nosso primo para depois voltares a sair de cena. Comecei a correr, a seguir os teus percursos, mas tu nunca fazias nada fora do normal. Alguns meses mais tarde, começaste a ir a bares e a discotecas sozinha. Eu comecei a ir também, sentava-me sempre a uma certa distância, com cuidado para tentar passar despercebido. Não é difícil fazê-lo, Grace, quando se é um tipo branco de aspeto mais ou menos normal num estabelecimento fino. Aparentemente, sou capaz de me camuflar bem, pois tu nunca pareceste lembrar-te da minha cara, apesar de eu ter estado ao teu lado durante meses. Para além disso, não era de mim que andavas à procura. Tu andavas à caça. Do teu tio, como se veio a constatar. Foi então que comecei a perceber o que se estava a passar. Suponho que deves pensar que eu fui de compreensão um pouco lenta, mas os meus sentimentos em relação a Simon não eram minimamente parecidos com os teus, e precisei de algum tempo para procurar pôr-me no teu lugar. Mesmo quando o fiz, continuava a não conseguir conceber o ódio feroz que era preciso para levar a cabo um plano desses. Ver-te passar horas à espera nos bares para ver que os teus olhos só se iluminavam quando Lee entrava queria dizer que aquilo só podia ser algo que tinhas planeado.

Eu não estava absolutamente certo, nota bem. Durante algum tempo, pensava que estavas a ensaiar uma espécie de fetiche louco em que querias mesmo ir para a cama com o teu próprio tio. Lamento ter pensado isso, mas tens de admitir que é estranho ver alguém entrar num clube de sexo com um parente próximo. Eu até me diverti nessa noite, para dizer a verdade. Não é uma coisa que estivesse normalmente disposto a fazer, mas pensei que o

melhor era vestir uma personagem. Numa orgia, um homem de calças chino dava provavelmente mais nas vistas do que um tipo de calças de ganga sem rabo daria numa reunião anual do orçamento. Trouxe uma máscara que me fez sentir como se estivesse a desempenhar um papel e fiquei triste por ter de abandonar a diversão quando tu levaste Lee pelo corredor para um quarto privado.

Em todo o caso, quando vi o que tinha acontecido, percebi exatamente o que se estava a passar. Esperei que abandonasses o quarto, claro está, encostado à parede do corredor sombrio. Lembras-te de eu olhar para ti de alto a baixo, e de as nossas mãos se tocarem? Estava impressionado pela audácia de matar um homem numa discoteca cheio de gente e ligeiramente horrorizado por o teres deixado para que fosse encontrado por outra pessoa — eu, como veio a acontecer. Também eu o abandonei, claro está. Mas acredito que aquela cara com os olhos esbugalhados não me irá sair da cabeça tão cedo.

Estavas a matar a nossa família. Eu não tinha provas de que tivesses sido tu a liquidar Kathleen e Jeremy, mas não era preciso muito para te imaginar a apanhar um avião para Espanha, a alugar um carro e a empurrá-los para fora da estrada. Começaste por ter uma abordagem muito mais dura e imediata ao princípio, não? Mas suponho que estavas concentrada em fazer com que cada morte parecesse um acidente, e duas pessoas a despistarem-se de um monte durante a noite foi uma vitória inicial fácil.

Agora tinha de decidir o que fazer com esta informação. A família Artemis não era grande — e as únicas pessoas (que tu ainda não tinhas liquidado) ligadas ao dinheiro eram a mulher e a filha de Simon, bem como a cunhada. Isto no caso de *ser* mesmo o dinheiro que te movia. Se eu tivesse de adivinhar, diria que havia algo mais por trás dos teus atos. Do pouco que via da tua vida, levavas uma existência bastante aborrecida. Não tinhas amigos, não tinhas uma grande carreira (espero que não te ofendas com isto) e vivias num pequeno apartamento numa rua sombria. Era quase como se estivesses a marcar passo até... Até o quê? Até ao dia em que livrasses o mundo da tua família tóxica para depois poderes avançar e prosperar? Eu guardo muito pouco ressentimento em relação a Simon porque tive uma vida maravilhosa com Lottie e Christopher e as minhas irmãs. Se não fosse a minha tia Jean, teria continuado a viver feliz porque tinha essa base. E ainda vou conseguir.

Mas tu não tinhas nada. E talvez isso te tenha tornado obcecada com a injustiça de tudo isto. É mesmo injusto, Grace. De todos nós, que estamos enredados nesta confusão, a ti calhou-te a fava, não foi?

Ao fim de alguns dias de andar a dar voltas à cabeça, e de uma conversa vigorosa com Simon que acabou com ele a gritar comigo por eu não ter conseguido chegar ao seu gabinete às onze da manhã numa quarta-feira, decidi que não iria interferir no que quer que fosse que tu andavas a fazer. Em parte, achava que devias ter o direito de corrigir as injustiças de que tinhas sido vítima. E em parte, já que estou a ser honesto, porque ponderei o que seria melhor para mim, e dei-me conta de que talvez me estivesse a fazer um favor. Houve duas coisas que determinaram a minha decisão. A primeira é que eu queria Simon fora da minha vida. Agora conseguia antever o meu futuro, e percebia que teria de continuar a passar mais tempo com ele sempre que ele o exigisse. O dinheiro que me tinha dado fizera-o sentir que ganhara esse direito, e eu não suportava a ideia de ser absorvido pela sua família, de andar por aí às voltas no seu *Bentley* e a passar férias em Marbella. A outra coisa era que, se tu conseguisses dar conta deles, eu ficaria em posição de reclamar uma parte da fortuna. Como vês, Grace, sou um hipócrita feliz. Não queria ter muito a ver com o nosso querido pai, mas sentia-me completamente à vontade para ficar com alguns dos despojos. Dinheiro é dinheiro, não importa como nos vem parar às mãos. E eu iria utilizá-lo de uma maneira diferente de Simon. Nada de ostentações extravagantes, nada de torneiras de ouro. Eu tinha nascido para ter dinheiro, pelo menos foi o que sempre pensei. E o teu plano podia conduzir-me a isso mais rápido do que eu a continuar a esforçar-me por subir na hierarquia.

Nunca teria sequer pensado em fazer o que tu fizeste se não tivesse assistido ao desenrolar dos acontecimentos, mesmo que tivesse sido injustiçado da maneira que tu achavas que tinhas sido injustiçada. Mas isso não significava que não pudesse retirar daí algo de bom. Suponho que, numa escala móvel de moralidade, eu estaria mais ou menos a meio. Julgo que a maior parte das pessoas, se fossem honestas, olhariam para a minha situação e chegariam à mesma conclusão. Não é fácil ser-se honesto em relação a isto, no entanto — é por isso que foi tão libertador para mim contar-te tudo isto. Sei que nunca poderás mostrar isto a ninguém. É um tipo de confiança forçada, o que talvez seja melhor do que o tipo de confiança normal.

Mas já estou a ficar cansado de estar a escrever, por isso vou tentar despachar a coisa. Agora já conheces a maior parte da minha história. Ou, pelo menos, tanto quanto precisas de saber. Eu vi-te prosseguir a tua linha de ação. Com Janine foste um pouco longe demais, permite-me que te diga — a descrição da morte dela deu-me náuseas. Uma vez mais, eu não estava lá (tu partiste abruptamente e eu não consegui libertar-me do trabalho em tão pouco tempo), mas soube de tudo bastante depressa pela assistente pessoal de Simon. Ainda hoje não percebo bem porque é que deixaste Lara de fora — será que te pareceu ser apenas arraia-miúda? Eu não estava lá para acudir a Bryony, claro, mas apreciei bastante a maneira como o executaste (quer dizer, a ela). Divertido e eficaz. Mas foi aí que Simon começou a desfazer-se. Ele adorava Bryony. Acho que ele estava farto de Janine — já estava há anos. Nós somos fruto disso, suponho eu. Mas Bryony era a sua única filha. A sua única filha *verdadeira*. Ele é incrivelmente antiquado, para um homem que é um produto do mundo moderno. Casamento, filhos, reputação, tudo isso importava imenso para Simon. E por muito horrível que ela te pudesse parecer, a ti ou a mim, ele amava a filha. Para além da dor de a ter perdido, também começou a ficar paranoico. Apesar de eu achar que não é bem paranoia se alguém estiver efetivamente atrás de nós. Chamava-me a casa dele, sentava-se no sofá com as cortinas corridas, levantando-se de vez em quando para andar de um lado para outro da sala que nem um maníaco. Dizia-me repetidamente que alguém estava a matar a sua família. Tinha ido à polícia, contratado segurança e tudo o mais. Ninguém acreditou verdadeiramente nele, o que poderás tomar como um elogio, imagino. Toda a gente achava que era apenas um conjunto de coincidências — o *Daily Mail* publicou um artigo de duas páginas sobre «o infortúnio do magnata», elencando todos os azares que se tinham abatido sobre a família Artemis. Mas por ninguém parecer levá-lo a sério, Simon tornou-se ainda mais insistente. Ele pensava que era alguém com quem se tinha cruzado nos seus negócios. Não dizia quem, mas era evidente que tinha alguém em mente, pois estava claramente assustado.

Eu assumi o papel de filho prestimoso nesta altura. Dormia na casa de Hampstead, sendo acordado várias vezes durante a noite por Simon, que me queria chamar a atenção de mais outras quantas maneiras de como o queriam tentar matar. Estas suspeitas eram quase sempre absurdas — um homem que

ele julgava estar a rondar os portões da casa ou um carro estacionado demasiado perto da entrada do escritório. Procurava sinais em todo o lado. De cada vez que uma janela rangia, dava-lhe um chilique. Não é que as janelas de casa dele rangessem, pois as originais haviam sido retiradas e substituídas por uns resistentes vidros duplos.

Fomo-nos tornando mais chegados, à medida que eu ia assumindo a minha posição de confidente e parente mais próximo, na esperança de que tudo acabasse depressa com a tua ajuda. Ajudei a organizar todas as coisas lúgubres que é preciso fazer quando alguém morre. E escutava-o quando ele queria gritar e berrar contra tudo o que estava a acontecer, o que era frequente. Tornou-se cada vez mais insuportável à medida que as semanas passavam e, pelo que me era dado a ver, tu não estavas a fazer grande coisa. Cheguei a ver-te a rondar os portões da entrada, sabes? Devo dizer-te que não foste muito subtil, Grace. Mesmo que tivesses um grande plano na forja, estava a começar a ficar desesperado com a tua incapacidade de te aproximares de Simon. A equipa de segurança era imensa, o homem estava constantemente rodeado de homens corpulentos que te teriam afastado do seu caminho como a um galho seco se te tivesses chegado a menos de dois metros dele.

Comecei a ficar furioso contigo, o que é de loucos, não é? Mas eu sentia que tinha finalmente encontrado uma maneira de me libertar desta situação tenebrosa e tinha começado a imaginar que estávamos a trabalhar em conjunto e de acordo com um calendário. Mas tu não estavas a jogar. Eu mal tinha tempo de te seguir nessa altura, visto que Simon estava a tornar-se cada vez mais agressivo, mais errático, mais dependente de mim. Mas, quando o fazia, via que ias jantar fora e saías para longas corridas, prosseguindo a tua vida como se não tivesses mais um alvo para abater, e sentia-me confuso com a tua falta de iniciativa.

Eu mal conseguia trabalhar porque ele telefonava de cinco em cinco minutos, a chorar, ou bêbedo, ou ambas as coisas. Eu desligava o telefone e ele enviava-me *e-mails*. Comecei a hesitar de cada vez que olhava para a caixa do correio. Orgulho-me de ser um bom trabalhador, acho mesmo que o trabalho é que faz um homem, e estava furioso comigo mesmo por andar a fazer um trabalho medíocre quando devia estar a atacar esta oportunidade para subir dentro da empresa. Aproximava-se a altura dos prémios e eu via os

meus a encolherem de cada vez que o meu patrão me via a falar ao telefone.

Olhando para trás, a minha saúde mental estava a cair a pique, coisa em que eu nunca tinha sequer pensado. O meu sono estava feito em cacos, emagreci de forma alarmante, por muito que comesse. Sentia-me completamente encurralado, como uma raposa na toca. Também me fez deixar de ir à caça, agora que reparo melhor na analogia. Mais uma coisa que Simon destruiu na minha vida. Mas ele não me deixava em paz e a sua vontade era esmagadora. Por fim, caminhei até lá e disse-lhe que não podia continuar a fazer aquilo. Fui firme, mas calmo. Disse-lhe que ele estava a ter um comportamento horrível e que não me podia tratar como a um dos seus assistentes. Continuei a falar até ele começar novamente a chorar, mas, desta vez, não me deixei demover. As lágrimas enxugaram-se-lhe bastante rápido quando percebeu que eu não ia consolá-lo, e então ele dirigiu-se para a sua secretária e sentou-se. Eu continuei a apontar-lhe o que me pareciam ser as suas faltas de cavalheirismo, envolvendo-me de tal maneira que nem sequer estava a prestar atenção ao que ele estava a fazer até ele se voltar a aproximar de mim e me presentear com um cheque. Consegui ver que tinha sido passado no valor de 500 mil libras. Caí de queixos, acredita. A minha boca permaneceu aberta durante alguns segundos enquanto ele mo levava à cara, a dizer-me que, se eu fosse uma semana com ele para St Tropez, ele se certificaria de que eu seria devidamente recompensado.

— Preciso de sair do país por alguns dias, fugir das atenções, filho. E não quero ir sozinho. Não me digas que isto não ia ajudar a tua mãe. E as miúdas, Harry? Elas precisam disto. É só uma semana ou assim. — Eu permaneci em silêncio, ponderando tudo, e ele olhava para mim, de olhos semicerrados. — Estás a querer negociar comigo, é isso? Pois bem, não há sinal mais claro de que és meu filho. Eu torno tudo oficial. Faço-te meu herdeiro. É isso que tu queres, não é? É o que toda a gente quer, no fim de contas. — Não estava enganado nesse ponto. Mas o que ele não conseguia ver é que tinha transformado o dinheiro na única moeda de troca que tinha na vida e que estava completamente sozinho.

Ao início, Simon não foi claro quanto às razões por que precisava de sair do país, mas, por mais que ele tentasse abafar o assunto, tornou-se claro que estava a decorrer um qualquer tipo de investigação à sua empresa e que os seus conselheiros haviam sugerido veementemente que ele não estivesse

disponível durante algum tempo. Eu perguntava-me qual seria a parte da empresa que seria mais atreita a falcatriuas (as linhas aéreas pareciam ser um forte candidato), mas, para ser sincero, Grace, depois de ver como ele trabalhava, acho que podia ser uma qualquer. Era evidente que ia dar merda, como se costuma dizer, mas eu não me podia preocupar com isso. Não me ia enredar mais naquele seu mundo de vilania. Era assim que eu agora via as coisas. Uma vida sórdida e suja que eu tinha vergonha de ter ido procurar. Mas uma quantia como aquela era impossível de ignorar, e eu teria sido um palerma se o fizesse. E foi por isso que, menos de seis horas depois, desembarquei de um avião privado para o ar ameno do Sul de França. Se eu soubesse o que ia acontecer, talvez lhe tivesse pedido para acrescentar alguns zeros àquele cheque.

⁸ No original «keep up with the Joneses», expressão idiomática que significa imitar os outros com o intuito de salvar as aparências [*N. do T.*].

Capítulo 17

Meio-dia.

Acabou tudo. Os últimos 14 meses estão prestes a tornar-se uma estranha nota de rodapé na história da minha vida. Kelly desejou-me boa sorte antes de eu sair para ouvir a grande decisão.

— Vou ter saudades tuas, Gracie, vem-me visitar. Faço uma colher para ti na próxima aula, ah, ah. — Deu-me um abraço apertado, cravando-me as unhas nas costas. Eu deixei-a fazer isto durante cinco segundos, antes de atravessar a porta em passo decidido sem olhar para trás. Entretanto, chegou George Thorpe, o rosto ruborescente de orgulho quando veio ter comigo a uma sala de visitas de Limehouse depois de ter ido ao tribunal e ver o meu julgamento revertido com êxito. Eu tinha assistido por videoconferência, o que me privou da oportunidade de ter um momento dramático diante do juiz, e significava que tinha perdido o inevitável rebuliço com os jornalistas à porta do tribunal. Antes assim, apesar do pequeno anticlímax; assim posso trabalhar ao meu próprio ritmo. Em vez disso, recebi um abraço atabalhado do meu advogado, a promessa de uma reunião daí a poucas semanas para rever tudo e um convite para jantar que certamente declinarei. Até recebi os parabéns da guarda que supervisionou o nosso encontro. Não foi bem um clímax cinematográfico, mas nem por isso foi menos importante. Fiz o que me propus fazer por Marie. Agora estou livre.

Quatro da tarde

Estou em casa! Fui libertada com grande rapidez, o que me apanhou de surpresa porque estava habituada a um sistema que demorava meses a tomar até as mais pequenas decisões. Suponho que deviam estar a precisar

desesperadamente da minha cela. Mesmo agora imagino que Kelly irá contar à sua nova companheira de quarto tudo sobre a antiga ocupante, sentando-se sempre demasiado em cima de nós no frágil beliche. Eu tive de me apressar para juntar as minhas coisas e sair até ao meio-dia, o que significava que Jimmy não ia estar à minha espera. Mas não me importei, sobretudo quando me dei conta de que a ideia era evitar quaisquer fotografos mais persistentes. Eu estava agradecida por isso, já que 14 meses na prisão não são propriamente a melhor maneira de uma pessoa se preparar para enfrentar as câmaras. Apanhei um táxi para casa, serpenteando pelas ruas de Londres banhadas por um raro sol luminoso, olhando pela janela e sorrindo o caminho todo. O apartamento estava calmo e aquecido quando abri a porta, com tudo no devido lugar. Sophie até tinha enviado a sua mulher da limpeza, e havia uma garrafa de *Brunello* e um bocado de *tiramisú* do minimercado do bairro à minha espera em cima da mesa. Levei ambas as coisas para o banho e encharquei-me em óleo *Le Labo* durante duas horas. Uma experiência gloriosa, estava meio histérica de contentamento. Vou passar o meu correio todo a pente fino e depois vou encontrar-me com Jimmy para o que espero que venha a ser um jantar apropriadamente condescendente na Brasserie de Balon. Sinto que a vida está finalmente a desenrolar-se e a mostrar-se a mim.

Capítulo 18

Meu Deus, que desgraça, Grace! Que terrível desgraça de Deus! Transformou-se tudo numa farsa horrível, só que ninguém se lembrou de rir. No nosso primeiro dia em França, Simon adormeceu num sofá na sala de jogos e eu escapei-me até à varanda e pedi a um empregado mais tímido que me trouxesse um café. Estendi-me ao sol e tentei afastar a temível possibilidade de ele me encontrar quando acordasse. Durante alguns minutos, fiquei a olhar para o mar, mal podendo acreditar no pouco tempo que teria para aproveitar este lugar maravilhoso — este sítio soalheiro para gente sombria, como alguém disse um dia. Depois, por uma questão de hábito, peguei no telemóvel e dei uma vista de olhos no *site* de notícias da BBC. Passando rapidamente por algumas notícias de guerra e sobre um membro do parlamento do Partido Conservador que se envolveu com a sua assistente pessoal, os meus olhos foram atraídos para uma fotografia de uma linda mulher que tinha sido objeto de «uma chuva de homenagens». Tinha sido empurrada de uma varanda e tinhas sido tu a empurrá-la. O meu rosto arrefeceu, apesar do calor sussurrante, e senti um barulho ribombante atravessar-me os ouvidos até à cabeça. Sentia que não te compreendia de todo, apesar do tempo que tinha passado a tentar fazê-lo. Eras uma pessoa de sangue-frio em busca de vingança, não uma assassina impulsiva e passional. Porque é que tinhas desperdiçado tanto tempo de trabalho aturado para depois empurrares uma rival amorosa de uma varanda abaixo? Que momento de estupidez. Não quero correr o risco de ser considerado sexista, mas uma reação emocional destas era difícil de explicar de outra forma. Agora como é que irias chegar a Simon?

Ao fim de algumas horas a tentar saber mais sobre a tua detenção, Simon gritou-me da sala de estar e eu tive de desistir da minha demanda. Não estava muito preocupado com a possibilidade de ele te ver nas notícias, porque ele estava a viver praticamente noutro planeta de paranoia e raiva. No estado em que estava, era mais provável que o encontrássemos a ver vídeos no YouTube sobre extraterrestres do que a ver os títulos das notícias. Passei dois dias horríveis com o nosso pai na sua vivenda, onde ele meteu uma quantidade de

cocaína francamente impressionante pelo nariz acima e se recusou a abrir as cortinas, não fosse dar-se o caso de alguém estar a espiar a casa. O seu corpo de segurança permanecia lá fora, temendo as suas explosões de raiva, e a pobre mulher a dias, que não tinha sido avisada de que nós vínhamos, refugiou-se no seu quarto quando ele lhe atirou um vaso à cabeça depois de ver que as camas não estavam feitas. Éramos só eu e ele. Sempre que eu tentava retirar-me para outra parte da casa, ele seguia-me, resmoneando que havia uma conspiração contra ele e insistindo em que tínhamos de «travar esses sacanas». Eu passava a vida a dizer a mim mesmo: «Vá lá, Harry, mais uns dias e é meio milhão de paus para a família», mas parecia-me tudo muito longínquo, se queres que te diga. Ao terceiro dia, acordei e encontrei Simon debruçado sobre a minha cama, com os olhos muito vermelhos e a camisa rasgada. Era evidente que tinha passado a noite acordado, e tresandava a *whiskey*.

— Vamo-nos pirar daqui. Há câmaras. Temos o iate à espera, arruma as tuas tralhas, filho. — Eu desviei a cara ao ser tratado por filho, lembrando-me do meu querido Christopher com pesar, mas ele já tinha saído, pegando nas suas malas e batendo com as portas.

O iate era uma monstruosidade. Eu nunca tinha visto nada assim na minha vida e espero nunca mais voltar a ver. Uma caravana de extravagância flutuante, era o que parecia, toda cromados e vidros e nada que se parecesse com um barco a sério. Felizmente, depois de subir a bordo, Simon pareceu relaxar e adormeceu no sofá o dia todo, acordando apenas quando foi servido o jantar. Comemos meio em silêncio, enquanto ele virava copos de vinho uns atrás dos outros — *Chic Chablis* da sua própria vinha, disse-me ele, comigo a tentar disfarçar a minha repugnância.

Como se alguma coisa pudesse dizer mais sobre uma pessoa, não é, Grace? Quando começámos a comer a sobremesa, a minha mão começou a contorcer-se, e eu tentei travá-la, alarmado com este novo desenvolvimento. Simon reparou e riu-se. Riu-se e disse-me que eu era demasiado delicado para um homem crescido. Eu não disse nada, sentia o coração a bater e os ouvidos a zumbir. Quando terminámos, com ele bastante encharcado, gritou pelo capitão e disse-lhe para preparar a lancha. O homem, intuindo claramente que Simon não estava disposto a discutir, saiu a correr sem uma palavra de advertência, mas o empregado que estava a levantar a mesa

levantou os olhos na minha direção. Eu tentei distrair o nosso pai, dizendo-lhe que não estava com vontade de sair na lancha, mas ele repudiou-me com um gesto de irritação.

— Tu estás aqui por minha conta, menino Harry. E nós vamos dar um passeio.

E assim fomos. Levou mais uma garrafa de *Chic Chablis* debaixo do braço e cambaleou pelas escadas abaixo para a lancha, comigo a seguir atrás dele e a sentir-me algo enjoado. Arrancámos ruidosamente e penetrámos na escuridão distante, comigo agarrado ao assento pela minha querida vida, ele a gritar ao vento com a garrafa entalada entre os joelhos. Passado cerca de um quarto de hora, abrandou e parou o barco. Veio a tropeçar até mim e riu-se da minha expressão. Admito que estava nauseado. Andar de barco nunca foi o meu forte, e estes mergulhos e ziguezagues no vazio do oceano deixaram-me tão maldisposto quanto é possível imaginar-se. Acima de tudo, estava completamente farto. Farto dele, do barco, de todos os dias da minha vida desde que o tinha conhecido.

Simon sentou-se e encostou a sua cara à minha com um olhar lascivo.

— Sê um homem, Harry, estamos a criar laços. Age como se estivesses a gostar, raios te partam.

— Mas não estou — disse eu com a maior dignidade que conseguia mostrar enquanto tentava não vomitar. — Não estou a gostar. Quero voltar para o iate.

Ele contorceu o rosto e imitou-me.

— Quero voltar para o iate, papá, estou farto disto. Não demoraste a habituar-te ao meu estilo de vida e ao meu dinheiro, filho. Podias ao menos fingir que estás aqui pela companhia. — Arrotou na minha cara e desatou a rir ruidosamente. — Mas não consegues, pois não? És igualzinho à tua mãe. Ela também fingia que era muito pura de sentimentos, mas só estava à espera de um palerma rico para lhe abrir as pernas.

Eu levantei-me, puxando-o comigo pela camisa, e agarrei na garrafa de vinho nojenta que estava ao lado dele. Tinha um único pensamento: queria desesperadamente que ele se calasse. Martelei-lhe a garrafa na cabeça com uma força que imagino que terá vindo de toda a raiva reprimida que tinha

dentro de mim. Senti um zumbido familiar atravessar-me os ouvidos que deu lugar depois ao som de alguma coisa pesada a cair na água. Consegui distinguir um braço na água e um gorgolejar sonoro e repugnante. Liguei a lanterna do meu telefone e apontei-a para esse lado do barco. Simon estava agarrado à borda do barco com dois dedos, mas o resto do corpo não se mexia. Tinha sangue a escorrer-lhe da cabeça, acumulando-se debaixo do nariz e a entrar-lhe pela boca. Era esse o som, um som miserável que ainda consigo ouvir na minha cabeça quando penso nisso. Ele estava a tentar manter-se à tona enquanto se afogava no seu próprio sangue. Eu fiquei ali a olhar para ele, preparando-me para o alcançar e puxá-lo dali para fora. Mas depois aconteceu uma coisa estranha. Lembrei-me de ti, Grace. Pensei em tudo o que tinhas feito, em como te tinhas esforçado para apanhar este homem. Agora sabia quão improvável seria que alguma vez o conseguisses vir a fazer. Pensei nas nossas mães e no que elas tinham sofrido às mãos de Simon Artemis. E depois pensei no quanto eu estava a sofrer naquela altura. Se o puxasse novamente para dentro do iate, ele era capaz de me processar — ou pior, podia usar aquilo que eu lhe fizera contra mim durante os próximos 20 anos, mantendo-me refém dele para sempre.

Tinha sido um acidente. Eu nunca teria sido capaz de planejar uma coisa tão nefasta ou cometer um ato de violência a sangue-frio. Mas tinha sido intensamente provocado e todos nós temos um limite, não é assim? Eu não sabia que ia deixá-lo morrer, a sério que não sabia. As coisas simplesmente aconteceram, como se eu estivesse a assistir a tudo à distância. Debrucei-me sobre ele e retirei-lhe os dedos da borda do barco, antes de lhe dar um pequeno empurrão, fazendo-o afastar-se alguns palmos ao sabor das ondas. Os seus olhos arregalaram-se, mas não conseguiu falar. E eu sentei-me.

— Se tentares tocar no barco outra vez, vou-me embora. Por isso não o faças. Deixa-te ficar aí alguns minutos que eu já te puxo cá para dentro. Precisas de aprender a tratar as pessoas como deve ser. Talvez seja disto que tu precisas — disse-lhe eu enquanto esfregava uma pequena mancha de sangue dos nós dos dedos. Fosse como fosse, ele já nem sequer estava em posição de tentar arremeter em direção à borda do barco. Foram precisos três minutos para ele desaparecer, com o seu cabelo cor de palha a mergulhar lentamente na água. Eu fiquei em silêncio a olhar para as estrelas no céu. Quando vi que ele estava completamente submerso, parti a garrafa na borda

do barco e atirei-a para a água, o que era certamente um destino apropriado para o vinho Artemis. Depois, esperei meia hora para ter a certeza de que ele não ia irromper bruscamente da água. Tu lembras-te, sem dúvida, de teres feito algo parecido com o nosso querido primo Andrew, não é fácil saber quanto tempo é que é suficiente, pois não? Quando estava convencido de que não havia qualquer oportunidade de ele reaparecer, levei a lancha de volta para o iate. Sou um péssimo navegador e demorei quase uma hora a voltar e a acordar a tripulação. Expliquei que ele tinha tropeçado enquanto acelerava e que tinha caído borda fora. Na ausência de qualquer sinal, tinha sido obrigado a fazer buscas sozinho durante uma hora na esperança desesperada de o encontrar vivo, mas não tinha conseguido. O capitão não pareceu muito surpreendido, e a minha história foi reforçada por Simon se encontrar completamente bêbedo quando partíramos. As equipas de buscas e salvamento não encontraram vestígios dele nas 24 horas seguintes, mas eu sustinha a respiração de cada vez que a rádio fazia a atualização da notícia.

E foi isto, na verdade. A minha história foi aceite como a mais pura das verdades, e porque não haveria de ser? Fui referido como um assistente nos jornais, mas o meu nome não foi mencionado, o que foi um enorme alívio. Não gostaria de perturbar a minha mãe ou de arranjar problemas às minhas irmãs no colégio. Mas Lara Artemis entrou em contacto comigo para me agradecer por ter sido tão discreto. Foi tão simpática em tudo, que lhe contei a minha verdadeira ligação a Simon. Devo dizer que ela não ficou surpreendida. Suponho que já o conhecia há tempo suficiente para receber a notícia de uma criança ilegítima sem sequer franzir o sobrolho. E o teste de ADN de Simon era a única prova de que eu precisava. Lara é uma mulher adorável, Grace, tenho pena de que nunca a venhas a conhecer. Agora é ela que está incumbida de gerir a fortuna da família e tem sido incrivelmente generosa para comigo. Mais do que eu alguma vez poderia esperar, na verdade. Depositei o tal cheque, claro está, e a minha família vive muito melhor agora. Lara até veio almoçar connosco algumas vezes. Apesar de isso nunca ter sido referido explicitamente, acho que ela e a minha mãe reconhecem o vínculo que as liga. Fazem parte de um grupo restrito de mulheres que sobreviveram aos irmãos Artemis.

Mas então porque é que eu te estou a contar tudo isto?, deves estar tu a pensar. Bem, em parte, porque queria que soubesses como é que ele

realmente morreu. Pensei que te pudesse ajudar a sentires-te menos frustrada saberes que eu assumi as rédeas e terminei aquilo que tu começaste. De uma maneira curiosa, formámos uma equipa. O calendário não podia ter sido mais perfeito, na verdade — atendendo a todos os problemas que tiveste ultimamente, terias menos possibilidades de o matares. E, para sermos totalmente honestos, nunca o terias conseguido. Eu sei que estiveste bastante bem com o resto da família, e dou-te os parabéns por isso. Mas Simon era algo completamente diferente, na verdade. E teria exigido bem mais do que planos vagos e alguma sorte. E não me pareceu que estivesses a trabalhar com nada mais do que isso. Estou certo ou errado, Grace?

Portanto, esta é a parte boa. Espero que te agrade. Mas escrevo-te, acima de tudo, para te dizer que tens de deixar as coisas por aqui. A tua motivação foi a vingança, eu compreendo isso, a sério que sim. E agora já a tens, com uma pequena ajuda deste teu amigo. Alarga os teus horizontes, Grace. Junta os trapos com o teu velho amigo Jimmy — há pessoas no mundo que te querem amar, Grace, desde que tu deixes. Escreve um livro sobre a experiência excruciante do teu encarceramento — os editores vão estar ansiosos por assinar um contrato contigo. Mas tudo o resto tem de ficar por aqui. Preciso de proteger a minha nova vida. Lara promoveu-me a diretor financeiro da nova fundação e vamos administrá-la juntos. Ainda não foi anunciado, temos estado a preparar-nos para isso, mas já não deverá faltar muito. Ela perdeu o interesse pelas coisas relacionadas com a vida selvagem, e ainda bem, pois não era tão aliciante como este novo empreendimento. Não quero com isto dizer que saiba muito sobre crianças refugiadas, mas estou ansioso por aproveitar esta oportunidade para organizar jantares de gala e convidar os grandes e poderosos do mundo da banca para os fazer abrir os cordões à bolsa. Haverá parcerias fabulosas e vamos trabalhar de perto com o mundo financeiro para tornar a fundação tão grande como a dos Rothschild ou dos Guinness. Será uma instituição prestigiada, nos antípodas de Simon, na verdade. Certamente que não haverá *Chic Chablis* para leiloar sob o novo reinado de Lara.

Só para me certificar de que não virás procurar-me (tenho demasiado respeito por ti para pensar que não o farias), montei um pequeno esquema enquanto estavas na prisão. Espero que me perdoes a minha estratégia um pouco suja, mas estou certo de que compreenderás a necessidade de uma

garantia neste caso. Quando descobri que tinhas estado em Limehouse, paguei a um detetive de segunda classe para descobrir com quem é que partilhavas a cela. Não foi difícil, como veio a comprovar-se. Kelly tinha conseguido contar a metade de Islington que tinha sido ela a feliz contemplada para partilhar o beliche com a famosa Grace Bernard. Eu escrevi-lhe, pedindo-lhe para a visitar e explicando que havia dinheiro envolvido, e ela aceitou. Na verdade, vi-te na primeira visita, sentada a falar com o teu advogado. Olhaste-nos de relance várias vezes, talvez surpreendida por veres Kelly na companhia de alguém como eu. Devo dizer que ainda estou surpreendido por não teres achado a minha cara familiar. Assim, de repente, já estive a menos de um metro de ti várias vezes. À porta do Centro de Vida Selvagem, nas escadas da Catedral de São Paulo, naquele bizarro clube de sexo (dessa vez perdoo-te, porque estava de máscara), a pegar no teu isqueiro no Soho, no café do Museu Britânico, na sala de visitas... Imagino que ter uma cara vagamente normal joga a meu favor neste caso. Pareceste-me um pouco magra, se não me levas a mal dizer-to. Espero que aproveites ao máximo a tua liberdade recém-conquistada e que usufruas de algumas refeições opíparas. Desculpa, onde é que eu ia?

É verdade, Kelly. Não era o tipo de mulher com que eu estivesse habituado a cruzar-me no meu dia a dia — não conseguia deixar de olhar para as suas unhas assombrosamente brilhantes quando nos conhecemos —, mas achei-a uma rapariga amorosa. Muito prestável. Expliquei-lhe que trabalhava para uma firma que andava a investigar os teus crimes para um benfeitor privado e perguntei-lhe se ela estaria recetiva a manter um olho aberto para certas coisas. Há que dizê-lo, foi refrescante ver o pouco que ela exigiu saber sobre mim quando lhe foi prometido dinheiro. Através de um contacto dela, que me levou a uma parte bastante insalubre de Londres Oriental, consegui arranjar-lhe um telefone que tinha a preciosa funcionalidade de ter uma câmara — o que é que seria de nós se não fosse essa inovação, hem? E Kelly, justiça lhe seja feita, assumiu o seu novo papel como um peixe na água. Vigiou-te muito mais de perto do que tu alguma vez imaginaste, e enviou-me uma mensagem muito excitada quando percebeu que estavas a escrever a história da tua vida. Ela leu-a, claro está, surpreendeme que tenhas sido tão descuidada. E fotografou todas as páginas com um entusiasmo que me deixou perplexo e cheio de admiração.

Depois, só por uma questão de segurança, retirou algumas folhas escolhidas para obter impressões digitais e isso. Eu nem sequer tinha pensado nisso, mas suponho que, quando se anda há tanto tempo a chantagear pessoas, se aprende a guardar cópias materiais. Tenho de te dizer isto, Grace: subestimaste-a.

Por isso, bem vês que é aqui que a nossa viagem tem de terminar. Não me podes matar, porque a história dos teus crimes seria imediatamente divulgada, bem como uma carta que os meus amigos advogados têm a especificar que qualquer acidente que possa abater-se sobre mim será tudo menos o que parece. Não debes contactar Lara, caso contrário, a dita informação cairá nas mãos da polícia. Ambos passámos por muita coisa às mãos da família Artemis, mas agora, entre nós, estamos livres. E pode não ser exatamente como tu esperavas, mas ganhaste na mesma. Ganhámos os dois. Amanhã deverás ser libertada, pelo menos é o que Kelly diz. Este *e-mail* irá chegar à tua caixa do correio quando voltares ao teu pequeno apartamento. Foste sensata em mantê-lo, fizeste muito bem. Ah, e a mensagem expira depois de ter sido lida. Um pequena tecnologia muito eficaz que me foi recomendada pela nossa amiga comum, na verdade. Os chantagistas andam sempre em cima destas coisas, ao que parece. Agora que já te disse isto, é melhor parar de escrever. Ao princípio, poderá parecer-te que um homem irrompeu por aí adentro e te roubou a vitória que era tua, mas não é nada disso. Eu só tinha melhor jogo do que tu. Incentivo-te a aproveitares a tua vida. O dinheiro não é tudo, e tu tens sorte por andares em liberdade. Boa sorte, Grace, pensarei muitas vezes em ti.

O teu irmão

PS.: Não te preocupes com Kelly, paguei-lhe bem, por isso estou confiante de que ela te irá deixar em paz.

Capítulo 19

Olá, companheira! É a Kel. Espero que o mundo exterior te esteja a tratar bem. Liga-me, temos de conversar sobre umas coisas. Nem sequer penses em ignorar isto, eu sei onde vives, LOL. P.S.: A minha mãe adorou a colher, mas ficou intrigada com as marcas que lhe fizeste. Mas eu não! Vou guardá-la em segurança. Saudades tuas! Beijinhos e abraços.

Agradecimentos

Obrigada a todos na The Borough Press por arriscarem publicar o meu primeiro romance. Sobretudo à minha editora, Ann Bissell, por ter pegado no rascunho quando já estava a meio e se ter dedicado totalmente a ele, editando-o meticulosamente, e por conhecer e compreender as personagens tão bem quanto eu. A Ann tolerou a minha relação informal com os prazos e lidou com os meus ocasionais ataques de pânico com uma calma e gentileza supremas. Fez com que escrever durante uma pandemia fosse agradável e tornou este livro infinitamente melhor. Não poderia ter pedido uma melhor editora.

Obrigada, Fliss, por fazeres o livro chegar às pessoas, por o promoveres tão bem, e por trabalhares tanto para que ele tivesse um bom lançamento — nada fácil de conseguir quando vivemos os tempos mais estranhos da História.

Obrigada também a Abbie Salter, Caroline Young, Sarah Munro, Margot Gray, Lucy Stewart e a Suzie Dooré. Que incrível equipa de mulheres.

Obrigada ao meu agente, Charlie Campbell, que ignora constantemente os horários de expediente e tem estado disponível para me ajudar a qualquer hora do dia e da noite desde que tive a ideia para este livro. Não consigo imaginar ninguém mais dedicado, paciente e solidário ao longo de todo o processo.

Obrigada a Aoife Rice, que tomou conta de todo o meu restante trabalho de forma exemplar, sabendo que o livro era prioritário.

Obrigada a Nicki Kennedy, Sam Edenborough, Jenny Robson, Katherine West e aos seus colegas na ILA por venderem o livro nos seus países. Tenho esperança de que brevemente isso me leve a festivais literários regados com bom vinho em climas mais quentes.

Emily Hayward-Whitlock e Fern McCauley, muito obrigada pelo trabalho árduo que tiveram com a questão dos direitos. Sei o quanto investiram nisto.

Um enorme obrigado a Owen O’Rorke, Nigel Urwin, David Hooper e Anthony Mosawi por todos os valiosos conselhos e orientação.

Obrigada ao meu vizinho Robert, que me brindou com o seu imensamente detalhado conhecimento do sistema legal para me ajudar com alguns momentos do enredo. Além disso, és um vizinho encantador; sorte a nossa.

Obrigada, Max Van Cleek, por me ajudares a perceber as casas inteligentes e por me lewares a sério quando perguntei se poderia matar alguém com um comando à distância.

Josh Berger, és um verdadeiro amigo. Obrigada pelos teus conselhos.

Pandora Sykes, obrigada por seres a primeira pessoa a ler uma prova do romance e fazeres uma crítica; foi muitíssimo amável da tua parte.

Janine Gibson, leste os primeiros capítulos e riste. Fazer-te rir foi o estímulo de que precisava para continuar. Archie, Maya, Miranda, Nesrine, Ben, Benji, são as melhores pessoas. Adoro-vos a todos.

Lizzie, minha querida irmã. Obrigada por leres este livro. Obrigada pelas tuas notas, que me ajudaram mais do que poderei dizer.

Linds e Alan, obrigada, literalmente, por tudo. Vocês inspiraram este livro (de todas as melhores formas).

Finalmente, Greg. Todos os homens no meu livro são autênticos canalhas, mas tu és o absoluto oposto. Disseste-me que eu era uma escritora muito antes de eu me considerar isso. Tenho tanta sorte por te ter ao meu lado.